



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIAS
DA RELIGIÃO**

PEDRO FERNANDO SAHIUM

***CHURCH IN CONNECTION: IGREJA, SHOW MIDIÁTICO E
JUVENTUDE***

GOIÂNIA

2018

PEDRO FERNANDO SAHIUM

***CHURCH IN CONNECTION: IGREJA, SHOW MIDIÁTICO E
JUVENTUDE***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para a obtenção do título de doutor em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira

GOIÂNIA

2018

S131c Sahium, Pedro Fernando

Church in Connection: igreja, show midiático e juventude
[manuscrito]/ Sahium, Pedro Fernando. -- 2018.
315.; il.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês
Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da
Religião, Goiânia, 2018
Inclui referências f.215-221

1. Protestantismo .2. Presbiterianos. 3. Igreja Cristã -
Juventude. I. Moreira, Alberto da Silva. II. Pontifícia
Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 274-053.6(043)

CHURCH IN CONNECTION: IGREJA, SHOW MIDIÁTICO E JUVENTUDE

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 20 de fevereiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Flávio Munhoz Sofiati / UFG (Pós-Doutorando - PUC Goiás)



Prof. Dr. José Roberto Bonome / UNIEVANGÉLICA



Prof. Dr. Itelvies José de Moraes / UEG



Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás

Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Suplente)

Profa. Dra. Rosa Maria Viana / UNIVERSO (Suplente)

Dedico este trabalho à minha família, pessoas que me ajudaram até sem saber: Rosana, Samuel, Maria Clara, Júlia Cristina, Jorge Maurício e Paulo Henrique.

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira, orientador das leituras e questionamentos que surgiram ao longo da pesquisa. Acreditou, compreendeu e apoiou o meu trabalho com questões fundamentais, sem as quais não teria sido possível dar andamento nesta tese.

Aos Profs. da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO, o meu respeito pela dedicação no ensino e pelo apoio incondicional para buscar perguntas e respostas que fossem relevantes para a sociedade e avanço do conhecimento.

Aos Profs. Dr. José Roberto Bonome e Paulo Rogério Rodrigues Passos, que se dispuseram a ler e, na qualificação, pontuar sobre a senda a ser seguida para otimizar e tornar mais claro o processo de construção e busca da tese.

Ao Prof. Dr. Francisco Alberto Severo, que primeiro me despertou para a busca do curso de doutorado, acreditando que era uma tarefa necessária.

À Universidade Estadual de Goiás UEG/GO, que me permitiu licença parcial da sala de aula para me dedicar ao trabalho de estudo e elaboração da tese.

À minha esposa Prof.^a Rosana, que acreditou, esteve sempre presente e apoiou essa empreitada.

Ao meu pai Jorge e minha mãe Loid, que me educaram para gostar dos livros e respeitar os homens, vendo na religião uma verdadeira fonte de inspiração.

Para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna, qualquer que seja a sua classe, suas personalidades necessitam assumir a fluidez e a forma aberta da sociedade. Homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança: não apenas estar aptos a mudanças em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca das mudanças, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante.

Marshall Berman.

RESUMO

SAHIUM, Pedro Fernando. **Church in connection:** igreja, show midiático e juventude. Tese de doutorado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Formação de Professores e Humanidades. Goiânia: PUC-GOIÁS, 2018.

Desde a entrada do protestantismo no Brasil, percebem-se as mudanças dessa expressão de fé religiosa trazidas para terras tropicais, até as mudanças no campo religioso, em que essa fé se insere atualmente. A igreja *Church in Connection* (CC) se desconectou de uma igreja que surgiu do desmembramento do presbiterianismo brasileiro. Como já salientaram historiadores da religião, é melhor falar em protestantismos ao invés de protestantismo, dada a diversidade interna dessa vertente do cristianismo. A Church se originou da igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB) que, por sua vez, foi resultado da união das igrejas Presbiteriana Independente (IPI) e Igreja Cristã Presbiteriana (ICP). A *Church in Connection* é uma instituição brasileira que se inspirou no *modus operandi* de outra igreja, esta nos Estados Unidos, a *Church By the Glades* (CBG). Com um catálogo de programações e de organização especialmente preparada para o nicho jovem do mercado religioso, incluindo cultos espetaculares com ambiência de cinema e fazendo largo uso das mídias eletrônicas, a *Church* em três anos de funcionamento (2014-2016) angariou quase mil participantes nos seus cultos dominicais e envolveu a parcela jovem oriunda de outras igrejas do campo evangélico. Distanciando-se de práticas mágicas como as de cura, ou do uso de dons espirituais, a exemplo das igrejas pentecostais e neopentecostais, a *Church* usa das técnicas do Sistema Multimídia e da *performance* dos seus líderes para produzir cultos temáticos, animados, diferentes e repletos de novidades. Com aplicativos de Internet de uso nos smartphones e presença permanente nas mídias eletrônicas, a *Church* se aproxima do cotidiano experiencial dos jovens. Os fiéis da igreja se veem envolvidos numa instituição empresarial bem organizada, que apresenta a cada domingo um *show* novo para entretenimento e delírio dos frequentadores. Contudo, esse espetáculo renovado, por meio de um corpo técnico e religioso, vai além de puro entretenimento, e a tríade relacional de religião, show midiático e juventude apresenta importante eixo gerador de sentido e de ancoragem num mundo de infantilização programada, de individualismo e fluxos impessoais. A *Church* optou por oferecer o espetáculo à juventude e no pacote completo dos seus serviços está inclusa a possibilidade de ancoragem num mundo fluído.

Palavras-chave: Igreja Church in Connection. Juventude. Sistema Multimídia. Espetáculo.

ABSTRACT

SAHIUM, Pedro Fernando. Church in connection: church, media show and youth. PhD thesis in Sciences of Religion. Stricto Sensu Post-Graduate Program in Religious Sciences. Pontifical Catholic University of Goiás. School of Teacher Education and Humanities. Goiânia: PUC-GOIÁS, 2018.

From its beginning, Protestantism in Brazil shows changes in the expression of faith that were brought in to the tropical land as well as changes on the religious field where this faith is currently inserted. The church in Connection (CC) disconnected from a church that sprouted from a division of Brazilian Presbyterianism. As advised by many historians, it is best to refer to Protestantisms instead Protestantism due to such internal diversity of this line of Christianity. The Church originated from Presbyterian Church of Brazil, that was a result from the union of the churches Presbyterian independent and Cristian Presbyterian. The Church Connection is a Brazilian Institution that got inspiration from the Modus Operandi of Church by the Glades, located in USA. The Church has implemented special programs and special organization as well as a unique event preparations that include spectacular services in movie like ambient and best media resources. This plan is to gain the market of religious young adults, in doing so, the Church Connection has welcomed almost one thousand participants to it's Sunday services in three years (2014-2016) as well of a portion of young adults from other evangelical churches. The Church avoids practices that may include magical practices such as cures, or use of spiritual gifts often used by the Pentecostals or Neo-Pentecostals. The Church uses techniques of Multimedia system and the performance by its leaders to produce exciting theme services that are plentiful innovations. The Church aims to get closer to de daily routine of young adults by offering Applications on the Smartphones and a constant presence on the electronic Medias. The members of the Church are part of a well-organized institution that every Sunday presents them with a new show of entertainment that deeply pleases them. This spectacular renewed event, mediated by its technicality and religiosity, however, goes beyond pure entertainment, and the relational triad: religion/entertainment/youth, presents an important axle of significance and anchorage in a world of programed infant like behavior, individualism and impersonal exchanges. The Church opted to offer a show to the youth and in its complete package of services it is also included a possibility of anchoring in a fluid world.

Keywords: Church Church in Connection. Youth. Multimedia Systems. Show

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – A IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL E A <i>CHURCH IN CONNECTION</i>	28
1.1. O PRESBITERIANISMO VEM PARA O BRASIL	30
1.1.2. O surgimento da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB).....	35
1.1.3. Estrutura e orientação teológica da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil	40
1.1.4. A Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis	46
1.2. O SURGIMENTO DA IGREJA <i>CHURCH IN CONNECTION</i>	49
1.2.1. <i>Church in Connection</i> mais do que um nome em inglês.....	56
1.2.2. O Pastor e Fundador da <i>Church in Connection</i>	60
CAPÍTULO II – <i>CHURCH IN CONNECTION</i>: A NOVIDADE DE UMA RELIGIÃO DE CONTEÚDO TRADICIONAL	86
2.1. ORGANIZAÇÃO DA <i>CHURCH IN CONNECTION</i>	86
2.2. <i>CHURCH IN CONNECTION</i>: IGREJA EFERVESCENTE E RACIONALIDADE DE MERCADO	90
2.3 A TEOLOGIA DA <i>CHURCH IN CONNECTION</i>	99
2.4. <i>CHURCH</i>, QUE TIPO DE ONDA É ESSA?	110
2.5. <i>CHURCH IN CONNECTION</i>: EMPRESA LIBERAL PROCURANDO SEU ESPAÇO	116
2.6. <i>CHURCH CONNECTION</i>, A CRIAÇÃO DE UMA MARCA	119
2.7. O MODELO <i>CHURCH IN CONNECTION</i>	128
2.8. <i>CHURCH IN CONNECTION</i> E SISTEMA MULTIMÍDIA	132
2.9. COMUNICAÇÃO E MENSAGENS NOS CULTOS DE DOMINGO	139
2.10. A GRAMÁTICA INTERNA DA <i>CHURCH IN CONNECTION</i>	145
2.11. AS CONEXÕES COM DEUS E COM O PRÓXIMO	152
CAPÍTULO III – <i>CHURCH IN CONNECTION</i> A CONVERGÊNCIA ENTRE A MÍDIA E A RELIGIÃO	161
3.1. MÍDIA, DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E PODER DE TRANSFORMAÇÃO	162
3.2. A MÍDIA AMPLIADA DA <i>CHURCH IN CONNECTION</i>	168
3.3. A MÍDIA AMPLIADA AGREGANDO O GLOBAL E O LOCAL	174
3.4. A ESTETIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	179
3.5. AS RELAÇÕES MEDIATEZADAS DOS FIEIS EM CONEXÃO	189
3.6. COMUNICAÇÃO E AÇÃO NOS CULTOS DE DOMINGO	194
3.7. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA MEDIATEZAÇÃO DA MENSAGEM RELIGIOSA	202
CONCLUSÃO	207
REFERÊNCIAS	214
ANEXOS	221

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Divisões do presbiterianismo no Brasil.....	34
Figura 2 – Fachada da igreja em 2015 com o nome fantasia <i>Church in Connection</i> em letras menores.....	52
Figura 3 – Fachada da igreja <i>Church in Connection</i> em julho de 2016...	54
Figura 4 – Fachada da <i>Church in Connection</i> na Av. Brasil Sul, Anápolis, em setembro de 2016.....	55
Figura 5 – Imagens do Pastor David Hughes, membros da igreja e momento de culto na <i>Church By the Glades</i>	57
Figura 6 – Imagens da <i>Church in Connection</i> em dia de culto.....	58
Figura 7 – Organograma e hierarquia da <i>Church in Connection</i>	88
Figura 8 – Fotos “retrô” no App para celular da <i>Church in Connection</i> contendo as pastas dos diversos departamentos.....	91
Figura 9 – Loja e produtos da marca Cross.....	96
Figura 10 – Loja e produtos da marca Cross.....	97
Figura 11 – Momentos do culto na Igreja <i>Church By the Glades</i>	115
Figura 12 – Logomarca da igreja <i>Church in Connection</i>	121
Figura 13 – Imagens no App do smartphone Agendamento com o Pastor.....	123
Figura 14 – Propaganda da reunião submerso.....	126
Figura 15 – Fiéis <i>Church in Connection</i> em momentos de culto.....	130
Figura 16 – Logomarca dos objetivos da <i>Church</i> : Amar a Deus, Amar ao próximo e Servir no mundo.....	131
Figura 17 – Cenas projetadas durante a pregação.....	137
Figura 18 – Propaganda de uma rifa a ser realizada na igreja em 2016.....	138
Figura 19 - Cenas postadas por membros da <i>Church</i> no Facebook em dias variados.....	140

Figura 20 – Imagens de símbolos presentes nas mídias da <i>Church</i>	150
Figura 21 – Pastor Thiago Vinícius Cunha na <i>Church</i> decorada para o tema “jogos olímpicos”	159
Figura 22 – Propaganda da <i>Church</i> nas mídias eletrônicas já com o slogan que marca a organização da igreja depois da separação com a IPRB.....	168
Figura 23 – Posts da igreja <i>Church</i> no WhatsApp, Facebook e outras mídias.....	171
Figura 24 – Posts da <i>Church in Connection</i> em 2016.....	173
Figura 25 – Posts da <i>Church in Connection</i> na manhã do acidente com o avião do time da chapecoense de futebol.....	178
Figura 26 – Imagem do culto de domingo 29/01/2017 enviada pelo WhatsApp e link da pregação.....	189
Figura 27 – Fotos de membros da <i>Church</i> em momentos de culto e apresentações na igreja durante os cultos em 2016/17.....	192
Figura 28 – Imagens de propaganda dos cultos temáticos.....	195
Figura 29 – foto do pastor Thiago Vinícius Cunha no culto de domingo à noite durante pregação de um dos temas de 2015 “O circo e a arte de ser feliz”	198
Figura 30 – Foto do pastor Thiago Vinícius Cunha no culto de domingo à noite durante pregação do tema “anatomia da graça” em 2016.....	199
Figura 31 – Imagem do Pastor David Hughes culto temático Star Wars e Harry Potter.....	200
Figura 32 - Missão da igreja de forma compacta e simples.....	212

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – O diferencial da <i>Church in Connection</i>	68
Gráfico 2 – Membros registrados da <i>Church in Connection</i> por idade.....	97
Gráfico 3 – Membros registrados na <i>Church</i> por gênero.....	98
Gráfico 4 – Idade dos diáconos e diaconisas da igreja.....	99
Gráfico 5 – Os motivos que mais agradam os membros da <i>Church</i>	102
Gráfico 6 – Origem religiosa dos fiéis.....	117
Gráfico 7 – Educação religiosa dos membros da igreja.....	147
Gráfico 8 – Membros da <i>Church</i> que fazem uso do atual sistema midiático.....	170
Gráfico 9 – Diferencial da <i>Church</i> na opinião dos fiéis.....	182
Gráfico 10 – Como a igreja <i>Church</i> foi conhecida.....	204
Gráfico 11 - De qual instituição o membro da <i>Church</i> participa.....	209

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AD	Assembleia de Deus
CC	<i>Church in Connection</i>
CBG	<i>Church By the Glades</i>
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
IPRB	Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar a igreja *Church in Connection* é anterior ao início do curso de doutoramento em Ciências da Religião da PUC – GO (2015-2018). No ano de 2014, fui convidado para participar de um debate sobre política e religião na *Church in Connection*, cujo nome oficial era Igreja Presbiteriana Renovada do Setor Sul. Surpreendi-me ao ver uma igreja pintada de preto por fora e ambientada como um cinema por dentro, permitindo que todos os participantes estivessem sempre munidos de seus aparelhos celulares para a leitura bíblica. Com um imenso palco frontal e sem o tradicional púlpito das igrejas protestantes, o jovem pastor dirigente se apresentava com linguagem jovem, e munido de seu notebook conduzia a programação com forte aparato técnico de áudio e vídeo. Se o visual da igreja e a *performance* do pastor me chamaram a atenção, a minha surpresa não foi menor ao ver uma quantidade surpreendente de jovens celebrando a programação com alegria, muita música e grande engajamento.

Minha surpresa se justificava porque um dia antes eu havia estado numa outra igreja evangélica pentecostal, que tinha aproximadamente os mesmos 5,5 km de distância da minha casa até a *Church* e, naquela noite, eu contei 18 igrejas ou locais de culto nesse percurso¹. Nenhum local daqueles tinha tanta gente e nem concentrava tantos jovens quanto a *Church*.

Mais da metade dessas instituições espalhadas pelo meu percurso tinham menos de 40 fiéis em atos de culto. As exceções eram a Igreja Presbiteriana Pioneira, com mais de 50 anos de atividades no local, as Assembleias de Deus do Ministério Anápolis e as duas Igrejas Católicas. Ao conversar com os dirigentes, o que fiz no dia seguinte, constatei que a maioria das instituições tinha mais de 15 anos de atividades. Em outras palavras, quase todas eram instituições com muito mais tempo de fundação do que a *Church*, algumas filiadas a ministérios enraizados no campo religioso da

¹ 1) Igreja Metodista; 2) Igreja o Templo do Espírito Santo; 3) Assembleia de Deus Ministério Ágape; 4) Assembleia de Deus Ministério Anápolis – bairro São Joaquim; 5) Assembleia de Deus Ministério Anápolis; 6) Centro Espírita Lar Francisco de Assis, Luz e Caridade; 7) Igreja Pentecostal Deus é amor; 8) Igreja Pentecostal Fogo Puro; 9) Assembleia de Deus Ministério Calvário; 10) Igreja Pentecostal Aliança com Deus; 11) Igreja Pentecostal a voz do Senhor; 12) Igreja Católica paróquia São Joaquim; 13) Igreja Quadrangular, bairro Nações Unidas; 14) Igreja Católica São Sebastião (Freis Franciscanos); 15) Igreja Presbiteriana Pioneira; 16) Centro Espírita Luz e caridade; 17) Terreiro Caboclo Pena Branca; 18) Igreja Pentecostal da Vila Esperança.

cidade, mas nenhuma com tantos jovens e nem com o tipo de programação alavancada pelas mídias eletrônicas.

Isso aconteceu em julho de 2014 e, a partir daí, passei a frequentar a *Church in Connection* regularmente, me tornando testemunha do crescimento exponencial da igreja. Minha cabeça estava povoada de perguntas: Quem eram os jovens daquela igreja? De onde eles vêm? Por que esta Igreja cresce tanto? Qual o peso do Sistema Multimídia na atração dessa juventude? O conteúdo religioso do cristianismo é mantido quando a espetacularização dos cultos se torna o eixo fundamental das programações cúlticas? Comecei a fazer anotações e a observar os ritos, as montagens cênicas e o estilo musical *gospel* que entusiasmavam aquela juventude de fiéis e acrescentava mais gente a cada domingo.

O que me ocorreu naquela época foi que uma igreja que tem os seus cultos no escuro com telões frontais, muita música *gospel*, luzes coloridas e estroboscópica, corpo técnico e sacerdotal performático e bem preparado, e outras ocorrências cúlticas fluídas - como a renovação quase semanal da decoração do templo – estavam adequadas ao mundo do espetáculo alardeado por Debord (2005), na obra “A sociedade do espetáculo”, de 1967. Esse autor não disse quando essa sociedade do espetáculo começou, mas apontou-a como uma sociedade advinda do desenvolvimento industrial capitalista e da indústria cultural, que pelo *marketing* e meios precisos de informação e comunicação a tudo transformaria. Seria, então, pensei *a priori*, a espetacularização da religião pelos meios eletrônicos mais modernos. Assim, os jovens, parcela da sociedade mais atualizada com o Sistema Multimídia, seriam parte do nicho de mercado que se identificaria com a instituição.

Além do mais, pensei: naquela época, o uso dos *smartphones* com a possibilidade de tirar fotos, fazer *selfies* e enviá-las a todo o momento para pessoas fora dos cultos da igreja era um grande atrativo para quem, como os jovens que eu observava, queriam compartilhar o que acontecia com eles. Essa “fome” de visibilidade e compartilhamento permanente era incentivada pelos líderes da igreja. As imagens do espaço, dos líderes em *performance* bem produzida com cores e músicas, do *show* musical dos louvores e de toda a sorte de novidades que aconteciam no culto, como teatro, dança, projeções de filmes etc., eram registradas e compartilhadas entre os jovens no momento mesmo do culto, e também entre esses

e outros que não estavam lá. Mais uma vez, Debord (2005) poderia ser a chave para entender a força das imagens que viravam mercadoria e se interpunham nas relações entre as pessoas.

Pensei na invasão da economia, como apontada por Debord (2005), em todas as esferas da vida. Em especial, das imagens transformadas em mercadorias e do espetáculo como a relação de pessoas mediada por imagens. Como ele mesmo disse, conceituando “o espetáculo não [como um] conjunto de imagens, mas [como] uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 2005, p. 14).

Duas coisas me assaltaram dessa constatação: a primeira é que o espetáculo se tornou a *weltanschauung* (visão de mundo) dos indivíduos e da sociedade e, por isso, não é de se estranhar a sua ocorrência em todo o tempo e em todo o espaço, incluindo o religioso. O segundo é que, se a religião é uma instituição estruturada e estruturante (BOURDIEU, 1998), ela poderia estar sendo esvaziada do seu sentido e se tornando alheia a tudo que não fosse o imediato prazer e entretenimento dos participantes. A sociedade que se baseia na indústria moderna não é fortuita ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente *espetaculoísta*. No espetáculo, a imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenrolar é tudo. O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo (DEBORD, 2005, p. 17).

Fiquei por algum tempo pensando que a *Church* seria de caráter *espetaculoísta* e, por isso, tão atraente aos jovens. Afinal, não se exige muito compromisso de quem vem participar de um espetáculo a não ser que se entregue à fruição e “se espetacularize”, fazendo poses e imagens de si mesmo, durante as programações. Alguma coisa, contudo, parecia estar me escapando. Com a minha entrada no doutorado em Ciências da Religião, em janeiro de 2015, as aulas e o contato com a bibliografia específica da área me fez ver que existia “mais estrelas no céu do que diziam os meus autores preferidos”. Como, por exemplo, a função do carismático pastor Thiago Vinicius Cunha, cujo papel de sacerdote se misturava ao de profeta e líder virtuoso, não sendo possível a classificação tipológica de Weber (2014) na forma pura, que caracterizava o tipo de liderança exercida dentro de um padrão ideal. As tipologias clássicas se misturaram e, apesar de válidas, se diluíram e compuseram um quadro de exercício de liderança muito mais amplo e concentrado em uma única pessoa. Também em outras categorizações, as mudanças se diluíram e o quadro de

análise precisou ser modificado. A minha análise inicial precisava ser reformulada, pois eu estava diante de um fenômeno que mostrava mais da atual sociedade do que se podia imaginar.

Na ótica de Debord (2005), a máxima da sociedade do espetáculo é de que o que aparece é bom; e o que é bom aparece. O uso intenso das imagens, por meio dos telões instalados na igreja (são três colocados frontalmente), dá permissão e incentivo aos *smartphones*, que os fiéis usam para acompanhamento das leituras bíblicas e registros das imagens do palco e do culto, incluindo *selfies* (autorretratos). Esta afirmação aponta para a seguinte tese de Debord (2005):

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados pela economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só que é permitido aparecer naquilo que ela *não* é (DEBORD, 2005, p. 18).

O deslizamento do *ser* para o *parecer* se faz por meio da mídia eletrônica que mantém os fiéis permanentemente conectados. As imagens deslizam pelas mídias eletrônicas e a igreja fica nas mãos dos seus seguidores. Não existe um púlpito na igreja, mas quando se altera este padrão, usa-se um de neon. A portabilidade da religião, nesse caso, é literal. Leva-se a igreja por todo lugar e por todo o tempo. As mensagens e imagens não param de chegar, mesmo quando interrompidos os momentos do culto dominical e das programações diariamente desenvolvidas (aulas de jiu-jitsu na igreja, jogos de futebol e churrascos que ultrapassam a madrugada, shows musicais, “noites de pijama” para a galera *kids*, estudo bíblico em inglês denominado de “The Bible in the table” etc.). O problema é que tudo isso poderia ser uma nova forma de secularização, ou seja, uma maneira de fazer com que a atividade religiosa desse espaço para atividades outras que se localizam na esfera do entretenimento e do passageiro, do fluído, do cambiável, do descartável. Dessa forma, poderia estar se distanciando do aspecto religioso propriamente dito. Era preciso entender a que demanda social a *Church* estava respondendo.

Quando entrei para o doutorado em Ciências da Religião (janeiro de 2015) intensifiquei minhas visitas à igreja e passei a fazer parte da rede de fiéis da *Church*. Encontrei-me com o líder e pastor da igreja, Thiago Vinícius Cunha, e expliquei as

razões científicas das minhas visitas. *Pari passu* comecei o estudo das disciplinas e a busca da bibliografia para a pesquisa. Também comecei a montar o projeto de pesquisa para o Comitê de Ética e Pesquisa da PUC – GO. No ano seguinte, o projeto de pesquisa foi aceito sob a autorização do CAEE 56225716.7.0000.0037.

Ao começar as leituras e a separação da bibliografia, percebi que o enfoque das Ciências da Religião para esse trabalho deveria ser transdisciplinar. Busquei, então, leituras que serviriam de aporte para o meu trabalho na antropologia, em especial Geertz (1989), na sociologia com Max Weber (1991, 2014), Durkheim (1977, 2008), Bourdieu (1998), Debord (2005) e outros. Na história, encontrei aporte em March Bloch (2001) e em autores que trabalham as Ciências da Religião de forma transversal com as ciências humanas e sociais como: Assman (1994), Berger (1985, 1996, 2004), Bauman (1999, 2001, 2003, 2008), Bitencourt Filho (2003), Castells (2007, 2008), Eliade (2013, 1999), Hervieu-Lèger (2005), Mariano (1999, 2008), Moreira (2003, 2014, 2015), Thompson (2014, 1995), dentre outros.

A variedade de autores usados na preparação do trabalho contemplou a gama de setores articulados entre si pelo fenômeno religioso. Quando, por exemplo, Assman (1994) discute a temática da imbricação entre mercado e religião, ou economia e religião, ele aponta o fato de que a religião se insere num contexto de mercado global, como também analisa Bourdieu (1998, 2004) ao falar sobre a teoria do campo religioso. A questão da sociedade líquida, denominação de Bauman (2003, p. 52) para caracterizar uma sociedade em que a máxima que impulsiona os “bens sucedidos” é - “acabar constantemente e recomeçar de novo” -, também recoloca a questão econômica nos setores mais variados da vida global moderna. Nesse particular, o objetivo do sistema social e econômico é manter vivo o desejo e não a sua satisfação. A religião, originalmente refratária desse pensamento por tratar de realidades impenetráveis e sólidas, aderiu ao mundo líquido e se aproximou daquela ordenação econômica de mercado anteriormente designada por outros autores.

O fato de estar numa instituição pequena (em 2014 a *Church* não contava com 300 membros) o seu início trazia benefícios e desafios. Se, por um lado, a liderança do pastor Thiago na fundação desse ministério estava no começo e poderia ser observada sem interferências; por outro lado, como existia um caráter experimental nas programações e nos eventos montados pela *Church* não se podia dizer, e ainda

não se pode, se tal empreendimento seria duradouro. O importante é que algo novo estava sendo tentado ali na fusão do Sistema Multimídia com a religião, e ocorria para a instituição uma parcela jovem que, mais tarde, eu constataria, era oriunda na sua maioria de outras igrejas do campo religioso Pentecostal.

Como eu já me encontrava inserido no ambiente da igreja e nas suas programações, recebendo pelo *Whatsapp* da igreja e do pastor as mensagens e programações regulares da instituição, conclui que a pesquisa poderia dar mais frutos se fosse apoiada na diversidade que caracteriza as Ciências da Religião e tivesse a minha inserção intensificada naquele ambiente.

Percebi que seria melhor fazer uma pesquisa qualitativa interpretativa e apoiada em forte base bibliográfica. O cenário social em que a igreja está inserida é amplo e o campo religioso², para usar um termo de Bourdieu (1998), já está delimitado, e a *Church* tenta um espaço privilegiado nesse mercado, por isso, optei pela escolha de um paradigma qualitativo interpretativo na elaboração e execução da pesquisa. Segundo Herivelto Moreira e Luiz Gonzaga Callefe (2006), o paradigma interpretativo refere-se a uma família de abordagens, como, por exemplo, “etnografia” e “estudo de caso”, mas é um paradigma mais inclusivo, pois evita que essas abordagens tenham a conotação de essencialmente não quantitativas. “O interesse central de todas as pesquisas nesse paradigma é o significado humano da vida social e a sua elucidação e exposição pelo pesquisador” (2006, p. 59-60).

As anotações de campo puderam ser utilizadas, bem como os dados coletados verbalmente pelas entrevistas. Somando-se a isso, pude utilizar com bom aproveitamento as transcrições de conversações entre os membros da igreja nas reuniões e nas conversas que travei com eles. Herivelto Moreira e Luiz Gonzaga Callefe (2006, p. 62) ainda enfatizam que:

Ele [o pesquisador] não está à parte da sociedade como um observador, mas constrói ativamente o mundo em que vive. Não vê seus atributos e comportamentos como ontologicamente externos a si mesmo; só pode

² Mais adiante tratarei especificamente desse conceito, mas, por hora, é suficiente afirmar que para Bourdieu (1998) a sociedade é dividida em espaços, “campos”, de força. No caso do campo religioso, a disputa se dá pelas instâncias religiosas, entre igrejas, seitas, profetas, magos etc. O campo é um mundo social que impõe suas próprias demandas independentes, em certo sentido, do mundo global. Contudo Bourdieu (2004, p. 21-23) salientará que o mundo social externo exercerá pressão sob o campo, mas sempre dentro de uma lógica do próprio campo.

conhecer a realidade social por meio do seu entendimento subjetivo. A realidade social não pode estar separada do significado que ele dá a ela e como ele interpreta essa realidade.

Esse caráter de imersibilidade que assumi foi importante para, embasado teoricamente, me por lado a lado aos membros da igreja e, ao mesmo tempo, perceber a importância maior ou menor da fidelização e circulação de jovens naquele espaço. Para isso, baixei o aplicativo (App) da *Church* no meu *smartphone* e passei a acompanhar todas as ações desenvolvidas. Algumas dúvidas me assaltaram enquanto pesquisador imerso no ambiente religioso, pois eu era ao mesmo tempo alvo de suas prédicas. Era visitado pelo pastor e reconhecido nas ruas pelos membros como alguém que se identificava com eles, no entanto, precisei manter o necessário afastamento para responder às questões que envolviam essa nova identificação com o sagrado.

Contudo, em nenhum momento eu duvidei de que era importante coletar as informações no ambiente natural em que essas ocorriam. Ao mesmo tempo, ia percebendo o que precisava ser anotado e o que era mais relevante no processo, sem me fechar a novas hipóteses que poderiam responder às razões da adesão jovem a esse pentecostalismo. E até mesmo ao tipo de pentecostalismo que estava se dando naqueles momentos. Minha rotina incluía os cultos de domingo, as reuniões dos jovens e dos homens da igreja, que se davam respectivamente aos sábados e às quartas-feiras. Coletei também todas as mensagens diárias que chegavam pelo *WhatsApp*, *Instagram* e *App* da Igreja, bem como frequentei diariamente as páginas do *Facebook* da *Church* e do canal oficial Pastor Thiago Vinícius Cunha, *Church in Connection – You tube*.

Algumas características me levaram a qualificar a instituição dentro do campo do pentecostalismo / neopentecostalismo como: a liberalização dos estereotipados usos e costumes; a presença de forte liderança e o estímulo à expressividade emocional; a cultura *gospel* que rompe com o tradicional e faz do louvor nos cultos um momento êxtase de sofisticação. Esses aspectos foram salientados por Mariano (1999, p. 36) como próprios das diversas correntes ou “ondas do pentecostalismo”³.

³ A classificação do pentecostalismo por ondas, mais especificamente por três ondas como o fez Mariano (1999), obedece a uma tipologia já consagrada em muitos lugares. No Brasil, o primeiro a dividir desta forma os movimentos pentecostais foi o sociólogo Paul Freston. A divisão se baseia num

Nesse trabalho, eu utilizei os termos pentecostais e/ou neopentecostais para me referir ao mesmo movimento. No primeiro capítulo, teremos o levantamento histórico do protestantismo, sua chegada ao Brasil, bem como suas divisões e o surgimento do presbiterianismo renovado de onde surgiu a igreja *Church in Connection*. Também não passou despercebida a categorização realizada na tese do professor Paulo Rogério Rodrigues Passos: “Igreja Neopentecostal Fonte da Vida: a restauração da individualidade como estratégia de empoderamento e conversão da classe média brasileira”⁴. A tese defendida é muito pertinente e também serve na caracterização da *Church in Connection* (CC). Dentre as muitas abordagens para essa nova caracterização, ou novo pentecostalismo, está a seguinte explanação de Passos (2012) que ajuda a entender não somente o *modus operandi* da igreja, mas a orientação dos jovens fiéis da *Church*:

As próprias representações subjetivas dos serviços religiosos ofertados pelas igrejas da “quarta onda pentecostal” não se assemelham àquelas pautadas na “teologia da prosperidade” e na “guerra santa”. Nesse novo modelo de crença se dissemina uma nova ética religiosa que pode ser compreendida na leitura de Bauman (2008, p. 45), como a “instabilidade dos desejos e insaciabilidade das necessidades”. O que, em outras palavras, mantém o indivíduo aguerrido à lógica mercadológica, proativa, competitiva, empreendedora, etc. Existe uma diferença crucial nessa perspectiva se comparada às igrejas da “terceira onda”. Nesse caso, o processo teológico alimenta uma ação pragmática, mas, sobretudo, hedonista. O “ter” ou a “conquista” não se aplicam como possibilidades cumulativas, mas sim, de fruição (PASSOS, 2012, p.).

A orientação dos fiéis para a fruição, como objeto de desejo, me parece ser um bom *insight* do professor Passos (2012) sobre o que está a orientar as igrejas pentecostais brasileiras que inserem parcelas significativas da classe média brasileira

corte histórico e institucional, bem como na análise da dinâmica interna do pentecostalismo brasileiro (FREESTON, apud MARIANO, 1999, p. 26-27). O pentecostalismo sempre se mostrou de forma diversa, o que justifica o termo pentecostalismos. Mariano (1999, p.32) justifica o termo neopentecostalismo usado para marcar a terceira onda desse movimento dizendo que o prefixo *neo* “mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo”.

⁴ Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012 que estabelece uma “quarta onda” para o pentecostalismo brasileiro.

em suas fileiras (tese que ele defende). Esse atrativo é forte também nas parcelas jovens que compõem um nicho importante do mercado religioso.

Quero acrescentar que a “produção” realizada nas igrejas de quarta onda, para usar um termo do mundo da economia, é de uma “mercadoria” que se consome imediatamente, no ato de sua produção. Pode, num primeiro momento, dispensar a fidelização do “cliente”, desde que esse se entregue ao fruir. Novamente, me perseguia a ideia de espetáculo (DEBORD, 2005) como fio condutor também da religião nas sociedades líquidas, como pontua Bauman (1999, 2001), ou da hipermodernidade como fala Lipovetsky (2006), e do capitalismo artista de Lipovetsky e Serroy (2015), para citar apenas alguns dos autores que tentam uma caracterização da sociedade atual.

Conquanto esse forte aporte teórico fosse sendo agregado ao longo da pesquisa, a atitude de curiosidade e que seguia orientando a investigação se mantinha: O que está acontecendo aqui? (MOREIRA; CALEFFE, 2006). O uso das mídias eletrônicas, em grande escala e de forma ininterrupta, e dos cultos/espetáculos com forte presença do pastor, que de forma carismática conduzia os cultos, chamava a atenção.

O objetivo posto desde o início era entender como aquela dinâmica religiosa permeada, ou amarrada pelas mídias eletrônicas as mais diversas, avançava no meio jovem. Nesse objetivo também estava incluso a busca pelos fatores que atraíam esses jovens e a que demanda essa igreja estava atendendo. A igreja da conexão fazia que modelo de conexão para atrair e manter os fiéis jovens?

Como a instituição é de cunho religioso, um dos objetivos deveria passar pelo fato de que aquela instituição apresentava uma nova forma de identificação com o sagrado que se mostrou, e ainda se mostra, pertinente ao seu público. Pelo menos de forma mais marcante e a atrair mais pessoas jovens do que as suas congêneres. Afinal, em 2016, a igreja já atingia mais de mil membros frequentadores das reuniões de domingo à noite, e mais de 80% eram menores de 30 anos de idade (o que a pesquisa iria mostrar mais tarde).

Uma das hipóteses desse trabalho era de que o Sistema Multimídia potencializava as práticas religiosas, se aproximando ou se conectando dos fiéis jovens que vivem num mundo de conexão, informação e exposição, sem interrupções.

Numa das conversas que mantive com meu orientador, Dr. Alberto da Silva Moreira, ouvi atentamente a exposição da racionalização da religião, como entendida por Max Weber (2014), e a inserção do mundo religioso nesse processo. Weber, na obra *Economia e Sociedade* (Vol. I), considerou a racionalização como processo constitutivo da modernidade. As expressões religiosas, da magia às religiões éticas, foram atingidas por esse processo. Essa última, com a presença de “divindades éticas” seria o ponto final da religião, o ponto de chegada do processo de racionalização e intelectualização religiosa. O Dr. Alberto da Silva Moreira ponderou comigo a possibilidade de estarmos passando para uma “religião estética”. O que parece fazer muito sentido porque a estetização religiosa da *Church* não é caso isolado. Ela é uma cópia/adaptação do que acontece na igreja *Church By the Glades*, no estado da Flórida nos Estados Unidos. No Brasil, algo parecido já ocorria em outras igrejas de vertente cristã, como a “*Onda dura*” em Joinville – SC, cujo pastor celebra cultos ao som de *Coldplay* e Chico Buarque; a “*Bola de Neve Church*”, que transformou uma prancha de surf em púlpito e atraiu milhares de jovens para suas reuniões, a “*Caverna de Adulão*” em Belo Horizonte – MG, que surgiu para levar a religião ao grupo de jovens denominados *head-bangers*, por serem seguidores das bandas de músicas *heavy metal*.

Se a estética, o show, o espetáculo e a fruição constante parecem ser o que de mais importante existe entre essas organizações, era preciso, no caso dessa pesquisa, perguntar e ouvir as histórias dos jovens que escolheram a *Church in Connection* para se congregarem.

Como exposto anteriormente, e levando em consideração a atividade da pesquisa propriamente dita, a estrutura do trabalho já estava presente em forma de questionamentos e de algumas leituras que nortearam as primeiras anotações sobre a estrutura sociológica em que a religião se inseriu desde o último quartel do século XX, e começo de século XXI. Contudo, como nos alerta Severino (2007, p. 145) que “todo plano inicial é sempre provisório, podendo ser alterado em decorrência do próprio desenvolvimento da pesquisa”. O curso de ciências da religião me faria notar

e anotar outras questões que não puderam ser percebidas nos primeiros momentos. Por isso, o curso se denomina ciências da religião, no plural, dado que aponta para o caráter imbricado das diversas ciências sociais e humanas na construção de perguntas e respostas que surgem nessa área antiga e vasta que embala as religiões e os homens. Durante os anos iniciais do curso de ciências da religião (2015-2016), o contato com os autores que faziam as abordagens mais diversas da religião teve que ser incluído, costurado, mesclado. O que representou um desafio como “distinguir sem isolar, misturar sem confundir?”, eis o âmago da questão para um pensamento saudável, como afirmou Edgar Morin (MORIN, p.75).

Sabendo das dificuldades da tarefa que se punha à minha frente, obedeci ao que sugeriu Severino (2007):

A primeira medida é operar uma triagem em todo o material recolhido durante a elaboração da bibliografia. Nem tudo será necessariamente lido, pois nem tudo interessará devidamente ao tema a ser estudado. [...]. Uma vez definidos os documentos a serem pesquisados, procedesse à leitura combinando o critério de atualidade com o critério de generalidade para o estabelecimento da leitura. Inicia-se pelos textos mais recentes, e mais gerais, indo para os mais antigos e mais particulares. As obras recentes geralmente retomam as contribuições significativas do passado, dispensando assim uma volta a textos superados. Observar, contudo, que obras clássicas dificilmente perdem seu valor de atualidade (SEVERINO, 2007, p. 145).

Dessa forma, com essas orientações selecionadas, as obras que - dentro das ciências da religião - analisavam o fenômeno religioso, em caráter mais amplo, e especificamente, a vertente pentecostal do cristianismo brasileiro, me lancei ao trabalho. Uma vez que a *Church in Connection* se originou na Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB), que mantinha aspectos importantes do pentecostalismo brasileiro, iniciei os estudos e pesquisa, tendo como base a IPRB, que, aliás, promoveu a formação do pastor da *Church in Connection* no seminário da igreja em Anápolis, além de dar para ele uma congregação da 3ª Igreja para conduzir ainda como seminarista em 2010.

Entendendo que “o trabalho de pesquisa deve ser cada vez mais criativo”, no sentido de “apropriar-se da ciência acumulada” (SEVERINO, 2007, p. 217) e não mais de aprender o que a ciência já produziu, montei uma agenda de visitas à igreja *Church* e mergulhei na sua rotina.

Como trazia uma vivência da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) da cidade de Anápolis - sou membro da Igreja Presbiteriana Central de Anápolis - desde 1981, foi mais fácil e mais difícil o trabalho de investigação. Mais fácil porque o pastor Thiago Vinícius Cunha já me conhecia como membro de uma Igreja Presbiteriana e me aceitou sem reservas na participação dos cultos e de outras programações da igreja. Ao mesmo tempo, ele me tratava como um membro, ou possível membro de sua igreja. Ele chegou a fazer uma visita em minha casa no ano de 2014, e me pediu para ler o trabalho da sua esposa e pastora Késia que seria publicado. Aqui residiu a dificuldade da pesquisa, pois tive que esclarecer as minhas intenções como pesquisador e não como possível ou futuro membro da Igreja. Me tornei conhecido dos membros da *Church* e pude fazer entrevistas e aplicar questionários junto aos integrantes da instituição, o que nem sempre se deu sem alguma desconfiança por parte da liderança da Igreja.

Em termos gerais, acredito serem positivas as minhas origens religiosas e sua evidência desde o início, porque pude tratar com a liderança da igreja e com o pastor com clareza de ideias e transparência de intenções. Sem contar que o tema me interessava, pois dizia e diz respeito às condições em que vive a sociedade na qual estou inserido diretamente.

Depois de quatro anos de convivência e relacionamento com a *Church in Connection*, pude analisar com maior justeza as relações que se dão naquele contexto. Para usar uma expressão de Peter Berger (2017), ao falar da sociedade pluralista em que vivemos, as igrejas servem de “províncias finitas de significados”. Tomando termos emprestados do teórico alemão da sociologia Alfred Schultz, Berger (2017, p. 114-116; 219, 224) acredita na existência de uma “realidade suprema”, que é a realidade da vida cotidiana, essa em que vivemos e nos movemos, trabalhamos e criamos os nossos filhos, e outra realidade para a qual emigramos é a “província finita de significado”. Sem anular o valor da primeira, a segunda realidade - apesar de temporária - continua sendo importante, pois possibilita uma ancoragem ou sentido de vida para aqueles que vivem pautados pelo pluralismo exacerbado da atual sociedade.

A igreja *Church in Connection* é um exemplo de estetização religiosa e de espetacularização da fé cristã, como veremos nos capítulos II e III. Contudo, isso não anula a geração de significado e a possibilidade de o jovem fiel encontrar sentido para a sua vida. Ainda que temporariamente, a igreja *Church* se mostra como referencial cristão para os seus frequentadores. Esses jovens fiéis são buscadores livres atraídos pelo espetáculo, que encontram um tipo de lugar sólido para construir, ou continuar construindo sua identidade. Isso se dá num processo religioso de contínua visibilidade e conexão, condições ofertadas pelo Sistema Multimídia aos contemporâneos do século XXI.

CAPÍTULO I – A IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL E A *CHURCH IN CONNECTION*

O processo de desdobramento das instituições e das práticas religiosas não obedece aos ritmos cronológicos estanques, mas tem uma sequência que ajuda a compreender contextos passados e presentes sob a ótica da diversidade e das especificidades de cada contexto humano.

A *Church in Connection* é uma igreja que nasceu no quintal do pentecostalismo brasileiro, na Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB) – fundada em 1975 que, por sua vez, veio da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Essa última foi plantada no Brasil pelos missionários protestantes americanos que vieram para cá no final do século XIX. É tal a força da solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja útil esforçarmo-nos por compreender o passado se nada sabemos do presente (BLOCH, s.d., p. 42).

O historiador Marc Bloch ressaltou a importância do conhecimento histórico, enquanto conhecimento do “homem no tempo”. Toda a ciência do homem deve considerar esse trabalho histórico e deve sondar a posição dos homens nos seus respectivos tempos para depois olhar mais fixamente para o presente. A organização que hora é objeto de estudo - a igreja *Church in Connection* - é devedora às suas antecessoras pentecostal e protestante. Ela é uma igreja que enfatiza, assim como no protestantismo original do século XVI e XVII, a suficiência da fé no processo de ligação – re-ligação - e de salvação pelo sagrado (*sola fide*); na suficiência da Bíblia como regra de fé e de prática (*solo scriptura*); na mediação única de Jesus Cristo com a humanidade (*solus Christus*); na graça divina como anterior a qualquer ação humana de arrependimento (*sola gratia*) e na glória somente de Deus em todo o processo de criação e redenção humana (*solus Deo gloria*).

Esses cinco aspectos são enfatizados nas diversas pregações realizadas pela liderança da igreja *Church in Connection* e lembradas por meio dos símbolos e ritos ensinados e praticados.

Constataremos, nesse capítulo, as adaptações realizadas pelo presbiterianismo que foi transplantado dos Estados Unidos para o Brasil. O presbiterianismo que chegou ao Brasil no final do século XIX, começo do XX, vinha “no bojo das missões protestantes, e expressos na pregação religiosa e, especialmente da educação, vinham o liberalismo, o individualismo e o pragmatismo” (MENDONÇA, 1984, p. 105). O impulso para o progresso material, para a formação educacional e a postura acerca do “sacerdócio universal dos crentes” – uma referência à interpretação religiosa bíblica dos reformadores europeus de que cada homem era sacerdote de si mesmo diante do criador – alavancou transformações no espaço religioso e afirmou o indivíduo como protagonista de sua história com o sagrado.

Nesse capítulo, mostraremos que o presbiterianismo das origens brasileiras sofreu uma mudança significativa na década de 1960-70, se dividindo e dando origem a uma denominação presbiteriana adaptada ao contexto pentecostalizador de então, a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB). Desta denominação, surgirá a *Church in Connection*, outra vertente de igreja renovada, com características pentecostalizantes, mas com novos arranjos teológicos e cúlticos. Essas novidades introduzidas pela *Church in Connection* a coloca num patamar diferenciado, tanto teológico quanto social. Perceberemos uma forte aproximação da forma comportamental dos jovens e de um tipo de liderança carismática que, envolvente e tecnicamente preparada, reconfigura os padrões cúlticos e os adapta à modernidade tecnológica. A *Church in Connection* conta com lideranças carismáticas e preparadas, tecnicamente engajadas nos tempos modernos de amplo uso das mídias eletrônicas, e da busca de sensações, de emoções, de satisfação pelo espetacular dos seus cultos.

O surgimento da *Church in Connection* de forma independente da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB) se tornou possível em função de uma conjunção de fatores, dentre os quais: liderança carismática do pastor; culto performático e tecnicamente perfeito; visibilidade e conexão permanente dos membros com a liderança, por meio do Sistema Multimídia; transformação do modelo cúltico tradicional para um modelo dinâmico e cheio de atrações, copiado de outra igreja com perfil jovem que funciona nos Estados Unidos. Essa Igreja na América do Norte que funciona na Flórida com o nome de *Church By the Glades* não tem ligações

institucionais com a *Church in Connection*, mas é dela a maior parte da inspiração que viabilizou o crescimento vertical ascendente do número de adeptos da igreja *Church in Connection*. Por isso, trataremos também, ao longo do capítulo, do modelo de culto montado pela *Church By the Glades* e o tipo de influência que ela exerceu e exerce na sua vertente brasileira.

1.1. O PRESBITERIANISMO VEM PARA O BRASIL

A inserção do presbiterianismo no Brasil começou com o envio de missionários dos Estados Unidos para o Brasil, tanto do presbiterianismo do sul quanto do norte dos Estados Unidos. Merece destaque a vinda do primeiro missionário enviado pela PCUSA, em 1859, o jovem pastor Ashbel Green Simonton (1833-1867). Outros missionários já trabalhavam em terras brasileiras distribuindo Bíblias, como os metodistas⁵, que vieram em 1836 como pregadores leigos do evangelho, diretamente dos Estados Unidos para o Rio de Janeiro.

De acordo com a narrativa de Mendonça (1984), Simonton, embora vivendo e convivendo com estrangeiros (a primeira igreja era toda de imigrantes), “mostrava grande preocupação em começar a pregar em português e em não se misturar muito com os seus compatriotas” (MENDONÇA, 2003, p. 24). Este fato aponta a vocação missionária e conquistadora de Simonton. Ele fundou uma Igreja no Rio de Janeiro; fundou o primeiro jornal evangélico no Brasil; o primeiro presbitério, no Rio de Janeiro; e também o primeiro seminário teológico também no Rio de Janeiro, em 1867, além de ter feito várias incursões na região de São Paulo (REILY, 2003, p. 130-140).

A Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos (PCUS) também enviou missionários para o Brasil. Estes emigraram, em 1867, impulsionados pelo ideal de evangelização e por tantas outras coisas que se enquadram perfeitamente na seguinte análise:

O protestantismo trazido pelas missões americanas para o Brasil já não era o original da Reforma. Sofrera, no seu transplante para o solo norte-americano, mutações oriundas do amálgama das múltiplas correntes protestantes que floresceram na Europa a partir do século XVII. De modo que,

⁵ O Metodismo tem sua origem na Inglaterra em John Wesley (1703-1791) ministro da Igreja na Inglaterra que seguiu também o caminho migratório para a América do Norte, criando núcleos que se tornaram, mais tarde, a Igreja Metodista Episcopal (Ver os detalhes em REILY, 2003, p. 99-114).

diante da ideologia que se forma paulatinamente a partir da independência política norte-americana, vai surgir um protestantismo teologicamente indiferenciado, com ênfase na salvação individual, embora guardasse os limites de suas respectivas formas de governo eclesiástico. Assim, no bojo das missões protestante e expresso na pregação religiosa e, especialmente na educação, vinham o liberalismo, o individualismo e o pragmatismo. A responsabilidade pessoal diante de Deus, implícita na ideia de salvação individual, requer liberdade individual na busca e aceitação de princípios e, no caso protestante especialmente, no livre exame e interpretação privada da Bíblia. Individualismo e liberalismo andam intimamente unidos (MENDONÇA, 1984, p. 105).

Partindo do esforço missionário e institucional das duas Igrejas Presbiterianas vindas dos Estados Unidos, o trabalho cresceu e se expandiu, surgindo os primeiros missionários autóctones. A obra atingiu outras regiões e aumentou numericamente.

Por essa razão, e de acordo com a política mundial que favorecia a aproximação dos diversos ramos do presbiterianismo, as duas juntas missionárias aprovaram a fusão dos esforços presbiterianos numa só Igreja Presbiteriana nacional, o que efetivamente ocorreu em 1888. Com a criação do Sínodo da Igreja Presbiteriana no Brasil, o presbiterianismo se tornou uma Igreja nacional autônoma, situação estratégica tanto frente à nação brasileira, às vésperas de se tornar uma República, quanto em relação às igrejas irmãs (REILY, 2003, p. 130).

A criação de um sínodo no Brasil era compatível com o momento social e político vivido no país, com a abolição da escravatura (1888) e a chegada da forma de governo Republicano (1889). A Igreja Presbiteriana do Brasil, desde então, se constituiu em presbitérios (que se reúnem uma ou mais vezes no ano, conforme a necessidade), em Sínodos e no chamado Supremo Concílio, a assembleia geral da igreja se reúne a cada quatro anos (SOUZA, 2014, p. 187).

A forma de organização do presbiterianismo brasileiro era compatível com um alto grau de racionalidade administrativa e de independência das igrejas estrangeiras que lhe deram origem. “A educação, como estratégia missionária, nunca deixou de acompanhar os missionários norte-americanos” (MENDONÇA, 1984, p. 93). Os missionários sempre se fizeram evangelistas e professores, principalmente as mulheres. Mendonça (1984) lembra a fala do missionário batista William B. Bagby, pregador-professor que estabeleceu um plano de evangelização do Brasil aliado à montagem de um sistema educacional:

Tais colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas. Colégios fundados nestes princípios triunfarão sobre todo o inimigo e conquistarão a boa vontade até dos nossos adversários. Mandai missionários que estabeleçam colégios evangélicos, e o poder irresistível do evangelho irá avante na América do Sul e a terra do Cruzeiro do Sul brilhará com a luz resplandecente do Reino de Cristo (MENDONÇA, 1984, p. 94).

Interessante notar o ideal de evangelização que os missionários presbiterianos apresentavam ao chegar no Brasil no século XIX. O texto acima deixa transparecer um discurso de conteúdo teleológico, apontando o pragmatismo já adotado nas tarefas de evangelização nos Estados Unidos. As ideias de salvação individual e de progresso social também andam juntas, é o que salienta Mendonça (1984):

[...] as condições históricas e sociais da América pré e pós Independência e a presença do puritanismo desde o início conseguem traduzir a teologia protestante no sentido de atender às necessidades emergentes de uma sociedade que, ao se formar, tendia para o humanismo igualitarista e pragmatista, tudo sob o colorido do racionalismo e do progressismo evolucionista. Desse modo, é bastante compreensível a centralidade teológica no homem como agente moral livre, no Cristo crucificado (o Deus homem que arrasta e vence as próprias condições humanas), na religião ética e na fé racional e experimental. Uma escatologia otimista e progressista marca a dinâmica dessa teologia fortemente antropológica. Assim, o protestantismo americano do século XIX orientou-se no sentido de conduzir o pensamento cristão a uma unidade orgânica com o ponto de vista evolucionista, com os movimentos de reconstrução social e com as esperanças de “um mundo melhor”, pensamento dominante, então, na mente humana em geral (MENDONÇA, 1984, p. 53).

Esses princípios que foram aplicados na inserção do presbiterianismo na América do Norte impulsionaram as missões que vieram para o Brasil e, de alguma forma, estiveram presentes na obra de implantação desse evangelho de missões desenvolvido no país.

O primeiro missionário presbiteriano Simonton já registrara sua impressão de que, no Brasil, existia uma “vontade de liberdade religiosa”, bem como uma religiosidade cristã superficial, o que do seu ponto de vista diminuía o poder da “religião de nossa sociedade”, assim ele se referia à Igreja Católica no país (MENDONÇA, 1984, p. 81,93). Suas impressões apontavam para um campo aberto ao protestantismo e à necessidade de uma estratégia para a inserção da fé Reformada no país, o que era uma visão progressista e triunfalista. No século XIX, muitos missionários, de diversas igrejas protestantes, foram enviados para o trabalho evangelístico no Brasil e na América Latina. Ribeiro (1981) relembra que desde tempos remotos o presbiterianismo exigia dos pais um compromisso de educar os filhos no evangelho, o que implicava na necessidade de ensinar a leitura às crianças, para terem acesso ao exame livre da Bíblia. Era uma questão de valor, uma escola junto a cada igreja.

Ao publicar-se no Brasil o *Diretório para o culto Divino*, assim se determinava: ‘os filhos dos membros da Igreja visível, e dedicados a Deus pelo Batismo, estão sob a inspeção e governo da Igreja, e dever-se-lhes-á (sic) ensinar a ler’. Ao apresentar a criança ao batismo, os pais deviam prometer perante a Congregação ‘ensinar-lhes ou mandar ensinar-lhes a ler, para que venham a ler por si mesmo a santa Escritura’. Entre os valores a realizar na nova sociedade, talvez nenhum obtivesse maior ênfase que o da instrução, pois a leitura da Bíblia é indispensável à fé Reformada (RIBEIRO, 1981, p. 184).

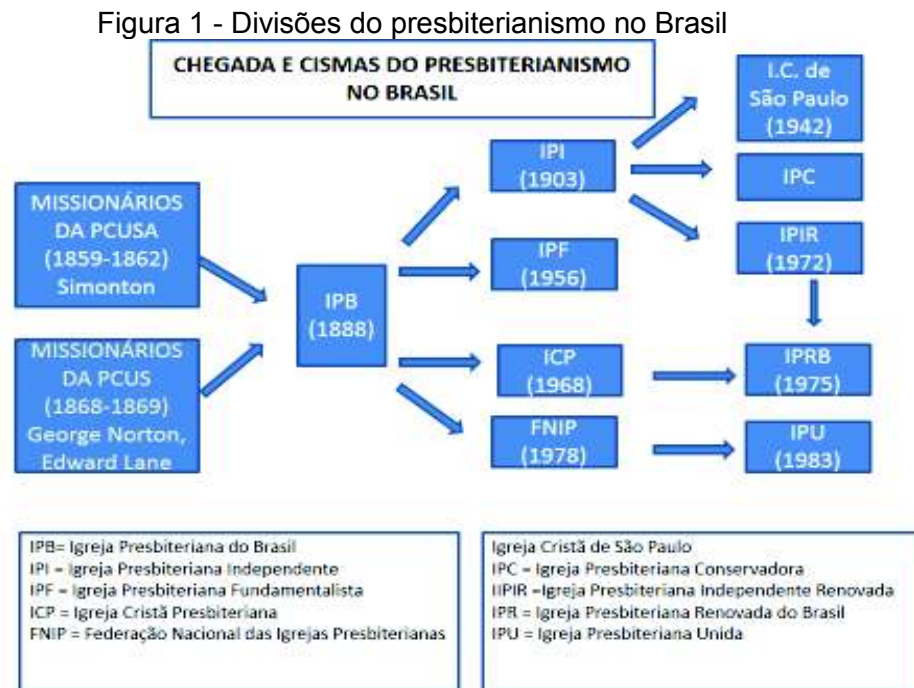
Na inserção do presbiterianismo no Brasil, como registrado acima, o binômio educação e pregação andaram *pari passu* e a estratégia educacional caminhou ao lado do proselitismo religioso. Contudo, é preciso salientar que o proselitismo suplantou a tarefa educacional. Não ocorreu em terras brasileiras a montagem cultural ocorrida na América do Norte, quando “grandes colégios cuja clientela foi principalmente conquistada nos escalões dominantes, trazia no seu bojo a visão do Reino de Deus na terra” (MENDONÇA, 1984, p. 95).

Nas terras brasileiras, para atender às necessidades de leitura da Bíblia, uma vez que esta é para os Reformadores o instrumento fundamental de conversão, os missionários “colocaram ao lado de cada comunidade uma escola”, mas não eram grandes colégios e não se constituíram como na América do Norte, num projeto de nação que se erguia como uma “maneira de ser da vida americana”, o chamado “*American way of life*”. Dado o grande número de analfabetos no Brasil colonial, e mesmo na República, a tarefa missionária era alfabetizar em pequenas escolas paroquiais.

Em 1888, os missionários presbiterianos, vindos do norte e do sul dos Estados Unidos, se juntaram e nasceu a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Com a união, eles juntaram forças e se deu o avanço geográfico da IPB pelo Brasil. Gini (2010) aponta para alguns cismas já no século XIX; no entanto, para ele o cisma mais significativo ocorreu em 1903, com a saída de sete pastores e 15 presbíteros da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), que deram origem à Igreja Presbiteriana Independente (IPI).

A essa divisão sucederam-se outras. Com base nos estudos de Reily (2003), Mendonça (1984) e Gini (2010), montamos uma tabela explicativa da chegada e dos cismas do presbiterianismo no Brasil. O quadro abaixo não pretende esgotar a história dos cismas no presbiterianismo, mesmo porque esses ocorreram em escalas menores

até antes da união dos missionários do presbiterianismo do sul e do norte dos Estados Unidos, em 1888, quando se formou a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).



Fonte: Próprio autor

Mendonça (1984) salienta que a teologia trazida pelos missionários presbiterianos, congregacionais, batistas e metodistas na tarefa de evangelização do Brasil tinha pontos de extrema convergência. De forma resumida seria possível dizer que:

Sob o ponto de vista formal, os congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas transplantaram para o Brasil o protestantismo típico norte-americano. As denominações vieram e se implantaram com suas características formais próprias, isto é, com suas tradições de governo eclesiástico, necessárias à estruturação de seus próprios trabalhos no sentido de implantação e esforço de propagação. Todas elas mantiveram o princípio geral de associação [...] (MENDONÇA, 1984, p. 200).

É preciso arrematar que, como dito acima, mas guardadas as proporções, as missões presbiterianas trouxeram para o Brasil a forma de administração, a teologia e a liturgia dos cultos religiosos praticados em terras americanas do Norte. O voluntarismo de lá se repetia aqui, com as ideias e doutrinas assentadas no princípio

de que cada crente deve ser “dono de sua vontade”, se responsabilizando eticamente diante do sagrado.

1.1.2 O surgimento da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB)

Do presbiterianismo inicialmente organizado no Brasil, em 1888, o que nos interessa é como se deu o desdobramento que fez surgir a Igreja Presbiteriana Renovada, porque é desta que surgirá a *Church in Connection*.

No quadro anterior, sobre a chegada e cismas do presbiterianismo no Brasil, ficou demonstrado que a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) foi o resultado da união de duas igrejas norte-americanas que transplantadas para esse país se ajuntaram em 1888, dando origem a uma só denominação presbiteriana. Da IPB, surgiram nove outras denominações. Na década de 1970, a Igreja Presbiteriana Independente Renovada (IPIR) e a Igreja Cristã Presbiteriana (ICP) se uniram na formação da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB).

O termo “Renovada” se deu porque os líderes dessas duas denominações adaptaram suas instituições ao perfil teológico, cúltico e prático do movimento pentecostal brasileiro, que já existia desde a década de 1910 quando da instalação das Assembleias de Deus no norte do Brasil. Esse pentecostalismo veio dos estados Unidos, bem como a forma de se organizar e dirigir as igrejas.

Siepierski (2003) classificou três tipos de pentecostalismo que se desenvolveram no Brasil: 1. O “clássico” que corresponde aos primeiros movimentos de caráter avivalista com teologia cristocêntrica; glossolalia (falar em línguas estranhas); espera iminente de Cristo; separação entre as coisas de Deus e do mundo; não participação na política e nas “coisas do mundo” (na década de 1910). 2. O “pentecostalismo neoclássico” que representou um passo tímido em direção às novas formações pentecostais, porque deu ênfase na cura divina (a partir de 1950), e, por fim, 3. O “neopentecostalismo” com ênfases na guerra espiritual, na teologia da prosperidade que atribui um sentido religioso ao ato de ganhar dinheiro, abandonando a proposta de redenção pela pobreza e sofrimento (p. 71-79).

Os “pentecostalismos” se mesclaram ao longo da sua história no Brasil e características de cada uma das fases do pentecostalismo aparecem, em maior ou

menor grau, nas manifestações das igrejas com inclinação à “renovação espiritual”, como foi o caso da IPRB e depois da *Church in Connection* que veremos mais à frente.

Alguns historiadores do cristianismo como Coxill e Grubb (apud LEWIS 2013, p. 16) conceituaram a “renovação espiritual” em igrejas tradicionais (presbiterianos, batistas, metodistas etc.) da década de 1960-70 no Brasil, como a prática de “recapturar o poder e a presença do Espírito Santo na Igreja como eram vividos pelos primeiros cristãos”. Para esses autores, o quadro referencial que caracterizava a “renovação espiritual pentecostalizante” era: a pregação e o exercício da cura divina; os dons de profecia; os cultos movimentados; a mocidade formando conjuntos e cantando, além dos hinos tradicionais e também os corinhos. Toda essa lista de características que passam a vigorar naquelas igrejas tem relação com a estrutura da sociedade da época.

Na perspectiva sociológica de Durkheim (2008), as religiões oferecem estruturas de explicação que, muitas vezes, ultrapassam o círculo das ideias religiosas. Para tal compreensão Durkheim (2008) explica:

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí a sua experiência e o seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo aí está concentrada (DURKHEIM, 2008, p. 45).

O homem é duplo, indivíduo e sociedade. Existe um caráter social que nos coage a agir moralmente e a concordar sobre questões mínimas que sejam para manter a coesão social. A sociedade não pode abrir mão das categorias que são essenciais para manter os homens unidos. A sociedade está localizada fora dos homens, mas, também, dentro deles, nas maneiras de pensar que o conduzem, sem essas maneiras o homem se sente menos humano. Um exemplo nesse contexto é a moral religiosa, que se coloca como “natural”, “divina” e “absoluta”. Ela se mostra como inquestionável e, dessa forma, se impõe de maneira que não pode ser percebida como uma construção social – só pode ser contemplada e obedecida.

Todos os acontecimentos narrados anteriormente foram interpretados pelos líderes das igrejas tradicionais como ideias e atitudes doutrinárias concorrentes – pois se diferenciavam do pensamento ortodoxo daquelas denominações. “O movimento de renovação queria significar [com tais práticas] que o cristianismo [das denominações tradicionais] tinha se distanciado da ação do Espírito Santo”, e que era preciso voltar às práticas narradas na formação da igreja cristã primitiva (PERROUND, 1998, p. 10-22). Baseado nessas práticas, e no combate a elas, é que se operou mudanças no quadro religioso evangélico brasileiro nas décadas de 1960-70, dentro das igrejas tradicionais e que fez surgir a nova denominação presbiteriana renovada.

Lewis (2013) classifica em três categorias as igrejas evangélicas que se estabeleceram no Brasil: primeiro as igrejas de denominações tradicionais (Presbiterianos, Metodistas, Batistas, Luteranos etc.); em segundo lugar, as igrejas tradicionais renovadas (Presbiteriana Renovada, Batista Renovada, Metodista Wesleyana etc.); e em terceiro lugar, as igrejas Pentecostais. Por algumas características que são comuns, como a salvação somente pela fé em Jesus Cristo e a adoção da Bíblia como palavra inspirada de Deus e única fonte de doutrina religiosa, as diversas denominações listadas anteriormente por Lewis são aceitas, no Brasil, como “religiões evangélicas”. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável por todo o Censo no país, também usa a classificação de “evangélicos”, tanto para as denominações tradicionais (presbiterianos, batistas, luteranos, congregacionais, metodistas e outros) quanto para pentecostais e neopentecostais.

Para Siepierski (2003), é possível falar de “pentecostalismo clássico no Brasil”. Esse primeiro movimento pentecostal foi denominado clássico exatamente por questões cronológicas (foi o primeiro a se estabelecer). Em geral, as posturas adotadas foram: cristocentricidade, biblismo, união da fé e da ética como uma forma de espiritualidade característica das religiões populares, emoção, ritos que envolviam a questão da possessão, participação coletiva. Para os pentecostais, era sempre Jesus quem “salva, cura e batiza” com o Espírito Santo, e voltará como rei e juiz escatológico (SIEPIERSKI, 2003, p. 71). Contudo, as diferenças entre as diversas igrejas pentecostais aparecem desde a inserção delas na sociedade brasileira. Mariano (2008) salienta que “o pentecostalismo no Brasil nunca foi homogêneo”, e que “desde o início conteve diferenças internas”, e isso pode ser constatado nas duas

primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil, a primeira em 1910 (Congregação Cristã), e a outra em 1911 (Assembleia de Deus). As diferenças eram eclesiológicas e doutrinárias e geraram formas diferentes de praticar o evangelismo e de se inserir socialmente.

Com a chegada do movimento pentecostal na Igreja Presbiteriana Independente do Oeste paranaense, no final dos anos 1960, muitas experiências ligadas ao campo das subjetividades pentecostalizantes começaram a acontecer. O pastor à época, Jobel Cândido Venceslau, narra uma delas:

Certa vez neste ano, estávamos no Encontro em Cianorte, quando, numa manhã de domingo, o pastor Jonathan Ferreira dos Santos leu o texto de Ezequiel 47: 1-12. Ia começar a pregar, mas o Espírito santo caiu sobre nós. Não houve pregação, pois não foi preciso. Deus visitou o seu povo. Centenas de pessoas foram visitadas, curadas, renovadas, e muitas batizadas com o Espírito Santo. Foi também uma obra totalmente estranha. O povo ajoelhado e chorando e louvando ao Senhor dos Exércitos (PERROUD, 1998, p. 20).

O mesmo ocorreu na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) com a saída de grupos expressivos da denominação e a posterior organização, em 1968, da Igreja Cristã Presbiteriana (ICP). Ao longo da década de 1960, os movimentos avivalistas dentro das igrejas tradicionais preocupavam a IPB que “tomou medidas administrativas para conter o avivamento” (PERROUD, 1998, p. 39, 40). Contudo, o movimento se agigantou e ganhou contornos de ruptura institucional. Os fundadores da IPB interpretavam o que estava acontecendo como um movimento contrário ao tradicionalismo e tendente ao pentecostalismo.

Com o despertar alcançando em muitas denominações, no Brasil todo, as lutas começaram. As igrejas tradicionais não aceitaram, em sua maioria, a renovação. Isto porque a renovação espiritual trazia em seu bojo as doutrinas chamadas pentecostais: como batismo por imersão, o cumprimento com a paz do Senhor, os dons espirituais, principalmente o de línguas, os apelos veementes, a unção com o óleo, a oração pelos enfermos, a pregação sobre a santificação. Para nós, essas práticas não tinham nada de pentecostais, mas eram inteiramente bíblicas (VENCESLAU apud PERROUD, 1998, p. 22).

Interessante notar no relato acima, historiado por Jobel Cândido Venceslau, que transparece o fato de que em muitas outras denominações do protestantismo o mesmo movimento estaria acontecendo e com desdobramentos idênticos. Nos estudos de Silva (2015), sobre *A renovação espiritual entre os Batistas no Brasil*, a constatação é a mesma: “nos anos 60, várias igrejas protestantes históricas como metodista, presbiteriana e batista viram o próprio campo religioso invadido pelo

movimento pentecostal, com a nomenclatura de renovado ou carismático” (SILVA, 2015, p. 164). A experiência mística, de acordo com Wach⁶ é compartilhada através do "companheirismo humano, a vida no dia-a-dia", e no "mútuo apoio no protesto dirigido contra formas e instituições tradicionais" (WACH, 1990, p. 202).

Existem três categorias principais de protestos: discrepância no terreno doutrinário, críticas de expressão de culto e objeção à natureza ou desenvolvimento da estrutura organizacional. Na maioria dos casos, a tendência consiste em retornar à experiência original do fundador ou da comunidade primitiva. Esta reorientação rumo ao fundador pode variar desde a contemplação mística, que vise a união espiritual, até a imitação prática e emulação por parte de indivíduo ou grupo dos hábitos e estilos de vida dele e de seus discípulos (WACH, 1990, p. 205).

No campo da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e da Igreja Presbiteriana Independente (IPI), as dissidências produziram respectivamente as novas instituições: Igreja Cristã Presbiteriana e Igreja Presbiteriana Independente Renovada. Essas se aproximaram muito devido às semelhanças doutrinárias e cúlticas. Com o passar dos anos, “e depois de vários encontros entre as diretorias [da ICP e da IPI], em 1974, na cidade de Assis, SP, houve importante reunião entre as lideranças das duas denominações” e constatou-se que “os pontos conflitantes eram insignificantes e resolvidos”. A partir de uma Assembleia Geral em 1975, na cidade de Maringá, PR, surge a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB) (PERROUD, 1998, p. 54-62).

Por último, merece destaque a estratégia usada pela IPRB de criar e manter o Jornal *Aleluia* e um Instituto Bíblico. O primeiro foi criado em 1972, na cidade de Assis, SP, foi o principal veículo de propaganda da obra de renovação espiritual, até que no ano de 1975 foi montada a primeira gráfica. Em janeiro de 1975, saía o primeiro número, agora impresso em offset, em Londrina, PR. A manchete da primeira página anunciava: “Nasce a Igreja Presbiteriana Renovada” (PERROUD, 1998, p. 109).

É importante apontar que desde o início a IPRB manteve a participação dos leigos na estruturação da igreja, mas não dispensaram a formação de seminário e de aprofundamento de estudos bíblicos para a nomeação, ou ordenação de pastores. Existia para isso um Instituto de Ensino Bíblico.

⁶ Conhecido teórico das Ciências da Religião e responsável pela primeira classificação tipológica dos grupos religiosos.

O Instituto Bíblico no Paraná, que funcionava desde o final da década de 1960, ou seja, antes mesmo da fundação na IPRB, se transformou no Seminário e Instituto Bíblico (SIB) em 1975. Mais tarde, em 1992, foi criado outro Seminário na região central do Brasil, em Anápolis-GO, o Seminário e Instituto Bíblico Brasil Central (SIBBC). Neste seminário, se formou o pastor Thiago Vinícius Cunha, que dirigiu os trabalhos da Igreja Presbiteriana Renovada localizada na Avenida Brasil Sul, Anápolis, até o ano de 2016.

1.1.3. Estrutura e orientação teológica da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil

Foi na estrutura eclesial e teológica da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB) que se educou o pastor e fundador da *Church in Connection* Thiago Vinícius Cunha. Para entender essa última, faz-se necessário analisar o desdobramento – Igreja Presbiteriana Renovada *Church in Connection* – e saber sobre as doutrinas e orientações administrativas da IPRB, como surgiram e em que se pautaram as suas ordenanças.

A estrutura montada para a administração⁷ da IPRB segue os padrões do presbiterianismo com uma assembleia Geral formada pelo Conselho, composto do pastor, obreiros, se houver, e dos presbíteros, escolhidos pelos membros da Igreja local. O órgão maior da administração da IPRB é a Assembleia Geral que reúne todos os pastores, um representante (presbíteros) das igrejas locais e os membros das Diretorias Presbiteriais.

O rumo que tomaria a IPRB foi discutido entre os membros da primeira Diretoria eleita em janeiro de 1975, e o primeiro pronunciamento do eleito Presidente Pr. Abel Amaral Camargo assinala como seria a caminhada:

⁷ Ferreira Jr. (2015) Identifica alguns sistemas de governo administrativo das igrejas protestantes: 1) **Presbiteriano**. Adota um sistema representativo. Uma assembleia da igreja local, formada por todos os membros, elege os presbíteros. Os presbíteros, que são os representantes dos membros da igreja, constituem o órgão chamado Conselho, que administra a igreja local. 2) **Episcopal**. Sistema onde um líder, que é o bispo, toma as decisões administrativas dentro da área de jurisdição eclesial. 3) **Congregacional**. Sistema onde todos os membros tomam as decisões por meio de uma assembleia da igreja local. A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil teria optado pelo sistema das igrejas presbiterianas, composto por Assembleia Geral, Diretoria Administrativa, Diretoria Executiva e Presbitério (FERREIRA Jr., 2015).

Deus quer abençoar-nos muito. Nosso coração deve estar aberto para o Senhor Jesus. De nossa atitude, depende o tamanho da bênção prometida. Nossa necessidade deve oferecer condições para Deus operar [...] Deus quer derramar o seu espírito [...] Deus quer crentes cheios de poder. Batismo com o Espírito santo e dons espirituais. Este poder transforma o mundo. [...] A Igreja Presbiteriana Renovada nasceu para evangelizar (PERROUD, 1998, p. 58-62).

As palavras do fundador transcritas acima deixam transparecer o caráter triunfalista da chegada da IPRB. O papel de evangelizar, de buscar novos adeptos, e de se inserir na sociedade é posto como “vontade de Deus” e, ao mesmo tempo, como responsabilidade dos membros. A ênfase no avivamento espiritual, identificado com o exercício dos dons espirituais e, especialmente, a busca do batismo com o Espírito Santo demonstram as tendências pentecostais da igreja.

Expressões como “Deus quer derramar seu Espírito”, “Deus quer crentes cheios de poder” e “Deus leva uma igreja a arder em chamas” demonstram o caráter intimista desta religião em relação a Deus e ao Espírito Santo.

O Pr. Abel Amaral Camargo, no mesmo pronunciamento, afirma que “os irmãos devem buscar esta bênção (avivamento e poder do Espírito Santo), pois é o último avivamento para a igreja” (PERROUD, 1998, p. 61). A bênção do “derramar do Espírito Santo”, identificado às vezes como “batismo do”, ou “com o Espírito Santo” foi a tônica do discurso e da estrutura pentecostalizante da IPRB. Nesse particular, o movimento manteve uma pregação semelhante ao da denominação de origem, da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), como registra Mendonça (1984):

O padrão de pregação no protestantismo brasileiro de missão foi sempre tríplice: avivalista, polêmico e moralista. O padrão avivalista tem por objetivo a conversão do indivíduo, o polêmico convencê-lo da verdade do protestantismo ante o catolicismo e o moralista mostra os padrões de conduta diferenciadores da nova religião (MENDONÇA, 1984, p. 207).

Na formação da IPRB existe a valorização do agir mais independente dos pastores e dos membros, ao estilo dos movimentos de avivamento espiritual, que na década de 1960 se espalharam pelo campo religioso do protestantismo tradicional e trouxeram uma linguagem que recorre incessantemente às experiências subjetivas.

É exatamente esta vivência que marcou a IPRB na sua formação. A busca de uma “experiência pessoal com o Espírito Santo”, terceira pessoa da Trindade, que leva os adeptos a agirem no mundo. Essa herança persistiu, pois as constatamos nas

preleções do pastor Thiago Vinicius Cunha, quando das observações realizadas na IPRB, em que ele era pastor responsável no ano de 2014/15 (cf. Anexo 5, C1, C2, C3, C4). Essa “vontade de fazer história”, de se “deixar dirigir por Deus”, de fazer a “vontade de Deus”, aponta uma marca da IPRB que passou para a *Church in Connection*, ou seja, a ênfase no subjetivismo, o pragmatismo, o triunfalismo.

Por fim, vale anotar que a IPRB assumiu posturas teológicas próprias em relação a outras igrejas do campo pentecostal. Como afirma Mendonça (1984):

No meio dos movimentos de avivamento houve controvérsias teológicas que obscurecem um pouco a questão. Mas uma visão cuidadosa dessas controvérsias permite ver que os avivamentos desembocam sempre e necessariamente no princípio do voluntarismo. O homem é senhor de sua vontade e responsável por suas ações e é capaz de, por seus próprios esforços, aperfeiçoar-se constantemente. Contra a doutrina da eleição surge a doutrina do amor de Deus: Deus ama a todos os homens e quer que todos se salvem. A contrapartida humana é a disposição individual para aceitar esse amor e dispor-se a modificar a vida para melhor, o que implica em novas formas de vida involucradas numa ética religiosa. Há grande ênfase na capacidade humana e no seu desempenho (MENDONÇA, 1984, p. 52).

O fato é que a IPRB nasceu na esteira do presbiterianismo, que era de base calvinista. Contudo, observa-se que numa sociedade de classes, com orientação para o igualitarismo e para a busca de sucesso, uma doutrina como a calvinista que enfatiza a incapacidade humana, suas fraquezas diante do mal e do pecado (depravação total do homem), as orientações teológicas precisavam ser de valorização do homem e do princípio do desempenho individual. Desta forma, foi necessário lutar “contra o elitismo calvinista” (Cristo morreu em favor dos escolhidos, princípio da “Eleição Incondicional”) e adaptá-lo às condições sociais e econômicas brasileiras.

O teólogo Calvino e sua teologia são louvados por artigos no jornal Aleluia, órgão oficial da IPRB. No “Aleluia” de Março/89, fala-se sobre o reformador protestante como “grande arquiteto da Reforma do século XVI”, como o homem que, com sua teologia “contribuiu para se entender mais claramente o pensamento bíblico”, e os seus estudos são tidos como “brilhantes ensinamentos a guiar os presbiterianos” (PERROUD, 1998, p. 96-100). Conquanto essa louvação a Calvino fosse constante, a IPRB assume outras posturas teológicas, adaptando o calvinismo do presbiterianismo com posturas que iriam valorizar mais a liberdade do indivíduo e as experiências subjetivas do “encontro” com o Espírito Santo.

Isso foi possível através de uma “reformulação teológica, reformulação essa que teve como matriz o arminianismo metodista⁸” (MENDONÇA, 1984, p. 52). No arminianismo metodista se enfatiza “aspectos emocionais e milagrosos”, mas mantem-se “o papel da salvação pela fé, da graça divina, da liberdade de interpretação da Bíblia (*sola Fide, sola Gratia, sola Scriptura*)” (TROMBETTA, 2015, p. 13).

Essa orientação, mistura teológica sobre “Predestinação” e “Eleição”, foi constatada na entrevista realizada com o pastor Thiago Vinícius Cunha (cf. Anexo 1, p.1), quando ele era ainda pastor da IPRB (2014-2016). A mesma convicção o pastor manteve depois da separação da IPRB em 2016. Na Escola bíblica dominical, no dia 20 de novembro de 2016 (cf. Anexo 5, C9), já sob o nome de *Church in Connection*, o pastor Thiago Vinicius Cunha externou sua fé de que, “como ensinado pelo teólogo Calvino os santos (os que creem em Jesus Cristo como salvador) foram salvos pela graça de Deus e pela fé que Ele mesmo colocou no coração dos crentes”; a seguir, o pastor acrescentou que essa questão não é critério para se tornar um membro da igreja. Entende-se, então, que a questão teológica não é fundamento para fazer parte da igreja. Nessa fala, aparece a flexibilidade e a importância da subjetividade das experiências religiosas enfatizadas na criação da IPRB e que permanecem na sua mudança para *Church in Connection*. Apesar de existir uma orientação teológica, isso não parece ser condição *sine qua non* para participar da *Church in Connection*. Não existe prurido em aceitar profissões de fé com base em divergentes posturas teológicas.

A IPRB mostrou vigor para disputar dentro do mercado religioso uma fatia dos fiéis do cristianismo. O mesmo vigor para inovar, para “fazer diferente”, foi observado na prática da *Church*. Pierre Bourdieu chama esse espaço social estruturado, onde agentes disputam por valores materiais e não materiais, de “campo religioso”: Os campos são os lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e

⁸ O metodismo foi fundado pelo inglês J. Wesley (1703-1791) pastor da Igreja Anglicana, de orientação calvinista, que descartou a doutrina da predestinação e aceitou a doutrina do livre-arbítrio (conhecida como arminianismo). Buscava uma fé mais existencial e atuante, pregava ao ar livre, fora dos templos. Segundo Gonzalez (1982) o metodismo soube se adaptar à nova sociedade industrial e urbana que nascia na Europa com “pessoas arrancadas por circunstâncias econômicas das terras em que se haviam criado seus avós” e que “tendiam a perder seus vínculos [rurais]” (GONZALEZ, 1984, p. 185).

probabilidades objetivas. Um campo não se orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é igualmente possível e impossível em cada momento (BOURDIEU, 2004, p. 27).

É preciso registrar ainda que no funcionamento do campo religioso, de acordo com Bourdieu (1998), se fazem presentes: (1) As instâncias religiosas que podem lançar mão do "capital religioso" na concorrência pelo monopólio e gestão dos bens de salvação; (2) Uma luta entre a Igreja o profeta e sua seita no monopólio legítimo do poder religioso sobre os leigos; (3) a tentativa da Igreja em impedir a entrada no mercado de novas empresas de salvação por diversos meios; (4) os profetas e suas seitas colocando em questão o monopólio dos instrumentos de salvação - tentando conquistar um capital religioso; (5) a gestão burocrática do depósito de capital religioso; (6) a força do profeta em produzir e distribuir bens de salvação e de buscar a transformação da seita em Igreja; (7) A diferença entre o profeta (recusa lucros, é asceta, linguagem erudita e estruturada em doutrina...) e o feiticeiro (busca o interesse material, aluga seus serviços, tenta manipular o sobrenatural); (8) a eficácia de uma ideologia que é produto do trabalho coletivo (BOURDIEU, 1998, p. 58).

Como registrado por Perroud (1998, p. 9-11), ao reprimir o movimento de renovação – entenda-se pentecostalização - dentro de suas fileiras, o presbiterianismo tradicional possibilitou a aglutinação de pessoas em torno de uma nova liderança que se reunia em casas e outros lugares para praticarem orações, cultos e escolas bíblicas. Dito de outra forma, essa nova liderança passou a trabalhar com bens simbólicos de salvação sem a chancela da igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), com liberdade em relação ao corpo de sacerdotes dessa instituição. Como dito por Bourdieu (2004), o campo religioso obedece às leis que foram criadas e orientam aqueles que participam deste campo específico. Daí, pode-se afirmar que foi a eficiência com que um determinado capital religioso passou a ser gerido por aqueles que, saindo da IPB e colocando-se contra essa, formaram em pouco tempo um “corpo burocrático” para gerir seu próprio capital.

Assim, a IPRB foi se estruturando com capital religioso próprio e posição definida no campo religioso brasileiro. Isso foi tão forte nas décadas de 1970 que Reily (2003, p. 364-367) aponta o fato de que tanto católicos-romanos quanto protestantes (tradicionais) passam a tratar os chamados pentecostais mais seriamente. Os pentecostais ultrapassaram numericamente as igrejas protestantes históricas ou

tradicionais e inovaram em campos de força diferentes do religioso – caso da eleição de membros da igreja pentecostal Quadrangular para a Assembleia legislativa do Estado de São Paulo e Câmara dos Deputados, além da filiação da mesma igreja no Conselho Mundial de Igrejas.

Essa tendência de avanço em outros campos de força na sociedade, somados a um tipo de espiritualidade com propensões proselitistas e moralismo rigorista, com forte apoio popular, fez das igrejas pentecostais, incluindo a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB), uma igreja em expansão que “quebrou monopólios dos bens de salvação”, conquistou espaços e passou a “produzir e distribuir bens simbólicos”, dando origem a “novas empresas de salvação”.

A *Church in Connection* repetirá mais tarde (julho de 2016) o mesmo caminho trilhado pela IPRB de onde ela saiu para se constituir em uma empresa liberal salvacionista. São desdobramentos no campo de força das religiões, como bem salientou Bourdieu, que continuam valendo para movimentos que se distinguem quanto à teologia, doutrina e outras normas, mas não se diferenciam quanto à busca de espaço no mercado religioso.

Podemos pontuar ainda que, assim como a IPRB manteve um grau de organização e de conteúdo teológico semelhante ao da igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), a *Church in Connection* manteve semelhanças de organização e de teologia (veremos logo adiante na fundação da *Church in Connection*) com a igreja que lhe deu origem.

No caso da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil seu aparecimento se dá em dois lados: um no desdobramento de instituições do campo protestante tradicional, e o segundo na sua aproximação com as práticas pentecostais. A IPRB afirmou na década de 1970 sua identidade pentecostal se apoiando no subjetivismo e emocionalismo característicos do pentecostalismo, mas sem descartar características inerentes ao protestantismo de missão como a obrigatoriedade, para quem queria se dedicar ao sacerdócio na igreja, de fazer seminário.

Esse movimento de permanência de traços do protestantismo tradicional com traços do subjetivismo pentecostal no trato com o Sagrado, o Espírito Santo, marcou

a manutenção da IPRB no campo religioso. É o mesmo que iremos perceber na *Church in Connection* quando afirma a liberdade e independência de organização, tendo como base um discurso de “orientação do Espírito Santo”, mas concomitantemente, mantendo uma estrutura organizacional do tipo presbiteriana, com discurso teológico próximo ao do protestantismo.

Parece que a tentativa da IPRB, olhada de longe depois de algumas décadas, foi a de procurar conciliar aspectos tradicionais da fé protestante, incluindo a manutenção de seminários e uma forte formação teológica, com o emocionalismo e as expressões subjetivas da fé pentecostal, incluindo dons de línguas (Glossolalia) e profecias. É a inserção da IPRB no campo religioso brasileiro de forma enviesada - dito de outra forma - buscando espaço entre os insatisfeitos de ambos os lados, do tradicionalismo e do pentecostalismo.

1.1.4. A Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis

De acordo com a Ata de Fundação da Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis, registrada no Cartório de Títulos e Documentos e Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Anápolis, “aos sete dias do mês de agosto de hum mil novecentos e setenta e sete, no templo provisório localizado na rua 14 de Julho, esquina com Avenida Goiás nº 1100”, foi instalada a primeira igreja da denominação Presbiteriana Renovada em Anápolis⁹. O nome oficial, contudo, ficou sendo de 2ª Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis, porque existia um trabalho de cunho pentecostal sendo realizado por membros que saíram da Igreja Cristã Evangélica e se reuniam há mais tempo em outro setor da cidade (Vila Góis) e, por isso, essa última foi denominada 1ª Igreja Presbiteriana Renovada, conquanto não tivesse registro jurídico.

A Assembleia Geral de Fundação da IPR em Anápolis, de acordo com a Ata de Fundação, foi presidida pelo pastor Paulo de Oliveira Brasil, tendo como auxiliares o Pastor Drumond de Oliveira Caixeta, Pastor José Berto de Araújo Neto e Pastor

⁹ A cópia do documento de fundação da 2ª Igreja Presbiteriana, com todos os registros feitos estão no anexo de Documentos ao final desse trabalho como Documento nº I.

Marcos Antonio Pereira¹⁰. Nessa assembleia de fundação, foi lido e explicado o Estatuto¹¹ da 2ª Igreja Presbiteriana Renovada em Anápolis e eleitos os presbíteros e diáconos da instituição. A Ata foi assinada por 37 pessoas, mas na votação para presbíteros contou-se até quarenta pessoas presentes¹².

Como ficou anotado anteriormente, o campo religioso brasileiro, entre 1960 e 1970, estava enfrentando uma disputa, dentro do protestantismo de missão (congregacionais, presbiterianos, batistas, metodistas etc.), em relação aos movimentos de avivamento. Em depoimento para a pesquisa, a entrevistada H2 (cf. Anexo 3, p. 2) afirma que ela e a mãe foram convidadas a deixar a igreja Metodista de Anápolis na década de 1970 por terem aderido às práticas pentecostais, às quais o pastor daquela igreja não aceitava em sua denominação. Em outra entrevista para a pesquisa, o entrevistado H3 (cf. Anexo 3) afirma que vários irmãos - “cerca de trinta deles, saíram da Igreja Cristã Evangélica de Anápolis -”, igreja de missão em Anápolis, e migraram para igrejas e movimentos avivalistas, entre eles alguns que participaram dos primeiros trabalhos de formação da Igreja Presbiteriana Renovada.

Nas entrevistas H1, H2 e H3, realizadas em outubro de 2015, com fundadores da IPRB de Anápolis (cf. Anexo 3, p. 1-4), confirmou-se algumas tendências do avivalismo na época de implantação (década de 1960-1970). Os esforços foram pautados no ensino de uma teologia cristocêntrica, da Bíblia como regra de fé, e de buscar o batismo com/do Espírito Santo e os dons espirituais, em especial o dom de línguas. No Estatuto da 2ª Igreja Presbiteriana Reformada, registrado em Anápolis em

¹⁰ Todos esses pastores são citados no site oficial da IPRB, no rol de pastores e evangelistas pioneiros da instituição na década de fundação, 1970. Disponível em <http://www.iprb.org.br/historia/iprb/pastores_fundadores.htm>. Acesso em: 26 set. 2016. Já a Ata de Fundação da IPRB Anápolis, cf. Anexo

¹¹ O Estatuto também foi registrado em Cartório, mas em data anterior (2º Tabelionato de Protestos e Registros de Anápolis), e também se encontra no anexo como Documento nº II.

¹² No ato da fundação estavam presentes 24 homens e 28 mulheres, de variadas atividades profissionais, salientando: 14 estudantes, 16 domésticas (não se especifica se são trabalhadoras domésticas ou apenas mulheres do lar), 2 professores e 3 balconistas além de: telegrafista, laboratorista, tipógrafo, telefonista, tratorista, desenhista, açougueiro, comerciária, borracheiro, bancária, militar, evangelista e pastor. O pastor Marcos Antônio Pereira permaneceu como pastor oficial da Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis que pertencia, e ainda pertence, ao Presbitério Brasil Central, que incluía o Distrito Federal e Mato Grosso. O Estatuto da Igreja da IPRB já havia sido registrado em Cartório desde maio de 1977.

1977, figura como finalidade da IPRB de Anápolis, em seu Art. 4º “Doutrinar seus membros a buscarem o batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais e a santificação de suas vidas”.

Há que se notar que no período de sua implantação a denominação contou com um público muito variado, mas com predominância de grupos sem prestígio político ou social (14 estudantes e 16 mulheres com a função de domésticas, além de uma variada gama de pessoas com ocupações de baixa remuneração: balconistas, tratorista, borracheiro etc.). Esses dados confirmam a observação de Mariano (2008):

Há centenas de diferentes denominações pentecostais no país. Dada a diversidade institucional e a pluralidade interna desse movimento religioso, não é despropositado falar em pentecostalismos, no plural. Pois, além da presença de elevado número de igrejas existentes e concorrentes, há grande variação doutrinária, ritual, litúrgica, organizacional (governo eclesiástico), comportamental e estética nesse meio religioso. Variam igualmente suas estratégias proselitistas, seu público-alvo, sua relação com os poderes públicos, com a política partidária e com os meios de comunicação de massa. Em suma, trata-se de um fenômeno religioso dinâmico e internamente muito diversificado (MARIANO, 2008, p. 69, 70).

A IPRB teve no seu início em Anápolis uma variedade de pessoas que não compunham a classe privilegiada na sociedade, mas tampouco estavam entre a população brasileira de desempregados, ou ocupando as estatísticas como os de “extrema pobreza”. O que reforça o fato de se falar em “pentecostalismos”, como afirmam diversos autores, dentre eles Mariano (2008) e Trombetta (2015); entre outros, o pentecostalismo produziu: novos ritos; traços da cultura local; traços do contexto em que se inseria oferecendo soluções para os problemas imediatos e terrenos, de ordem emocional, financeira, familiar etc.

Aconteceu em Anápolis, na década de 1970, com a recém-fundada IPRB, o que ocorreu em outras partes do Brasil: o pentecostalismo avança a partir de dentro das igrejas de missão e carrega traços de sua teologia (REILY, 2003). Mesmo com traços teológicos de identificação, as diferenças entre evangélicos pentecostais e evangélicos de missão permaneceram nas décadas posteriores à implantação do pentecostalismo no território brasileiro.

Por causa dos métodos e o tipo de espiritualidade comuns entre os pentecostais (tendência proselitista; moralismo rigorista proibindo cinema, teatro, TV, fumo e álcool; proibindo às mulheres o uso de maquiagem, roupa justa e cabelos curtos), de aspectos de sua teologia (sua interpretação da doutrina do Espírito Santo, especialmente quanto aos dons, seu biblicismo,

sua postura antiecumênica) e ainda por razões sociológicas (seus membros parecem ser de classes inferiores e marginalizadas, e as igrejas pentecostais constituem-se, desse modo, em “refúgio de massas”), houve pouco diálogo entre pentecostais e igrejas históricas do Brasil (REILY, 2003, p. 366).

Atualmente, a Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis tem uma configuração mais parecida com as igrejas de missão, em particular da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). A entrevistada para a pesquisa H2 (cf. Anexo 3) lamentou o fato de que “na Igreja Presbiteriana Renovada não existe mais a busca dos dons nem do batismo com o Espírito Santo (*sic*)”. O depoimento do pesquisado H1 foi na mesma direção, com o acréscimo de que ele, como pastor jubilado da Igreja Presbiteriana Renovada e com mais de setenta anos de idade, está frequentando uma Assembleia de Deus (AD). Ele nos justificou a decisão dizendo que era “porque não se busca hoje o batismo, as línguas e milagres como no início da Presbiteriana Renovada (*sic*)”. Eles alegam que as IPRs perderam as características pentecostais e voltaram a ser “tradicionais” como a IPB.

A IPRB em Anápolis contava, em 2015, com um total de 10 Igrejas, 3 congregações Presbiteriais e 7 Congregações, somando 1824 membros confessantes. É nessa estrutura organizacional e contextual que foi gestada a *Church in Connection*, a princípio como nome fantasia da congregação da 3ª Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis.

1.2. O SURGIMENTO DA IGREJA *CHURCH IN CONNECTION*

No começo das observações da Igreja Presbiteriana Renovada Brasil Sul - *Church in Connection* - em 2014, com espaço físico na Av. Brasil Sul em Anápolis, constatou-se que era uma igreja ligada ao Presbitério das Igrejas Presbiterianas Renovadas do Brasil (IPRB)¹³.

¹³ Os primeiros contatos com a igreja se deram numa reunião de sábado à noite, “*Church Jovens*”, no mês de julho de 2014, para assistir e participar de um debate sobre eleições municipais anapolinas. A Igreja fez um debate envolvendo professores, candidatos e membros da igreja para discutir a participação dos cristãos na política. Nessa reunião, o pastor Thiago Vinícius da Cunha apresentou o programa do debate e explicou o motivo da decoração de toda a igreja com o tema “Guerra espiritual”. A decoração fazia parte dos cultos temáticos (que serão explicados mais adiante) e produzia um efeito estético diferenciado para um templo religioso. Passado o debate, marquei uma entrevista com o pastor que acabou se realizando em novembro daquele ano. A partir de 2015, se intensificaram as minhas visitas, uma vez que percebi um aumento crescente de jovens participantes da igreja e uma constante

O nome fantasia que figurava na fachada era *Church in Connection*, e de acordo com o depoimento do pastor Thiago Vinicius Cunha (cf. Anexo 1, p. 1), na primeira entrevista realizada, ele afirmou que o nome *Church in Connection* era um nome “fantasia” para se “identificar com os jovens” e “tornar a igreja mais atraente” ao público jovem.

O pastor Thiago relatou que iniciou seu trabalho em dezembro de 2009, numa Congregação da 3ª Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, já na Avenida Brasil Sul, em Anápolis, com apenas três pessoas no rol de membros. Segundo seu depoimento, “nenhum administrador quer administrar uma empresa de “fundo de quintal”, e o que eu queria - e quero - é administrar uma multinacional. E, ainda, que se para fazer uma criança comer tem que ter comida colorida, então, eu quis trabalhar o visual da igreja, torná-la atrativa (*sic*)”.

A primeira ação que o pastor Thiago adotou (cf. Anexo 1, p. 1) foi trabalhar o visual da igreja, pintando-a com cores fortes e fazendo grafites nas paredes dentro da igreja, para deixar o local com “uma aparência jovem” e para “atrair os jovens”. Até hoje a igreja está em mudança permanente. Ela já foi pintada de preto, já foi toda grafitada, pintada de branco e, atualmente, (julho de 2016) está pintada como um mosaico de todas as cores.

Do começo de 2010 até 2013, a igreja tinha uma dezena de membros e o pastor almejava algo maior. No seu depoimento para a pesquisa (cf. Anexo 1, p. 7) o pastor Thiago relatou o seguinte acerca desse início:

Na verdade, em 2014 já tinha mais de 3 anos que eu dirigia a igreja, [e] a minha igreja já existia, era Presbiteriana Renovada e funcionava na Av. Brasil Sul em Anápolis. [Então] Eu fui a Miami, e meu amigo aqui de Anápolis, o Genesis, que morava lá, falou da *Church By the Glades*¹⁴(CBG) uma igreja na Flórida. Isso foi em 2014 e o Genesis me falou como funcionava essa igreja, baseada em temáticas e muita criatividade. Daí surgiu a ideia de montar a *Church in Connection* nos mesmos padrões daquela dos Estados Unidos. Conferi sobre a igreja pela internet, não fui em nenhum culto lá (*sic*).

mudança e incrementação nas dinâmicas dos cultos. Como as novidades eram constantes, passei a fazer anotações sobre a dinâmica dos cultos e o uso constante e crescente dos aparelhos multimídia. Dois anos depois, já como aluno do doutorado da PUC-GO, me apresentei novamente ao pastor Thiago Vinicius Cunha, como pesquisador da Universidade, iniciei as entrevistas e me aproximei mais das outras atividades da igreja, como Escola Bíblica e reuniões de homens.

¹⁴ No site <<http://cbglades.com/>> e no site da You Tube <<https://www.youtube.com/user/cbglades>> é possível comparar o quanto a *Church in Connection* copiou os padrões de funcionamento, os cultos performáticos, movimentados e com trilha sonora envolvente e animada, as equipes de dança, o uso das novas tecnologias de áudio e vídeo em grande escala e durante todo o culto com forte presença jovem.

Pesquisando o *site*, o *Instagram* e o *Facebook* da *Church By the Glades* (CBG), igreja que inspirou/inspira a *Church in Connection* (CC), foram constatadas muitas semelhanças. Está no formato dessa igreja nos Estados Unidos o padrão *Church in Connection* (CC). A aproximação começa com a ambientação feita no escuro (como em um cinema), um amplo uso de aparelhos mobile e um conjunto de atuantes: pastor, músicos, técnicos de som e luz, bailarinos, recepcionistas e fiéis. Com o aprofundamento da pesquisa foi constatado, inclusive pelo depoimento do pastor Thiago Vinícius Cunha (cf. Anexo 1, p. 10), que a *Church in Connection* tem como modelo de funcionamento cúltilo, de visual e de ação a igreja nos EUA *Church by the Glades*.

No começo do ano de 2015, o nome *Church in Connection* estava em destaque na fachada principal da igreja, enquanto o nome da denominação, Igreja Presbiteriana Renovada Brasil Sul, figurava bem menor e logo abaixo. Uma demonstração de que a *Church in Connection* ganhava importância e era colocada em maior destaque do que a denominação oficial da Igreja Presbiteriana Renovada. Isso criou problemas com a IPRB, uma vez que a igreja passava a ter outra marca que não a da denominação oficial. Numa das visitas que realizei, no final do primeiro semestre de 2015, a fachada já tinha sido mudada e revertida a situação para a valorização da marca oficial. O pastor Thiago me afirmou que era “para não causar problemas com a denominação”. Voltou a constar Igreja Presbiteriana Renovada - Brasil Sul, mas logo abaixo o nome “fantasia”, em letras menores, *Church in Connection* permaneceu.

Figura 2 – Fachada da igreja em 2015 com o nome fantasia *Church in Connection* em letras menores



Fonte: Próprio autor ¹⁵

Nas entrevistas (cf. Anexo 1, p. 1-4), o pastor Thiago Vinícius Cunha afirmou que a ideia era fazer da *Church in Connection* uma igreja para jovens, com muita música e performances variadas; sem o uso do púlpito, substituído por um grande palco; com o uso e incentivo da leitura da Bíblia por *smartphones* e outros aparelhos eletrônicos, como acontecia nos Estados Unidos na igreja CBG.

Nas observações dos cultos, era frequente ouvir o pastor e os dirigentes usarem o nome *Church* para se referir à igreja, e quase não se falava em Igreja Presbiteriana Renovada. Outro ponto divergente com a organização da IPR de Anápolis era o fato de o pastor Thiago Vinícius Cunha atribuir o título de pastora à sua esposa Késia Dayane Cunha - que atuava e continua a atuar - como pastora na direção do louvor, nas orações de intercessão pela igreja, nos trabalhos com as mulheres e no aconselhamento durante a semana. Apesar de não existir o cargo de pastora na IPRB.

De acordo com o Regimento Interno da IPRB, o nome “Igreja Presbiteriana Renovada” constará exclusivamente da identificação da Igreja Local (Regimento

¹⁵ Esta foto foi tirada com o celular em novembro de 2015.

Interno, Art. 21). Conseqüentemente, o uso de um nome fantasia, no caso *Church in Connection* já não estava em harmonia com as diretivas da Instituição maior.

Em 2016, o pastor Thiago decidiu abrir uma filial da Igreja *Church in Connection* em Goiânia. Como estava ainda filiado à Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, ele precisava pedir permissão para o Presbitério de Goiânia (na IPRB para se abrir uma congregação em outra cidade faz-se necessário a autorização do Presbitério da cidade). No relato feito pelo professor do seminário da IPRB, Antônio Lopes de Souza Filho, que fora presidente do Presbitério Brasil Central por dezoito anos até 2012, (cf. Anexo 3, p. 5) tal decisão de abrir Congregação sem consulta ou permissão prévia “gerou mal-estar na denominação”. Conquanto, o pastor Thiago não tenha aberto a Congregação em Goiânia - isso ele só fez depois de se desligar da IPRB – ainda assim, o fato gerou insatisfação dentro do Presbitério de Anápolis e de Goiânia.

O depoimento do professor e ex-presidente do seminário Antônio Lopes de Souza Filho prosseguiu afirmando que o pastor Thiago reuniu os membros de sua igreja e declarou que a IPRB estava com uma visão muito limitada do trabalho a ser realizado. Estava lançada a deixa para a separação definitiva da denominação.

Em julho de 2016, a *Church in Connection* se desliga da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB) e se firma com o nome institucional *Church in Connection*. Para isso, foi realizada uma Assembleia com a participação dos membros do Presbitério de Anápolis e dos membros filiados à Igreja Presbiteriana *Church in Connection*. Por decisão do Presbitério Brasil Central da IPRB, o patrimônio da *Church in Connection*, que por força estatutária deveria ficar com a IPRB, acabou sendo entregue ao pastor Thiago Vinícius Cunha “para evitar desavenças”, palavras do professor do seminário e ex-presidente da instituição Antônio Lopes de Souza Filho. Logo em seguida, a *Church* leva o seu nome para as cidades de Goiânia e de Nerópolis dando início ao trabalho fora da cidade de Anápolis com duas Congregações.

Em franco desenvolvimento com o largo uso do sistema multimídia¹⁶, comunicação eletrônica, muito marketing e criatividade nas suas realizações, a *Church in Connection* seguiu atraindo o público jovem (mais de 2/3 do total dos frequentadores tem entre 15 e 30 anos) que se tornou fiel à instituição.

Figura 3 – Fachada da igreja *Church in Connection* em julho de 2016



Fonte: Próprio autor ¹⁷

Com um templo adaptado interiormente para reunir pouco mais de mil pessoas, *Church in Connection* passa a ser o nome oficial da igreja, sendo retirado o nome da Igreja Presbiteriana Renovada Brasil Sul. Outro prédio foi alugado em frente à sede para funcionar como *Church Kids* (igreja para crianças). Nesse novo prédio funcionam as reuniões de escola dominical para crianças e reuniões ampliadas da liderança ou reuniões de oração durante a semana.

Em setembro de 2016, o pastor Thiago Vinícius da Cunha mudou novamente a fachada da igreja, pintando-a da forma como se encontra no registro abaixo. Fiel às mudanças constantes, incluindo modificações na parte física, ele alterou também o slogan que acompanha o material da igreja na mídia impressa e eletrônica, que era:

¹⁶ De acordo com Castells (2007, p. 450-462), o sistema multimídia surge pela integração dos diversos meios de comunicação e seu potencial interativo. Ele ainda salienta a fusão do novo sistema como mídia de massa personalizada globalizada com a comunicação mediada por computadores.

¹⁷ Esta foto foi tirada com o celular em 14 de julho de 2016.

“Juntos somos mais fortes!!! Juntos vamos mais longe!!!” para um novo slogan: “Não é sobre ter um lugar cheio de gente, é sobre ver muita gente encontrando o seu lugar”.

Figura 4 – Fachada da *Church in Connection* na Av. Brasil Sul, Anápolis, em setembro de 2016



Fonte: Próprio autor¹⁸

Apesar das mudanças constantes e das muitas novidades e performances diferenciadas para o meio religioso evangélico, a *Church in Connection* é, na verdade, inspiração norte-americana. Se a estética trabalhada pela *Church* tem características coloridas, com muitas luzes e som gospel e uma proximidade enorme com os modos de consumo do meio jovem, isso se deve à importação do modelo da igreja *Church By the Glades* na Flórida.

O modelo ritualístico e performático é cópia do norte-americano e tem entrada no nicho jovem de consumo. Dessa forma, é preciso voltar o interesse para a organização da *Church By the Glades* e anotar até que ponto esse modelo religioso tem influência no ambiente religioso brasileiro. A origem de uma igreja com apelo hegemônico no meio jovem, com o uso de aparelhos eletrônicos em larga escala e ambientação cültica espetacular, hollywoodiana, está nos Estados Unidos. Apesar do inegável carisma do pastor e fundador da *Church* no Brasil, o pastor Thiago, todo o aparato de apoio e sustentação da eficácia ritualística foi copiado. O modelo foi importado, embora não existam contatos nem missionários americanos para divulgá-

¹⁸ Esta foto foi tirada com o celular em 30 de setembro de 2016.

lo, a internet se encarregou de possibilitar o conhecimento e reprodução de como interagir mídia e religião, numa simbiose agregadora e atual.

1.2.1. *Church in Connection* mais do que um nome em inglês

Desde o surgimento da *Church in Connection*, do seu desligamento da IPRB e afirmação como ministério religioso independente, se percebem padrões de apresentação e ação muito bem estruturados e que não surgiram de forma totalmente original. Como apontado anteriormente, e afirmado pelo pastor Thiago Vinicius Cunha, a igreja norte-americana *Church By the Glades* (CBG) serviu e serve de modelo e de inspiração constante. A vontade de alcançar o público jovem também foi uma tônica inicial dos trabalhos desse pastor.

O corpo de jovens especialistas que atua na *Church by the Glades* (CBG) se amplia para funções espetaculares (vide o desempenho do pastor da igreja David Hughes¹⁹, mas também dos bailarinos e bailarinas, cantores, músicos, sonoplastas etc). Existe na CBG um funcionamento com *performance* avançada. Nas apresentações e cultos, acompanhados pelas mídias eletrônicas²⁰, vemos uma forte presença de palco com representações, apresentações e comunicação direcionada de forma planejada e com *performance* apurada do pastor David Hughes.

Não é só do nome *Church* (“igreja” em inglês) que as duas igrejas compartilham, mas de uma visão de culto religioso em sintonia com a população jovem dos dois países. Iremos confirmar essa tendência de comunicação com a juventude no terceiro capítulo desse trabalho quando nos aprofundaremos nos detalhes de convergência entre sistema multimídia e religião.

¹⁹ O Pastor David Hughes é o Pastor principal da igreja *Glades*, que tinha no seu início menos de 500 membros e hoje (2016) tem mais de 9000 membros. Ele é apresentado como inovador, criativo e apaixonado em apontar Cristo para as pessoas. Formado pela Universidade de Baylor e pelo Seminário Teológico do Sudoeste nos EUA. O Pastor David é também apresentado como “um produto caseiro do Sul da Flórida, sensível à diversidade e oportunidades únicas na área”. Disponível em: <<http://www.cbglades.com/>>. Acesso em: 20 maio.2016.

²⁰ Alguns programas e performances estão disponíveis no *site* <<http://www.cbglades.com/>> e também pelos aplicativos: *Instagram* (acessados por *cbgladessample*, *#churchbytheglades*, *cbglades*, *pastordhugles*) no *facebook* <https://www.facebook.com/pg/cbglades/photos/?ref=page_internal> e no canal do You Tube<<https://www.youtube.com/user/cbglades>>.

A *Church By the Glades* se afirma no cenário religioso norte-americano (contando com mais de 9.000 membros) se beneficiando do sistema multimídia. Mais ainda, compondo um quadro da sociedade atual que se estrutura de forma Global, Informatizada e em Rede (trataremos dessa questão mais adiante usando o teórico Manuel Castells, que discorre sobre a mídia na sociedade informatizada e em Rede).

Figura 5 – Imagens do Pastor David Hughes, membros da igreja e momento de culto na *Church By the Glades*



Fonte: Instagram, cbglades e pastordhuges²¹

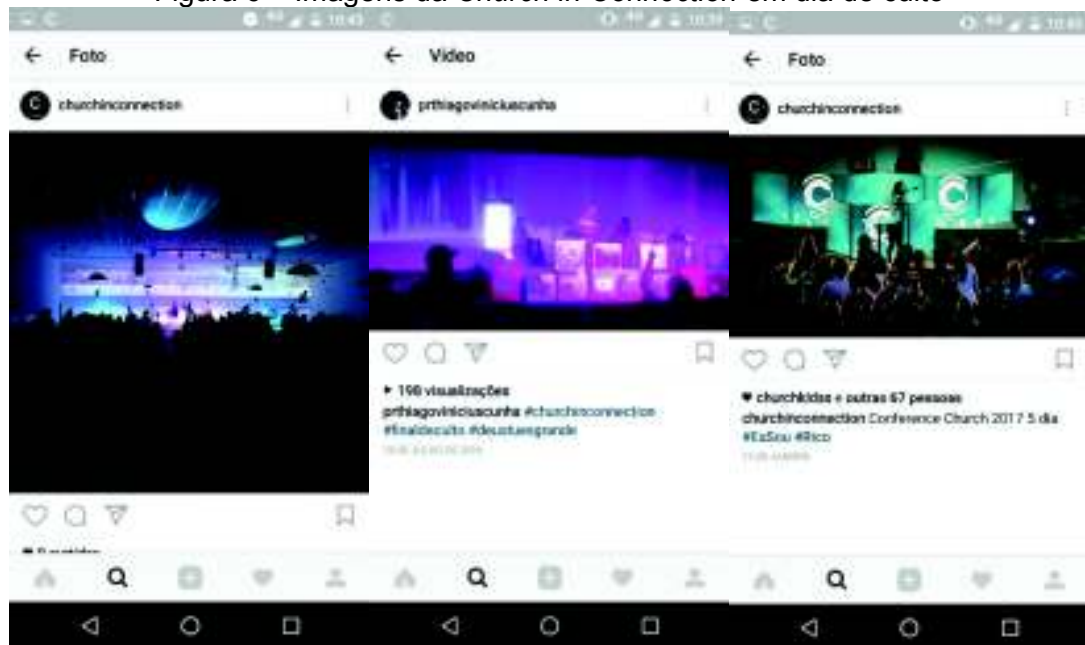
Na primeira foto acima, vemos o pastor David Hughes, sua esposa e membros da igreja, numa série apresentada no culto temático “Spooktacular”. Os personagens que o pastor e seus líderes representam são tirados das histórias retratadas pelo cinema norte-americano e os super-heróis das histórias em quadrinhos que fazem sucesso na arte cinematográfica. As outras duas imagens são dos momentos de culto à noite no domingo. O padrão de manter as luzes apagadas durante o culto e os canhões de iluminação coloridas no louvor foram copiados pela *Church in Connection*. Apesar de não estar no mesmo padrão de sofisticação de espetáculo, a *Church in*

²¹ Fotos retiradas dos sites em 21 de dezembro de 2016, cujos endereços eletrônicos estão na nota de rodapé 20.

Connection copia o esquema temático de culto e a caracterização do pastor com a temática escolhida, como faz a *Church By the Glades* (CBG).

A reprodução pelas mídias eletrônicas também obedece ao mesmo padrão de imagens, de ação e de enquadramento da plateia. Tudo é um show porque esse show é uma linguagem, e linguagem eficiente para estabelecer contato com os jovens. Muito bem preparada e com alta tecnologia, as propagandas das duas marcas CBG e CC também seguem o mesmo padrão. Nas imagens é possível perceber a semelhança do templo da *Church*, no escuro em momento de culto, e com canhões de luzes que iluminam a programação, tornando-a animada.

Figura 6 – Imagens da *Church in Connection* em dia de culto



Fonte: Instagram, churchinconnection²²

As semelhanças das igrejas não são mera coincidência. Além das imagens, as mensagens que as acompanham sempre são muito diretas, como por exemplo, a da apresentação no site²³, que diz ser a *Church by the Glades* “uma igreja que não quer se apresentar com comentário abreviado e ‘enlatado’ sobre várias doutrinas”, em vez

²² Endereços eletrônicos do Instagram e do site da churchinconnection já foram identificados neste trabalho. Acesso em: 21 dez. 2016.

²³ Todos os dados aqui apresentados estão disponíveis em <<http://www.cbglades.com/>>. Acesso em: 22 dez. 2016

disso, ela diz “se valorizar por ser original criativa e honesta”. A apresentação religiosa, textual, é feita por pequenos textos, precedidos das seguintes frases do pastor e fundador da igreja David Hughes:

- “Meu Deus tem um hábito santo de escolher os perdedores”.
- “Sua atitude sobre o seu problema é o seu problema”.
- “Somos uma casa simples, somos sobre Jesus e sua palavra”.
- “Não deixe a dor de ontem dotar o futuro amanhã”.
- “Quando você diz SIM a Jesus, meu grande Rei o liberta”.

As explicações que se seguem são também bem sucintas. A narrativa central é a de que Jesus Cristo é o coração de tudo o que a igreja faz e de que “Jesus é uma presença extraordinária e excitante para se andar sempre em qualquer lugar do planeta”. Para explicar a *Church By the Glades* são abertas janelas no site com inscrições demonstrativas da igreja e do mundo, tais como:

- **ÓRFÃOS CULTURAIS:** Desiludido, desprotegido, cético e entediada, esta geração está espiritualmente com fome, mas muitas vezes intocada e impassível com o que experimenta em seu limitado encontro com a igreja. O mundo está cheio de pessoas quebradas. Órfãos cultivados. Céticos do "absoluto" ainda anseiam por um padrão. Os corações quebrados trilham contra a verdade, enquanto a buscam desesperadamente. Eles constantemente se esforçam para algo mais, esperando que apenas "mais uma coisa" será suficiente para seu desejo - não sabendo que sua fome é para Cristo ... O único que pode satisfazer.

- **UMA NAÇÃO DE FÉ:** Diversidade é uma palavra comumente usada para descrever as pessoas que frequentam nossos cultos. E nós adoramos! Somos um povo, mas profundamente diferentes. Uma família, mas culturalmente diversa. Todos com origens, encargos e bagagens únicos, mas com sonhos e desejos similares.

- **AS PESSOAS SÃO IMPORTANTES:** Todas as pessoas são feitas por Deus, o que significa que todas as pessoas são valorizadas por Deus. Estamos cheios de potencial ilimitado, mas tragicamente falho. O Calvário (onde Jesus Cristo morreu na cruz) prova que as pessoas são importantes para Deus - elas também são importantes para nós²⁴.

Na campanha publicitária da *Church in Connection*, nos anos de 2014/15, figurou uma expressão que foi síntese desse terceiro aspecto da propaganda de apresentação da *Church By the Glades* – sobre serem importantes todas as pessoas com suas imperfeições – a expressão dizia que a *Church in Connection* “era um lugar perfeito para pessoas imperfeitas”. Uma última observação, ainda sobre a *Church by*

²⁴ Tradução própria do site <<http://churchbytheglades.com/>>. Acesso em: 26 dez.2016.

the Glades, fica por conta da liderança carismática do pastor David Hughes e da ambiência carregada de emoções com as montagens cênicas e performances do corpo religioso. No site *Yelp* – redes sociais –, que é um guia urbano de serviços compartilhados por usuários sobre dicas de programas e lugares para serem frequentados nos EUA, são várias as informações dadas sobre a CBG, dentre elas uma que diz ser o culto da igreja um lugar de “amor absoluto e de desfrutar de pregações com a “melhor equipe de produção ao redor” e “ótima para todas as idades”²⁵.

Essa tônica na produção cinematográfica e na realização de *shows*, que deve variar com base nos temas adotados, aproxima o *modus operandi* das duas denominações, a dos EUA e a do Brasil. Com orçamento bem menor que sua inspiradora nos EUA, a *Church in Connection* tem, além do anglicismo (que será estudado mais à frente) um dirigente carismático e uma equipe engajada para tirar o melhor proveito das mídias e das técnicas para fixação da marca *Church*. A marca, em inglês, chama a atenção pelo efeito monossilábico e fácil de pronunciar, além de se associar a algo novo no mercado religioso de Anápolis, onde as variações dos nomes das igrejas giram sempre, ou, na maioria das vezes, em torno do nome “Assembleia de Deus”, ou alguma outra denominação do campo social tradicional das religiões, fazendo as pessoas associarem o nome a algo conhecido.

1.2.2. O Pastor e Fundador da *Church in Connection*

Na linguagem de Weber (2014, p.159), um líder carismático é objeto de interesse da sociologia, menos pelas suas atitudes heroicas ou valorativas, e mais pela sua capacidade de influenciar, conduzir e liderar seus “adeptos”. Dessa forma, o estudo de um líder religioso se inclina para o desvelar das qualidades que o fazem assumir essa posição e desfrutar de uma avaliação positiva dos seus “dominados”. Em suas palavras, Weber afirma: “denominamos ‘carisma’ uma qualidade pessoal considerada extracotidiana [...] e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos,

²⁵ Tradução própria: <<https://www.yelp.com.br/biz/church-by-the-glades-coral-springs>>. Acesso em: 26 dez.2016.

extracotidianos específicos, ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’” (WEBER, 2014, p. 159).

No mesmo texto sobre o líder carismático, o sociólogo Weber enfatiza que “a associação de dominação *comunidade* [dos adeptos (N.T.)] é uma relação comunitária de caráter emocional”. Isso quer dizer que essa comunidade não se faz pela via dos profissionais, no sentido de se basear em causas racionais e hierárquicas, como é o caso das lideranças baseadas na tradição (caso do líder patriarcal) e da liderança racional, em especial a burocrática (WEBER, 2014, p. 160).

A trajetória do pastor Thiago Vinícius Cunha pode nos revelar o caráter de sua liderança e a importância fulcral do exercício do seu poder na formação de uma comunidade de fé, a *Church in Connection*.

1.2.2.1. Pastor Thiago Vinicius Cunha, origem e influências

O pastor Thiago Vinícius Cunha é natural de Ourinhos - SP, mas morou em São Paulo, capital, onde se tornou cristão. Nascido em 22 de Junho de 1982, a conversão do pastor Thiago se deu através da igreja pentecostal “Época da Graça”, em São Paulo, onde morava com sua mãe. A sua conversão aconteceu quando ele tinha 18 anos e, no seu relato, ele já conhecia o evangelho, pois tinha frequentado a Igreja Quadrangular em Ourinhos, onde morou com sua avó materna até os 16 anos de idade. Seus pais eram separados, sua mãe comerciária e seu pai carpinteiro. Morou com sua mãe e padrasto em São Paulo, estudando em colégios públicos, mas se interessou pelos estudos apenas após a conversão, quando passou a participar de evangelizações nas ruas de São Paulo com membros da Igreja “Época da Graça”.

Depois da conversão, esteve no Ministério Pentecostal denominado “Torre Forte”, em São Paulo, e se dirigiu para Brasília com o objetivo de se preparar para Missões Evangélicas. Em Brasília, conheceu Késia Dayane, filha do pastor da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB), Valdemiro Reis e Gelma de Cássia, que estudava na agência de Missões AMIDE. Um ano após se conhecerem, eles se casaram e mudaram para Anápolis; ele com o intuito de cursar o Seminário da Igreja Presbiteriana Renovada Brasil Central; e ela para estudar Letras na UniEvangélica e

também estudar no mesmo Seminário (cf. Anexo 1, p. 1). Juntos fundaram a *Church in Connection* que contou com o apoio e participação da mãe dela, chamada de pastora Gelma, que dirigiu até julho de 2016 um culto às 3^a feiras à noite chamado “culto de libertação”.

No seu relato, o pastor Thiago deixou claro sua formação religiosa dentro dos quadros do movimento pentecostal brasileiro. Antes de relatar sua conversão na igreja pentecostal “Época da Graça”, ele já havia frequentado com regularidade (sua avó o levava até os 16 anos) a Igreja do Evangelho Quadrangular.

A terceira igreja que ele passou a frequentar, a segunda depois da conversão, foi outra igreja pentecostal, a igreja “Torre Forte”, na cidade de São Paulo. No seu relato (cf. Anexo 1, p. 1) declarou que essa igreja estava direcionada ao público jovem, com muitas programações e eventos de evangelização realizados pelos jovens da igreja. Ele relatou que a liderança dessa denominação pentecostal também era jovem e era constante o uso dos chamados dons espirituais, como falar em línguas estranhas (glossolalia) e profetizações.

A quarta igreja a que ele se filiou para entrar no seminário, e que era a igreja de sua jovem esposa, foi a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, na cidade de Anápolis.

Não deixa de ser curiosa a observação feita por Mariano (2013, p. 120-121), de que, nas décadas de 1980/90, o Brasil passava por um processo de modernização socioeconômica e cultural, que produzia o avanço da liberdade e do pluralismo religioso em solo nacional. Nesse período, a hegemonia da Igreja Católica Romana seria abalada, em especial por grupos concorrentes no âmbito das igrejas evangélicas pentecostais²⁶. Nota-se que o pastor Thiago Vinícius Cunha, exatamente na década

²⁶ De acordo com Mariano (2013, p. 119): “Os dados do Censo 2010 sobre religião confirmam as tendências de transformação do campo religioso brasileiro, mutação que se acelerou a partir da década de 1980, caracterizando-se, principalmente, pelo recrudescimento da queda numérica do catolicismo e pela vertiginosa expansão dos pentecostais e dos sem religião. Entre 1980 e 2010, os católicos caíram de 89,2% para 64,6% da população brasileira, queda de 24,6 pontos percentuais. Os evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2%, acréscimo de 15,6 pontos, enquanto os sem religião expandiram-se num ritmo ainda mais espetacular: quintuplicaram de tamanho, indo de 1,6% para 8,1%, aumento de 6,5 pontos. O conjunto das outras religiões (incluindo espíritas e cultos afro-brasileiros) dobrou de tamanho, passando de 2,5% para 5%. De 1980 para cá, portanto, prosperou a diversificação da pertença religiosa e da religiosidade no Brasil, mas se manteve praticamente intocado seu caráter esmagadoramente cristão”.

de 1990 em diante, flutuou entre quatro igrejas pentecostais diferentes, participando ativamente de três delas como voluntário e pregador. A sua opção livre, consciente e voluntária reforça o fato de que “a religião passava a ser uma questão de preferência ou opinião pessoal” e que passava também para o campo da “experiência privada e subjetiva”.

Matriculado no Seminário Presbiteriano Renovado do Brasil Central (SPRBC) em 2007, terminou a graduação em teologia em 2010, quando praticamente já havia assumido os trabalhos numa Congregação da 3ª Igreja Presbiteriana Renovada no Setor Sul de Anápolis como seminarista. Em 2014, ele afirmou (cf. Anexo 1) que “esses recursos multimídia eram parte interessante para o funcionamento de uma igreja que poderia ser atraente para os jovens, convidativa e mais sintonizada com esse público”.

Apesar de formado em teologia pelo seminário em 2010, só em 2015 ele conseguiu a ordenação de pastor²⁷. A partir de então, a Congregação que ele dirigia passou oficialmente a se chamar: Igreja Presbiteriana Renovada Brasil Sul. O nome fantasia já figurava logo abaixo como: *Church in Connection*.

O tempo extra de demora na ordenação do pastor Thiago Vinicius Cunha não foi explicado, conquanto o Regimento Interno da instituição (Art. 83, I) estipule um período probatório de 2 a 4 anos para ordenar um pastor que seja portador de diploma teológico. No caso do pastor Thiago Vinicius Cunha, a instituição ainda demorou mais 1 ano (foram 5 anos depois da formatura do pastor) para sua recepção no rol de pastores. O presidente do Seminário Presbiteriano Renovado Brasil Central (SPRBC), professor Ivailton José Soares, nos disse numa visita realizada no dia 1 de maio de 2015, que a denominação ainda estava observando a ação do então seminarista Thiago Vinicius Cunha, uma vez que havia aparecido o problema com os nomes da IPBR e da *Church in Connection* na faixa da igreja. É compreensível que a

²⁷ A “ordenação”, de acordo com a “Constituição” da IPRB, disposta no Regimento Interno da Instituição no Capítulo V, Art. 88, p. 58 “é a cerimônia de investidura sagrada e definitiva do pastor auxiliar [aquele que tem o diploma de curso teológico] no ministério pastoral”. A partir daí o pastor é considerado ministro do evangelho e apto para exercer a direção espiritual e administrativa de uma Igreja Local e a presidência do respectivo Conselho.

denominação, em função dessa questão, adiasse a ordenação do pastor. Bourdieu (1998) dá uma pista para esse fato quando afirma o seguinte:

Na medida em que consegue impor o reconhecimento de seu monopólio (*extra ecclesiam nulla salus*) e também porque pretende perpetuar-se, a Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação (como por exemplo as seitas e todas as formas de comunidade religiosa independentes), bem como a busca individual de salvação (por exemplo, através do ascetismo, da contemplação e da orgia) (BOURDIEU, 1998, p. 58).

No caso da Church, pode-se dizer que, no início de 2015, já dava demonstrações concretas em se estabelecer como ministério ou Igreja independente. Contudo, recebido no rol de pastores da igreja, com cinco anos de trabalhos prestados na Congregação da 3ª Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis da região Sul, o pastor Thiago se viu enquadrado na tipologia que lhe conferiu “poderes legais” dentro da instituição.

[...] a legitimidade do depositário do poder para dar diretivas funda-se em preceitos racionalmente estabelecidos por promulgação, convenção ou imposição. E a legitimação para estabelecer estes preceitos funda-se em uma “constituição” racionalmente ditada ou interpretada. [...] O depositário do poder de mando é o “funcionário”; ele jamais exerce esse poder por direito próprio; ele lhe pertence na medida em que é o administrador da “instituição” impessoal (WEBER, 2010, p. 39).

O Pastor Thiago Vinícius Cunha era, portanto, em linguagem analítica, um “funcionário” da IPRB em uma das suas igrejas na cidade de Anápolis. Empoderado, intelectual e teologicamente, o então estudante Thiago Vinícius Cunha foi ordenado pastor da instituição em 2015.

No seu depoimento (cf. Anexo 1, p. 4), o pastor Thiago se classificou como Pastor Reformado - disse seguir os “ideais da Reforma Protestante do século XVI, adotando os princípios da Bíblia como única regra e fé de vida”. Nessa mesma entrevista, ele disse “não se considerar Pentecostal”, apesar de “crer no uso dos dons espirituais para os dias de hoje, acreditar em milagres” e manter uma liturgia com forte ênfase no louvor e adoração. Contudo, não foi verificado o uso dos dons espirituais (glossolalia e profecias) nos cultos e nas outras programações da igreja. A cura e os milagres também não fazem parte da liturgia da igreja.

O pastor Thiago Vinícius Cunha declarou acreditar que “foi Deus” quem o escolheu para ser pastor, e fala da “Soberania de Deus” e da “graça irresistível de

Deus” quando se apresenta pelo Aplicativo (App) da *Church* no celular. A narrativa de sua vida feita pelo *App* do celular é a seguinte: “Em sua adolescência viveu por um período distante de Jesus, contudo compreendeu que verdadeiramente *a graça é irresistível* e com 18 anos foi novamente reconciliado com a cruz de Cristo”.

Como aluno que foi do Seminário da Igreja Presbiteriana Renovada Brasil Central, em Anápolis, o Pastor Thiago demonstra nas pregações a influência dessa formação teológica própria da sistematização realizada por essa escola.

Nos depoimentos (cf. Anexo 1, p. 7), o pastor Thiago confirma sua posição teológica de crença na Predestinação (de base calvinista), ele inclusive se denomina calvinista. Conquanto na prática isso seja irrelevante, pois o próprio pastor relativiza as “questões teológicas” e dê ênfase no aumentar o número de jovens na igreja, sem se importar com querelas doutrinárias relativas ao calvinismo.

1.2.2.2. Pastor Thiago Vinicius Cunha, pastor de jovens

Quando da primeira entrevista para a pesquisa (cf. Anexo 1, p. 2), o pastor fez o seguinte relato: - “No começo, quando vim trabalhar na igreja, eu procurei uma escola aqui perto, uma escola estadual de ensino médio que funciona perto da igreja, para trabalhar como voluntário e assim me aproximar dos jovens e levar a mensagem da igreja. Foi isso que eu fiz” (*sic*).

Sua visão sempre foi de montar uma igreja para o público jovem. Nesse mesmo depoimento, ele declarou que quando chegou, como seminarista, para dirigir a Congregação da 3ª Igreja Presbiteriana Renovada, em Anápolis, no bairro setor Sul, ele grafitou as paredes da igreja com a intenção de tornar o ambiente mais adequado ao público jovem que se identificava com essa arte.

Com 28 anos de idade na ocasião, ele sempre usou uma linguagem jovem nas suas comunicações e foi agregando ao longo do tempo (observamos isso nas participações dos cultos cf. Anexos 4 e 5) um conjunto de características que tornaram as suas programações muito atrativas e identificadas com a música gospel, com a estética e vestimenta dos jovens e dos aparelhos eletrônicos mais sofisticados na transmissão de suas mensagens.

Logo que assumiu os trabalhos em 2010, o então seminarista Thiago começou uma série de modificações como o de estabelecer uma reunião para os jovens aos sábados, a partir das 22h, que segundo seu depoimento para pesquisa (Anexo 1, p. 2, 3), era “para concorrer com as festas que começam nesse horário” e “para acolher jovens de outras igrejas cujas reuniões se findam antes das 22h”. A ideia que ele expôs no mesmo depoimento é de que ele queria “criar uma alternativa para os jovens evangélicos da cidade de Anápolis que saem das igrejas e buscam festas e bares a partir das 22h, e que é o horário que os jovens [que não frequentam igrejas] estão saindo de casa hoje” (*sic*).

O Pastor Thiago também montou as seguintes programações: dia especial para jogar *futebol society* com os membros e convidados da *Church*; promoção constante de seminários para debates de temas da atualidade; realização do *Lual*, programa que acontece esporadicamente aos sábados à noite e se estende pela madrugada com o nome de “*Altas horas, fé inteligente na madrugada*”; promoção de shows com cantores gospel trazidos de fora e com renome no mundo evangélico; festa estilo junina, em frente à igreja, com a rua interditada, com músicas e danças típicas, mas sem uso de álcool; montagem e serviço de uma sanduicheria dentro da igreja, a *Church Food*, que também já se chamou “*Jesus is King*” (lembrando uma rede de sanduiches famosa, *Burger King*, para vender sanduiches e manter os jovens unidos em bate-papo por mais tempo dentro da igreja); promoção de eventos especiais para crianças na *Church Kids*, às 2ª feiras: sorteios e rifas de produtos como o de um Iphone 6 e de um Iphone 7 para quem fizesse download do App “*Church Connection*” no celular, além de outras novidades. Tudo com linguagem e comunicação setorizada, para chegar com facilidade ao seu público jovem.

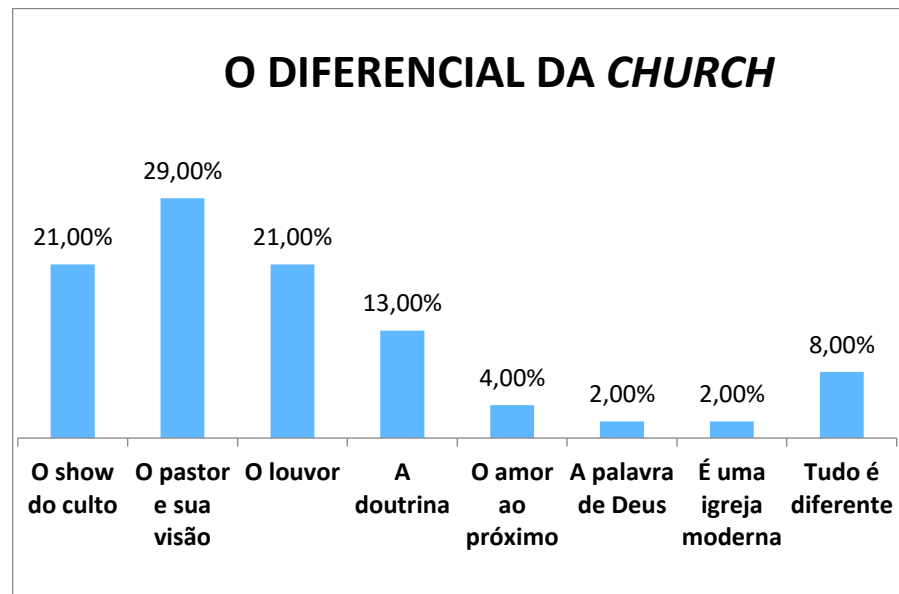
Sem o uso de paletó e gravata, o pastor Thiago sempre se apresentava com roupas coloridas, calças jeans, camisetas, boné e todo o traje característico da juventude na atualidade. Segundo seu depoimento, este era o seu estilo, mas a intenção era se aproximar e se identificar com os jovens e seu modo de viver.

Merece destaque a iniciativa do pastor Thiago Vinícius Cunha em fazer quatro tatuagens nos braços, com os nomes dos filhos, ele mesmo nos relatou que a iniciativa trouxe problemas com alguns membros (Anexo 1, p. 8), mas que é importante a sua identificação com os fiéis, dentro de limites: - “Fiz quatro tatuagens e tive um choque

forte. A igreja é muita dinâmica mas a figura do pastor é muito ‘intocável’, daí as pessoas não aceitam algumas coisas. [...] Tenho alguns jovens que vieram do meio Pentecostal e são mais resistentes. Muitas pessoas criticaram” (*sic*).

Essa forma específica de agir e de se portar possibilitou a identificação dos jovens que chegavam na igreja a se reconheciam de imediato com o pastor. Ele não media esforços na montagem de programas que atraíssem o público-alvo. Um exemplo desse esforço realizado pelo pastor foi o de montar aulas de jiu-jitsu dentro do templo no meio da semana para que os membros jovens da igreja pudessem praticar o esporte e se juntar para um bate-papo. Essa iniciativa não sofreu, segundo o pastor Thiago, nenhuma resistência por parte da igreja, apesar de ser realizada num tatame improvisado no centro do templo. As atividades que agregam a população mais jovem e que representam suas aspirações, como a prática do jiu-jitsu, são adotadas pelo pastor com muito sucesso.

O pastor Thiago, nas suas manifestações de identificação com seu público-alvo, demonstra a importância de se identificar e de se dirigir aos fiéis de forma direta e com programas que os identifique. Vale a lembrança que 80% da igreja se compõem de pessoas com menos de 30 anos de idade. Com essa maioria de jovens congregando, foi importante pesquisar o fator que diferenciava a Church das outras igrejas. Na pesquisa realizada para compreender razões e determinar causas foi aplicado um questionário que combinou questões abertas com questões fechadas que buscaram extrair dos pesquisados o que diferencia a *Church*.

Gráfico 1 – O diferencial da *Church in Connection*

Fonte: Próprio autor

O quadro acima mostra que os fiéis reconhecem a força de liderança do pastor e dão destaque em primeiro lugar para “o pastor e sua visão” (29%). Como o culto é sempre dirigido por ele, a avaliação em segundo lugar sobre “O show que é o culto” (21%), também envolve a *performance* e comunicação do pastor Thiago. Poderemos avaliar melhor essa questão, que envolve um conjunto de significados, na atuação agregada do pastor Thiago Vinicius Cunha como líder religioso carismático, o que faremos a seguir.

Contudo, é bom destacar a importância acertada que o pastor Thiago fez em direcionar todas as realizações da igreja para um público específico (jovens). Ele desenvolve um trabalho de aproximação com seus fiéis. O foco organizacional não se perde do alvo jovem a ser atingido.

1.2.2.3. O sacerdote, o profeta e o virtuoso carismático

Os sacerdotes, de acordo com a tipologia estabelecida por Weber (1991, p. 294), são funcionários profissionais que por meio de veneração tentam influenciar os deuses ou Deus. Os sacerdotes exercem sua função, em uma empresa permanente,

com base em contrato individual e tem um saber específico que se coaduna com a instituição que ele defende.

Foi nessa direção que se iniciou, no final de 2009, o trabalho do então seminarista da IPRB numa Congregação da 3ª Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis, no setor sul da cidade, como já registrado anteriormente, o pastor Thiago Vinicius Cunha. Sua identificação com o presbiterianismo e com o sacerdócio nessa religião tinha caráter oficial, profissional, registrado oficialmente e obedecendo às normas e ao regimento dessa instituição. Ele recebia salário e desempenhava suas funções.

O pastor Thiago buscou como estratégia se concentrar na parcela jovem da população para direcionar seu trabalho eclesial, o que não era contrário à IPRB, e adotou desde o início uma série de novidades na manutenção e preparo dos cultos. Embora mais tarde (2014) tenha adotado para a igreja o nome fantasia de *Church in Connection* e implementado em doses cada vez maiores muitas novidades. Ele mantinha o essencial da racionalidade e sistemática da Presbiteriana Renovada. Isso se dava pela permanência dos cultos, com a celebração da Santa Ceia uma vez por mês, no sacramento do batismo por imersão, na manutenção dos presbíteros no conselho da igreja, bem como no nome oficial de Igreja Presbiteriana Renovada, combinando o aparato material e organizacional da IPRB. Ele estava submetido ao Presbitério da Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis.

Como sacerdote, por consequência agindo em nome de uma instituição maior que ele, o pastor Thiago promovia eventos e divulgava seu trabalho reforçando sua identidade como líder legal da Igreja Presbiteriana Renovada (Cf. depoimento Anexo 1, p. 7).

No ano em que ele conheceu a *Church by the Glades* (2014), que serviria de inspiração continuada para uma nova estrutura de funcionamento da sua igreja no Brasil, o pastor Thiago Vinicius Cunha permaneceu enfatizando a identidade da igreja Presbiteriana Renovada, mantendo o nome oficial e as responsabilidades com essa denominação, mas já inserindo nos trabalhos religiosos o nome de *Church in Connection*, como nome fantasia da Igreja. No começo de 2015, ele ensaiou um “descolamento” do nome *Church in Connection* da Igreja Presbiteriana Renovada

Setor Sul, como demonstrado anteriormente pelas figuras 3 e 4. Nesse momento, se percebe, mais objetivamente, que o pastor Thiago, sacerdote, já se apresentava não apenas como um funcionário da instituição, mas, às vezes, como profeta, crítico dos modelos cúlticos e de alguns usos e costumes, e das atividades religiosas permanentes e da organização administrativa da IPRB. O pastor Thiago apresentava a esposa como pastora Késia Dayane Cunha, o que não correspondia às normas e nem ao regimento da IPRB. Também não fazia cerimônias para receber novos membros, quem quisesse se filiar à igreja (ele usava o termo “aliançar” com a igreja), era só preencher uma ficha que ficava à disposição na entrada do templo. Os departamentos internos da igreja foram remodelados e chamados de "redes", de homens, de mulheres, *kids* etc.

Não é demais lembrar que Weber (2014, p. 303-310) entende que o profeta é portador de carisma pessoal, coisa que o sacerdote pode às vezes ter, mas o sacerdote apenas “distribui os bens de salvação em virtude do seu cargo”, enquanto “o profeta exerce sua autoridade baseado no seu carisma ou numa revelação pessoal”. Nesse particular, se notou que as inovações trazidas pelo pastor Thiago, ainda dentro da IPRB como seminarista e dirigindo uma Congregação, eram novidades que não se coadunavam ao ordenamento geral da instituição, que ele mais tarde criticaria como “instituição de caráter limitado” (cf. Anexo 3, p. 5).

A linha divisória do exercício dessas autoridades da tipologia weberiana, sacerdote e profeta é tênue, e podemos encontrar traços do sacerdote e do profeta no exercício da atividade religiosa do pastor Thiago e no estilo de funcionamento da *Church in Connection*. A tipologia ideal de Weber não é suficiente para enquadrarmos o papel desempenhado por esse pastor.

Na caracterização do “profeta” faz-se presente o seu carisma especial, um carisma que é pessoal e que “em virtude da sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino” (WEBER, 2014, p. 303). A sua diferença com o sacerdote está em que esse exerce autoridade por estar a serviço de uma divindade e “distribui bens de salvação em virtude de seu cargo”, o profeta está vocacionado para a sua tarefa. O que legitima o sacerdote é o seu cargo e o profeta atua em virtude do seu dom.

O pastor Thiago soube usar o capital religioso da IPRB para, aos poucos, implementar novidades e transformações que o habilitaria a se desvincular dessa instituição e criar uma outra que fosse independente e estivesse somente sob sua direção. Nesse processo, ele atuava paralelamente como sacerdote e como profeta. Reforçava e aglutinava fiéis que se identificavam com o capital simbólico acumulado pela IPRB, e, *pari passu*, agia contrariamente a essa organização, nomeando sua esposa pastora, tentando abrir trabalhos em outras localidades sem comunicar a direção da IPRB, adotando uma *performance* alheia à tradição pastoral dessa instituição.

O papel de sacerdote, como descrito por Weber (2014), continuou a ser representado pelo pastor Thiago, senão vejamos: recebia um salário para o trabalho que desempenhava de acordo com as prescrições da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil; os cultos dirigidos por ele envolviam a palavra bíblica como única regra de fé e prática; reforçava os dogmas da IPRB, enquanto igreja cristã, e adotava suas doutrinas quanto à ceia, batismo, autoridade da Bíblia sendo este um livro canônico e sagrado; nos ensinamentos de escola Bíblica Dominical e dos cultos de domingo à noite, o pastor Thiago se reportava sempre ao conhecimento religioso sacerdotal que ele aprendera no seminário da IPRB. Mais uma vez é acertada a seguinte análise feita por Bourdieu (1998):

A gestão do depósito de capital religioso (ou sagrado), produto do trabalho religioso acumulado, e o trabalho religioso necessário para garantir a perpetuação deste capital garantindo a *conservação* ou a *restauração* do mercado simbólico em que o primeiro se desenvolve, somente podem ser assegurados por meio de um aparelho de tipo burocrático que seja capaz, com por exemplo a Igreja, de exercer de modo duradouro a ação contínua (ordinária) necessária para assegurar sua própria reprodução ao reproduzir os produtores de bens de salvação e serviços religiosos, a saber, o corpo de sacerdotes, e o mercado oferecido a estes bens, a saber, os leigos (em oposição aos infiéis e aos heréticos) como consumidores dotados de um mínimo de competência religiosa (*habitus* religioso) necessária para sentir a necessidade específica de seus produtos (BOURDIEU, 1998, p. 59).

Ipsa facto a Igreja *Church in Connection* se aproveitou do *habitus* religioso já consagrado por uma parcela de fiéis, na sua maneira de pensar, sentir e agir, para atrair e fazer crescer o que seria seu próprio público. A porosidade dos papéis de sacerdote e de profeta, exercidos ao mesmo tempo pelo pastor Thiago Vinícius Cunha, possibilitou que jovens de outras igrejas do campo evangélico fossem atraídos

e se tornassem fiéis da *Church*. A pesquisa demonstrou que 78% da igreja eram oriunda de outra igreja evangélica, ou de missão ou pentecostal (Cf. Anexo 6).

O pastor Thiago foi se empoderando ao longo dos anos de exercício do cargo de dirigente da igreja. Seu carisma foi ganhando espaço e ele foi se distanciando de algumas normas da IPRB e se impondo com novas ordenações.

Como a pesquisa nos permitiu a aplicação de questionários, bem como de entrevistas e observação participante, foi possível apreender muitos dados. Alguns questionários foram construídos com questões abertas e outros com questões fechadas. O questionário, dentro da Metodologia do Trabalho Científico, de acordo com Severino (2007) é:

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. Podem ser questões fechadas ou questões abertas. No primeiro caso, as respostas serão colhidas dentre as opções predefinidas pelo pesquisador; no segundo, o sujeito pode elaborar as repostas, com suas próprias palavras e, se for o caso, revisá-lo e ajustá-lo (SEVERINO, 2007, p. 125-126).

No caso que segue, os pesquisados responderam às questões abertas, e conquanto a pergunta fosse clara e objetiva, as respostas pareceram ser de construção ambígua. Senão vejamos: No roteiro para entrevista (cf. Anexo 6, apêndice 3), na pergunta “Como você definiria a *Church*?”, aparecem as seguintes afirmações com palavras-chave:

- “É uma igreja de *Acolhimento*” (sic);
- “É uma igreja *Sem denominação*” (sic);
- “É uma igreja *Não cansativa*” (sic);
- “É uma igreja *Inovadora*” (sic);
- “É uma igreja *Alegre e Animada*” (sic);
- “É uma igreja *Eclética*” (sic);
- “É uma igreja *Estranha*” (sic).

Observando as palavras-chave nas respostas para essa questão aberta, se percebe que a identidade eclesial, longe de formar um todo coerente, passa pelo fator inovação, não determinismo, não identificação com outra instituição do campo religioso cristão, o que concorre para a compreensão do caráter mutante, sempre renovado e dinâmico das atividades da *Church*.

Essas respostas inusitadas (“Igreja Sem Denominação”, “Igreja Estranha”) mostram uma instituição que é importante por aquilo que não é, ou por aquilo que não se entende dela. O seu pastor tem carisma especial e pessoal para dirigir os jovens e oferecer a eles as novidades que eles requerem.

Em 2014, a igreja *Church in Connection* já estava em ritmo acelerado de crescimento. A estratégia bem-sucedida de se aproximar dos jovens, dando formato específico para a igreja e explicitando para si mesmo qual grupo queria atingir, fez com que o pastor Thiago ousasse mais nas programações.

A profissão de sacerdote ainda estava mantida no alinhamento junto às questões básicas da Igreja Presbiteriana Renovada, como por exemplo: no ensinamento de que Deus é soberano e deve ser venerado e não manipulado (fugindo do exercício da magia como definido por Weber, 2014, p. 294); de que a Bíblia é a única regra de fé e de prática, e de que os dons do Espírito Santo são válidos para o mundo contemporâneo (esse último aspecto mais próximo ao pentecostalismo). O pastor Thiago Vinicius Cunha se mantinha, por um lado, como sacerdote, mas remodela as formas cúlticas, criando um nome fantasia para a igreja e passando a aceitar o pastorado feminino. Dessa maneira, ele assume uma postura crítica em relação à IPRB.

Entre 2014 e 2016, o pastor Thiago se apresentava como sacerdote usando termos da doutrina calvinista, da fé reformada e do protestantismo como o caminho cristão, mas, à primeira vista e paradoxalmente, também se apresentava como crítico da instituição oficial (IPRB), quando a igreja o cerceava no alcance de novos grupos e de novas levas de fiéis. Esse caráter empreendedor ganhava força junto aos fiéis. Crescia sua autoridade descolada da instituição matriz.

Weber (2010) nomeia essa autoridade como carismática.

[...] o termo “carisma” será entendido como referência uma qualidade extraordinária de uma pessoa, prescindindo de que seja real, presumida ou suposta. Desse modo, a “autoridade carismática” aludiria a um poder sobre os homens, quer seja primordialmente interno ou externo, ao qual se subordinam os governados em virtude de sua fé na qualidade excepcional da pessoa específica (WEBER, 2010, p. 40).

O que se percebe no desempenho prático das atividades do pastor Thiago, junto à comunidade *Church*, é que os membros que se ajuntam nessa nova congregação imputam ao seu líder a autoridade de condução do grupo, e que o papel de sacerdote e de profeta não se divide de forma contraditória. O pastor é um profeta sem deixar de ser sacerdote.

Nos depoimentos colhidos para pesquisa (Anexo 2, p. 4, 6 e 9) ainda na fase inicial de conhecimento da *Church*, o carisma, como a “qualidade” do pastor Thiago foi retratada de diversas formas:

- Depois [de conhecer a igreja] vê o pastor cumprimentando todo mundo na saída da igreja. Inconscientemente tem uma diferença, eu acredito que esse é um trabalho que não pode se perder. Nas minhas orações é essa essência, que vem do pastor Thiago, não se perca. Porque vem dele (*sic*).

- O pastor é nosso líder espiritual. Ele tem que ter esse perfil de cristo. Ser imitador de cristo. Ele fala muito isso. A humanidade dele, a facilidade que ele tem de falar que ele comete erros. Ele investe muito nas pessoas, tem discipulado tem um monte de coisa. Não são só os domingos. Tem discipulado, eles pegam uma turma e pegam livro, ele e a mulher que é muito ativa, demais. Aí estuda, faz desafio. Eles sempre bolam desafios. Amanhã tem luau de casais. Agora tem pequenos grupos (*sic*).

- Por ele [pastor Thiago] ser muito inovador, ele não quer ficar na mesmice, ele não busca um ritual, uma liturgia. Todo culto é diferente, muitas vezes nós fomos surpreendidos, você espera que vai começar o culto e não é o culto, passa pra oferta. Às vezes a ceia é antes ou depois. Ele dá liberdade. Isso me atraiu. Pra mim é um fator (*sic*).

A junção entre as funções de sacerdote, de ator e de animador, como num programa de auditório, é muito forte. A capacidade de liderar, de ser inovador e de conquistar os fiéis com as pregações e com a *performance* nos cultos é característica singular. Há que se notar também a importante referência ao líder espiritual encarnado pelo pastor junto aos fiéis. Na pesquisa realizada nos meses de novembro e dezembro de 2016, com 41 fiéis da *Church in Connection* (Anexo 6), todos se manifestaram como “muito importante” a atuação do pastor Thiago junto à igreja. Todos os pesquisados (100%) avaliaram o pastor com o grau máximo na pesquisa que é de “muito importante”.

No depoimento para a pesquisa, (Anexos 1 e 4), o pastor Thiago se reconhece calvinista afirmando, com base nessa teologia, acreditar que “as pessoas foram criadas ou para a salvação ou para a perdição”, mas, na mesma entrevista, ele afirmou que é preciso sempre ter algo novo, e assegurou, de forma enigmática, que “a nossa teologia é a do compromisso”. Quem quiser participar da *Church* não precisa acreditar ou defender a teologia da predestinação para a salvação como manifestada pelo reformador protestante Calvino.

Esse paroxismo teológico aponta para o sacerdote que defende a teoria e conseqüentemente se desdobra em doutrinas e comportamentos intramundanos, mas aponta também para o líder carismático que é agregador e percebe a importância de fazer crescer numericamente a sua congregação.

Em mais de uma oportunidade foi observado e registrado, nas pregações realizadas pelo pastor Thiago Vinicius Cunha (cf. Anexo 1, 2 e 3), o empenho dele e de sua equipe em centralizar sua mensagem no campo da religiosidade cristã (os bens de salvação que se assentam num tipo de relacionamento possível, segundo o pastor e sua equipe, com Deus, Jesus Cristo e sua salvação – tudo através do exame livre da Bíblia). Esse papel de sacerdote continua a ser atuante. Esse registro é importante para a pesquisa porque se percebeu que o marketing apurado e a estética atuam como fonte agregadora de uma mensagem, de um produto, de um evento que tem apelo social.

Nas participações realizadas para a pesquisa (entre 2014-2017) se percebeu a predisposição dos adeptos para essa renovação da ambiência de beleza, novidades constantes e comunicabilidade envolta nas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). A virtuosidade do líder carismático permite a troca dos padrões e modelos de ação na *Church*.

Isso não significa que ele faz tudo à vontade, como lhe intui a mente, sua visão está posta nos seus liderados. Na entrevista para a pesquisa (anexo 1, p. 7-8), o pastor Thiago relatou um fato ocorrido na série “Olimpíadas”, quando ele entrou na Igreja de bermudas carregando uma tocha olímpica e foi por isso muito criticado.

- Mediante a crítica a gente observa pois o culto não é para mim..., é para eles..., os fiéis é que são importantes. Anápolis é uma cidade de interior e

mesmo procurando algo novo eles ainda têm dificuldade com algo que eles formularam como inegociável... bermuda é demais, eles não aceitam. Parece que a espiritualidade é sensível nesse momento (*sic*).

A estetização da religião ganha uma importância que sugere ser maior, pelos recursos humanos e materiais mobilizados, do que o ensino teológico. Veremos essa questão no capítulo sobre a convergência da mídia e da religião. Contudo, o exemplo dado anteriormente mostra a preocupação na montagem de ambientes e de representações que não choquem o público e não arranhem a virtuosidade carismática do pastor Thiago Vinícius Cunha. É o que lembra Weber (2010) sobre a legitimidade de uma liderança.

A legitimidade de sua autoridade funda-se na fé e na devoção pelo extraordinário, estimado na medida em que ultrapassa as qualidades humanas normais, e considerado originalmente como sobrenatural. A legitimidade do poder carismático funda-se, conseqüentemente, na fé em faculdades mágicas, revelações e culto ao herói. O alimento dessa fé é a “demonstração” da qualidade carismática por meio de milagres, triunfos e outras façanhas, ou seja, mediante o bem-estar dos governados. Por conseguinte, esta fé, e a presumida autoridade que se funda nela, desaparecem ou ameaçam desaparecer, enquanto falta uma “demonstração” e enquanto a pessoa carismaticamente qualificada parece ter ficado despojada de seu poder mágico ou abandonada por seu deus. O poder carismático não se configura segundo preceitos gerais, quer racionais quer tradicionais, mas, em princípio, segundo revelações e inspirações concretas e, de acordo com essa pauta, a autoridade carismática é “irracional”. Também é “revolucionária” na medida em que não está ligada à ordem existente. ‘Está escrito, mas eu vos digo...’ (WEBER, 2010, p. 41).

Como salientado acima, existe uma expectativa dos liderados em relação ao seu líder. Não se pode frustrar essa expectativa. No caso da *Church in Connection* e de seu líder, que atua concomitantemente como um sacerdote, um profeta e um virtuoso que exerce seu carisma quase de forma livre, deve-se registrar que o extraordinário e imprescindível apontado pelos pesquisados (cf. Anexo 6) é a presença do pastor Thiago Vinicius Cunha com sua dinâmica e carisma.

No depoimento para a pesquisa (Anexo 2, p. 6), o depoente A3 afirmou que “o pastor Thiago está sempre atento às necessidades requeridas pelos fiéis”, sempre “bolando desafios”, “pensando muito na frente”. Com base nessa “atenção” às necessidades dos fiéis, o pastor troca a decoração da igreja, interna e externa; começa um novo tema de pregações aos domingos, ou suspende os que estão em curso; cria novos programas para os dias da semana e final de semana; inventa novas atividades para os jovens; posta vídeos desafiantes na internet e no App da *Church*,

no *Facebook*, *Instagram*, *You tube*; cria novos nomes, geralmente em inglês para movimentos dentro da igreja etc.

Esse carisma na condução de seus liderados possibilita, de acordo com as observações realizadas para a pesquisa nos cultos da *Church in Connection*, uma agregação cada vez maior de jovens (a igreja vem crescendo junto a esse público desde que este pesquisador começou a observar a igreja em 2014). Esses jovens se miram no pastor e na sua condução que serve de modelo e de *start* para que os fiéis se manifestem de forma livre nos cultos, nos cânticos e louvores, no gestual e nas manifestações de fé e prática religiosa. O carisma do pastor Thiago serve como canal para a afirmação e manifestação da subjetividade religiosa dos fiéis. É isso que veremos a seguir, porque esse fator possibilita a adesão e a agregação dos fiéis no corpo religioso, institucional da igreja.

1.2.2.4. O Pastor Thiago, performático e “distribuidor” de carisma

A liderança pelo pastor Thiago cresceu na medida em que ele se confrontou com o usual que marca os cultos dos evangélicos das igrejas tradicionais e da própria Igreja Presbiteriana Renovada em Anápolis. Em depoimento para a pesquisa em 2015 (Anexo 1, p. 1, 2), o pastor Thiago afirmou: - “se existe um hábito estabelecido, como por exemplo, de o pregador no domingo se apresentar sempre vestido de paletó e gravata, eu vou de camiseta, calça colorida e tênis, não me lembro da última vez que fui de paletó e gravata” (sic).

A necessidade de mudança constante, de fluidez no agir, sem apego a temas e a modos consagrados de conduzir os eventos religiosos, faz do Pastor Thiago um comunicador incansável, buscador de animações, de estéticas, de cores e novidades para entusiasmar e trazer gozo aos seus fiéis. Ao mesmo tempo, se percebe que existe a criação de uma comunidade de fé e não apenas de entretenimento. A maneira de se comunicar e o uso permanente do sistema multimídia, que permite a transmissão de mensagens da igreja no sistema on-line de comunicação, criaram uma forma de doutrinação ou de escolarização bíblica ininterrupta. Uma pista disso foi captada pela pesquisa através da questão aberta e semiestruturada quanto ao “maior benefício para os frequentadores da *Church*” (Anexo 6, p. 5). O padrão de respostas

quanto aos benefícios foi: acolhimento, aceitação, fim da solidão, comunhão, amizade, cuidado, acompanhamento. Essas palavras servem de cifras para descrever como os fiéis se sentem em relação à igreja.

Thompson (2014) aponta a comunicação como uma forma de ação. Para esse autor, proferir uma expressão é mais do que relatar ou descrever um estado de coisas, mas é, essencialmente, executar uma ação. Parte daí que a comunicação é sempre intencional, diretiva e busca finalidades - dito de outra forma - a comunicação é uma atividade “através da qual os indivíduos estabelecem e renovam as relações uns com os outros” (THOMPSON, 2014, p. 236-237). Thompson vai além, pois considera que a comunicação deve ser analisada, pelo menos em parte, por seu caráter socialmente contextualizado.

Precisamos nos aprofundar nesse item porque o sucesso e o crescimento da *Church in Connection* nos parece ter relação menos com uma teologia e doutrina e mais com o aparato de sustentação comunicativo da mensagem religiosa e de seu líder. Veremos melhor essa questão no capítulo que trataremos sobre a participação jovem na igreja. Não estamos, com isso, desmerecendo o caráter cristão da teologia dessa igreja, nem mesmo desmerecendo sua forma de estruturar o comportamento dos fiéis. O que continua em destaque (cf. Anexos 2, 5 e 6), em todas as pregações na *Church*, são as novidades trazidas pelo seu líder, o pastor Thiago que é unanimidade quanto à sua atuação (100% de aprovação dos participantes da igreja – pesquisa Anexo 6). Os fiéis e os frequentadores da igreja veem a atuação do pastor Thiago como “muito importante” para a *Church*. E isso tem relação não somente com as pregações bíblicas, mas com sua ação, na forma como Thompson salienta.

Nos registros de cultos dominicais, realizados entre março de 2015 e julho de 2016 (Anexo 5), o pastor já apareceu: 1. Caracterizado como apresentador de circo, usando cartola e uma gravata borboleta e levando para o palco da igreja uma serpente e uma pomba para ilustrar sua pregação sobre como deve ser o discípulo de Cristo (“ao mesmo tempo sagaz e simples”); 2. Se equilibrando em “perna de pau”, na frente da igreja para falar sobre a necessidade de equilíbrio na vida cristã; 3. Pulando numa cama elástica posta na frente da igreja para ilustrar sua pregação de que a vida tem “altos e baixos”; 4. Caracterizado como cirurgião médico com touca e máscara de cirurgia diante de um suposto paciente deitado numa maca em cima do palco para

ilustrar a mensagem “Anatomia da graça”; 5. Correndo na igreja de bermuda, tênis e camiseta olímpica para ilustrar uma pregação sobre a “corrida da fé cristã”, e a necessidade de “esforço dos discípulos de Jesus”.

As múltiplas *performances* do pastor Thiago não se limitam às pregações na igreja, mas se estendem para momentos de cantos e danças, de apresentações teatrais e de malabarismos (tudo isso reproduzido pelas mídias eletrônicas). Isso é a *performance* que marca o trabalho do pastor e o situa em outro enquadramento, que não apenas o de sacerdote de uma religião. Também é mais do que apenas uma característica do indivíduo, pois se transforma em “chamamento” do grupo a uma participação singular, espetacular e mutante. É, de alguma forma, parte de um *show* que envolve, sensibiliza, estimula, implica.

Estudando as manifestações cúllicas pentecostais é possível identificar, já há muito tempo, essa comunicação-ação performática, ou “teatralização do sagrado”. Nas décadas de 1920 e 1930, a pregadora pentecostal norte-americana Aimee Semple McPherson chegou a dirigir 21 cultos por semana, num templo em Los Angeles, com uma dramaticidade que cativava a imaginação e despertava a curiosidade das pessoas. De acordo com o relato de Synan (2009):

Ela [Aimee Semple McPheterson] escrevia peças dramáticas, representações teatrais e oratórias (musicais religiosos) que eram apresentados pelo grande corpo de auxiliares do templo. Num desses cultos, a Irmã Aimee, vestida como policial surgiu na enorme plataforma pilotando uma motocicleta. Então ela parou, soprou um apito e gritou: “Parem! Vocês estão indo para o inferno!”. – Em outro culto a plataforma foi decorada como uma antiga plantação de algodão do Sul, um cenário inspirado em *E o vento levou* para proclamar o evangelho quadrangular. Essas extravagâncias fizeram de Aimee uma celebridade de costa a costa dos Estados Unidos, e seu trabalho passou a ser admirado como o de qualquer estrela de Hollywood (SYNOS, 2009, p. 186-187).

Na narrativa acima, a *performance* exibida pela pregadora foi apontada como elemento de destaque para o crescimento da igreja e para a divulgação do trabalho daquela igreja. Não foi por acaso que a palavra “estrela” foi utilizada pelo autor para marcar as ações da pregadora Aimee S. McPheterson. Uma forma dinâmica de pregação que conjugava diversos elementos comunicativos “encarnados” na figura da pregadora fazia o papel performático da ação evangelística e divulgava a adesão ao cristianismo pentecostal.

No Brasil, pode-se ressaltar no trabalho de Campos (1997) sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a importância da relação entre o teatro e a religião. Para ele, o teatro é uma metáfora para falar das relações que os indivíduos, enquanto atores religiosos, estabelecem entre si e com os entes invisíveis. As ações dramáticas ocorrem em diferentes espaços e em diferentes situações de vida da sociedade, na família, na escola, no trabalho, na política etc. Existe um nexo entre religião e teatro, embora eles tenham surgido em momentos diferentes. Os gregos, desde o século V a. C., com o processo de urbanização, estabeleceram teatros, templos e comércio nas cidades. “Desde então, teatro e religião se tornaram maneiras de religar as esferas do visível e do invisível, com o objetivo de mover pensamentos, sentimentos e ações dos seres humanos” (CAMPOS, 1997, p.63).

Os atores gregos assumiam posturas diversas, imitando personagens conhecidas, travando batalhas entre si, discutindo o sentido da vida, mudando de máscaras para provocar mistérios entre a plateia e, com isso, provocavam ações no público. Assumiram por consequência um papel profundo na psicologia dos seus concidadãos. B. Brecht percebeu esta característica inerente ao teatro e usou isso no século XX para mover seus contemporâneos para a causa socialista. Neste viés, Campos (1997) afirma:

Teatro e religião são processos sociais em que as coisas intangíveis se revestem de tangibilidade, e às visíveis, se atribuem valores invisíveis. Ambos se alimentam da necessidade humana de encontrar, além do visível, uma razão que dê sentido às ações sociais e um objetivo pelo qual se possa viver e até morrer. A dramatização permite o abandono da passividade e a reafirmação de que é possível a cada um intervir na vida cotidiana, graças à ajuda de uma dimensão recém-descoberta, e que se tornou um eficiente instrumento para se moverem as dificuldades concretas da existência (CAMPOS, 1997, p. 65).

Na sociedade, as apresentações musicais, o cinema e a televisão assumiram um ar teatral para se mostrar, não sendo possível que as religiões ficassem de fora. O culto católico tem uma visibilidade teatral, mais presente na missa durante a Idade Média, mas continua presente nas celebrações eucarísticas e dramatizações dos sofrimentos de Cristo e procissões e romarias fora dos templos. No protestantismo houve o empobrecimento destas dramatizações, com os fiéis se tornando membros mudos a prestar atenção à pregação. Plateia de boca fechada e ouvido aberto. O protestantismo “impôs sobre o culto um script rígido” (CAMPOS, 1997, p. 67). No culto

neopentecostal, a ideia de teatro é revalorizada ocorrendo o seguinte, na visão de Campos (1997):

Na dramatização, as partes são ligadas ao todo, e a representação de cada um se reporta a um drama maior, cósmico e eterno, do qual cada participante é apenas um coadjuvante. O agente intermediário religioso, no caso o pastor neopentecostal, desempenha a função de coordenar o drama local, de conectá-lo ao universo de valores propostos pela igreja, assim como vincular o todo da mensagem às necessidades de cada participante. É no interior desse processo de interação social que uma comunidade neopentecostal se constrói, culto após culto, representação após representação (CAMPOS, 1997, 63).

A IURD, segundo esse autor, apresenta-se com uma série de novas categorias litúrgicas, “campanhas de fé”, novos eventos, ciclos de festas religiosas e outras novidades. Liturgias são espetáculos com valorização do visual e do auditivo. Os fiéis são participantes do espetáculo e não ouvintes passivos. O templo/palco funciona como espaço cênico.

Na *Church in Connection* o palco é também esse espaço cênico, e o pastor Thiago lidera o culto combinando elementos teatrais, elementos das artes audiovisuais e cânticos, de tal forma imbricados que torna o culto um chamamento festivo de fundo religioso. A performance é fator imprescindível da comunicação/animação/ação. Temos que acrescentar nessa realidade cênica o uso dos *smartphones* completamente integrados no ambiente da *Church*. Embora sempre mantendo o mobile nas mãos, os fiéis podem, sem constrangimento, tirar uma foto, acompanhar textos ou enviar mensagens da igreja para outros.

Dos exemplos e caracterizações de igrejas pentecostais citadas anteriormente, se destaca os fortes indícios de carisma e performance dos líderes dessas denominações. O pastor Thiago também tem essas características de liderança inovadora e performática, mas nas observações dos cultos (Anexo 4 e 5) existe um certo “carisma” distribuído pelo pastor à sua comunidade de fé. Dito de outra forma, se percebe que as atividades estéticas e performáticas são também atividades de construção de uma comunidade de fé. Essa comunidade, por ação do pastor Thiago, se apossa coletivamente daquele carisma e passa a atuar como “corpo coletivo” de abençoadores e atores do mundo religioso. Todos se veem dotados de “poder especial”, de uma “qualidade extraordinária” que os faz assumir uma relação direta com o Sagrado, assim parece, ao observar as suas próprias ações, falas e

performances na *Church* durante a celebração. Essas características, do que estamos chamando de posse coletiva do carisma, partem dos líderes que ocupam o palco da igreja e se espalham por toda a comunidade.

O grupo maior do palco com músicos e dirigentes de louvor são bem articulados na condução de gestos de louvor, de posturas emocionais e de falas e cânticos que são às vezes eletrizantes, às vezes emocionais. A *Church*, em dias de culto, mostra um “frenesi”, uma postura gestual, cúltica, que aponta para o carisma do dirigente, o Pastor Thiago, mas também demonstra uma virtuosidade religiosa do grupo de jovens ali reunidos. É o conjunto dos membros da *Church*, que reunidos num “corpo” emocional gigante, em torno de mil pessoas nos cultos de domingo à noite, o principal protagonista do espetáculo. Não estou me desfazendo da importância da dominação carismática do Pastor Thiago, sem a qual acredito não existiria a *Church* dentro dos moldes já descritos, mas quem faz acontecer o “frenesi” que espalha uma união sensitiva, cheia de emoção, é o povo em reunião.

Confirmando as palavras de Weber (2014, p. 159), na dominação carismática, “o que importa é como de fato ela é avaliada pelos carismaticamente dominados”. Acrescentarei aqui que não é somente a “avaliação” dos dominados sobre o carisma do líder, mas de sua participação nesse carisma.

Essa “democratização do carisma” é tão importante nas celebrações quanto a condução carismática dos cultos, realizada pelo pastor e por sua equipe de técnicos e religiosos. Não é por acaso que foram registrados em todos os cultos a prática do pastor Thiago, e dos líderes do louvor, em fazer com que os membros repitam determinadas palavras e frases uns para os outros (Anexo 1, C1, C5, C6). O que poderia passar como um processo de repetição mecânica dos ritos religiosos se desdobra, a nosso ver, num empoderamento que foge às questões cotidianas ou de aprendizado. As ações da comunidade passam para uma dimensão de fé e se escorrem da comunicação para a ação, carregada de qualidades, e direcionada àqueles que participam do culto ou que o frequentam.

Foi observado que cada membro da *Church*, individualmente e em grupos, busca ou participa desse “carisma”, que deixa de ser apenas um dom puro e simplesmente vinculado à pessoa, no caso citado, o pastor Thiago Vinicius Cunha.

Consequentemente, a teoria do carisma como “dom intransferível” pode valer, como nas palavras de Weber (2014, p. 280), mas se percebe uma possibilidade de ampliação e de coletivização do carisma.

Percebeu-se, porém, nos cultos e ajuntamentos de louvor e adoração aos sábados e domingos, uma afirmação individual, uma ação, ou atividade de rotina, cheia de significado que tentava ligar o fiel diretamente ao sagrado e criava uma ambiência capaz de colocar esse mesmo fiel como agente de uma “ação social singular e ligada a um fim”²⁸.

Encontramos uma boa explicação sobre o caráter dialeticamente subjetivo e objetivo do carisma - como apresentado respectivamente pelas obras Weber (2014) e Bourdieu (1998) -, no trabalho de Cleonardo Maurício Júnior²⁹ (2011, p. 42-55). Tentando mostrar o carisma como algo que ultrapassa as qualidades extra cotidianas de quem o possui (WEBER, 2014, p. 158, 159), e também em mais do que capital social exercido no campo religioso (BOURDIEU, 1998, p. 58), o autor, baseado na obra de Joel Robbins (2009), nos certifica do “caráter coletivo da performance do carisma”. A explanação de Cleonardo Maurício Júnior não deixa de esvaziar um pouco, por um lado, o monopólio da posse do carisma pelo líder e, por outro lado, a passividade dos fiéis na construção desse carisma.

O autor fala da “produtividade social das igrejas pentecostais”, para explicar o seu sucesso enquanto instituições, e acrescenta ao trabalho de Robbins (2009) as

²⁸ Usei aqui o termo ‘ação social’ no sentido que lhe dá Weber (2014) que entende a ação social como aquela que é “socialmente orientada”; como uma ação que leva em consideração os “outros”, ou seja, se referencia no que está ocorrendo em derredor, mesmo que seja um comportamento baseado na “moda” (“moda é “quando o fato da novidade de determinado comportamento é a fonte de orientação das ações” (WEBER, 2014, p. 18), no “exemplo distinto” de pessoas de uma classe, ou, categoria; como uma ação que está a serviço de uma “racionalidade”; quando é uma ação racional em relação àquilo que se busca em relação a fins específicos. Para Weber (2014) a racionalidade está a serviço da ação social que se apresenta com objetivos, meios e consequências. A fonte das ações se encontra no indivíduo e é isso que percebo ao analisar as ações dos membros da *Church* em relação aos momentos de condução feitos no louvor dos cultos. Existe o carisma dos dirigentes, mas os governados participam ativamente na construção do espetáculo (WEBER, 2014, p. 4-15).

²⁹ O trabalho de Cleonardo Maurício Júnior (2011) *Revisando o conceito de carisma: líderes pentecostais, entre o virtuosismo e o capital religioso, da dominação à performance* está vinculado ao projeto “O Pastor, a palavra e a circulação do carisma pentecostal” coordenado pela professora Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e está disponível em: <<http://www.ufrgs.br/revistatodavia/Art%203%20Revista%20Todavia%20ed.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

explicações dadas por outro sociólogo, Randall Collins (2004), que “generaliza o conceito durkheimiano de efervescência coletiva e explica que toda interação bem-sucedida produz um tipo de efervescência religiosa que ele chama de energia emocional”. Para Collins (apud MAURÍCIO JÚNIOR, 2011, p. 51), todo indivíduo busca interações onde possa obter “energia emocional”, e isso em diversas instituições por meio de cadeias de interações rituais que formam a sociedade. O sucesso pentecostal estaria em sua especialidade de produzir “interações rituais bem-sucedidas, ou seja, de fornecedoras de energia emocional”, como acrescenta Robbins (apud MAURÍCIO JÚNIOR, 2011).

Essa explicação sustenta a possibilidade de “democratização do carisma”, sem, a nosso ver, desmerecer o carisma de seu possuidor. O pastor Thiago Vinícius como carismático que é “transforma a mensagem em algo vivido e performado que se expande em cadeias rituais de intensa energia emocional” (apud MAURÍCIO JÚNIOR, 2011, p. 50). Dito de outra forma, o pastor Thiago torna possível aos fiéis a participação nessa *performance*. Os fiéis são levados à integração do carisma.

Durante os cânticos, esse momento de manifestação carismática generalizada, essa “horizontalidade do carisma”, ou “energia emocional” percebida na *Church*, é extremamente forte e a individualidade pulula nas manifestações dos membros por meios expressivos e gestuais, como os de levantar as mãos; balançar os braços, dançar no próprio lugar no escuro do templo e sem inibições; pronunciar palavras de agradecimento a Deus e a Jesus; “profetizar bênçãos” uns para os outros etc.

Dessa forma, podemos concluir que o fundador e líder da *Church in Connection* desempenha vários papéis e se mostra competente em várias tarefas. Ele é mestre em *performance* e ajuda os membros a serem também performáticos; ele é um sacerdote e ao mesmo tempo critica a postura das igrejas; ele critica os pentecostais, refutando o título de pentecostal para sua igreja, mas assume e incentiva o *modus operandi* dos pentecostais nos cultos embalados de muita emoção, música e desafios para se fazer alianças com Deus.

A *Church in Connection* ainda conserva fundamentos teológicos e organizacionais da matriz protestante que lhe deu origem, mas não vacila em abraçar

as mais recentes novidades do campo social e econômico que envolvem as organizações empresariais e modernas.

CAPÍTULO II – CHURCH IN CONNECTION: A NOVIDADE DE UMA RELIGIÃO DE CONTEÚDO TRADICIONAL

2.1. ORGANIZAÇÃO DA CHURCH IN CONNECTION

Antes de particularizar os aspectos inovadores, ou conservadores da *Church*, bem como as possíveis formas de “negociação” de sentido dos fiéis desta igreja com o sagrado, é preciso localizar a *Church* como parte do contexto evangélico brasileiro. Esse contexto se insere em outro que é o Latino-Americano e o Pentecostal. Mariano (1999) resume todos esses “contextos” da seguinte narrativa:

[...] o termo evangélico, na América Latina, recobre o campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante europeia do século XVI. Designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as Pentecostais (Congregação Cristã do Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus etc.). [...] Para simplificar, os pentecostais diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio de Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade (MARIANO, 1999, p. 10).

A constatação do autor é acertada ao designar o termo “evangélicos” como termo guarda-chuva, usado na América Latina, para uma gama enorme de denominações herdeiras da reforma protestante, e facilita a compreensão do trânsito dos fiéis entre essas denominações. Quando Mariano (1999) difere os protestantes históricos dos Pentecostais, ele o faz não apenas na linha das diferenças teológicas, mas deixa entendido que as práticas pentecostais de crer em milagres, curas de enfermos e possessões demoníacas aproximaram essas últimas da população mais carente latino-americana e, por consequência, brasileira. Contudo, a disputa no campo religioso entre protestantes históricos e pentecostais, e deles entre si, é muito acirrada.

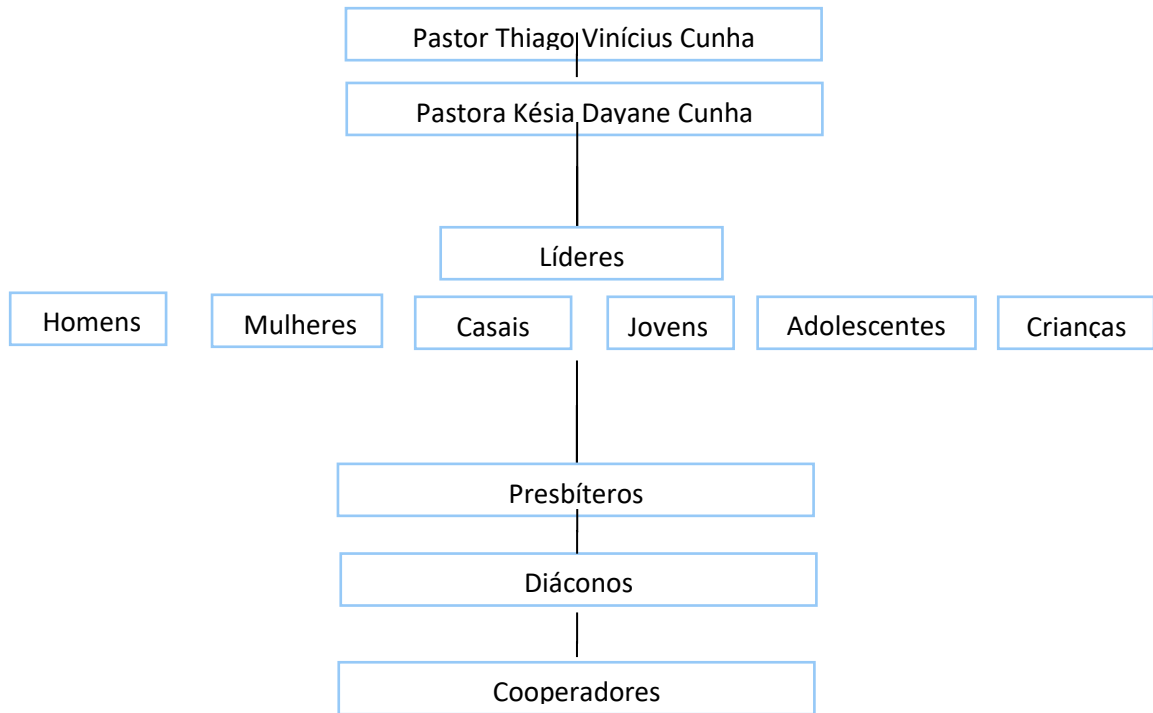
No depoimento para a pesquisa (cf. Anexo 1, p. 5-8), em setembro de 2016, o Pastor Thiago Vinícius Cunha afirmou que “desde julho de 2016, a *Church* passou a

ser uma instituição independente” e ele “começara a elaborar o regimento interno e o corpo doutrinário da nova instituição”.

O Pastor Thiago Vinícius Cunha recebeu no Seminário (SPRBC), entre 2007-2010, sua formação teológica. A *Church* manteve, ao se desligar da IPRB sua organização interna com a figura dos Presbíteros, sendo quatro no total, e Diáconos, sendo 27 mulheres (diaconisas) e 22 homens, no total 49 diáconos. Da IPRB vem a herança de ordenar diaconisas, uma parte reconhecida do ministério feminino. Os diáconos da *Church* permaneceram com as mesmas funções que já exerciam como diáconos da IPRB. Eram tarefas estabelecidas pelo Regimento Interno da IPRB (Art. 60), e os mantinha com as atribuições de: “cuidar da beneficência; zelar pela ordem durante o culto e atos religiosos no templo ou fora dele; levantar ofertas e encaminhar à tesouraria da igreja” (FERREIRA, 2013, p. 48).

O que a pesquisa constatou foi que os diáconos e diaconisas aumentaram em número durante o exercício do ministério do pastor Thiago e da escolha do nome *Church in Connection* quando ainda ligada à IPRB. O corpo de diáconos e diaconisas se tornou um pequeno “exército de jovens” ávidos por participar das suas tarefas. Com uniforme que os identifica, exercem essas atividades durante os cultos nos serviços do sacramento da santa ceia e na organização da retirada de dízimos e ofertas.

Questionado sobre a organização da igreja em termos de hierarquia, e para fins de funcionamento, o pastor Thiago declarou (cf. Anexo 1, p. 9) que estava elaborando um organograma, mas que em termos gerais já tinha a seguinte ordenação:

Figura 7 – Organograma e hierarquia da *Church in Connection*

Fonte: Próprio autor

O Pastor Thiago ocupa, como fundador e líder da nova instituição, o posto mais alto, em termos de autonomia nas decisões da organização. Ele nos relatou que sua esposa e pastora Késia Dayane Cunha ocupa o segundo cargo na hierarquia organizacional e que os presbíteros e diáconos ocupam suas funções como na organização anterior da IPRB. Contudo, verificamos outra prática. Mantidos os presbíteros esses não ocupam na hierarquia um plano superior como nas Igrejas Presbiterianas.

Essa herança da IPRB é afirmada, mas conforme o próprio depoimento do pastor Thiago Vinícius Cunha, quase todas as decisões ele toma sozinho, sem a participação dos presbíteros (que nas igrejas presbiterianas são consultados em relação a todas as mudanças na igreja) ou de outros líderes, “porque muitas decisões exigem resposta rápida”, ele nos afirmou. No depoimento de junho de 2016 (cf. Anexo 1, p. 4), o pastor Thiago disse que em uma cerimônia futura, irá ordenar a sua mulher Késia Dayane Cunha como pastora, distanciando-se assim da organização antecessora presbiteriana e do presbiterianismo brasileiro em geral, que não acata o pastorado feminino.

A manutenção dos presbíteros - são quatro no total - é uma herança da hierarquia Presbiteriana; e o pastor, no depoimento para a pesquisa (cf. Anexo 1, p. 8), em setembro de 2016, disse que pensa em extinguir daqui a algum tempo o cargo de Presbítero.

- Em relação à organização da igreja estamos numa fase de planejamento. Talvez eu acabe com o cargo de presbíteros. Mas, hoje os presbíteros ainda têm um papel na igreja, por exemplo, quem estabelece meu salário não sou eu e sim os Presbíteros. Os líderes estão acima dos Presbíteros pois eu consulto eles para desenvolver os trabalhos na igreja. Inclusive agora para ser membro da *Church*, para se aliar tem que fazer um curso comigo de três meses (*sic*).

Como ele afirmou, a igreja está numa fase de “planejamento”, não tem normas escritas nem regimento interno. O que se percebe é que as decisões são baseadas na sensibilidade e capacidade do próprio pastor Thiago. Como os cultos são temáticos e os acontecimentos obedecem a um fluxo de constantes mudanças, o pastor não tem tempo de reunir ou consultar muitos líderes da igreja. É um formato empresarial que exige eficácia, precisão e rapidez nos resultados.

Por isso, acreditamos que ele manteve os cargos de presbíteros para não criar qualquer tipo de mal-estar, mas esvaziou o conselho de presbíteros de poder de decisão. O mesmo tratamento em relação ao pastorado de sua mulher que tem o status e as funções de uma pastora, mas não recebeu, por enquanto, a ordenação de pastora junto aos fiéis. E, na pesquisa com os membros (cf. Anexo 2), parece não ter a menor importância o fato de não ter ocorrido uma “ordenação” do tipo tradicional. Os jovens a reconhecem como pastora. Nessa mesma entrevista, ele exaltou o trabalho dos líderes dos departamentos criados na *Church* (homens, mulheres, casais, jovens etc.) e afirmou consultá-los “mais do que os presbíteros, em relação ao que se deve fazer na igreja”. A sua esposa Pastora Késia o acompanha em diversos trabalhos e reuniões, embora as pregações de domingo são quase exclusivamente designadas ao Pastor Thiago.

No organograma da *Church* são os jovens que ocupam as diversas lideranças. Consequentemente, duas coisas podemos depreender daí. Primeiro, o fato de que as propagandas, o *marketing* interno e externo da *Church* tenha o perfil jovem e uma linguagem dinâmica. Eles é que elaboraram, em conjunto, a forma de comunicar o

trabalho. Em segundo lugar, fica apresentado qual o público preferencial da igreja: os jovens e os casais novos.

No App da *Church in Connection* está exibida a organização funcional da instituição. No item *Ministérios* (organização), o Pastor e sua equipe buscam surpreender e mostrar de forma inusitada a organização da *Church*. Com desenhos “retrô” (que nos remetem ao que passou, no vestuário, nos cortes de cabelo, no carro, no estilo de vida etc.) que lembram cenas da vida Americana entre 1920–1960. Aí aparecem quais são os Ministérios, ou departamentos da igreja: *Church Grupo* - CG; Rede de Casais; Homens; Mulheres; Rede de Jovens; Transição; *Church Kids*; UDF (Universidade da Família); Envoy (Associação de Missões).

2.2. CHURCH IN CONNECTION: IGREJA EFERVESCENTE E RACIONALIDADE DE MERCADO

Usando a teoria de Martins (1999) sobre a relação das marcas com o mundo emocional, através da obra *A natureza emocional das marcas*, constatamos que as figuras retrô mostram pessoas que aparecem em ação com gestos perfeitos em cada situação; com um fluxo de energia em que cada ato contém sua própria história e a energia parece fluir por meio de atos que evoluem em movimentos sincronizados e com a força contagiante de sorrisos. Segundo o autor, essas imagens estão ligadas às emoções que perfilam sentimentos de vitalidade, energia, adrenalina, juventude. Esse grupo de imagens, de acordo com a teoria de Martins, é uma “peça” de *marketing* que vende a ideia, ou produto que se adequa aos jovens, combinando entre si um conjunto de emoções favoráveis a um produto que atrairá pelo fluxo de energia que transmite.

Figura 8 – Fotos “retrô” no App para celular da *Church in Connection* contendo as pastas dos diversos departamentos



Fonte: Fotos tiradas da capa e páginas do App³⁰

Elaborado pelos jovens da igreja, o que justifica a participação do maior número possível de jovens nas atividades criativas da *Church*, ligados aos departamentos. A aproximação da organização institucional com o *marketing* da *Church* retrata a sintonia dos diversos membros com a realidade virtual propagandística necessária para atrair seus iguais e avançar mais. Para Martins (1999):

Existe uma predisposição das pessoas a dar maior valor àquilo que as agrada, seja com relação ao nome interessante de um produto, e seu design ou a uma campanha bonita. Se tiverem elementos emocionais adequados ao posicionamento, o design, a publicidade e os eventos promocionais que envolvem a marca vão agregar ao produto uma percepção maior do seu valor. [...] A prática de mercado nos mostra que quando o consumidor vai às compras, ele busca emoção. Em vez de abrir a carteira para comprar commodities, mais baratas, as pessoas vão aos shoppings a procura de estilo (MARTINS, 1999, p. 23-25).

Trabalhando a questão do desejo como elemento mobilizador das pessoas na hora das compras, o autor elaborou um quadro de 360 emoções humanas e as representou em imagens. Quando comparadas com as imagens no App da *Church*, mostradas acima, se percebe que as cenas do cotidiano agregam emoções, segundo Martins (1999) ligadas ao cuidado, proteção, dedicação, organização, crescimento, recompensa, capricho, valorização etc. Há que se acrescentar aqui um aspecto mais abrangente salientado por Moreira (2003), que aponta para o fato de que tanto no

³⁰ Data da pesquisa: 24 out. 2016

aspecto de formação coletiva de identidade quanto na forma individual, a grande influência da cultura-midiática é a de propiciar a formação de uma sociedade global. Nada pode ser reduzido apenas ao caráter local ou regional, tudo pode virar matéria de circulação mundial.

[...] o sistema midiático-cultural elabora e difunde, mesmo se de uma forma não totalmente intencional ou planejada, visões de mundo, sentidos e explicações para a vida e a prática das pessoas e, por isso, passa a influenciar sempre mais seu cotidiano, sua linguagem e suas crenças. Justamente o âmbito das crenças e da elaboração do sentido, da visão de mundo como uma atitude fundamental perante o real, que tradicionalmente foi um espaço ou uma função atribuídos à família, à escola, às religiões e filosofias, está hoje, em boa parte, concentrado nas mãos dos agentes midiáticos (MOREIRA, 2003, p. 1212).

É de grande importância a lembrança de que todas as expressões culturais como arte, literatura, religião, política, manifestações populares e outras, “passam ou acontecem por meio da mediação desse sistema de transmissão simbólica; ele é pervasivo” (MOREIRA, 2003, p. 1214). É exatamente isso que se percebe quando a religião usa no seu processo de comunicabilidade trechos de filmes de Hollywood ou imagens e fatos divulgados pela *mass*-mídia, ou adota comportamentos, linguagem e estratégias de constituição de pertença que são amplamente divulgados pelos meios de comunicação.

Na organização da *Church* é importante tanto a forma hierárquica (mostrada anteriormente - como a igreja se estrutura em termos de mando) como a forma da apresentação da instituição dentro do mercado ou campo. Dito de outra forma, o design, as cores, o formato, a forma com que se apresentam os líderes e cooperadores da igreja. Essa estética deve provocar encanto, surpresa, admiração. Apresentar-se como “única”, inovadora, arrojada, como se fosse feita para um só indivíduo – para atender um Eu singular -, embora o desejo seja atingir o coletivo. A *Church* está sempre se transformando e fazendo surgir novos departamentos ou novas formas de direção dos trabalhos.

De forma racionalizada, a organização da *Church* envolve os jovens fiéis num sistema de cooperação em que cada vez mais e maiores grupos podem se unir em tarefas diferenciadas, mas que contribuem para o funcionamento dinâmico e inovador da instituição. Mais ainda, os líderes, diáconos e/ou cooperadores envolvidos nas diversas tarefas, se sentem agentes singulares a desenvolver um trabalho voluntário

e carregado de significação. No depoimento para a pesquisa (Cf. Anexo 2, p. 11) um jovem de 22 anos, que é diácono, declarou: - “Eu gosto de diaconato. Eu faço tudo pra Deus. Às vezes, você nem escuta a Palavra, mas volta pra casa transformado, melhor. Tem gente que fica triste quando não é escalado no culto domingo ‘poxa eu queria tá lá!’. Mas tem que dar oportunidade pro outro né?” (*sic*).

Se a religião progrediu de formas “mais simples” para formas “mais complexas”, como aponta Durkheim (2008, p. 30,31), que escolheu estudar as religiões antigas justificando que é mais fácil decompô-las nos seus elementos constitutivos e perceber suas características e desenvolvimento tornando-se complexas, ou como afirma Weber (2014), evoluiu da magia até se estruturar como religião, sempre num *continuum* de racionalização. A *Church* se encontra numa etapa avançada, dentro de uma estrutura racionalizada e com apresentações renovadas de oportunidades. A intenção é agregar principalmente os jovens na organização e dinâmica das atividades adotadas.

As novas mídias ajudam na mobilização e no funcionamento da instituição, convocando reuniões e articulando novos departamentos ou serviços. São, portanto, ferramentas imprescindíveis para a mobilização e organização da *Church*. E os membros da igreja são operadores e consumidores finais dessas operações do sistema cultural midiático.

As técnicas de informação e comunicação aplicadas na divulgação da *Church*; o marketing focado na juventude - mas tentando abranger com muitas programações todas as faixas etárias -; o amplo uso das TICs; os cultos tematizados e cambiantes - adaptados ao modo inovador e fluído de viver experiências no sistema econômico e social de base consumista -, além de outras características de flexibilidade teológica, fazem desta igreja uma instituição do mundo Informacional, global e ligado em rede. Racionalizada na sua organização, divulgação e funcionamento, mas adaptável aos movimentos da base social pluralista em que está inserida.

Anápolis se insere nesse contexto de desenvolvimento do capitalismo moderno, e é consequente pensar que na religião as aproximações com esse desenvolvimento também cresceram. Anápolis é uma cidade de “médio porte” (cidades que no Brasil têm de 300 a 500 mil habitantes), e que de acordo com o site

do IBGE³¹ tem uma população estimada para 2016 em 370.875 hab. com uma área de 933,156 km². É uma cidade polo atacadista e industrial de grande importância para o Centro-Oeste brasileiro, possuindo um PIB superior a R\$ 3 bilhões. Anápolis compõe o eixo que envolve duas capitais (Goiânia e Brasília), e esse eixo Goiânia-Anápolis-Brasília está se consolidando como terceiro maior mercado consumidor do Brasil, perdendo apenas para as regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro.

É necessário fazermos essas colocações explanatórias que permitem visualizar o contexto social e econômico em que se insere a *Church*. O grau de racionalização do sistema econômico e social favorece também a racionalização das religiões e de suas estruturas organizadas. Ao constatar a racionalidade moderna no pensamento de Weber, Lemos (2015) dedica uma parte do seu trabalho explicando o capitalismo moderno e a burocracia. Para a professora:

A concepção de uma interdependência entre capitalismo e burocracia é perfeitamente compreensível dentro da sociologia de Weber, pois, para o autor, na medida em que o ator econômico orienta sua ação em função do comportamento dos outros atores e do contexto sociopolítico, ele precisa de maior previsibilidade possível desses comportamentos (LEMOS, 2015, p. 65).

Os interesses e as ideias das pessoas são importantes na sociologia de Weber (2014), e a religião atua nessa composição, sinalizando a “leitura antecipada” das possíveis ações e reações dos indivíduos. Afinal, os indivíduos constroem seus sistemas de símbolos, sendo a “religião um desses sistemas de símbolos” que, segundo Geertz (1989), “atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições nos homens através da formação de conceitos de uma ordem geral e vestindo essas concepções com tal aura da fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas” (GEERTZ, 1989, p. 67).

A estrutura, que envolve pastores, líderes, presbíteros, diáconos e diaconisas, cooperadores e aliançados, é altamente racional e burocrática, “porque tanto a esfera burocrática como a econômica na sociedade moderna incentivam e valorizam

³¹ Site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520110&search=goia>>. Acesso em: 25 out. 2016.

comportamentos racionais [...]”, e até “a burocracia estatal reforça, sob certos limites, “a legitimidade do mercado” (LEMOS, 2015, p. 65, 66).

Dessa forma, e colaborando para a afirmação da conhecida tese de Weber, sobre a relação da ética protestante e o desenvolvimento do sistema econômico capitalista, a *Church* obedece a uma organização racionalizada de suas estruturas internas desde o início do seu funcionamento, operando com os jovens, sua clientela hegemônica, se hierarquizando e apresentando inovações. O comportamento social criado com as práticas religiosas da *Church* se aproxima das formas mediadas de relações da atualidade em que as imagens, mais do que as palavras, são fundamentais.

Para Weber (2014) a racionalização na religião em toda parte da história e do mundo se dá da seguinte forma:

Do ut des é o dogma fundamental, por toda parte. Esse caráter inere à realidade cotidiana e das massas de todos os tempos e povos e também de todas as religiões. O afastamento do mal externo e a obtenção de vantagens externas “neste mundo”, constituem o conteúdo de todas as “orações” normais, mesmo nas religiões extremamente dirigidas ao além (WEBER, 2014, p. 293).

Embora essas características do “toma-lá-dá-cá” estejam presentes, quando observados os conteúdos das orações, dos estudos e das pregações, há que se ressaltar o fato de que na *Church* o elemento imediato da fruição, da estetização e espetacularização da religião torna-se um produto para consumo imediato, no ato da produção e nada mais; dito de outra forma, a recompensa é a festa na qual se está inserido. A racionalidade, advinda do Sistema Multimídia que integra as diversas mídias eletrônicas em tempos e espaços diferenciados, completa o quadro possível da organização religiosa que ganha mais racionalidade ainda. As novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) contribuem para algo novo no campo religioso.

No mundo global todas as informações são dispostas no intuito de mobilizar possíveis clientes (mas o foco é juvenil) e atraí-los para a esfera de atuação da instituição, quer seja na venda e comercialização de produtos materiais ou de produtos simbólicos. Podemos também perceber o reforço entre produtos materiais e simbólicos. Um caso claro dessa questão se apresenta na criação de uma grife de domínio da *Church* – Cross - para comercializar roupas masculinas, femininas, de

crianças e outros artigos. O primeiro destaque é para a forma como a grife surgiu. Nas palavras do pastor Thiago (cf. Anexo 1, p. 10):

A grife *Cross* começou de forma não planejada. Precisávamos comprar roupas para os diáconos, um uniforme e fomos procurar uma pessoa para fazer e daí surgiu a ideia de fazermos roupas do estilo que eu uso, diferente, colorida e nesse sentido tomamos o rumo de fabricar para vender na igreja e fora dela. Nós mesmos é que criamos os modelos e terceirizamos a fabricação [...]. Hoje temos dois jovens da igreja que estão trabalhando lá, eles escolhem as roupas e me mostram. Às vezes tomo as decisões sobre as roupas sozinho... estamos consignando as roupas para pequenas lojas, pequenos pontos. Cada ponto ganha sobre a venda. Queremos inicialmente a fixação da marca. A gente ia por *Church*, mas, pensamos que pessoas de outras igrejas poderiam não querer usar uma camisa ou camiseta com a marca da igreja [que não é delas]. Daí escolhemos a marca *Cross* e deixamos o C da *Church* com a marca escrita *Cross*.

Como em outros produtos, atividades e iniciativas da *Church* observamos que as tomadas de decisão precisam ser rápidas. As iniciativas parecem não fazer parte de uma programação longamente antecipada ou baseada em debates ou reflexões. Tudo obedece ao ritmo de um tempo breve, cambiável, em transformação e de pouca durabilidade.

Os produtos *Cross* são vendidos para os membros da igreja e também para os de fora da igreja, pois incorpora uma estética jovem. Isso ajuda a entender como a igreja se agrega sinergicamente ao público jovem, e pelo marketing ampliado do sistema multimídia, ao novo mercado Global e em Rede.

Figura 9– Loja e produtos da marca *Cross*



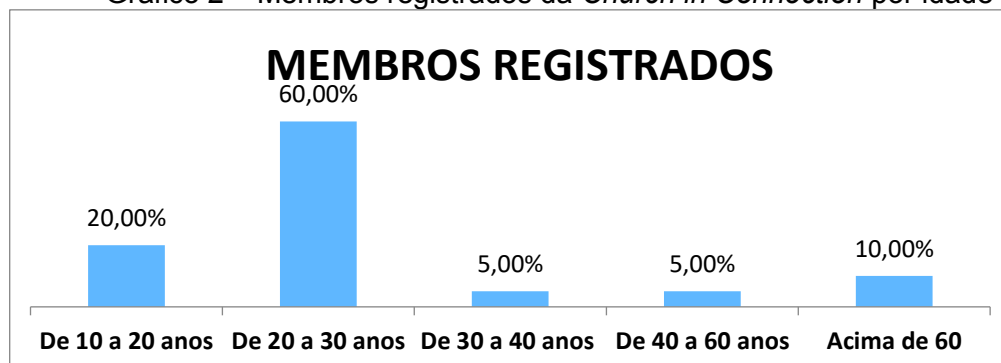
Fonte: App

Figura 10– Loja e produtos da marca Cross



Fonte: App

A formatação da loja e os produtos vendidos se adequam ao estilo jovem de se trajar. Bonés, camisetas e camisas coloridas, frases que trazem uma mensagem bíblica ou uma afirmação positiva do crer e de pertença são estampados com frequência, mas sem perder a característica que marca o estilo propagado pelo mercado de roupa na atualidade, e que se adapta ao gosto e aos usos da juventude. Na mesma entrevista para a pesquisa, o pastor Thiago afirmou que todo recurso arrecadado com a venda da marca Cross é revertida para a igreja e suas atividades. De acordo com ele, tudo é realizado, preferencialmente, por e para o público jovem.

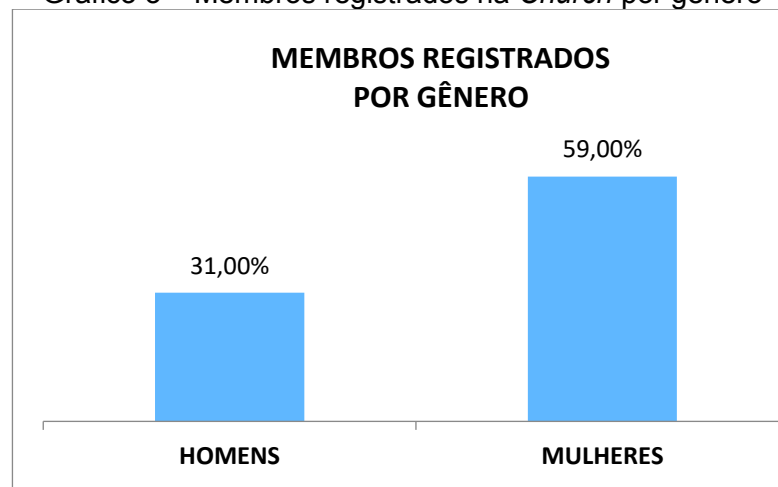
Gráfico 2 – Membros registrados da *Church in Connection* por idade

Fonte: Dados colhidos com a secretaria da igreja em 23 de junho de 2016

A *Church* é formada majoritariamente de jovens, mais de 2/3 da igreja (membros comungantes) é composta deles. Basta somar a quantidade de membros entre dez e trinta anos e o número chega a 371 membros dos 463 comungantes (julho

de 2016). Os jovens também ocupam a maioria dos cargos de diáconos: trinta dos quarenta e nove diáconos tem idade entre 15 e 29 anos. Quanto ao gênero, o número de diaconisas é superior ao de diáconos: são 27 mulheres e 22 homens. Os membros ocasionais, não comungantes, que frequentam a *Church*, em especial nos cultos de domingo à noite, ultrapassam 500 indivíduos, e também são quase exclusivamente jovens, apenas 5% acima dos 50 anos. Já os presbíteros, que são quatro no total, estão todos acima de 30 anos de idade, sendo dois deles acima de 50 anos.

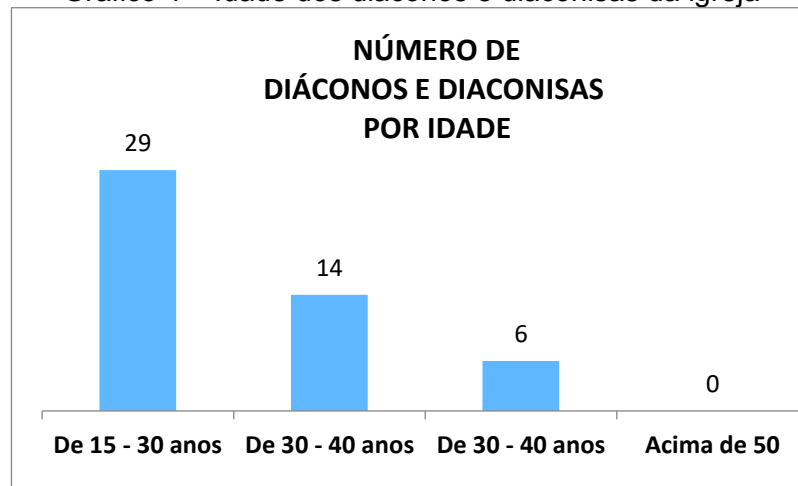
Gráfico 3 – Membros registrados na *Church* por gênero



Fonte: Dados informais fornecidos pela secretaria da igreja em outubro de 2016

A participação das mulheres é maior do que a dos homens. Elas estão nos ministérios da igreja também de forma superior no louvor, na *Church Kids* (trabalho com crianças), na formação do corpo de bailarinas e de teatro, na recepção aos visitantes e no quantitativo, já salientado que as diaconisas estão em número de 27 em relação aos diáconos 22. A idade desses agentes espirituais, no total de 49, que servem na igreja como ajudantes do pastor em serviços variados, é na maioria juvenil, partindo de 15 anos de idade.

Gráfico 4 – Idade dos diáconos e diaconisas da igreja



Fonte: Dados informais fornecidos pela secretaria da igreja em outubro de 2016.

Desta forma, clarifica o interesse do pastor Thiago Vinícius Cunha em possibilitar a crescente participação dos jovens e das mulheres na organização da igreja, bem como o interesse em extinguir o cargo de presbítero, como relatou em entrevista (Cf. Anexo 1). Também não é por acaso a necessidade de operar com as novas mídias, com uma estética profunda, de mudanças constantes e com modelos cambiáveis. Uma reprodução do mundo moderno (pós-moderno?) circundante. Uma igreja jovem com um pastor jovem, carismático, sintonizado nas mais novas modas das mídias eletrônicas.

Fator importante na estrutura em ebulição da *Church* é o uso permanente da Internet, dos smartphones, do aplicativo para celular 24 horas por dia. A estética organizacional e a própria hierarquia promovem a ação dos membros da *Church*, mobilizam os mesmos a qualquer hora do dia e/ou da noite. As mensagens no App da *Church* não têm hora marcada para chegar.

2.3 A TEOLOGIA DA CHURCH IN CONNECTION

A teologia da *Church*, contida nas pregações na igreja, na Escola Dominical, nas mensagens pelo App, na página do facebook e outras mídias, mantém semelhanças com a teologia criada na esteira da Reforma Protestante, principalmente, na aceitação da exclusividade da autoridade da Bíblia, o *Sola Scriptura* da Reforma Protestante. Outros aspectos semelhantes são o de esperar

somente na Graça Divina, *Sola Gratia*, e também, na exclusividade da fé como elemento de Salvação, *Sola Fide*. Tais pontos teológicos estão presentes em quase todas as pregações e ensinamentos da *Church* e nos diversos departamentos institucionais³². Nesse sentido, é uma teologia de traços racionais, nascida de uma escola teológica situada no tempo da Reforma Protestante e reproduzida em alguns de seus aspectos pelo Seminário da Igreja Presbiteriana Renovada Brasil Central (SPRBC), na cidade de Anápolis. Nesse seminário, o pastor Thiago Vinicius Cunha se formou em 2010.

A teologia da *Church* é centrada numa lógica bíblica expositiva que exige atenção e é intelectualizada, demonstrando o conhecimento teológico do pastor Thiago que usa conceitos elaborados teologicamente, como “depravação total dos homens”³³ e outros, com seu respectivo grau de importância. Mas tudo isso não entra em choque com possíveis princípios que possam destoar das convicções dos participantes da instituição. Nesse sentido, merece destaque o “desvio”, a “curva teológica” realizada pelo pastor Thiago Vinicius Cunha, quando da exposição bíblica do dia 20 de novembro de 2016 (cf. Anexo 5, C9):

- O teólogo Calvino deixou claro que os santos foram salvos, continuam sendo salvos e serão salvos. Precisamos perseverar na fé, a perseverança não se contradiz com a eleição e a predestinação, pois é Deus quem nos escolheu para a salvação, mas **você pode ser da *Church* crendo que você é quem escolheu a Deus, sem problemas** (*sic*).

A mesma percepção de que o que vale, mesmo antes dos princípios teológicos, é o alinhamento das pessoas com a instituição, é o que fica demonstrado no depoimento para a pesquisa (cf. Anexo 2, M1, p. 4):

³²Tais elementos teológicos coroados as pregações do Pastor Thiago (Anexo 1), como no culto de 01 de março de 2015 C1: “É preciso ler a Palavra, ela nos orienta, e por ela Deus fala, ela é a chave”; e no culto do dia 19 de abril de 2015, C4: “Deve-se buscar a Deus na Bíblia, Ele é que põe as pessoas em pé”; 26 de abril de 2016, C5: “Não podemos discutir com Deus, com aquilo que está na Palavra de Deus”; “Jesus não olha o nível espiritual das pessoas quando as chama, Jesus te diz, segue-me (*sic*)”; no dia 07 de agosto de 2016: “É Cristo que te ilumina e te faz andar na Luz”. Os exemplos se multiplicam nas exposições e aulas em que a ênfase é dada no “crer em Deus, em Jesus, pois é Ele quem salva, cura e santifica”.

³³ Depravação total do homem significa que “todos estão naturalmente mortos em pecado (isto é, excluídos da vida de Deus e indiferentes a Ele), ninguém que ouve o evangelho jamais chegará ao arrependimento e à fé sem um toque íntimo que somente Deus pode transmitir” (PACKER, 1998, p. 37).

- [O forte da igreja] é a questão do convívio e da preocupação com a pessoa em si, isso chama a atenção na igreja. Porque eles [os líderes e membros] têm uma preocupação grande com você. Igual eu te falei, exemplo, hoje você entra e o pastor é um exemplo. *As pessoas estão vindo pra igreja não por Cristo em si, mas por uma mão amiga.* Isso tem acontecido muito, a gente tem que usar essa estratégia. Esse abraço, esse saber o nome (*sic*).

Contudo, o que se distancia da interpretação de Weber (1982), sobre a formação de um *ethos* racional e individualizado, como resultado das práticas religiosas, é a ênfase na montagem e execução de um aparato cútico superespetacular que prende a atenção dos participantes. Dito de outra forma, parece que o importante é deixar as pessoas livres em relação a questões de doutrina e de tradição eclesiástica e aumentar a possibilidade de escolhas e fruições nos cultos sem o tolhimento das individualidades quanto às vestimentas, hábitos ou preferências. Embora isso seja de uma forma ou de outra divulgada pela igreja mediante seus trabalhos.

Retomando os depoimentos para a pesquisa (cf. Anexo 6), com questões abertas, o padrão de respostas no item sobre “As razões de distinção e importância da *Church* em relação a outras igrejas de Anápolis”, são expressas com as seguintes palavras: “Acolhimento”; “alegre/animada”; “libertadora”; “inovadora”; “não cansativa”; “sem denominação”; “informal”; “ecclética”; “estranha”; “alienada”.

Em que pese o fato de que as palavras-chave utilizadas pareçam incongruentes, como por exemplo, ser uma igreja “sem denominação”, ou uma “igreja estranha” e “alienada”, pode-se perceber que as palavras apontam em direção à liberdade proporcionada aos frequentadores de não serem cobrados quanto a uma linha teológica padrão.

Para Weber, o *ethos*, tão importante no surgimento do capitalismo e do avanço da sociedade moderna, surge da doutrina pregada pelas religiões protestantes puritanas, como ele mesmo afirma:

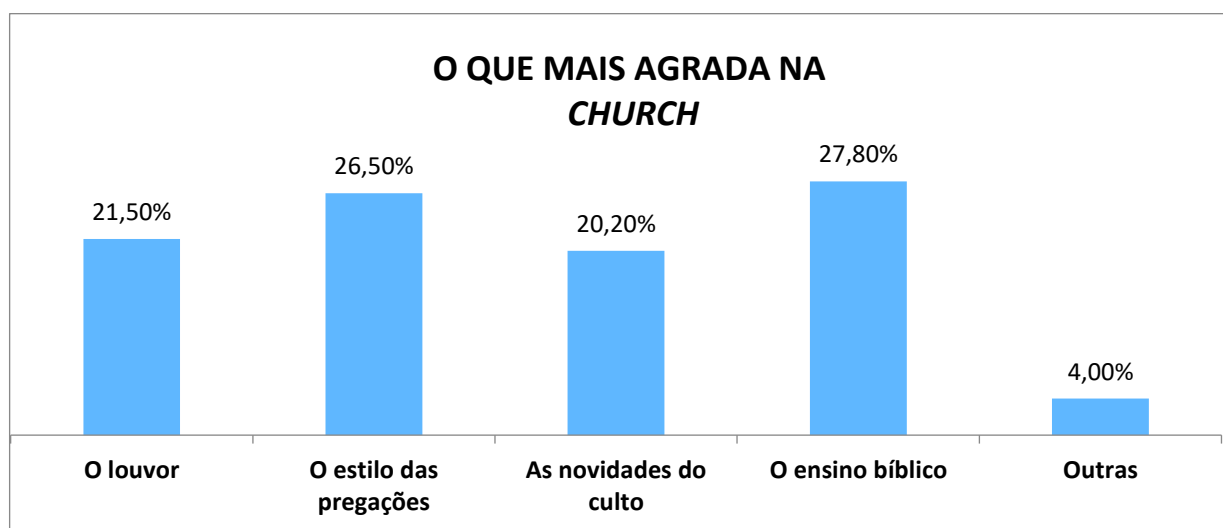
Repetimos: não é a *doutrina* ética de uma religião, mas a forma de conduta ética a que são atribuídas recompensas que importa. Essas *recompensas* funcionam na forma e na condição dos respectivos bens de salvação. E essa conduta constitui o *ethos* específico de cada pessoa, no sentido sociológico da palavra. Para o puritanismo, tal conduta era um certo modo de vida, metódico, racional que – dentro de determinadas condições – preparou o caminho para o “espírito” do capitalismo moderno. As recompensas eram atribuídas a quem se “provava” perante Deus, no sentido de alcançar a salvação – que se encontra em todas as seitas puritanas – e “provar-se” frente

aos homens no sentido de manter a posição social dentro das seitas puritanas (WEBER, 1982, p. 368).

A princípio, os depoimentos coletados frisam o aspecto da aceitação e do acolhimento proporcionado pela igreja como fatores diferenciais. Distante, então, da marca do protestantismo puritano que exaltava uma vida metódica e “sem novidades”. Alguns pesquisados (cf. Anexo 6) escreveram que o maior benefício da igreja é o “fim da solidão”, “comunhão”, “amizade”, “cuidado” e “acompanhamento dos pastores”. Essas palavras-chave também apontam para o fator relacionamento e satisfação pessoal

Na mesma pesquisa, em questões fechadas, com uma lista de opções, os pesquisados se manifestaram satisfeitos com a hermenêutica bíblica e doutrinas, embora figurem, com maior destaque, os aspectos relacionados ao estilo dos cultos, à animação e busca de novidades, à “quebra das rotinas”. Questionados sobre o que mais gostam na igreja, responderam:

Gráfico 5 – Os motivos que mais agradam os membros da *Church*



Fonte: Próprio autor, conforme pesquisa Anexo 6

No caso da *Church in Connection*, o conjunto de princípios que servem de base para as explanações e ensinamentos são adaptáveis aos pensamentos dos membros e dos frequentadores da instituição. O quantitativo (27,8%) dos membros que se apegam ao ensino bíblico acabam por reforçar uma pregação que não é rígida, que tem espaço para diversas crenças sobre a fé cristã (como no caso de predestinação e livre-arbítrio), e não tendem para uma doutrina rígida e absoluta, mas para a subjetividade

presente na recepção, na acolhida, nas novidades, na fruição do louvor e do culto. Somadas essas escolhas teremos 68,2% dos membros diferenciando e escolhendo a *Church* por razões de gosto pessoal independente das doutrinas.

A tarefa do pastor Thiago é ensinar uma virtuosidade, uma alegria, uma autoconfiança. As mensagens terminam quase sempre em tom de desafio para uma vida de “bênçãos que Deus oferece a todos”. Contudo, aparecem coisas que devem ser evitadas pelos fiéis, bem como os lugares a serem privados, as paixões a que se deve renunciar e as ações a serem adotadas. Na transcrição da pregação (cf. Anexo 5, C5), o Pastor Thiago se dirige aos fiéis dizendo “É preciso fugir do pecado”. Esta frase é repetida para que as pessoas possam gravar, “não devemos estar, por exemplo, nos *shows* da pecuária nesta noite, porque não é o lugar em que nós vamos glorificar a Deus, é não ser prudentes” (*sic*). Ele cita o texto do Velho Testamento: “A sabedoria do prudente é entender o seu próprio caminho, mas a estultícia dos insensatos é enganadora” (Provérbios 14: 8 BS). Logo em seguida, ele faz uma “exortação” às irmãs para “não usem roupas que marcam o corpo com o fim de provocar ou se insinuar aos homens”. No culto anterior, ele havia lembrado, “já exortei os homens a serem fiéis às suas esposas e não se prostituírem, nem navegar em sites pornográficos’ (*sic*).

Com base nessas “exortações que faz aos membros”, e na impossibilidade de se perder a salvação eterna, embora todos sejam livres para escolher caminhos diferentes na vida terrena, o Pastor Thiago Vinícius Cunha se diz um protestante calvinista.

- Eu sou pastor calvinista, as pessoas foram predestinadas para o céu ou para o inferno. O caminho que as pessoas seguem na terra depende delas, já a salvação não. Essa última é predestinação. Não sou Pentecostal, acho o termo inadequado. O livre-arbítrio serve para escolhas que as pessoas fazem. A salvação não. O que é salvo sempre persevera, é atraído mesmo quando distancia de Deus. O resultado final eu sei, sou salvo, vou lá, mas, preciso desenvolver a salvação. A soberania de Deus é total, como nos casos do profeta Jeremias e de Jonas. A nossa teologia e doutrina está baseada na Bíblia. Rompemos com usos e costumes (*sic*).

Na teologia presente nas pregações da *Church*, o pastor Thiago enfatiza ao que Weber (2014) salienta como “poder causal” que tem “a esperança da salvação”,

e a forma como a vida é conduzida pelos indivíduos. A salvação é importante e impõe uma determinada conduta de vida.

Para nós, a ânsia pela salvação, qualquer que seja sua natureza, é de interesse especial, na medida em que traz consequências para o comportamento prático da vida. Esse rumo positivo e mundano é dado de modo mais intenso pela criação de uma “condução da vida” especialmente determinada pela religião e consolidada por um sentido central ou um fim positivo, isto é, pela circunstância de que surge, a partir dos motivos religiosos, uma sistematização das ações práticas em forma da orientação destas pelos valores (WEBER, 2014, p. 357).

O princípio teológico adotado pela *Church*, da salvação em Jesus Cristo pela graça de Deus e através da fé, é basilar nas religiões de matriz cristã. A postura ética e moral exigida pelo pastor Thiago, como elemento presente numa conduta de santificação e processo de melhoria constante como sinal de salvação, é uma marca do protestantismo clássico que migrou dos Estados Unidos para o Brasil e marcou a religião cristã protestante em suas diversas expressões. Contudo, se percebe uma “elasticidade” ou tolerância em relação ao comportamento dos membros da igreja porque as pregações (cf. Anexos 4 e 5) têm o tom emocional e de valorização das pessoas, acima de preceitos ligados a usos e costumes.

A ética protestante, restritiva e severa em todos os aspectos da vida, concorria como elemento fortemente diferenciador e identificador do grupo e do indivíduo na sociedade abrangente. A ética protestante parece ter fornecido aos grupos que o aceitaram um forte elemento de coesão, organização e identificação social, um subsistema mais ou menos diferenciado do sistema vigente (MENDONÇA, 1984, p. 154).

Conquanto, aspectos morais, como proibição de sexo antes do casamento, proibição de bebidas alcoólicas e de cigarro, apareçam nas prédicas aos jovens da *Church*, mas não de forma ostensiva e com caráter de imprescindibilidade da fé cristã, outros padrões “mundanos” para muitas denominações são negociados com sucesso e se tornam uma identificação dos membros dessa igreja. A exemplo das festas e dos churrascos realizados no domingo; da permissão de fazer tatuagens - o pastor fez quatro tatuagens nos braços -; reuniões aos sábados a partir das 22h com músicas gospel³⁴ em estilo Rock, Hip Hop, Rap e outros estilos.

³⁴ De acordo com Mariano e Moreira (2015): “No Brasil, a música gospel é qualquer canção (de qualquer estilo ou ritmo musical), criada por religiosos para glorificar a Deus, pregar o Evangelho e criticar o mundo ou comportamentos mundanos, a partir da perspectiva cristã” (MARIANO; MOREIRA, 2015, p. 54).

O pastor afirmou³⁵ que ele é um “pastor reformado e calvinista”. Na teologia que ele adota, “desde os tempos de seminário na IPRB”, a “salvação”, segundo nos relatou, “não é proveniente de obras, mas da graça de Deus”, um “favor que Deus presta aos homens de forma imerecida a esses”, que no caso já seriam “eleitos” para a salvação eterna. Percebe-se, contudo, que o “ser calvinista” não significa aceitar os princípios teológicos que marcaram e marcam igrejas protestantes, cuja doutrina deriva diretamente da teologia de João Calvino e da Confissão de Westminster. Existe uma pregação com o uso de conceitos teológicos calvinistas, mas o pastor quase sempre enfatiza a necessidade de que “cada um” e “o coletivo” devem “tomar a decisão de seguir a Jesus”, ou de que “Jesus é o salvador de todos aqueles que pedem a salvação a Ele”. Dito de outra forma, existe a ênfase na capacidade de o homem decidir sobre a sua própria salvação, uma vez que o desafio é realizado ao estilo de “ir ao encontro de Cristo e se render a Ele”. Na prática, o pastor destaca o “livre-arbítrio” e não a doutrina da “predestinação”³⁶, como no calvinismo e na Confissão de Westminster.

Essa consciência da origem no Protestantismo clássico, que o pastor Thiago manifesta, se mescla: 1) com um espírito de “informalidade geral”, onde cada um pode no decorrer dos cultos clamar pelos seus próprios problemas e questões sem ser censurado; 2) com a possibilidade de se tornar membro apenas preenchendo e assinando a ficha de “aliançado” oferecida no final dos cultos; 3) com a ênfase constante de que Deus “ministra” sua vontade por meio da aceitação das comunicações de trechos bíblicos e das “palavras de vitória” proferidas pelo pastor Thiago, sobre os problemas da vida dos fiéis.

³⁵ Depoimento para a pesquisa A2 e A3 dos dias 13 de junho de 2016 e de 23 de setembro de 2016, respectivamente.

³⁶ De acordo com o Teólogo J. I. Packer (1999) “A predestinação é uma palavra frequentemente usada para significar a preordenação de Deus de todos os eventos da história universal, passados, presentes e futuros [...] na linha teológica prevalecente, predestinação significa especificamente a decisão de Deus tomada na eternidade antes da existência do mundo e de seus habitantes, com respeito ao destino final dos pecadores individuais (1999, p. 36). Na Confissão de Fé de Westminster, adotada pela IPRB desde o período da fundação na década de 1970, até os dias de hoje, está escrito no capítulo 3 “Dos eternos decretos de Deus”, que a verdade teológica dos confessantes é que “pelo decreto de Deus e para a manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros para a morte eterna”. Esse e outros princípios podem ser consultados na versão eletrônica disponível em: <<http://pipg.org/Content/site/documentos/confissao-de-fe-de-westminster.pdf>>.

Tais características fogem ao padrão protestante reformado, que prima pelo literalismo bíblico e aproxima a *Church in Connection* e seu pastor-fundador do estilo classificado por Mariano (1999) de neopentecostal. Embora a *Church* não se pautem pela luta contra o diabo e com os exorcismos que marcam esses atos, nem reitere a Teologia da Prosperidade como ponto fulcral de suas pregações, pode-se perceber que essa igreja toma um rumo neopentecostal de “afirmação do mundo”. Em nenhuma observação dos cultos de domingo, feita para a pesquisa – de 2014 até 2016 – foi realizado algum ato que se aproximasse de exorcismos ou de lutas contra o diabo como o antagonista de Deus. Por outro lado, são muitas as declarações de que Deus é bom, de que atua na vida de quem pede e de que o sofrimento é fruto dos erros humanos e da vontade de Deus em aperfeiçoar seus filhos (cf. Anexo 4 e 5).

Embora aceitando o estado de sofrimento que se encontra o mundo e, às vezes, os membros da igreja, como vontade de Deus, o pastor Thiago e os líderes de louvor da igreja conclamam os membros a buscarem uma vida de alegria, de atividades de lazer, de prazer e saúde corporal e espiritual. Essa chamada ao gozo, à fruição que acontece nos momentos de louvor e em outras programações da igreja não escondem o fato, sempre observado em interpretações bíblicas, de que o crente também sofre. Mas reitera o pastor, é necessário aprender a ser feliz (cf. Anexo 4 T2, p. 7 e 8):

- No ano de mil seiscientos e quarenta e dois Thomas Brow disse a seguinte frase: “eu sou o homem vivo mais feliz do mundo, porque eu tenho algo em mim que pode converter pobreza em riqueza, adversidade em prosperidade, tristeza em alegria, infelicidade em felicidade. Eu pensando na frase desse homem, eu me deparando com a palavra do Apóstolo Paulo, eu vejo que a verdadeira felicidade, meu irmão, é você *gozar dos momentos que a vida proporciona para você e você conseguir olhar com outros olhos e você fazer daquele momento um momento sobrenatural (sic)*.

- A verdadeira felicidade não são os momentos que tudo vai bem, que tudo está contente, ou que tudo está dando certo, ou que você conseguiu adquirir aquilo que você tanto sonhava. Não! Felicidade não é isso, felicidade é aproveitar os momentos da vida, e aproveitar, quem sabe, o momento de perda, e fazer quem sabe, desse momento de perda, um momento de reconciliação da família, um momento de reflexão sobre o seu papel como pai e mãe; é você aproveitar o momento de enfermidade e aproveitar daquele momento e fazer um momento feliz mesmo aparentemente não sendo. A verdadeira felicidade é aproveitar os momentos da vida (sic).

A ênfase não é a de que, como no neopentecostalismo, “o crente está destinado a ser próspero, feliz e saudável nesse mundo” (MARIANO, 1999, p. 44). A ênfase das pregações e interpretações bíblicas são no sentido de afirmação da

felicidade, do prazer e alegria no tempo presente, apesar dos sofrimentos. Como registrado acima, a ideia central é “gozar os momentos que a vida proporciona”. Um tipo *carpe diem* cristão, se for possível assim afirmar. Para os jovens, cheios de vitalidade, essas palavras produzem boa repercussão.

Parece que a *Church* tenta se interpor entre o literalismo bíblico, que marca muitas correntes do protestantismo tradicional, e que se orienta pela formação histórica no século XVI, com ênfase na liberdade do Espírito Santo com seus dons, carismas e manifestações de comunicação com o Espírito Santo.

Essa é uma pista mas não esgota a questão sobre o posicionamento teológico da *Church in Connection*. O equilíbrio é frágil. Naso (2015) articula uma relação entre o Protestantismo histórico e o Pentecostalismo praticado atualmente. Para esse autor, o que dificulta tal análise é a complexidade e fragmentação da “galáxia carismática”. Segundo suas análises, existe uma corrente pentecostal que tenta se ancorar na dogmática reformada, para “sobre esse tronco desenvolver uma espiritualidade fortemente carismática”, e outro que se distancia do mundo da Reforma, menos dogmático. Como afirma Naso (2015):

Em crescimento maior no Sul do mundo que no Ocidente secularizado, o Pentecostalismo dispõe de respostas diretas e facilmente acessíveis para inquietações difusas por sentido, por segurança e por mudança. Um cristianismo substancialmente não-denominacional, mais experimental do que dogmático, flexível em suas formulações e, tendencialmente, sincrético. Nisto decididamente pós-moderno e pós-protestante (NASO, 2015, p. 270).

A impressão deixada pelos momentos vividos na igreja nas horas de culto é de que a alegria, as novidades e as surpresas apresentadas chamam à participação e têm um efeito pedagógico que supera a de qualquer teologia a ser ensinada e obedecida, e que ao mesmo tempo é uma outra teologia. Tudo aponta para o desfrute de momentos empolgantes. Estar no tempo presente é um imperativo para gozar dos efeitos da comunidade de fé contextualizada pela *Church in Connection*.

Os momentos “mágicos” do louvor e das apresentações teatrais e circenses, mais a performance do pastor Thiago e de sua equipe, funcionam como veículo de experimentação, mais do que de ensino sobre Deus e a religião. A alegria é uma constante, Deus é Deus das novidades, das surpresas, das cores e sons, do sorriso aberto e dos cânticos com alto teor emocional. Não foi registrado pela pesquisa (2014-

2016) nenhuma manifestação que aproximasse a *Church* do pentecostalismo denominado de primeira onda, como o falar em línguas estranhas (Glossolalia) e profecias, nem tampouco se observou atividades de cura e de milagres características da segunda onda do pentecostalismo. Contudo a estrutura e as operações cúlticas se assemelham as do pentecostalismo.

Perguntado sobre sua identidade pentecostal (cf. Anexo 1, p. 2, 3, 4, 5 e 8), o pastor Thiago Vinícius Cunha respondeu que não tem nenhuma relação com os pentecostais e que a igreja está distante “disso”, e que o termo pentecostal é “inadequado para os dias de hoje” (entendemos pela conversa que o pastor quer se diferenciar a todo custo de qualquer relação com o pentecostalismo).

Na análise feita por Naso (2015), sobre as relações entre o pentecostalismo e o protestantismo, existe a tendência de situar o primeiro num grande campo de complexidade e de fragmentação teológica. Segundo o autor, o pentecostalismo se apresenta teológica, eclesiológica e ritualisticamente de diversas formas. Às vezes, se distanciando do protestantismo e “se contaminando com o espiritismo da tradição afro-brasileira, a Umbanda” (NASO, 2015, p. 263); às vezes, relativizando a rigidez das formulações dogmáticas; às vezes, se aproximando muito das comunidades religiosas tradicionais. A questão que Naso enfatiza é que o pentecostalismo cresce devido a essa “porosidade das fronteiras teológicas e rituais”, se apresentando no Brasil como um espaço de “acolhimento, no qual é possível sonhar”. Nas palavras de Naso (2015, p.264): “o dinamismo da comunidade, sua vitalidade emocional, sua capacidade de acolher e curar são fatores de atração muito mais significativos do que sua teologia dogmática ou sua identidade histórica denominacional.

Seguindo essa linha de “porosidade” das organizações pentecostais, que se estende de “A” a “Z” num universo religioso cristão, é possível identificar a *Church* como pentecostal. Contudo, pelo modelo adotado, na verdade copiado, da *Church By the Glades*, pelo amplo uso do sistema multimídia, pela democratização do carisma que amplia a liberdade criativa dos membros, pela valorização dos jovens na ocupação dos cargos da igreja, pela consulta constante do que agrada e não agrada esse público e pela manutenção de uma liberdade relativa e com tendências a

ampliação dos usos e costumes, não é possível manter o título Pentecostal para a *Church in Connection*.

Estamos diante de uma organização religiosa que valoriza um nicho muito específico do mercado religioso, que é exatamente aquele que mais discute e põe em cheque os princípios que tolhem a liberdade individual. Os jovens estão em busca de algo novo que se encaixe no padrão vivencial de tempos plurais. Retomaremos essa questão no último capítulo do trabalho fazendo uma análise sobre o “ser jovem” na atualidade e suas relações e buscas na religião.

Potencializado pelas mídias eletrônicas, a *Church* apresenta um “dinamismo empresarial” articulado pelos jovens que operam a sistemática de funcionamento dos cultos. É constante a produção de novos espetáculos com componentes diversos e envolvendo uma carga emocional coletiva muito grande, de muito entusiasmo. Ela se enquadra em parte na “empresa liberal carismática”, definida por Naso (2015), que caminha pelos “sulcos da Reforma”, consciente das suas raízes nos “fundamentos da teologia protestante clássica”, mas trilhando seus caminhos por meio da informalidade e “ausência de formas obrigatórias” impostas pela Reforma. A *Church* não se desvia do objetivo de fortalecer a fé dos seus fiéis, por isso suas pregações não dispensam a “prosperidade” como uma das consequências de seguir a Jesus, mas não faz disso a sua pedra de toque.

Por último, é necessário registrar que existe nas pregações do pastor Thiago uma escatologia clássica que se mistura com uma salvação aqui e agora. Ao mesmo tempo que se enfatiza que a “opção de bênçãos e maldições” é para o “aqui e agora”, o sofrimento, a dor e os insucessos são tratados com regularidade nas pregações e tidos como momentos que devem ser aproveitados para o aperfeiçoamento e não como maldição de Deus ou tentação do mal. Podemos exemplificar por diversas pregações esse paroxismo: na pregação (cf. Anexo 5, C1) do dia 01 de março de 2015, o pastor Thiago conta a história ilustrativa sobre bênçãos dadas por Deus a um membro que o procurou e pela oração e fé em Cristo ganhou um cargo melhor na indústria em que trabalhava; já na pregação (cf. Anexo 5, C2) do dia 08 de março de 2015, o pastor enfatiza que o “sofrimento não é maldição de Deus nem abandono, mas uma forma de Deus nos aproximar Dele e ensinar sobre o Reino, especialmente sobre a oração” (*sic*).

2.4. CHURCH, QUE TIPO DE ONDA É ESSA?

Ao falar sobre a diversificação e expansão do pentecostalismo no Brasil, Mariano e Moreira (2015) discorrem sobre o longo caminho percorrido pelos grupos pentecostais do início do século XX, quando se implantam aqui os primeiros movimentos denominados pentecostais, até o século XXI, com o crescimento dos grupos mais independentes que compõem o neopentecostalismo.

A metáfora marítima, já usada por outros teóricos dentro e fora do Brasil, para designar diferentes tipos de pentecostalismo, serve como orientação. Os autores citados recorrem à classificação do cientista político Paul Freston que estuda esses movimentos religiosos e sua participação na política, definindo-os como: 1) pentecostais de primeira onda, aqueles do pentecostalismo inicial, no começo do século XX, e que eram marcados por igrejas coesas, de *ethos* de minoria religiosa, apartados de “costumes, tradições e valores da cultura e da religiosidade popular brasileira, considerados mundanos, pecaminosos e diabólicos”. Ainda para Mariano e Moreira (2015), a identidade desses primeiros pentecostais foi, por muito tempo marcada pelo “[...] ascetismo, sectarismo e anticatolicismo, pela ética de negação do mundo, pelo rigorismo nos costumes e pelo apoliticismo, pela ênfase no dom de línguas (glossolalia), pela crença na intervenção divina e pela expectativa apocalíptica” (MARIANO; MOREIRA, 2015, p. 48).

Os pentecostais de primeira onda foram identificados como os da Congregação Cristã do Brasil e da Assembleia de Deus, que se estabeleceram no Brasil a partir da década de 1910, e a eles se juntaram outras instituições até a década de 1940. Todas dentro de um contexto rural ou de fluxo migratório rural-urbano. 2) A segunda onda do pentecostalismo começaria a partir da década de 1950 e se estenderia até a década de 1970, coincidindo com a chegada no Brasil, em 1953, da Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada em São Paulo por missionários vindos dos Estados Unidos e da forte ênfase na teologia da cura divina.

Para Siepierski (2003), o fato de se buscar soluções imediatas para os problemas das pessoas aqui e agora deu ao movimento pentecostal outra roupagem e representou um passo tímido em direção às novas formações pentecostais, porque

se deu ênfase na cura divina. Esse fato mostrava que os pentecostais já não estavam centrados na vinda imediata de Cristo com a negação do mundo, mas procuravam solucionar os problemas terrenos e, a esses problemas, passaram a dar prioridade nos cultos e reuniões da igreja.

A igreja do Evangelho Quadrangular assumiu características que a aproximaram do povo e da cultura brasileira, ganhando contornos próprios e abrindo espaço para outras igrejas como O Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962) e Casa das Bênçãos (1965). Os pastores eram brasileiros e passaram a usar largamente o evangelismo radiofônico, as preleções para grandes públicos em estádios de futebol e praças públicas, e começaram a participar da vida política brasileira apoiando e lançando candidatos nas eleições. A máxima construída por essas denominações para enfrentar as disputas políticas era: “Irmão vota em irmão”. Mariano e Moreira ainda salientam que “a partir daí, o Pentecostalismo encaminhou-se para se tornar uma religião de massa” (MARIANO; MOREIRA, 2015, p. 49).

Por último, a terceira onda começaria a partir da década de 1970, com a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (1977), seguida pelas igrejas Internacional da Graça de Deus (1980) e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1986), e outras que deram início a uma nova fase, o das Igrejas neopentecostais³⁷. São muitas as novidades trazidas com o neopentecostalismo, dentre elas um destaque para a guerra das forças de Deus contra o Diabo, “uma guerra cósmica entre Deus e o Diabo pelo domínio da humanidade” (MARIANO, 1999). A superexposição dessas batalhas, que ocorre inclusive nos púlpitos das Igrejas, coloca em destaque os cultos afro-brasileiros e espíritas, que são identificados com o Diabo.

Para Siepierski (2003), existe uma dificuldade em se chamar essa terceira onda de neopentecostalismo, pois as ênfases na “guerra espiritual”, na “teologia da prosperidade” e na “eliminação dos sinais externos de santidade” distanciam as igrejas chamadas neopentecostais das práticas de fé e teológicas que marcaram o

³⁷ O neopentecostalismo continua a se expandir no Brasil e a ter aspectos de sua base de ação copiados por outras denominações e/ou igrejas do campo pentecostal como a Teologia da Prosperidade, a luta contra o diabo, chamada de Guerra espiritual, a liberação e usos e costumes e a estruturação organizacional empresarial na gestão dos bens de salvação (MARIANO, 1999, p. 36).

pentecostalismo da primeira e segunda onda. De acordo com Siepierski, as crenças das comunidades de fé, como Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e outras, concentram-se nas coisas terrenas, nas necessidades do dia a dia, afastando a expectativa da volta iminente de Cristo e buscando bens materiais, conforto, riquezas, prosperidade individual. A política também aparece na lista de interesses dessas Igrejas.

Para Siepierski, essa terceira onda se afasta tanto da primeira quanto da segunda onda (que se diferenciavam apenas na ênfase que davam a um ou outro dom espiritual) e deveria ser chamada de *pós-pentecostal*. Ele afirma que:

O pós-pentecostalismo é um afastamento do pentecostalismo (uma ruptura e não uma continuidade) tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual. [...] Os traços característicos incluem uma mistura deliberada de religiosidade popular, a utilização autoconsciente de estilos e convenções anteriores, a construção de estruturas comerciais, o abandono dos sinais externos de santidade e, frequentemente, a incorporação de imagens relacionadas com o consumismo e a comunicação de massa da sociedade pós-industrial do final do século XX. Seu objetivo declarado é estabelecer uma nova cristandade por meio da atividade política (SIEPIERSKI, 2003, p. 79).

Para Mariano (1999), no neopentecostalismo surge a luta contra o diabo, que envolve até uma ideia de “recristianização da sociedade pelo ‘alto’, quer dizer, pela via político-partidária e pela mídia eletrônica”, aparece uma doutrina que difunde a ideia de que o sofrimento não está na vontade de Deus, que quer que os homens sejam prósperos, saudáveis e ricos. É uma doutrina que rompe com a “ideia da busca da salvação pelo ascetismo de rejeição do mundo”. A ideia Pentecostal de primeira onda era de rejeitar o mundo; no neopentecostalismo da terceira onda, o mundo é afirmado. No centro dessa doutrina está a ideia de que se o crente for fiel no pagamento do dízimo, doação de dez por cento de tudo o que ganha para a Igreja, Deus o fará rico, saudável e pleno de satisfação “neste mundo” (MARIANO; MOREIRA, 2015, p. 49,50).

Mariano destaca na terceira onda neopentecostal o papel do movimento gospel, que “faz dos ritmos profanos da moda poderosos instrumentos de evangelização de jovens” (MARIANO, 1999, p. 45). É uma acomodação à sociedade inclusiva e de consumo apontando para uma igreja menos sectária em relação aos padrões do mundo (vestuário, uso de cosméticos pelas mulheres, frequência a

cinemas e clubes, compra de TV e de outras tecnologias). Estruturadas de forma empresarial, usando técnicas de *marketing* e com metas de caixa e de “filiais” a serem abertas pelo país afora. Os neopentecostais não estão sozinhos no mundo pentecostal e se afirmam como modelo para igrejas pentecostais de outras ondas.

No trabalho de Campos (1997), dois eixos de análise da igreja neopentecostal Universal do Reino de Deus (IURD) são seguidos com sucesso. O primeiro é aquele que transforma o velho sagrado (do protestantismo histórico e do catolicismo) de uma promessa de futuro, de paraíso extraterreno, para um reino aqui e agora (*hic et nunc*); o segundo eixo de análise aponta para a substituição do conceito de “mercantilização do sagrado”, por um “marketing do sagrado”. Dito de outra forma, a IURD faz com sucesso a prospecção daqueles símbolos de salvação requeridos pelos possíveis fiéis para depois colocá-los à disposição pelos sacerdotes da instituição. É a inversão do vetor “sacerdote-consumidor”, por um outro “consumidor-sacerdote” (CAMPOS, 1997, p. 10-12).

Todas essas explanações e tipologias não são para construir “jaulas de ferro” das classificações e das expressões pentecostais na realidade religiosa brasileira. Em relação a essa questão, Mariano (1999) já salientara que “entre as igrejas neopentecostais não existe homogeneidade teológica”, essa unidade não existe nem dentro do grupo dos chamados “evangélicos”. Naso (2015) também chama a atenção para a “porosidade das fronteiras teológicas e rituais” do pentecostalismo, bem como da “ausência de formas obrigatórias que caracterizam alguns de seus componentes”. Aliás, Naso (2015) aponta esses fatores como alguns dos elementos responsáveis pelo crescimento do pentecostalismo na América Latina.

Quando aplicamos esses dados e características do pentecostalismo à *Church in Connection*, notamos que ela aparenta não “surfear” em ondas que já passaram. Ela não faz uso, como no pentecostalismo de “primeira onda”, do dom de línguas (Glossolalia) e de profecias, como fator de atração dos fiéis (aliás, nunca foi observado o uso de tais dons na igreja nos principais cultos de domingo à noite e de sábado). A *Church* também não faz, como no pentecostalismo de “segunda onda”, campanhas de “cura divina”, e nem tem na sua teologia a cura divina como princípio teológico, ao contrário, nas observações para a pesquisa já se observou inúmeras pregações e ritos

que envolviam a necessidade de os fiéis suportarem os próprios sofrimentos e “esperarem pelo Céu”, um “mundo” que ainda está por vir.

O enquadramento do pentecostalismo ou neopentecostalismo como uma “terceira onda” do pentecostalismo é muito difusa. Consequentemente, é impossível não encontrar algumas características que são afins ao *modus operandi* da *Church in Connection*. Contudo, a *Church* não propugna um tipo de “re Cristianização pelo alto”, ou seja, participação e mudança do mundo pela via política, sequer lança ou apoia candidatos a eleições. Mas é preciso salientar que a *Church* tem programas de participação social no que tange a serviços variados: entrega de brinquedos para crianças em datas especiais, auxílio de idosos e de organizações não governamentais, participação em eventos de mobilização para o auxílio em comunidades que sofreram algum tipo de problema (como no caso da comunidade de Mariana em MG, que precisou de água potável depois de um acidente ambiental). Estas iniciativas são acompanhadas da teoria/teologia de que os fiéis, de acordo com o pastor Thiago, precisam juntamente com a igreja desenvolver uma forma de participação social e política própria.

A *Church* também não ensina que o sofrimento é uma aberração ou castigo de Deus, nem mesmo obra do diabo (ao contrário, foram muitas as pregações e ensinamentos bíblicos que sustentavam que “o sofrimento era motivo de alegria porque Deus estaria com isso aperfeiçoando os fiéis da igreja”, cf. Anexo 2, T2, p. 2). Isso não implica na descrença em milagres. Na *Church*, pelo menos nas prédicas, Deus pode operar milagres como arrumar emprego para quem se acha desempregado, ou melhorar de emprego para quem já está colocado no mercado de trabalho, ajuntar em casamentos pessoas que estão solteiras etc. (cf. Anexo 5).

Quanto ao uso do atual sistema multimídia (Informacional, em Rede e Global) não pode ser anotada como uma característica exclusiva dos neopentecostais, mas sim, de qualquer grupo, organização ou instituição que está inserida no sistema de produção típico do século XXI. E mais, de qualquer instituição que queira se colocar de forma competitiva nos diversos mercados, agora mercados interligados. Quanto a buscar satisfação no “aqui e agora”, uma diferença da *Church in Connection* com os neopentecostais é que os seus espetáculos são consumidos no ato da produção. Não

é um produto do tipo “saúde a se recuperar”, ou “riquezas a serem conquistadas”. Embora possa ocorrer promessas de bênçãos, o culto é a coisa em si.

Uma última observação que fazemos é que na *Church* ocorre o “sagrado marketing” e não o “marketing do sagrado”. O *marketing* foi alçado a uma altura tal que lhe é possível “criar tradições” e estabelecer motivações nas pessoas através das engrenagens imagéticas e dos recursos mobilizados para encantar o espectador/consumidor. Retomaremos a importância e independência do *marketing*, bem como o seu poder de produzir os símbolos sagrados, no capítulo posterior.

Percebe-se uma onda religiosa que copia estilos de vida “modernos”, globais, nesse caso dos jovens norte-americanos (mas não num sentido único, existem adaptações e acomodações à realidade local), e também a cópia de movimentos estéticos praticados por organizações religiosas norte-americanas como a *Church By the Glades*, com muito louvor (grande parte dos cultos é dedicada a essa atividade) e adoração a Deus, tudo movido com muita ação e emoção como visto nas imagens abaixo de cultos na *Church By the Glades*.

Figura 11 – Momentos do culto na Igreja *Church By the Glades*



Fonte: Cbglades³⁸

³⁸ Imagens retiradas do site *Church by the glades.com*. Disponível em: <<http://cbglades.com/connect>>. Acesso em: 25 dez. 2016.

Segundo Mariano (1999), muitos autores³⁹, estudiosos do pentecostalismo, concordam que as três vertentes apresentam: antiecumenismo, líderes fortes, uso de meios de comunicação de massa, estímulo à expressividade emocional e pregação da cura divina” (MARIANO, 1999, p. 36).

A crescente visibilidade do Pentecostalismo ressalta a crise das igrejas tradicionais e as obriga a confrontar-se. No entanto, enquanto as igrejas históricas parecem sofrer com o crescente pluralismo, as novas igrejas, graças à flexibilidade, à ênfase na experiência, ao uso dos meios de comunicação e ao seu tipo de organização, levam vantagem. Elas estão pouco interessadas no diálogo ecumênico, exaltam a busca pelo sucesso e a competição, oferecendo aos seus fiéis um modelo funcional às dinâmicas da economia (TROMBETTA, 2014, p. 21).

A observação de Trombetta (2014) nos parece acertada porque a *Church* trabalha exatamente na brecha deixada por muitas igrejas pentecostais que continuam rígidas em relação a usos e costumes e também inadequadas ao padrão cultural imposto pelo sistema multimídia. É acertada também a constatação de que uma igreja em harmonia com as “dinâmicas da economia” tem mais chances de sucesso. A *Church* incorpora a modalidade atual de “ensino a distância”, aforisticamente desenvolvido quando pelas breves mensagens abastece seus fiéis do conteúdo religioso e propagandístico, via *smartphones*. A ênfase na experiência, que ocorre e é encorajada pela igreja, é um padrão que tem mais relações com a sociedade e a economia atual (sociedade do pluralismo) do que com um movimento religioso em específico. Voltaremos a essa questão quando tratarmos sobre a convergência entre mídia e religião.

2.5. CHURCH IN CONNECTION: EMPRESA LIBERAL PROCURANDO SEU ESPAÇO

De acordo com o Censo do IBGE⁴⁰ de 2010, dentre os evangélicos, o grupo denominado Pentecostais/Neopentecostais é o que mais cresceu, quase duplicando o seu percentual que sai de 5,6% em 1991 para 13,3%, do total da população brasileira. Essa é a visibilidade que aponta Trombetta (2015), que contrasta com o declínio da filiação Católica Romana, que caiu de 83% em 1991 para 64,6% em 2010,

³⁹ Dentre os autores citados figuram Bittencourt Filho (1989); Oro (1992); Wilson Azevedo (1994); e Paul Freston (1993). Podemos ainda incluir Campos (1997); Mariano e Moreira (2015); Oro e Wynarczy (2015); Trombetta (2015).

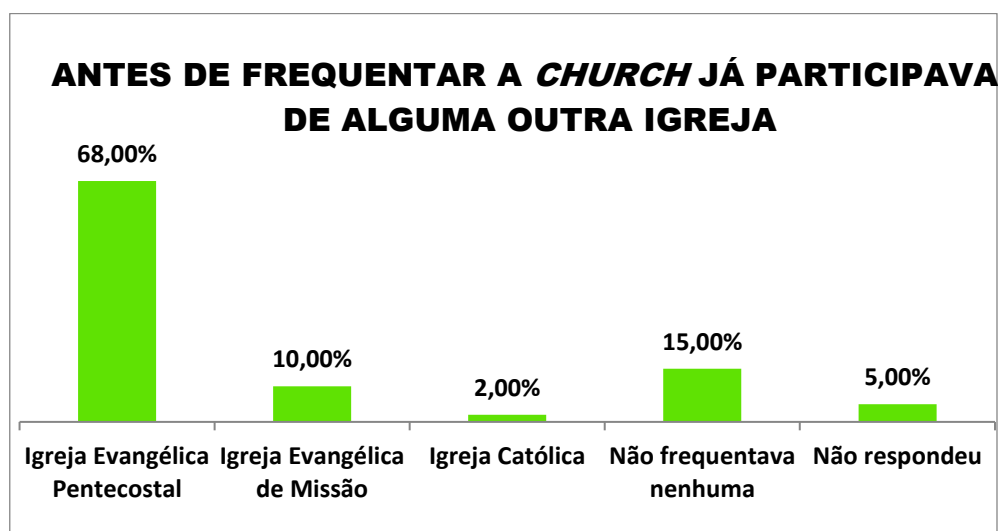
⁴⁰ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) disponibiliza os dados mais completos de filiação religiosa no site <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

bem como dos Evangélicos de Missão, que apresentaram um crescimento pequeno de 3% para 4% em 2010. Para Trombetta, a organização empresarial das igrejas pentecostais, que Naso (2015) denomina de “empresa liberal carismática”, está entre os fatores centrais de crescimento do pentecostalismo.

A *Church* pode ser incluída nessa tipologia de “empresa liberal carismática”, pois demonstra uma visão sistêmica de organização com conhecimento profundo dos possíveis “clientes” (a participação jovem será tratada no último capítulo), dos fiéis e do mercado religioso, dirigindo-se especialmente às parcelas jovens da população brasileira.

Cabe bem a tipologia de “empresário do espírito”, como afirma Enzo Pace (2015), para o pastor Thiago Vinícius Cunha. O ponto defendido pelo autor, de que tais “empresários” competem no mercado pentecostal, é muito acertado em relação ao pastor da *Church in Connection* (Cf. Anexo 6).

Gráfico 6 – Origem religiosa dos fiéis



Fonte: Próprio autor, conforme pesquisa Anexo 6

A aproximação do pentecostalismo se faz no campo de disputa por fiéis. O pastor Thiago se concentra no nicho jovem de mercado, organizando sua mensagem e montando suas equipes de trabalho dentro da igreja. A maior parte dos seus fiéis são oriundos de outras igrejas pentecostais. Esse fato aponta uma afinidade entre a *Church* e as denominações evangélicas do ramo pentecostal.

A igreja se mostra como uma instituição que inova constantemente em seus cultos e que faz as pregações por temáticas – estas serão analisadas pormenorizadamente no próximo capítulo. Sempre com uma apresentação renovada da religião, com participação coletiva e ambientação de show, envolvendo músicas, teatro, danças e sistema multimídia. São programações que mesclam a mensagem religiosa cristã por meio dos mais diversos canais de comunicação com os fiéis.

Embalada por uma espiritualidade alegre, do tipo pentecostal, mas sem manifestação de dons de línguas ou de profecias, os cultos na *Church* no item “exposição bíblica” são semelhantes aos das igrejas reformadas, como a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Nesse sentido, a *Church* se aproxima das “correntes que, ancorando-se na dogmática reformada, pretendem sobre aquele tronco desenvolver uma nova espiritualidade carismática” (NASO, 2015, p. 270).

Percebe-se um espetáculo religioso que copia estilos “modernos” de vida dos jovens norte-americanos e também a estética praticada por organizações religiosas norte-americanas, como a *Church By the Glades* (CBG), com muito louvor (grande parte dos cultos é dedicada a essa atividade) e adoração a Deus, tudo movido com muita ação e emoção, como veremos nas imagens abaixo dos cultos na *Church By the Glades*.

Esse *mise-en-scène* de espetáculo, carregado de emoções, é copiado pela *Church in Connection* e funciona como um modelo para os cultos, sendo uma demonstração da bem-sucedida fusão do sistema midiático e dos cultos religiosos (que será trabalhado no capítulo seguinte, sob o título de “convergência entre a mídia e a religião”). Durante o culto/show/apresentações o pastor e os dirigentes animam os presentes com frases como: “Você foi criado para adorar a Deus”, ou “Deus tem uma palavra para seu coração hoje”, “que bom que você veio aqui hoje”, “a alegria do Senhor é a nossa força”, “Deus é aquele que te dá direção” (todas essas frases, e muitas outras, são ditas pelo pastor que, em seguida, pede aos fiéis que as repitam uns para os outros – Cf. Anexo 5, C4, C6 e C7)

Embalado nas programações, os líderes, tanto os técnicos quanto os espirituais, fazem a projeção, propaganda, da igreja *Church in connection*, que tem o nome reduzido para *Church*. A facilidade da pronúncia e o grande “C”, projetado das

mais diversas formas, consolidam a identidade da igreja. A identificação com as questões da juventude e a postura jovem do pastor Thiago Vinícius Cunha se expandem. A igreja cresce aceleradamente e chega a outras cidades, a exemplo do que está acontecendo atualmente, indo para a cidade de Goiânia e Nerópolis (cf. Anexo 1, p. 1,2,4). Essa é uma visão empresarial de expansão do modelo utilizado que, na verdade, começou com a igreja *Church By the Glades* (CBG).

2.6. CHURCH CONNECTION, A CRIAÇÃO DE UMA MARCA

A *Church in Connection* é uma igreja autônoma e autossustentada. Ao se desligar da IPRB, com a concordância dessa, ficou com os bens adquiridos até 2016, mas o templo ainda é alugado, bem como o galpão onde funciona a *Church Kids* (Igreja para Crianças com salas de aula específicas para cada fase), e a chácara (*Church Farm*), adquirida pela Igreja, ainda sendo paga em prestações. O grosso do patrimônio está investido nos aparelhos tecnológicos de som e imagem com que a igreja se aparelhou para os cultos de domingo, principalmente. A chácara nas imediações da cidade de Anápolis está aos poucos sendo equipada para as programações da igreja.

A entrega dos fiéis à direção do pastor Thiago se aproxima do que Weber (2014, p. 159) chama de “entrega crente e inteiramente pessoal nascida do entusiasmo [...] e da esperança”. Esse “entusiasmo” e “esperança” se fazem conhecidos pela participação estética e corporal (gestualmente engajada) dos fiéis nos cultos de louvor e de adoração, conduzidos na igreja pela liderança ou dominação carismática do pastor Thiago (carisma já discutido anteriormente). Concomitantemente, surge o exercício do “protagonismo”⁴¹ dos jovens membros da igreja.

Esse protagonismo juvenil crente é, mais do que os bens materiais da igreja, o capital de maior importância no estabelecimento da marca *Church*. Os jovens

⁴¹ Através do protagonismo os jovens participantes tornam-se figuras centrais nas representações de cultos e de outras atividades da igreja. Nos cultos, os jovens assumem o protagonismo ao conduzir e dirigir o público na execução das músicas, das danças, como bailarinas e bailarinos, na apresentação teatral que antecede a pregação da Bíblia. De uma forma geral, os ‘adoradores’, ou seja, todos os fiéis que se encontram no culto são estimulados a se manifestar de forma esteticamente livre durante o louvor e a adoração, que são embalados por músicas de forte conteúdo emocional (Cultos transcritos sob a identificação: C1 até C8).

propagam a marca. Os jovens da igreja *Church* “vestem a camisa” da igreja. Eles estão convencidos da importância e da necessidade dessa igreja no cenário religioso atual. Os dois entrevistadores, um jovem e uma jovem, que auxiliaram na pesquisa, fizeram relatos de que ao colher as informações eram questionados se eram membros da *Church*. Ao falarem que estavam apenas aplicando um questionário para uma pesquisa científica da PUC-GO, eram, no mesmo instante, evangelizados e convidados a participarem da igreja. Os entrevistados passavam a falar da importância e da alegria em ser membro.

Esse fato ajuda a demonstrar que a “comunidade de fiéis” passou, após a regularização dos encontros com o passar dos anos, a reclamar uma “persistência e reanimação contínua da comunidade”, e também a necessidade demonstrada de “continuar a existência da relação”, sob condições “ideais e materiais” próprias e sob um fundamento cotidiano (WEBER, 2014, p. 161-163). Não foi por acaso que o pastor Thiago (Cf. Anexo 1, p. 8) mudou a forma de receber os membros e “aliançados”, que antes se resumia no preenchimento de uma ficha, mas agora (julho de 2016), em suas palavras (Cf. Anexo 1): “só se aceitaria a membresia do indivíduo mediante três meses de um curso especial”.

Com a crescente regularidade das reuniões e a cristalização das relações entre os fiéis e a liderança, o nome da igreja foi sendo fortalecido, tanto interna quanto externamente. Os jovens sempre são os maiores divulgadores. Mesmo antes de se desligar da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB), a marca *Church* já era uma constante nas falas de seus líderes, dos fiéis e das diversas informações e comunicações pelas redes sociais. O nome oficial de Igreja Presbiteriana Renovada (IPRB) figurava apenas no prédio da instituição.

Por isso, a marca *Church* foi surgindo *pari passu* com a rotinização do carisma (WEBER, 2014, p. 161-167). A institucionalização, ou como o pastor afirma, a fundação do “ministério independente” *Church in Connection*, precisou fidelizar os fiéis, criar regularidades, estabelecer-se jurídica e mercadologicamente.

Percebi que nesses três anos (2014-2016) tornou-se intensa a referência à igreja apenas através da designação “*Church*”. Daí, na maior parte das vezes, a simplificação dos nomes internos como *Church Kids*, trabalho com crianças; *Church*

Grupos (CG), reuniões de estudo nas casas dos membros; *Church* Grupo de casais, *Church* Grupo de adolescentes, *Church* Grupo de jovens; Aplicativo *Church*, ao se referir ao App da igreja. Esse anglicismo será melhor trabalhado no capítulo seguinte sobre a midiatização da mensagem religiosa.

A marca da igreja passou a ser um grande “C”, e escrito logo abaixo a palavra *CHURCH*. A Logomarca da igreja foi elaborada por membros da igreja que trabalham num departamento criado pelo pastor Thiago e que funcionava desde 2014 com o título de “Ministério de comunicação”. Sob a inspeção direta do pastor Thiago e de sua esposa, a pastora Késia, o ministério de comunicação trabalha com voluntários que entendem de marketing e publicidade e de uma jovem formada em publicidade que, de acordo com o pastor Thiago Vinicius Cunha, é membro da igreja.

Figura 12 – Logomarca da igreja *Church in Connection*



Fonte: Facebook⁴²

O planejamento e a inserção da marca *Church* foram feitos nesse departamento de comunicação, mas o fato é que nos cultos e em todos os eventos da igreja, a marca *Church* está sendo construída, sempre registrada nas falas dos líderes e dos membros. Quando o pastor, a pastora ou outros líderes, como os de louvor, se dirigem à Assembleia reunida em culto, eles enfatizam a marca na forma reduzida (Cf. Anexo 5, C1, C2, C5 e Anexo 4, T1):

⁴² Imagem retirada do endereço disponível em: <<https://www.facebook.com/churchinconnection/?fref=ts>>. Acesso em: 3 nov.2016.

- “Irmãos, a *Church* não tem membros, mas aliançados” (C1).
- “Vamos conectar a *Church* ao mundo...” (C2).
- “Ele (Jesus) está comigo na *Church*” (C6).
- “Precisamos participar de mais atividades na *Church*” (T1).

De acordo com Basta (2006, p. 36-38), a marca é uma combinação de um nome, de um signo e de um símbolo, que deve identificar o “produto” ou “serviço” e dar a identidade ao mesmo, de forma que as pessoas possam diferenciá-lo no mercado. Assim, a marca é uma parte importante do produto, devendo valorizá-lo, instigando os consumidores a serem leais a ele. Marcas fortes se protegem da concorrência. A autora acrescenta que uma marca pode englobar os seguintes níveis de significado: 1) atributos: boa concepção, durabilidade, prestígio, velocidade; 2) benefícios: é o que os consumidores compram, podendo significar benefícios funcionais e emocionais; 3) valores: identificação dos grupos específicos de compradores, cujos valores coincidem com o pacote de benefícios; 4) personalidade: a parte visível, ou não, que faz com que as pessoas se identifiquem de forma real ou desejada com a imagem dessa marca (BASTA, 2016, p. 36, 37).

A *Church* está em conexão com os fiéis e os acompanha durante todo o tempo, nas 24h do dia. Os jovens estão no *smartphone* e em outros aparelhos do Sistema Multimídia. A logomarca *Church* torna-se uma “companheira” e se objetiva por meio das mídias (*WhatsApp, You tube, Facebook, Periscope, Instagram, App* para celular) que transmitem mensagens ininterruptamente. As redes são usadas para convocar os membros, a qualquer hora, para trabalhos na igreja. Os líderes e membros também se põem à disposição de quem está na rede da igreja, por exemplo, através do App do celular que abre um link cujo título é “Fale com o Pastor”, ou com outro link bem funcional “Agendamento de Gabinete Pastoral”. Estes dispositivos carregam atributos, pois demonstram prestígio, agilidade e velocidade para aqueles que os usam; também são portadores de valor para uma geração que está ligada pelas redes de comunicações e busca justamente essa agilidade, essa eficiência e esse ser “*smart*”.

Como ilustrado a seguir, os *smartphones* dos fiéis possuem o aplicativo que, como se pode ver, é extremamente funcional no agendamento com o pastor da *Church*. Uma vez agendado e disparada a comunicação, a pessoa tem a resposta imediata no dia e horário que será recebida. No aplicativo, antes dos dados a serem preenchidos, existe uma mensagem bíblica sobre a importância do momento de

“confessionário”, um estímulo para se realizar o agendamento. Inclusive, nessa mensagem bíblica, está contida uma promessa para quem busca esse serviço: “[...] serdes curados”.

Figura 13 – Imagens no App do smartphone Agendamento com o Pastor



Fonte: App para smartphone *Church in connection* ⁴³

A “boa concepção” da *Church in Connection* está em ser “conectável”, palavra que se enquadra na concepção moderna de uma sociedade marcada pelas novas mídias. Podemos aproximar a palavra “conectável” à palavra “rede”, linguagem corrente na nova economia. Aqui se alcança sintonia com o mundo contemporâneo, e a igreja demonstra prestígio e velocidade, categorias fortes para uma sociedade de economia moderna. Castells (2007) salienta que viver numa sociedade de economia moderna é viver numa sociedade que despontou em escala global no final do século XX e que pode ser caracterizada como informacional, global e em rede⁴⁴.

⁴³ Consulta feita dia 8 nov. 2016.

⁴⁴ Seguindo a narrativa de Castells, a nova economia é “*informacional*” porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos” é, também, “*global*” porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos”, e, por fim, é em “rede” porque, nas novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação entre redes empresariais” (CASTELLS, 2007, p. 119-120).

É nessa escala midiaticamente potencializada que trabalha a *Church in Connection*. Não tem uma vinculação ou filiação denominacional já estabelecida, e se identifica sucintamente como *Church*, “Igreja” em inglês, guarda uma facilidade comunicacional e de liberdade em relação ao que já está no mercado religioso. Dito de outra forma, a *Church* se apresenta num mercado religioso como algo novo, inclusive sem ligação de origem histórica com a IPRB. No App da igreja, em consulta realizada dia 7 novembro de 2016, no item “História”, o começo é assim narrado:

A *Church in Connection* nasceu há 6 anos, quando os pastores Thiago e Késia Cunha assumiram a responsabilidade de pastorear, na cidade de Anápolis – GO, um grupo composto de 13 pessoas. No início, muitas foram as adversidades enfrentadas, porém o casal de pastores já se dava conta de que o maior desafio a ser superado seria de fazer com que pessoas pensassem a igreja de forma diferente. [...] Hoje somos uma igreja que supera em muito a quantidade inicial de membros, por nós chamados de “aliançados” [...] a *Church* é uma igreja que foge aos padrões tradicionais e traz como principal e único fundamento a Bíblia, empregando, no entanto, recursos criativos e inovadores para a exposição e divulgação sobre Cristo [...].

No registro acima em nenhum momento aparece referência à IPRB, de onde surgiu a *Church* como nome fantasia. Vale lembrar que a *Church* só é um “ministério independente” a partir de julho de 2016. No registro sobre a história do pastor Thiago Vinícius Cunha e da pastora Késia Dayane Cunha também não se faz referência ao seminário da IPRB em que eles estudaram, havendo apenas uma menção de que “eles se graduaram em Anápolis”.

Para marcar sua diferença das igrejas pentecostais e neopentecostais, e mesmo na denominação que lhe deu origem - a IPRB -, o pastor Thiago afirmou (Cf. Anexo 1, p. 4) que conquanto creia no uso e validade dos dons de línguas e de profecias prefere não exercitá-los durante as reuniões de culto na igreja. Ele acredita que isso “pode marcar negativamente a *Church*, pois as igrejas pentecostais e neopentecostais fazem”, segundo ele, “um uso indiscriminado de dons do Espírito, como os de línguas e de profecias”. Ele nos disse que já praticou o uso dos dons por muitos anos. Agora ele acha que o mesmo uso dos dons não é conveniente, não está, nas suas palavras, “nos planos de Deus”.

Se é para demarcar território, observamos nos cultos e também nas entrevistas que o termo pentecostal não é bem-vindo para o pastor. Ele não poupa críticas a esse movimento quando fala negativamente de instituições como Igreja Universal do Reino

de Deus e Igreja Mundial. Essas igrejas reconhecidamente neopentecostais no campo religioso brasileiro.

O pastor Thiago, ao não dar vazão a essas manifestações do Espírito Santo, como são chamadas, estabelece uma linha divisória com o pentecostalismo. Em nenhum culto de domingo, observado para a pesquisa, houve a manifestação de dons de línguas, profecias ou exorcismos. Embora fazendo até publicamente a profissão de fé nos dons do Espírito Santo (cf. Anexo 5, C7), o pastor tem uma forma particular de interpretar essa questão:

- O batismo com o Espírito Santo e com fogo que Jesus faz não é falar em línguas estranhas, ou, qualquer outra manifestação dos dons espirituais como entendido pelo grupo de religiosos que se dizem pentecostais, mas é a iluminação das nossas vidas, do nosso coração e de mudança nas nossas atitudes; Jesus é a Luz nas trevas do seu coração, Ele te ilumina e dá sentido à sua vida; não no aspecto Pentecostal (falar em línguas e profetizar), mas no seu ser interior; Jesus te faz andar na Luz, sem medo da morte, do inferno, ou dos seus pecados; você não precisa ter medo de esconder nada, nem sua vida social e virtual (*sic*).

Essa forma particular de ver os dons espirituais estabelece uma distância com o pentecostalismo brasileiro em suas diversas manifestações. Se percebe também que o aspecto subjetivo da fé cristã diminui em detrimento de uma postura mais prática no cotidiano. Apesar de falar de uma manifestação no “ser interior”, de uma “experiência individual”, o pastor Thiago deixa claro que a presença do Espírito Santo se materializa na “mudança de atitudes” que os fiéis devem demonstrar na vida. Essa interpretação bíblica realizada pelo pastor é contextualizada num discurso que exalta a *Church* como o lugar ou a instituição que pensa de um ou outro jeito. A marca *Church* não quer se aproximar da má-fama que paira sobre as práticas das igrejas neopentecostais.

O pastor Thiago enfatizou (cf. Anexo 1) a vontade de fazer a igreja crescer e se tornar grande, focado num público-alvo, num nicho de mercado para usar a linguagem dos profissionais do marketing estratégico e do marketing de serviços eletrônicos. Dentre esses profissionais do marketing, Kotler (2002) ressalta a necessidade de focar sobre uma parcela do mercado para obter sucesso na venda de serviços e produtos.

O marketing focado em mercados-alvo implica a diferenciação dos diversos grupos que compõem o mercado e o desenvolvimento de serviços e mixes de marketing adequados para cada mercado-alvo. As principais etapas do marketing focado em mercados-alvo são a segmentação do mercado, a

concentração em um ou mais mercados e o posicionamento de marketing. A segmentação do mercado consiste em dividir o mercado em grupos de clientes diferenciados, que podem merecer serviços e/ ou mixes de marketing separados (KOTLER, 2002, p. 243).

De forma consciente, ou não, essa estratégia foi montada pela *Church* para chegar ao público-alvo com uma linguagem pertinente e com programações que conquanto fossem de caráter conservador, restritivo em alguns aspectos (morais e sexuais, por exemplo) e que falasse aos ouvidos dos jovens da cidade. E eles estavam/estão no *smartphone*. Na história da *Church*, contada pelo App da igreja no Smartphone no dia 8 de novembro de 2016, registra-se o seguinte: “Ainda no início da jornada pastoral, o jovem casal voluntariou-se a trabalhar em um colégio estadual, já compreendendo que o chamado da igreja é para fora. Foi nesse colégio que aconteceram as primeiras conversões, e essas nunca mais pararam, para a glória de Deus.

Assim que a igreja se tornou ministério independente, em julho de 2016, desligando-se da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, em Anápolis, algumas mudanças reforçaram a tendência de foco no mercado juvenil. As reuniões que se realizavam às terças-feiras, conduzidas por uma pastora, que segundo informações do próprio pastor Thiago em depoimento para pesquisa (cf. Anexo 1, A3) seria sua sogra, foram substituídas por reuniões sob o título de “Submerso”. Tudo planejado sob a ótica de uma produção cinematográfica.

Figura 14 – Propaganda da reunião submerso



Fonte: Facebook⁴⁵

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/churchinconnection/?fref=ts>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

Antes, tais reuniões eram denominadas de “libertação”. O modelo das reuniões começou a obedecer uma ordem diferente, conduzidas pelo próprio pastor Thiago, se enquadraram nos padrões do culto de domingo, com muita música e explanação bíblica. Nada de manifestações dos dons espirituais, línguas estranhas e profecias, ou algo do gênero. Para esse novo programa, “submerso”, foi preparado um vídeo-clip de trinta segundos com imagens das ondas do mar quebrando numa praia, alternando com imagens de jovens em oração com a mão no peito e com os olhos fechados. Frases como “O Espírito de Deus se movia sobre as águas” e “Derramarei água sobre terra sedenta”, foram postas nas filmagens, tudo ao som de um piano e do borbulhar das ondas do mar.

Sem identificar as fontes de seu nascedouro, que se realizou na IPRB, e no alinhamento da fé reformada do presbiterianismo, a *Church* faz das conexões mediadas seu canal de expansão. É uma igreja conectada numa liderança carismática e atualizada dentro do processo de produção competitivo global, isso implica dizer que a *Church* se faz localmente, mas baseada em princípios de organização e competição que regem o mercado mundial. Usando das informações e dos novos meios de informação, ela se assenta no mercado de bens simbólicos (BOURDIEU) ao atingir uma parcela específica do campo religioso. A especificidade do seu trabalho é ponto importante do sucesso, e a marca se impõe ganhando o status de novidade de igreja que não se repete. De acordo com as palavras-chave nas respostas das questões abertas e semiestruturadas (cf. Anexo 6, p. 5), os membros da igreja dizem que “a *Church* não é uma igreja como as outras”, que se organizam por: “rotina”, “frieza”, ênfase na “obrigação do dízimo” e ênfase na “doutrina”.

Construindo sua marca principalmente no meio evangélico pentecostal, de onde vem a maior parte dos seus fiéis - 68% do total da igreja - (cf. Anexo 6), a *Church* inova ao criar uma grife para vestir os jovens e montar programações condizentes com a faixa etária que atende. Com renovadas dinâmicas de atuação, mas baseada na teologia estruturada por séculos pela Reforma Protestante, a marca se apresenta *light*, sem pesar em doutrinas e nem em usos e costumes. A *Church* cresce negociando as relações com os seus frequentadores.

2.7. O MODELO CHURCH IN CONNECTION

Copiando o modelo da igreja norte-americana *Church By the Glades* (CBG), como registrado anteriormente, a *Church in Connection* mostra que existe mesmo um mercado global que se ajusta e que obedece padrões muito parecidos e que podem ser copiados e explorados. O anglicismo, que será tratado à parte no próximo capítulo, denota a força correspondente aos espaços de maior riqueza social e econômica do mundo atual. Resta dizer o modelo que a *Church* reproduz, ou como se apresenta esse modelo em termos de produto a ser consumido e divulgado pela marca *Church*.

A marca *Church* aposta numa tentativa de formar um “modelo incompleto”. Resolvi denominar dessa forma a maneira pela qual as mensagens, a comunicabilidade delas e a cultura que envolve a instituição se apresentam, ou tentam se apresentar. Sempre da forma mais simples, no sentido de se fazer compreender, mas muito estetizada e imagética na sua absorção e fixação.

Toda a organização, bem como a mensagem e a própria teologia divulgada, que envolvem as práticas da igreja, são feitas para “absorção imediata”. Tudo se realiza com o mínimo de complexidade e com muitos elementos didáticos (músicas, imagens paradas e em movimento, explicações dos textos bíblicos etc.) facilitando ao máximo a apropriação das mensagens religiosas e o fruir das novidades e apresentações pelo fiel-consumidor.

De acordo com entrevista para a pesquisa (cf. Anexo 1, A3), o pastor Thiago Vinícius Cunha confirma a estratégia do “modelo incompleto” de forma muito significativa:

- Por que a Apple é uma mega empresa? você compra um celular da Apple e tem um botão só que dá um universo de possibilidades; o aparelho se resume a um botão só. Você compra um computador de mesa e descobre três coisas: um monitor que já é tudo, um mouse e um teclado. Quando a igreja consegue ter isso, uma coisa simples você consegue desenvolver a igreja numa perspectiva diferente [...], fazer o que é simples mais simples ainda (*sic*).

- Nós queremos formular agora o que todos possam falar: o que é a *Church*? o que pensamos com *Church*? Nós definimos em três palavras: 1. Amar a Deus. Somos uma igreja que ama a Deus. Como entendemos isso: você ama a Deus quando está num culto coletivo, porque ali você fala com Deus, canta a Ele ouve a palavra Dele; 2. Amar o próximo. Você só ama o próximo quando está junto dele em uma reunião pequena. Daí o pequeno grupo durante a semana, e o discipulado; 3. Servir no mundo. Pegar o que você recebeu, amor a Deus, amor ao próximo, e, servir no mundo, através de seus dons, de suas

habilidades. Servir sempre, um amigo, um vizinho, aqui na porta da igreja [...] hoje tá resumido (*sic*).

- Estamos num processo de formulação, [...] esse processo é de 'descomplicação'. O cara entra aqui, vê e fala 'uai, descobri que vocês ensinam a amar a Deus, o próximo e servir no mundo [...] É uma coisa assim, é como tirar um computador de uma caixa, o CPU que é o monitor, o teclado e o mouse. Pronto" (*sic*).

Nessa mesma entrevista, em 16 de setembro de 2016, o pastor falou que tinha montado um curso de três meses para quem quisesse se aliar com a igreja. Parece uma contradição com o modelo incompleto, mas ele nos disse nessa entrevista que tinha visto a necessidade daquele momento em diante de se aproximar mais de quem queria entrar nos quadros da igreja. O curso, na verdade, são encontros com o pastor.

Vamos resumir essa questão da seguinte forma: em primeiro lugar, o "modelo incompleto" se aproveita da "universalidade" de uma cultura de mercado, que envolve os jovens e os faz pensar com base nos signos do sistema de consumo do capitalismo. A igreja aproveita os filmes de Hollywood e as séries de televisão para montar os cultos temáticos (Anatomia da Graça, Homens de Preto, Star Wars etc.); aproveita os ritmos gospel e as performances dos músicos dos shows internacionais e todo o aparato de produção de espetáculos musicais e teatrais, incluindo iluminação e produção sonora sofisticada. Essa "universalização da cultura" de consumo também é aproveitada pela *Church* ao adotar o nome em inglês para a igreja (*Church in Connection*) e para a organização e atividade da mesma (*Church Jovens, Church Kids, Cross, Church Farm, Church Prayer* etc.).

Em segundo lugar é um modelo que se aperfeiçoou no uso das mídias (conforme veremos mais profundamente no capítulo seguinte). A conformação é clara no fato de que o sistema multimídia potencializou, em muito, o alcance da *Church* no seu nicho e mercado. É comum capturar pelas mídias as *selfies* feitas pelos membros da igreja na hora dos cultos. Esses autorretratos são espalhados pelas diversas mídias e servem como propaganda da igreja, ao mesmo tempo em que satisfazem as formas de comunicação dos jovens frequentadores.

Esse segundo aspecto se enquadra exatamente na análise realizada por Sibilia (2016), quando discorrendo sobre os novos espaços das mídias eletrônicas os aponta

como vetores socioculturais de construção de subjetividades⁴⁶. Para a autora, “tanto os vetores socioculturais quanto os aspectos econômicos e políticos exercem uma pressão sobre os sujeitos dos diversos tempos e espaços”. Esses sujeitos na contemporaneidade estão expostos há uma infinidade de caminhos “tanto para a invenção como para os contatos e trocas” (SIBILIA, 2016, p. 18). “A visibilidade e a conexão sem pausa constituem dois vetores fundamentais para os modos de ser e de estar no mundo mais sintonizados com os ritmos, os prazeres e as exigências da atualidade, pautando as formas de nos relacionarmos conosco, com os outros e com o mundo” (SIBILIA, 2016, p. 21,22).

Esse efeito da midiatização, quando aproveitado, torna as instituições mais competitivas no mercado de produção e de consumo. As formas religiosas que aproveitam disso, como a *Church*, estarão mais preparadas para “sintonizar” com seu público de forma mais eficaz.

Em terceiro lugar, esse modelo possibilita a inserção dos fiéis numa instituição que, por valorizar a visibilidade e a conexão, fortalece a cultura do indivíduo. A interatividade com os líderes da instituição e com os seus membros é facilitada através de diversos mecanismos, e o indivíduo se vê, de forma literal, nas imagens da instituição. São diversas as imagens paradas e em movimentos de muitos fiéis que circulam pelo templo ou pelas programações da igreja, como verificado abaixo.

Figura 15 – Fiéis *Church in Connection* em momentos de culto



Fonte: Facebook⁴⁷

⁴⁶ De acordo com Sibilía “[...] as subjetividades são modos de ser e estar no mundo, longe de toda essência fixa e estável que remete o ser humano como uma entidade não-histórica de relevos metafísicos, seus contornos são elásticos e mudam ao sabor das diversas tradições culturais [...]. Portanto, a subjetividade não é algo vagamente imaterial que reside “dentro” de cada um. Por um lado, ela só pode existir se for *embodied*, encarnada num corpo, mas também está sempre *embedded*, embebida numa cultura intersubjetiva” (2016, p. 26).

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/churchinconnection/?fref=ts>>. Acesso em: 1 maio. 2017.

A força imagética da *Church* ainda pode ser constatada na tentativa de formatar a teologia numa imagem. Na visão do pastor, “sem diminuir a importância da mensagem, mas tornando-a simples, comunicável”. As observações e registros das falas dos líderes da igreja e de seus membros (cf. Anexo 6) apontam para um modelo de “trilogia teológica incompleta”: “Amar a Deus, Amar o próximo e servir no Mundo”. A redução ao essencial, de acordo com o pastor Thiago Vinicius Cunha, deve se aproximar da estratégia de marketing da Apple. Uma única imagem, “um único botão”, para ligar a máquina.

Figura 16 – Logomarca dos objetivos da *Church*: Amar a Deus, Amar ao próximo e Servir no mundo (respectivamente)



Fonte: Facebook⁴⁸

O modelo da incomplexidade pode ser visto também como uma hipertrofia da imagem. Basta olhar a figura acima e perceber que a missão da *Church* pode ser compreendida e gravada sem nenhuma palavra. De forma simples como queria o pastor, a missão da *Church* pode ser aceita, ou não, por uma pessoa que venha uma única vez na igreja. A missão da igreja, segundo o pastor Thiago (Cf. Anexo 1), “é fazer o que ensina a Bíblia: amar a Deus (uma cruz – de Cristo – dentro do coração envolvido por um círculo), amar ao próximo (um coração cheio de pessoas dentro de um círculo), e de pregar a ‘Palavra’, o evangelho a todos” (um círculo com o mundo dentro. Nada de aprofundamentos teológicos ou disputas doutrinárias.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/churchinconnection/?fref=ts>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

O modelo da *Church* pretende ser original e não se vincular a nenhuma outra denominação cristã. Como registrado anteriormente, a *Church* não deixa claro em nenhum dos documentos ou propagandas a sua origem ocorrida na IPRB. As observações para a pesquisa apontaram para o fato de que ao se dirigirem à *Church* como uma igreja nova e dinâmica com muitas inovações, seus líderes e fiéis apontam para o elemento “novo” como um valor importante para a sua diferenciação no mercado religioso. Embora tenhamos registrado, principalmente nos cultos de domingo e nas escolas bíblicas dominicais, uma interpretação da Bíblia ao estilo Presbiteriano, com exegese dos textos bíblicos e teologia Protestante e Reformada, ao falarem da igreja seus membros falam de uma “igreja nova”, “diferente”.

Cabe, nesse momento, apontar as estratégias bem-sucedidas e contextualizadas como veículo de propagação e adesão da *Church*. Como afirma a ensaísta Sibilia (2016), “o sistema articulado pelo marketing e pela publicidade, mas também pela criatividade alegremente excitada” que marcam as instituições, também as religiosas, que se adequam ao tempo e ao espírito empresarial que insufla todas as instituições.

2.8. CHURCH IN CONNECTION E SISTEMA MULTIMÍDIA

A *Church* se firmou no aspecto religioso conceitual e teológico através de muitas imagens – como a da missão da igreja - e sem grande esforço intelectual ou formas rebuscadas de conceitos, teorias e teologias. O canal de comunicação é feito por meio de citações bíblicas e aforismos do Novo e do Velho Testamento bíblico, e também de citações de pessoas consideradas autoridades cristãs. Tais passagens, aforismos e reflexões chegam durante toda a semana pelo *smartphone* via *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* e App da igreja, em frases escritas ou em gravações de viva-voz enviadas pelo pastor Thiago e sua equipe:

- Pensem nisso, pois: Quem sabe que deve fazer o bem e não o faz comete pecado. Tiago 4:17 (Frase recebida pelo *smartphone* via *WhatsApp*).

- Nossas orações são fracas e pobres, entretanto o que importa não é que nossas orações sejam fortes, mas que Deus as ouça, Karl Barth (frase do dia 21 de outubro de 2016, no App).

- Boa noite. As pessoas podem recusar o nosso amor ou rejeitar nossas palavras, mas não tem defesas contra as nossas orações. Rick Warren (frase do dia 22 de outubro de 2016, no App).

- Antes de me invocarem, eu já lhes terei respondido; enquanto estiverem falando, eu já os terei atendido. Isaías: 65:24 (frase do dia 04 de novembro de 2016).

- Tudo posso naquele que me fortalece. Filipenses 4:13 (frase do dia 07 de novembro de 2016, no App).

- O choro pode durar uma noite mas a alegria vem pela manhã. Salmos 30:6 (frase proferida pelo pastor com meditação de 2 minutos pelo WhatsApp)

As mensagens seguem um padrão temático determinado pelos cultos do domingo e são mudadas logo que o tema e a estética da *Church* são transformados para acolher novos temas e novas performances.

A marca da *Church* acompanha essas “gotas de sabedoria bíblica” ou cristã, que são facilmente apreendidas e tem aplicação prática na vida, ou servem para consolar quem está passando por problemas ou precisando de ânimo para continuar nos trabalhos da vida. Essas gotas de sabedoria se fortalecem com um tipo de “grife autoral”, pois são citações com indicação dos autores/pensadores. Dos autores que assinam esses pensamentos podemos citar: Lutero, Calvino, Larry Crabb, Max Lucado, John Maxwell, Abraham Kuyper, John Stott, John Piper, John Bunyan, Soren Kierkegaard, C. S. Lewis, Agostinho de Hipona, A. W. Tozer, Eugene Peterson, Archibal Alexander, M. L. King Jr., Blaise Pascal, Leonard Ravenhill e muitos outros. Os assuntos trazidos para a meditação, através das frases desses autores e de outros, são de toda ordem, ou seja, assuntos sobre: oração, jejum, reconciliação, amor incondicional de Deus, santidade na vida, fé, importância de controlar a língua, importância de dar o dízimo na igreja etc. A grife autoral aumenta a importância intelectual das frases. Todos são autores cristãos, reconhecidos historicamente e/ou escritores famosos do mundo cristão.

Esse trabalho diário estabelecido pela *Church* se repete, às vezes, por mais de uma vez ao dia, e proporciona uma avalanche de pensamentos estruturados sobre a fé cristã, a Bíblia (Novo e Velho Testamento), Jesus Cristo, salvação, perdição, redenção, perdão e outros temas caros ao mundo religioso cristão. Com o sinal do celular avisando que mais uma mensagem chegou, o fiel da *Church* terá, a qualquer hora do dia ou da noite, uma “gota de sabedoria”. Bem ao padrão moderno de

mensagens curtas, a igreja se adaptou ao padrão atual de informação e “comunicação sem pausa”.

Maximizado o sistema midiático, a *Church* segue levantando adeptos e preparando-os com ensinamentos virtuais, curtos, condensados e com referência bíblica ou de cristãos proeminentes. É uma catequese de “escola dominical” fora dos domingos, em todos os dias e horários, de forma não presencial, virtual e em rede.

Para entendermos a importância do sistema multimídia⁴⁹ implantado pela *Church* e seu impacto no crescimento da igreja entre a parcela jovem da sociedade Anapolina, é importante levar em conta e analisar a nova cultura da virtualidade que se instalou em nossas sociedades desde o final da década de 1990.

Segundo Castells (2007), esse “sistema multimídia” é novo, data da segunda metade da década de 1990 e se caracteriza pela integração de diferentes veículos de comunicação e “seu potencial interativo”.

Multimídia, como o novo sistema logo foi chamado estende o âmbito da comunicação eletrônica para todo o domínio de vida: de casa a trabalho, de escolas a hospitais, de entretenimento a viagens. Em meados dos anos 90, governos e empresas do mundo inteiro empenhavam-se em uma corrida frenética para a instalação do novo sistema considerado uma ferramenta de poder, fonte potencial de altos lucros e símbolo de hipermodernidade (CASTELLS, 2007, p. 450).

Castells (2007) chama a atenção para o fato de que a rede montada para a operação do sistema multimídia foi amplamente feita por empresas privadas e não por governos, e mobilizou recursos que no lançamento da chamada *Infovia*⁵⁰ chegaram à

⁴⁹ Castells (2007) salientou que redes eletrônicas virtuais que surgiram de forma instrumental e especializada acabaram por oferecer apoio pessoal, tanto material quanto afetivo. Isso quer dizer que o sistema multimídia pode se ligar a “comunidades físicas” e atender pessoas e grupos da sociedade que vivem suas especificidades. E mais, grupos *on-line* se ligam a grupos *off-line* numa interação que pode sim ser solidária. No caso da *Church* pudemos perceber tal fato quando no App *Church*, na página do Facebook e do WhatsApp membros da igreja foram convocados a se juntarem para arrecadar água mineral para doação às vítimas do rompimento da barragem de Fundão em Mariana, MG em novembro de 2015. Toda a operação de arrecadação e entrega *in loco* foi realizada pela *Church* com o acompanhamento dos membros através das mensagens postadas no *Facebook* e *WhatsApp*.

⁵⁰ De acordo com Castells, as *infovias* são estradas de Informação e de Comunicação que envolvem um emaranhado de companhias telefônicas, operadoras de TV a cabo, operadoras de transmissão de TV por satélite, estúdios de cinema, estúdios de gravação de discos, editoras, jornais, empresas de computadores e provedores de serviços de Internet.

ordem de US\$ 400 bilhões. Esse montante se equiparou àquilo que o complexo industrial voltado para o automóvel representou na primeira metade do século XX, somados os investimentos em petróleo, borracha e estradas (CASTELLS, 2007, v. 1, p. 451).

A nova estrutura social emergente, segundo Castells (1999), é capitalista, informacional e global. A comunicação visual se tornou a “ala de frente” da instituição, aquela que leva o nome da marca e busca agregar valores, mobilizar as massas, identificar desejos etc. Não é por acaso que Martins (2016) salienta que algumas empresas conseguem fazer que uma marca valha mais do que aquilo que suas fábricas têm capacidade de produzir.

A *Church* está construindo sua marca, impulsionada pela linguagem virtual e imagética sempre que lança um novo programa, uma nova atividade, uma nova ação social, uma nova mobilização dos jovens, um novo show. Na apresentação dos departamentos da igreja, ilustrado na figura n. 6, e que apresentam de forma “retrô” os departamentos da igreja, com fotos das décadas de 1950 e 1960, somos remetidos a uma série de cenas sociais bem-definidas e equilibradas, com a família nuclear toda sorridente e feliz dentro do carro, e os garotos brincando com um cachorro e demonstrando amizade e equilíbrio familiar; um casal com olhar apaixonado manifestando atenção e encanto um pelo outro; um homem sentado, possivelmente na sala de sua casa, degustando uma refeição, dando ar de “dever cumprido e satisfação consigo”; outra foto de uma família nuclear desfrutando de uma atividade agradável e divertida no que parece ser o quintal da casa; um jovem cumprindo feliz sua missão ou papel de escolar, correndo e sorridente. Todas as cenas ambientadas na cultura norte-americana das décadas de 1950-60, dando um ar de segurança social, harmonia familiar e de grupo. Nessa comunicação, a *Church* se mostra “diferente”.

Ao adotar imagens de outra época, a igreja transmite a ideia de que “não é igual às demais igrejas”, que está aberta às novidades, ainda que isso represente se vestir e se portar como pessoas da década de 1950-60. Como aponta Atkin (2007) ao estudar o culto às marcas, a demonstração de pessoas diferentes em convívio harmonioso aprova os que não se sentem à vontade num mundo de iguais. É um

reforço da individualidade, ainda que isso pareça paradoxal: pertencer a um grupo e, ao mesmo tempo, afirmar e ter reforçado a individualidade.

Na verdade o paradoxo é algo que quase todo mundo já experimentou em algum momento. Uma comunidade de pessoas afins implicitamente – e por vezes explicitamente – reforça a individualidade. Trata-se de um ingrediente vital do sentimento de pertencimento pelo qual a maioria anseia quando afirma buscar um lugar onde “se sinta em casa”. O grupo pode proporcionar um ambiente onde não se façam críticas e até se façam elogios, em que o indivíduo possa sentir-se confiante o bastante para se encontrar e se expressar. Existe um “espaço seguro”, como me revelou o seguidor de um culto [seita], onde se removem as inibições que normalmente nos tolhem quando estamos entre estranhos e rompem-se impunemente as barreiras que nos impedem de ser. Você pode mudar de emprego, de bairro, de clube social [de igreja] e até de amigos para encontrar um lugar onde seja mais possível ser você mesmo, junto de pessoas que considera mais *parecidas* com você (ATKIN, 2007, p. 25).

Essa observação coloca em destaque a ação da marca *Church* e atesta a quebra da crença comum de que as pessoas adotam um culto para se adequarem “à sociedade”. Como salienta Atkin (2007), no seu estudo sobre semelhanças entre estratégias de empresas e de religiões, as pessoas fazem suas escolhas para “se tornarem mais individuais”.

A atração de jovens para o grupo religioso *Church in Connection* recebe um reforço de diversos instrumentos da mídia. Mara Einstein (2012) destaca o uso que a religião faz das mídias e enfatiza que: “a ‘construção de si mesmo religiosa’ tem sido tradicionalmente uma forma de comunicação e atualmente está cada vez mais perpassada pela tecnologia da mídia” (EINSTEIN, 2012, p. 19). Na *Church* é frequente o uso de clipes de filmes durante o período de cânticos nos cultos e na publicidade feita por toda a rede da Internet.

A comunicação visual trabalhada com elementos da mídia é um ponto-forte da igreja e reforça em muito a comunicação das mensagens realizadas pelo pastor Thiago. Como no caso do culto de domingo, 05 de maio de 2016, registrado pela pesquisa (Cf. Anexo 5 C6), em que cenas do filme “A paixão de Cristo” do ator e cineasta Mel Gibson são projetadas na grande tela que ocupa toda a frente do palco, mostrando o sofrimento de Cristo durante sua Paixão. Enquanto as cenas são projetadas, o pastor completa sua fala dizendo: “O chamado de Jesus tem cruz. Sua vida terá problemas, mas Deus te ama. O próprio Jesus sofreu por você”.

A experiência de ouvir uma prédica sobre o texto bíblico de Marcos 15: 16-20, que relata o momento em que Jesus é entregue aos soldados e a narrativa sobre o escárnio e sofrimento físico de Jesus, é duplicada potencialmente com as cenas do filme Hollywoodiano “A paixão de Cristo”. Conquanto, o texto bíblico seja muito convincente e detalhista, criando a cena de violência e dor de Jesus Cristo, ao usar das imagens do filme, o processo de comoção e envolvimento dos fiéis com a realidade descrita ganha uma força excepcional. Nas observações para a pesquisa feitas nesse dia, foi possível anotar e sentir a força dessas imagens do filme que esteve em cartaz no ano de 2005.

Figura 17 – Cenas projetadas durante a pregação



Fonte: Adoro Cinema⁵¹

Outra maneira pela qual a imagem da *Church* está sendo construída é através do bom uso da Internet na interligação de diversos instrumentos: *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* e *App* para celular. Com a maior possibilidade do uso de *smartphones* pela parcela jovem, majoritária frequentadora dos cultos e do rol de membros da *Church*, as comunidades física e virtual se aproximam. Membros da igreja ganham espaço para a autoexpressão e também para a comunicação. Caso específico de um jovem casal de missionários que, da Bolívia, participa do culto do dia 08 de março de 2015, registrado pela transcrição C2, em que projetadas suas imagens no telão da igreja eles saúdam os membros da *Church* e dizem estar trabalhando para

⁵¹ Imagens disponíveis em:

<https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=a+paixao+de+cristo+mel+gibson&*>. Acesso em: 01 mar. 2017.

“conectar a *Church* ao mundo”. Na mesma data, os membros da igreja foram convocados a fazer uma *self* (autorretrato) e enviar para “um amigo” que “não está presente”, dizendo o quanto está bom o culto na *Church*.

É frequente os membros da igreja postarem suas fotos no Facebook da *Church in Connection*, mostrando suas “performances” na hora do louvor, no momento de pregação ou de qualquer atividade na igreja (batismo, casamento, palestras, reuniões de jovens etc.). Essas fotos são mostradas geralmente com frases que expressam o sentimento do membro que colocou a foto. É comum encontrarmos frases, tais como: “Um dos dias mais felizes da minha vida”; “uma bênção”; “Louvarei ao Senhor”; “juntos somos mais fortes” etc.

A importância da comunicação visual e do uso do sistema multimídia como instrumento de ação religiosa privilegiada estão no estímulo que a igreja dá para que os membros façam *download* do *App* para o celular. Uma técnica de marketing antiga que é de sortear produtos, no caso da *Church*, em 2016, foi sorteado um *Iphone 6* para quem fizesse o *download* do aplicativo (*App*) da igreja. A propaganda instando as pessoas a participarem do sorteio de um *Iphone 6*, ao se conectarem à *Church*, foi amplamente divulgada, além da própria rede, através de panfletos (como ilustra a foto abaixo) entregues na igreja durante as programações.

Figura 18 – Propaganda de uma rifa a ser realizada na igreja em 2016



Fonte: Panfleto⁵²

⁵² Foto do panfleto entregue na porta da igreja no culto de domingo no mês de agosto de 2016.

O uso de mídia eletrônica não dispensa a propaganda realizada por folders e outros formatos de folhetos entregues ao público ao final das programações. O caso do folheto acima é um caso do uso material de propaganda.

2.9. COMUNICAÇÃO E MENSAGENS NOS CULTOS DE DOMINGO

Desde o ano de 2014, quando da nossa aproximação da igreja, ainda como Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil – *Church in Connection* -, o uso do *smartphones* era grande e a adoção de “pregações temáticas” era uma novidade para o culto de domingo à noite. Embora o tema dos cultos temáticos seja um item à parte, (o próximo capítulo descreverá e analisará essa questão), anteciparemos um pouco sobre o que são os cultos temáticos na dinâmica da programação religiosa mais importante, e mais frequentada da igreja.

Nesses cultos, a igreja é totalmente decorada segundo o tema adotado para um determinado período (variando de um a três meses), e esse tema pauta toda a explanação bíblica da temporada, o que torna a comunicação entre pastor e fiéis muito efetiva. Muitos fiéis declararam para a pesquisa (Anexo 2, p. 7, 8 e 9) que a novidade das “pregações temáticas”, com uma igreja toda decorada e recursos visuais e teatrais sendo usados concomitantemente à pregação, fazia do estudo e da meditação da Bíblia um momento muito especial. Assim relatou a entrevistada para a pesquisa (cf. Anexo 2, M2) que veio de uma igreja Pentecostal de Anápolis:

Porque no culto tradicional [assim ela denomina o culto realizado na igreja de onde veio] ninguém lembra o que ouviu no culto passado. Eu lembro [aqui na *Church*] de coisa de abril do ano passado. Pela técnica. Achei interessantíssimo. Nossa, muito massa. Uma vez ele (o pastor) usou um barco de papel gigante, chamou gente no meio da igreja, ele é muito criativo (*sic*).

A comunicação visual se constrói e é substituída constantemente. Existem nos cultos de domingo uma grande quantidade de jovens que participam na elaboração das liturgias, performances, cantos, gestos e da música. Além dos 49 diáconos que se espalham pela igreja, com uma camisa que os identifica, um grupo teatral que varia de 3 até 10 pessoas faz sua performance entre o momento de louvor e da pregação. Contei um grupo de 8 moças e rapazes que figuram como dançarinas e dançarinos; o

grupo de louvor e adoração tem mais de 15 membros. Esse grupo de louvor conduz os cânticos e louvores, tocando, cantando e conduzindo com palavras de ordem e orações o público presente.

Nesses momentos, se espalha um clima de alegria entusiasmada e os líderes de música e de direção do culto conduzem a plateia de fiéis com coreografias animadas. A mesma música pode ser repetida várias e várias vezes de forma que não se faz necessário olhar para a letra das músicas projetadas no telão. O ambiente transborda de manifestações singulares de adoração e de orações espontâneas dos fiéis.

Toda a liturgia deve estar em sintonia com o ambiente, cor, estilo e até vestuário. O suporte multimídia funciona de maneira sincronizada. Uma grande tela com projeção de imagens paradas e em movimento, canhões de iluminação com luzes coloridas e estroboscópica são disparadas em consonância com as músicas. Um grande aparato de som e instrumental eletrônico tem condução técnica bem realizada. Além disso, os fiéis acompanham a leitura bíblica pelo smartphone e encaminham suas dúvidas pelo *WhatsApp*, quando se trata de debate ou de seminário para estudos. O celular moderno é de fundamental importância. Os fiéis participam de forma ativa da produção e divulgação da imagem da *Church*. São eles que tiram fotos e as postam nas diversas mídias mantidas pela igreja.

Figura 19 - Cenas postadas por membros da *Church* no Facebook em dias variados





Fonte: Facebook⁵³

O que se faz por meio do “congelamento” de um momento do culto de domingo à noite tornado virtual e espalhado pela rede multimídia, como visto acima, é uma grande possibilidade de participação e de protagonismo dos fiéis. Contudo, ao mesmo tempo, comunica para fora da igreja o modo virtual de aparição ou de projeção da *Church*. Uma vez que tudo está disponível no sistema multimídia e pode ser acessado, revisto e revisitado emocionalmente, o virtual ganha uma dimensão de “verdadeiro”, de “real”. Nesse sentido, Lévy (1996) descreve bem o quadro da virtualização realizada em todas as dimensões da vida social, como sendo movimento que afeta não só a informação e a comunicação “mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou do exercício da inteligência” (LÉVY, 1996, p. 11).

Tanto para quem participa ou para quem apenas acessa, vê e ouve pelo sistema multimídia as diversas comunicações da *Church*, fica claro o que aponta Lévy: [...] o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitudo da presença física imediata (LÉVY, 1996, p. 12).

⁵³ Imagens disponíveis em: <<https://www.facebook.com/pages/lpr-Church-in-Connection/551979084858993?fref=ts>>, nos dias 20/03 até 22/05 de 2016. Acesso em: 10 nov. 2016.

Talvez seja necessário aprofundar um pouco nas próprias ideias de Lévy para perceber a transformação proporcionada pela integração crescente do setor multimídia. Para ele, por muito tempo, quando se falava em “virtual”, as pessoas associavam o termo a algo “imaginário”, àquilo que é “falso”. Era uma oposição entre “virtual” e o “real”. De outra forma, o que era virtual às vezes não era agregado ao que é falso, ilusório, mas se associava com aquilo que ainda não se efetivou, ou seja, com aquilo que existe apenas enquanto “potência”, enquanto “força”. Nesse sentido, “virtualidade e atualidade são apenas maneiras de ser diferentes” (LÉVY, 1996, p. 14-15). Virtual deixa de se opor ao que é real. Virtual passa a ser aquilo que “ainda não é”, aquilo que “ainda não se atualizou”. O autor faz uma ligação entre o que é virtual e o que não se “atualizou”, que existe enquanto “força”.

A novidade do conceito de virtual, e que nos interessa particularmente, é a conceituação de virtualização como dinâmica. Dito de outra forma, a atualização efetivada pelo virtual não como maneira de ser. Nesse sentido, “a virtualização pode ser definida como movimento inverso da atualização”, então, de forma esclarecedora, passamos à virtualização como uma nova maneira de ser, “uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático” (LÉVY, 1996, p. 16-18). Ao discorrer sobre a virtualização de uma empresa o autor identifica mudanças:

O centro de gravidade da organização não é mais um conjunto de departamentos, de postos de trabalho e de livros de ponto, mas um processo de coordenação que redistribui sempre diferentemente as coordenadas espaço-temporais da coletividade de trabalho e de cada um de seus membros em função de diversas exigências (LÉVY, 1996, p. 18).

A *Church* se virtualiza ao levar uma nova maneira de ser que se espalha e se realiza nos diversos “nós” espalhados pela rede montada no App, no *WhatsApp*, no *Facebook*, *Instagram* e na Internet. Contudo, no processo de virtualização da igreja, o que ocorre não é a supressão do espaço cültico – o templo – mas a sua presentificação. Através dos cultos e com a visibilidade que ganham os fiéis nas diversas conexões, o processo se torna “sem pausa”. Uma construção do ser e estar no mundo que não para de se modificar. A virtualização não destrói o espaço

tradicional, mas o fortalece na medida em que cria novas “realidades”, que podem ser visitadas e que são fluidas, renováveis, com diversos graus de liberdade.

Um caso interessante foi o da programação na *Church Farm*, no dia 14 de novembro de 2016. Marcado pelo sistema multimídia para se realizar às 20h com o tema “um churrasco, um amigo e o futebol de madrugada”, todas as atividades foram filmadas por celular, por membros diferentes da *Church*, e o programa se virtualizou criando novas realidades e se atualizando a cada visita registrada no *Facebook*, no *WhatsApp* e na Internet, onde o mesmo se “reatualiza” e cria uma memória digital. Percebe-se que essa virtualização “é um dos principais vetores da criação da realidade”, que “acontece” a todo o momento num lugar impreciso, pois o agora é virtual. A *Church* vai se tornando “onipresente” e, partindo de um evento, se virtualiza e faz surgir “um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia” (LÉVY, 1996, p. 21). São criados, então, de acordo com Lévy (1996), novos espaços e novas velocidades.

Mas o mesmo movimento que torna contingente o espaço-tempo ordinário abre novos meios de interação e ritmo das cronologias inéditas. [...] assim que a subjetividade, a significação e a pertinência entram em jogo, não se pode mais considerar uma única extensão ou uma cronologia uniforme, mas uma quantidade de tipos de espacialidade e de duração. Cada forma de vida inventa seu mundo e, com esse mundo, um espaço e um tempo específicos. O universo cultural, próprio aos humanos, estende ainda mais essa variabilidade dos espaços e das temporalidades (LÉVY, 1996, p. 22).

A *Church* leva mensagens e leva a si mesma como marca, a todo o lugar - e ao “não-lugar” da Internet -, onde a rede esteja ligada. Podemos dizer que é uma igreja que viaja na velocidade da *Internet* se “materializando” e criando conexões incessantemente, espalhando mensagens aforísticas e descomplicadas. Tais como as que seguem abaixo, retiradas do *WhatsApp*:

- E conhecereis a Verdade (Jesus Cristo) e a Verdade vos libertará. (Mensagem recebida via *WhatsApp* na manhã do dia 10 de novembro de 2016).

- É Ele (Jesus) quem perdoa todos os seus pecados e cura todas as suas doenças. (Mensagem recebida via *WhatsApp* no dia 16 de novembro de 2016).

- Somos uma igreja que ama a Deus. Como entendemos isso: você ama a Deus quando está num culto coletivo, porque ali você fala com Deus, canta a Ele e ouve a palavra Dele, a Bíblia (*sic*) (entrevista para a pesquisa com a pastor Thiago Vinicius Cunha, no dia 23 de setembro de 2016).

- Temos que ler a palavra, é para ler a Palavra, ela nos orienta e por ela Deus fala, ela é a "chave" (*sic*) (Culto C1 de 1 de março de 2015, palavras do pastor Thiago Vinícius Cunha).

- Levam [os que creem em Deus] uma vida sólida, e, não acreditam em qualquer coisa. Solidez é conhecer a Deus, não se deixar levar por qualquer caminho e para isso é preciso ler a Bíblia (Culto C5 de 23 de abril de 2015, palavras do pastor Thiago Vinícius Cunha).

Os exemplos são inúmeros e os vemos espalhados por todas as mídias da *Church*. As mensagens aforísticas chegam todos os dias por *WhatsApp*, *App*, *Facebook*, sem hora marcada. É revelador o fato de que a Internet não apenas acelera processos já conhecidos, mas “ela [a internet] inventa, no gasto e no risco, velocidades qualitativamente novas, espaços-temporais mutantes” (LÉVY, 1996, p. 24). É o que vemos no registro do culto do dia 26 de abril de 2015 (Cf. Anexo 5, C5):

Durante a pregação o pastor Thiago explica: ‘como estamos usando o celular cada vez mais, eu usei a técnica de deixar a igreja no escuro para as pessoas terem (lerem) a Bíblia no celular: vocês acordam 6:30 da manhã e a primeira coisa que fazem é consultar o celular para ver se chegou alguma mensagem... Por isso agora vocês devem também ver o que Deus quer falar com vocês e aproveitar para ler a Bíblia no celular’ (*sic*).

A virtualização da *Church* ocorre constantemente, e não acredito que seja parte de uma estratégia pensada em todos os seus contornos. Percebe-se muito de “intuição” do pastor Thiago e de sua equipe, que por serem jovens usam dos meios que lhes são mais próximos, e a cópia no que é realizado pela igreja que serve de modelo que é a *Church By the Glades*. Os “próximos”, nesse caso, chegam mais perto dos seus “próximos geracionais”. É o encurtamento do tempo e do espaço na entrega das mensagens dos líderes para os fiéis.

As mensagens comunicadas nos cultos de domingo à noite são “cartão postal” da *Church*. Todo o empreendimento técnico e logístico é empreendido na elaboração e execução dessa programação. Contudo, percebe-se que existe uma mensagem que é identificada pelos jovens fiéis da igreja. Tanto nas pesquisas realizadas (Anexos 2 e 6) quanto nas observações realizadas *in loco* (Anexo 5), a igreja trabalha muito bem os mitos e ritos da religião. A *Church* é uma ordenadora e construtora de sentidos de vida para essa nova comunidade. Não se pode diminuir esse papel religioso porque a maioria esmagadora dos seus fiéis e frequentadores é oriunda de outras

denominações religiosas do espectro cristão (80%). A pesquisa também demonstrou que 75% dos entrevistados receberam na infância algum tipo de orientação religiosa. (Anexo 6).

Por isso, torna-se importante detalhar um pouco do conteúdo disseminado pelas programações e as normatizações das experiências que a *Church* fortalece ou considera. Faremos isso no item seguinte.

2.10. A GRAMÁTICA INTERNA DA *CHURCH IN CONNECTION*

Nesse último tópico, que trata da *Church in Connection* como instituição religiosa, faremos um breve resumo dos mitos, símbolos e ritos fortalecidos pelas programações da igreja. A programação da igreja e a *performance* do pastor Thiago Vinicius Cunha se fazem acompanhar de símbolos religiosos, que têm o poder de comunicação com a comunidade de fé que se reúne em número cada vez maior. Os símbolos e ritos se reportam aos mitos da religião. Assim afirma Eliade (2000, p.22): “O indivíduo evoca a presença dos personagens dos mitos e torna-se contemporâneo deles. Isso implica igualmente que ele deixa de viver no tempo cronológico passando a viver no tempo primordial, no tempo em que o evento teve lugar pela primeira vez”.

Dentro da concepção eliadiana, os mitos, que são histórias verdadeiras, de caráter sagrado e exemplar, podem ser reatualizados, ou revividos. Essa reatualização se faz através dos símbolos e dos ritos. Os mitos, segundo esse autor, têm papel fundamental na história ao revelar que o mundo tem uma “origem e histórias transcendentais e significativas”. O valor irrefutável do mito, segundo Eliade (2000, p. 124), está no fato de que ele pode ser periodicamente reconfirmado pelos rituais.

Na igreja *Church* existe uma dinâmica interna embebida da cultura criada pelo Sistema Multimídia e, há que se considerar, como afirma o antropólogo Geertz (1989), que a religião atua como sistema cultural apontando para a necessidade do ser humano em buscar um novo mundo para viver. Para Geertz (1989), a cultura denota o seguinte: “Um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por

meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida" (GEERTZ, 1989, p. 66).

Geertz (1989) afirma acreditar "como Max Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu", e a "cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado" (GEERTZ, 1989, p. 4).

Como se faz necessário dizer o que é "significado" dentro desse contexto, Geertz estabelece um paradigma: "símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo". A forma de vida de um povo, suas disposições morais e estéticas, suas ideias sobre ordem, qualidade de vida etc. É certo que depreendemos daí que a cosmovisão dos homens se reforça e se expressa pelos símbolos sagrados. Afinal, os homens se ajustam e ajustam suas formas de vida de acordo com a visão que eles têm da "ordem cósmica", e isso a religião faz.

Os "símbolos" aqui são mais do que apenas a representação de algo, ou de alguma coisa que está ausente. Neste contexto, os "símbolos representam fontes extrínsecas de informações". Estas "informações" não são algo que o homem carrega consigo, como os seus genes, mas estão "fora dos limites do organismo do indivíduo". Estes "símbolos" apontam para "modelos de padrões culturais" que "dão significado, isto é, uma forma conceptual objetiva, à realidade social e psicológica, modelando-se em conformidade a ela e, ao mesmo tempo, modelando-a a eles mesmos" (GEERTZ, 1989, p. 68-69).

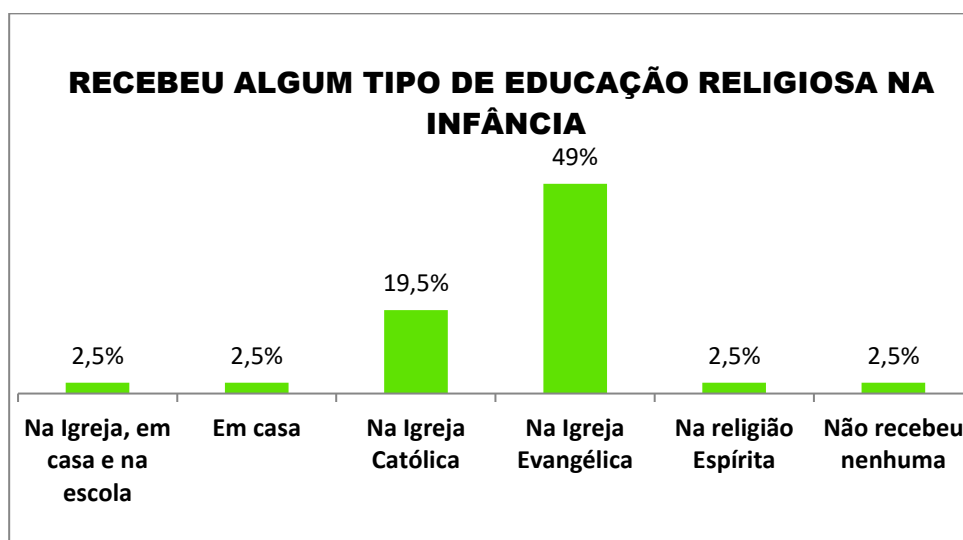
A percepção da congruência estrutural entre um conjunto de processos, atividades, relações, entidades e assim por diante, e um outro conjunto para o qual ele atua como um programa, de forma que o programa possa ser tomado como uma representação ou uma concepção - um símbolo - do programado, é a essência do pensamento humano (GEERTZ, 1989, p. 70).

Todo esse conjunto estrutural se "materializa", no sentido de apontar para uma "espécie de ética do dever", que provoca nos homens determinadas "tendências, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações". As atividades religiosas induzem ao "ânimo" e à "motivação" e deixam os homens dispostos a determinadas atitudes. Geertz faz uma distinção entre a disposição, que tem tempo curto e que varia apenas de intensidade; e a motivação, que tem caráter temporal extenso e se torna significativo em razão dos fins a que se quer chegar, como exemplo

a caridade, que é cristã quando encampada por uma concepção de "propósito de Deus", algo estipulado para ocorrer durante uma vida inteira. Algo se torna religioso quando se transforma em "símbolo de alguma verdade transcendental" (GEERTZ, 1989, p. 70-72).

A *Church in Connection* se realiza por meio de espetáculos (que serão tratados como tal no próximo capítulo), mas esses espetáculos não se dão no vazio. Dito de outra forma, as realizações programáticas da igreja com os seus rituais reportam aos mitos e símbolos do cristianismo – gramática interna dessa religião – e se afirmam dentro de uma lógica interna e comunitária repleta de afetos e de sentidos próprios da religião. Como registrado anteriormente (cf. Gráfico n. 6), 80% dos membros da igreja são oriundos de outras instituições cristãs. Apenas 15% disseram não ter frequentado nenhuma igreja antes da *Church*. A eficácia de comunicação dos símbolos e o trabalho realizado no campo do imaginário religioso podem ser deduzidos quando constatado o grau de educação religiosa cristã recebida pelos membros.

Gráfico 7 – Educação religiosa dos membros da igreja



Fonte: Próprio autor, conforme pesquisa Anexo 6

Nas respostas obtidas pela pesquisa com questões semiabertas, sobre a educação recebida na infância, os pesquisados acrescentaram a denominação religiosa que a família estava vinculada (Católica, Evangélica e Espírita). Tomamos esse fato como a confirmação da importância religiosa conferida ao cristianismo, em especial, e à religião, como um dado "natural" da vida desses pesquisados. Apenas um número insignificante (2,5%) disseram não ter recebido uma educação religiosa

na infância. A história contada nesses dados reforça o pouco espaço de dúvidas e de questionamentos possíveis em relação ao cristianismo. A origem reforça as convicções. Isso facilita o trabalho da *Church* na criação de um sentimento de pertença. A inovação da igreja está nos recursos de que lança mão para criar a comunidade de fé. A imaginação e criatividade são fundamentais para o trabalho.

Desta forma, partindo da formulação da perspectiva religiosa como persuasiva, chegamos ao ritual. Num "ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas [...]" (GEERTZ, 1989, p. 82). A religião é fortalecida nos ritos. A religião é mais que "uma forma de arte humana".

[...] a aceitação da autoridade que enfatiza a perspectiva religiosa corporificada decorre da encenação do próprio ritual. Induzindo um conjunto de disposições e motivações - um ethos - e definindo uma imagem da ordem cósmica - uma visão de mundo - por meio de um único conjunto de símbolos, a representação faz do modelo *para* e do modelo *de* aspectos da crença religiosa meras transposições de um e de outro (GEERTZ, 1989, p. 79).

A religião molda a vida assim como "o ambiente, poder político, a riqueza, a obrigação jurídica e a afeição pessoal". A religião coloca atos íntimos, banais, em contextos finais, daí a religião torna-se tão poderosa. Na visão de Geertz, os fortes e profícuos conceitos formados pela religião não param de atuar na construção de um mundo que interpreta permanentemente na formação de orientações cognitivas fundamentais dos fiéis e da sociedade em que eles participam.

A novidade fica por conta do espetáculo que se agiganta e pode, pelo menos à primeira vista, servir mais do que somente como veículo de comunicação e significação. É, talvez, o caso de se perguntar até que ponto o show poderia dispensar o conteúdo religioso ou esvaziá-lo do sentido original, do sentido que até então estava adotado pelas outras igrejas.

Para Greco (2009), a experiência religiosa encontra sua linguagem e manifestação própria por meio das suas objetivações: mitos, símbolos e ritos. Isso torna possível o estudo e a valorização das religiões. Dada a manifestação da religião e de suas inúmeras apresentações, através dos tempos e dos lugares, Greco (2009) aceita a complexidade inerente à religião, incluindo nesse ponto, uma experiência que deve envolver Deus, o Sagrado, o objeto a ser experimentado e, também, o sujeito

que dela faz a experiência (GRECO, 2009, p. 13-33). Quando salienta esses dois lados que compõem o estudo da religião, ele sugere que o estudioso se coloque em *epoché* (situação de suspensão de juízo de valor ou de verdade) e considere o “momento dado” da hierofania e suas características apreendidas pelo carismático e seus acólitos. Ele propõe um estudo filosófico e fenomenológico da religião.

O momento fenomenológico é orientado a recolher em uma unidade inteligível as diversas manifestações do fenômeno religioso e a determinar sua estrutura com base na análise e no confronto. Este se propõe estabelecer, com a ajuda de todas as ciências do significado (etnologia, psicologia, sociologia etc.), tudo quanto na intencionalidade do ato religioso, é captado e afirmado, sem se pronunciar sobre a validade de tais interpretações (GRECO, 2009, p. 31).

Entendemos a sugestão do autor e sua preocupação em tratar a religião como um fenômeno amplo, contudo, o que nos interessa é o princípio da experiência religiosa manifesta mediante a linguagem do símbolo, do mito e do rito, e que age na organização dos fiéis como comunidade de fé.

Retomando Geertz podemos encontrar na *Church in Connection*, de forma aparentemente paradoxal, uma igreja que existe, mas que está “em processo”, ou seja, o que ocorre é que embora exista o templo com o espaço físico, sito à Av. Brasil 2260, a *Church* “acontece” também pelas redes comunicativas da Internet através das quais os fiéis estão conectados.

Esse “acontecer” se justifica também por estarmos presenciando uma organização no seu nascedouro (teve início em 2010 e se tornou independente em julho de 2016). Embora a teologia que a sustenta seja antiga e as doutrinas adotadas sejam de cunho pentecostalizador (acreditam na ação de Deus nos dias atuais, acreditam nos dons do espírito – embora não os exercitem - e fazem da emoção quase um substituto dos dogmas), o “acontecer” é o mais importante. As programações cambiantes com novas peças teatrais, decoração temática fluída e performances que não se repetem tornam mais atraentes os cultos de domingo. O show e o clima emocional criado valem mais que as doutrinas ou pontos de vista teológico.

O sistema simbólico religioso do cristianismo é reforçado continuamente nas mensagens que centralizam, por exemplo, a cruz como símbolo da morte expiatória de Jesus Cristo, e que possibilita todo tipo de esperança. As imagens também

reforçam símbolos sagrados. As mensagens proferidas na igreja (cf. Anexo 4 e 5) confirmam o uso de tais símbolos.

Figura 20 – Imagens de símbolos presentes nas mídias da Church



Fonte: Facebook⁵⁴

Como visto acima, temos: a cruz com a bandeira do Brasil fala do amor de Deus pela nação brasileira, ou dentro de um coração para simbolizar o amor que se deve ter por Deus (parte da campanha “amar a Deus, amar o próximo e servir no mundo”); o momento de batismo por imersão nas águas realizado numa piscina na frente da igreja e no horário de culto; imagens da Bíblia como se fosse um púlpito de onde o pastor Thiago fez uma das pregações de domingo à noite; a Bíblia aberta numa mesa sugerindo um estudo bíblico agradável; o cálice com o vinho servido por Cristo na última ceia com os discípulos e que se tornou símbolo de sua mensagem de perdão e de ressurreição para os que creem nEle. De acordo com Geertz, é a materialização de uma estrutura que gera hábitos, provoca compromissos, estabelece tendências.

Tudo o que foi dito anteriormente retrata momentos da vida institucional, mas todas são cambiáveis no tocante à estrutura e estética. Tanto o indivíduo quanto a

⁵⁴ Imagens do Facebook e whatsapp. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/churchinconnection/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 23 nov. 2016.

coletividade de fiéis são animados e motivados a crer numa ordem cósmica e histórica que está sob a “soberania de Deus”, como ensinado várias vezes nas programações mais diversas da igreja (Cf. Anexo 5). Ensino oriundo da Reforma Protestante calvinista. Nesse sentido, foi modelar o ensinamento realizado pelo pastor Thiago Vinicius Cunha (Cf. Anexo 4, T3): “Tudo nesse e no outro mundo está sob o domínio de Deus, é a sua soberania. Até o diabo e o anticristo são marionetes nas mãos de Deus, fazem o que ele quer, o que ele permite” (*sic*).

Longe da “guerra contra o diabo”, como enfatizado pelas igrejas neopentecostais (Universal do Reino de Deus e Mundial), e fixados como ponto emblemático desse pentecostalismo, de acordo com Mariano (1999, p. 109), a *Church* enfatiza um aspecto mais próximo às teologias da Reforma Protestante e das igrejas tradicionais do mundo evangélico brasileiro como Presbiteriana do Brasil.

Desta forma, os ensinamentos religiosos tornam-se modelos, padrões culturais, que permitem ao pastor Thiago e aos líderes proporem uma agenda de compromissos, de hábitos e de ações a serem realizadas por todos os membros e ouvintes. E mesmo esses últimos reforçam os ensinamentos aprendidos nas conversas mantidas entre si e colhidas também para a pesquisa.

- Mulheres sábias edificam seus lares, vamos orar porque elas [mulheres solteiras que estão presentes] serão mulheres casadas, vamos profetizar na vida delas, e ministrar uma transformação nestas mulheres que não serão objeto sexual, mas mulheres bem sucedidas e que agradarão a Deus, edificarão seus lares. Repitam comigo mulheres; “eu vou esperar ‘meu sacerdote’, ‘vou abençoá-lo’ (*sic*). (Pastora Késia Cunha, durante o louvor da culto C2 em 08 de março de 2015).

- Sofrimento não é maldição de Deus nem abandono, mas uma forma de nos aproximar de Deus, e Dele nos ensinar sobre o Reino, especialmente sobre [como] orar” (*sic*). (Pastor Thiago Vinicius, culto C2 em 08 de março de 2015).

- Segundo o exemplo de Paulo precisamos ser alegres independentes da situação. É preciso gozar o momento, fazer de algo ruim, algo bom. Até nas nossas perdas é possível ser feliz (*sic*). (Pastor Thiago Vinicius, culto C3 em 12 de abril de 2015).

- É preciso fugir do pecado, esta frase é repetida para que as pessoas possam gravar. Não devemos estar, por exemplo, nos shows da pecuária nesta noite porque não é o lugar em que nós vamos glorificar a Deus [...], é não ser prudentes (*sic*). (Pastor Thiago Vinicius, culto C5 26 de abril de 2015).

- As irmãs não devem usar roupas que marcam o corpo com o fim de provocar ou se insinuar aos homens [...] não existe vida no evangelho sem renúncia,

afinal, a nossa casa é nos céus com Jesus e não na terra (*sic*). (Pastor Thiago Vinícius, culto C5 26 de abril de 2015).

- Jesus te faz andar na Luz, sem medo da morte, do inferno, ou dos seus pecados; você não precisa ter medo de esconder nada, nem sua vida social e virtual (*sic*). (Pastor Thiago Vinícius, culto C7 em 07 de agosto de 2016).

Essa estrutura construída pelas falas do pastor Thiago Vinícius Cunha e da pastora Késia Dayane Cunha se reproduzem (tem repercussão) nas falas dos fiéis, o que comprovamos com os questionários aplicados para a pesquisa (cf. Anexo 6), e que será tratado no próximo capítulo.

A comunicação sustenta um mundo cultural construído com sentido e significado. O que Geertz chamou de “ética do dever” que inclina os indivíduos a determinadas tendências. É o que se percebe na fala da pastora logo no início dos registros acima, quando aponta o papel social da mulher em “edificar o lar”, o papel social em relação às “coisas domésticas” e também sobre o valor do casamento. O valor do trabalho, da paciência e da importância em suportar os sofrimentos da vida como oportunidades de Deus para o crescimento das pessoas são temáticas recorrentes dessas falas.

Mais uma vez, os líderes tentam marcar posição em relação aos neopentecostais, se distanciando de, pelo menos, um aspecto da teologia da prosperidade. Os líderes da *Church* não acreditam nem pregam ser o sofrimento, as dores e as perdas da vida uma obra do inimigo de Deus, o diabo. Contudo, (cf. Anexo 5) o dízimo recebe uma atenção especial. É tirado nas manhãs e noites de domingo, sempre com ênfase no cumprimento de um mandamento que se impõe e é tratado como fonte de sucesso financeiro.

2.11. AS CONEXÕES COM DEUS E COM O PRÓXIMO

As conexões trabalhadas pela igreja (via sistema multimídia) facilitam a caminhada do fiel com a religião, reforçam suas relações e o aproxima de outros fiéis. Reforçam a ideia de um Sagrado presente. Desta forma, é possível perceber nos cultos de domingo, através das manifestações entre os fiéis, um tipo de (re) encontro festivo. Os jovens passam a semana conectados pela Rede Social da Internet. No domingo, esses fiéis celebram juntos e em estado de exaltação, se movimentando ao

ritmo da música gospel com braços levantados, olhos fechados e outras coreografias, adorando o Sagrado. Toda a ambiência é traspassada por emoções humanas que se cruzam em direção a algo que foi, de alguma maneira, apontado pelas próprias práticas religiosas. É o reviver do mito, com ritos e símbolos operados por duas equipes: uma ligada à parte técnica (recepção, som, luzes, danças, coreografias, estetização do ambiente etc.), e outra composta dos operadores do religioso propriamente dito (o sacerdote, os diáconos e as pessoas que permanecem na lateral da igreja com mãos levantadas, observando e orando pelos participantes).

A conexão que se faz na igreja tem uma direção vertical, com orientação para o Sagrado, assim disseram os fiéis. Quando chamado a responder “qual o benefício de frequentar essa igreja”, as respostas em direção “vertical” (relação entre as pessoas e Deus) se repetiram e, com poucas variações, falam que: “A *Church* é um lugar onde se encontra o Espírito de Deus”; “A *Church* é um lugar de presença de Deus e de pessoas sedentas Dele”; “Na igreja se tem o conhecimento e a Palavra”; “Podemos nos achegar a Deus”; “Podemos nos sentir tocados” (Cf. Anexo 6, T2, T3, T7 e T10, respectivamente).

As respostas são muitas e variadas, em termos de expressão, e serão melhor trabalhadas no próximo capítulo, contudo, faremos neste momento o registro de respostas que apontam, além da relação vertical, para um sentido horizontal (relação entre as pessoas), ou seja, para a importância de ser essa uma igreja “onde se faz amizades”, onde “o pastor e os líderes se preocupam com os membros”, “uma igreja que se preocupa com o ser humano” e, também, “uma igreja que não faz acepção de pessoas” (Cf. Anexo 6). Assim os pesquisados se manifestaram, dizendo que eram “aceitas sem nenhuma distinção”, eram “respeitadas na sua individualidade”, “eram aceitas do jeito que eram”.

Essas duas dimensões, vertical e horizontal, se conjugam quase sempre na construção mental que nos foi oferecida pelos fiéis ao definirem a *Church*. A aceitação de jovens membros, sem a imposição de usos e costumes que marcaram a história inicial do pentecostalismo (com a imposição de vestuário, proibição da prática de esportes e de lazer, proibição do uso de maquiagem para mulheres e de barba para os homens etc.), toca profundamente os fiéis, que nos depoimentos para a pesquisa falam com emoção o fato de terem sido aceitos “do jeito que são”, sem imposição de

cortes de cabelo, vestuário, uso de tatuagens e outras formas aparentes de se portar socialmente. O espaço da igreja é acolhedor, conforme algumas descrições feitas para a pesquisa (cf. Anexo 6).

Embalados pela música gospel e pela repetição de frases como num mantra, a percepção de bem-estar e de celebração festiva é aparente para qualquer observador. Durante a pregação, se pode perceber esses momentos de êxtase quando o pastor Thiago Vinícius Cunha, seguindo textos bíblicos e de forma aforística, se dirige aos presentes enfatizando que aquela palavra - a Palavra da Bíblia - é uma “revelação em pessoa para todos”, a “revelação do próprio Jesus Cristo”, que fala, que aconselha, que exorta e que ama a todos os que ouvem e participam da comunidade (Cf. Anexo 5). É uma conexão vertical descendente. É a narrativa de que o Sagrado fala com os humanos.

Os cânticos e a meditação de textos bíblicos apontam para um lugar e para relações sagradas, especiais, diferentes do “mundo”. Os fiéis da *Church* se referem à Bíblia como um livro ordenador do universo. Muitos disseram ter escolhido a igreja porque nela “se estuda a Bíblia”, “se é fiel à Palavra”, “existe temor da Palavra de Deus”, “se leva a sério a Palavra de Deus” etc. (cf. Anexo 6). Contudo, o que se destaca é que os fiéis acreditam na relação vertical em direção ao sagrado que os ouve e aceita suas canções.

Essa historicização da religião é importante porque os ritos e símbolos utilizados na *Church* nascem no passado, mas se presentificam. O que se faz na igreja, e fora dela durante a semana, é para os membros da *Church* a comprovação das conexões reais de pertença e aceitação, marca característica da igreja e uma das atrações dela (cf. Anexo 2):

Lá [na *Church*] a gente tem uma coisa chamada liberdade de expressão, né. Você conseguir explicar uma ideia, chegar na liderança, no pastor, você tem a possibilidade de crescimento bíblico, individual, [...] Eles veem potencial em mim, lá tem isso, então eu creio que hoje eu tenho muito mais a passar por ter ido pra lá. Lá por não ter essa pegada de doutrina de vestimenta, isso quebra um pouco a barreira. É uma igreja que tem transformado cara. É uma igreja que tem transformado cara. Internamente primeiro. Porque Jesus trabalhava dessa forma, a palavra trabalha externamente (*sic*). (Anexo 2 p. 3 e 4).

Aí a gente entrou, na hora que a gente entrou foi o que marcou porque a gente foi muito bem recebido. Foi o motivo da gente ter ficado lá, resumindo.

Porque são vários jovens na porta e já abordaram a gente, perguntaram o nosso nome, falaram palavras pra gente de sentir confortável, aí a gente entrou, a gente gostou da luz apagada, a gente teve uma liberdade maior de cantar, aí a gente saiu da outra igreja. [...] Lá aceita muito católico também. Meu cunhado foi aceito, o pastor andou com ele até ele virar evangélico. Ele pega e anda, anda, até a pessoa se converter (Anexo 2, p. 5-7) (*sic*).

No acolhimento, a recepção pra nós foi fundamental. Desde o primeiro dia que nós pisamos naquela igreja, o que marcou a nossa vida foi ali. O pastor já queria uma conversa. A receptividade dos diáconos, do pessoal de apoio, isso é um diferencial (Anexo 2, p. 8) (*sic*).

Hoje eu me sinto muito bem lá. Nenhuma me fez sentir tão bem igual a *Church*. Toda segunda tem um grupo que eu tô sempre. Lá você pode ser você mesmo. Não precisa ter vergonha de nada. Tem o futebol, tem evangelismo (Anexo 2, p. 11) (*sic*).

Os depoimentos acima mostram o caráter fortemente relacional e acolhedor da igreja. A aceitação das pessoas e a aproximação imediata para com o visitante são destacadas em todos os depoimentos. A forma ou estratégia de abordagem é eficaz na manutenção dos membros que dizem terem ficado por serem “bem-recebidos”, ou pelo fato de que na igreja “você poder ser você mesmo (*sic*)”. A dinâmica da recepção é planejada e demonstra um diferencial dessa igreja. O descolamento das doutrinas e a ênfase nas pessoas também são destacados. Na linguagem do jovem pesquisado, a *Church* é importante por “não ter essa pegada de doutrina, de vestimenta, etc.” (*sic*).

Até os ritos na *Church* alcançam uma dinâmica criativa e adaptável ao momento e às necessidades de relação de proximidade entre os fiéis. Se, por um lado, os ritos, de acordo com Croatto (2010), são mais que puramente uma ação humana, fazendo lembrar daquilo que fizeram as divindades, as ações dos deuses; por outro lado, os ritos também se prestam a ajuntar os membros num corpo comunitário unificado. Se os ritos buscam um contato com o sagrado, eles também estabelecem contatos com os humanos. São momentos de encontros. Nesse sentido, Croatto (2010, p.343) acrescenta o seguinte: “o rito é uma das expressões coletivas mais naturais do sagrado. O culto e o serviço a Deus/aos Deuses não são fatos puramente mentais, mas eminentemente corporais; e, além disso, mesmo podendo ser individual, sua forma característica é a comunitária. Portanto, sob ambos os aspectos, são essencialmente sociais”.

Conquanto aponte para um contato com o sagrado, os ritos têm características intrinsecamente sociais e comunitárias. A produção dos ritos, no entanto, é articulada para uma vivência mais intensa. Usam de novidades das mídias eletrônicas, da

sonoplastia, das técnicas modernas de comunicação e de espetáculo. Criando a ambiência de cinema, pois a iluminação no templo é indireta e a música funciona como trilha sonora, os ritos se adaptam à linguagem imagética da atualidade.

Os recursos digitais são amplamente usados. Num programa ritualístico de orações comunitárias realizadas durante quarenta dias nas dependências da *Church*, no período vespertino, esse uso foi observado. Os membros se revezaram em orações e todos recebiam via *Whatsapp* mensagens e promessas de reforço do rito realizado, mesmo não estando na igreja no momento das orações.

- Nossas orações são fracas e pobres. Entretanto o que importa não é que nossas orações sejam fortes, mas que Deus as ouça – K. Barth (#campanhadeoração, mensagem recebida dia 21 de outubro de 2016).

- Boa noite. As pessoas podem recusar o nosso amor ou rejeitar nossas palavras, mas não têm defesas contra nossas orações – Rick Warren (#campanhadeoração, mensagem recebida dia 22 de outubro de 2016).

- Nunca oro suplicando cargas mais leves, mas ombros mais fortes – Philips Brooks (#campanhadeoração, mensagem recebida dia 23 de outubro de 2016).

- Bom dia. Na oração é melhor ter um coração sem palavras do que palavras sem um coração. John Bunyan. (#campanhadeoração, mensagem recebida dia 24 de outubro de 2016)

- Bom dia. A língua nem sempre é necessária, mas a oração verdadeira não pode carecer de inteligência de afeto e de ânimo – Calvino (#campanhadeoração, mensagem recebida dia 25 de outubro de 2016).

- Bom dia. A função da oração não é influenciar Deus, mas especialmente mudar a natureza daquele que ora – S. Kierkegaard (#campanhadeoração, mensagem recebida dia 26 de outubro de 2016).

- O tu que ouves a oração, a ti virão todos os homens. Sl. 65:2 (#campanhadeoração, mensagem recebida dia 03 de novembro de 2016).

- Antes de clamarem eu responderei; ainda não estavam falando, e eu os ouvirei. Is. 65;24 (#campanhadeoração, mensagem recebida dia 04 de novembro de 2016).

- Tudo posso naquele que me fortalece. Fl. 4:13 (#campanhadeoração, mensagem recebida dia 08 de novembro de 2016).

Essas são algumas das mensagens, acompanhadas da “*grife autoral*”, que chegaram durante os quarenta dias de campanha, em diversos horários do dia e, às vezes, duas mensagens num mesmo dia. As mensagens reforçavam a ação individual e também a ação em grupo, fazendo do templo da *Church* o lugar de encontro, e da

rede eletrônica digital um “não-lugar” de encontro e exortação. Muitos membros eram alertados/convocados a orar em qualquer lugar do dia e onde estivessem.

Como Cazeneuve (s/d) explicou, a humanidade recorre a expressões rituais porque a condição humana comporta uma existência que ora desfruta como liberdade e criatividade, ora como ato de submissão, coações e limitações. Os ritos aparecem como ações de controle (receitas mágicas para agir no mundo natural), e também, como ações comemorativas (recriação da atmosfera sagrada, e outros). Esses ritos se alteram, se desenvolvem (são diacrônicos) ao longo da existência, quando são do primeiro tipo, e são sincrônicos, ou seja, se ajustam numa espécie de eternidade, de "eterno retorno" nas cerimônias do segundo tipo, especificamente, nos ritos comemorativos. Reconhecendo-se que a liberdade e a autoconsciência nos separam da condição puramente animal, a psicologia moderna aponta a "angústia" como uma experiência recorrente na vida humana.

Os jovens da *Church*, considerando a angústia como presença na psique humana, podem usar de instrumentos poderosos no combate da angústia. Na rede da Internet, os ritos são cristalizados e podem ser revividos e “curtidos” indefinidamente, bastando um toque.

Durkheim⁵⁵ (2008) pode ser útil aqui, pois observou nas formas elementares de vida religiosa”, entre os aborígenes australianos, aspectos positivos e negativos dos

⁵⁵ Émile Durkheim, sociólogo francês, pioneiro na sociologia com enfoque na religião, estuda a religião numa perspectiva histórica como ciência positiva e tenta, com isso, entender o homem atual. Para ele, a história se faz necessária porque as formas mais simples de religião nos mostram a essência de suas características e nos proporcionam o entendimento à realidade atual, bem como o homem atual. O objeto que se nos apresenta é a religião na forma mais simples e primitiva, desprovida então das muitas influências e acréscimos, de práticas e recortes que a mesma sofreu ao longo da história. Segundo o autor, “os ritos mais bárbaros ou mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade” (DURKHEIM, 2008, p. 30). Os fiéis podem apresentar razões falsas para a sua crença, a ciência deve descobrir se o são, mas, de acordo com Durkheim (2008): “Não há, pois, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana. Na verdade, não é impossível dispô-las segundo ordem hierárquica. Umas podem ser ditas superiores às outras, pelo fato de colocarem em jogo funções mentais mais elevadas; são mais ricas de ideias e sentimentos, integram mais conceitos, menos sensações e imagens, e sua sistematização é mais erudita. Mas, por quanto sejam reais, essa maior complexidade e essa idealidade mais elevada não bastam para ordenar as religiões correspondentes em gêneros separados. Todas são igualmente religiões, como todos os seres vivos são igualmente vivos, desde os mais simples plásticos até o homem” (DURKHEIM, 2008, p. 31).

cultos (ritos). O que estão em foco, no caso, são os ritos positivos (oferendas, comunhão e oração), e estes apontam para o que era, segundo Durkheim, um objetivo da religião: a integração social tão necessária para a coesão social. Tanto o rito da santa ceia quanto o de oração comunitária, em forma de campanha por quarenta dias, aproximam as pessoas, as torna, ao mesmo tempo, únicas e partes de um todo, tão importantes nos projetos singulares e benefícios particulares a serem recebidos quanto no projeto coletivo de formação de uma igreja em conexão. Eles estão numa *conexão atualizada* com o tempo digital midiático.

A *Church* aproveita a polissemia dos símbolos religiosos. Contudo, a cruz, a água, o fogo e outros elementos que compõem o mundo religioso ficam embebidos de uma produção sintonizada com a parcela da sociedade que usa e se comunica digitalmente. Existe uma atualização da forma de vivência dos ritos.

Numa explanação muito interessante sobre sociologia da religião, Guy Rocher (1971) fala da necessidade das sociedades em afirmar os valores que lhe são caros, por meio de qualquer coisa, mais "que a adesão de uma pessoa ou coletividade" (p.155). Daí que os modelos tornam-se expressões simbólicas de valores. Diz ele: "a conformidade exterior da conduta aos modelos simboliza a adesão interior do sujeito a certa ordem de valores. É a adesão aos valores por sua vez o símbolo de que se pertence a uma dada sociedade ou coletividade" (1971, p. 155). O simbolismo é um dos principais fundamentos da ação social.

Nas programações cúltricas da *Church*, há o uso de vários símbolos com linguagem polissêmica, como a água e o fogo que, por origem, enriquecem as programações. No culto observado no dia 08 de março de 2015 (cf. Anexo 5, C2), o pastor Thiago Vinícius Cunha usou da pouca iluminação da igreja e programou, num determinado momento do culto, a projeção de um fecho de luz no canto frontal da igreja, onde estava uma cruz de madeira. Em seguida, ele falou de Jesus como a "Luz do mundo". A Luz enquanto fogo também foi utilizada no culto do dia 07 de agosto de 2016 (cf. Anexo 5, C7), nas pregações sobre a temática de "jogos olímpicos". O fogo, num bastão olímpico usado no desfile da chama olímpica Rio 2016, que passou por Anápolis, foi trazido do fundo da igreja até o palco central pelo pastor Thiago, ao som

da música-tema do filme “carruagens de fogo”⁵⁶. Antes da pregação, o pastor acendeu uma pira sobre um barril com as cores da bandeira brasileira colocado no centro do palco dentro do templo. Como visto abaixo.

Figura 21 – Pastor Thiago Vinícius Cunha na *Church* decorada para o tema “jogos olímpicos”



Fonte: Facebook⁵⁷

Nessa noite, o pastor Thiago falou sobre o Espírito de Deus que se assemelha ao Fogo, e enquanto no telão frontal do templo uma lâmina de fogo era projetada dando uma sensação de presença do fogo do ambiente, a preleção tratava sobre um “Deus que falou com Moisés através de um fogo numa planta que ardia, mas não se consumia”; de um Deus que “guiou o seu povo Israel na peregrinação pelo deserto através de uma Coluna de Fogo”; Do Deus que é “calor que aquece os corações daqueles que o buscam” (Anexo 5, C7 do dia 07 de agosto de 2016).

A variedade simbólica vai além daquelas usuais nas igrejas cristãs atuais. Geralmente, entram na dramatização cültica cristã o pão, o vinho (suco de uva) e a água. O pastor Thiago introduz símbolos de hierofanias (manifestações de Deus) do Velho Testamento, como o fogo e símbolos utilizados por Cristo nos seus ensinamentos. Outro exemplo da riqueza de “metáforas vivas” ocorreu no dia 26 de abril de 2015 (Anexo 5, C5), quando o pastor Thiago levou uma cobra dentro de uma

⁵⁶ Título no Brasil do filme que em 1981 mostrou a preparação da equipe olímpica de atletismo da Grã-Bretanha para os Jogos Olímpicos de 1924, em Paris. É a música do grego Vangelis e se tornou um “hino oficial” das maratonas e dos maratonistas de todo o mundo.

⁵⁷ Imagens retiradas do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/>>. Acesso em: 8 ago.2016.

caixa e uma pomba branca numa gaiola e os mostrou alternadamente aos participantes do culto lembrando as palavras de Cristo de que os discípulos de Jesus deveriam ser sagazes como a serpente e mansos como as pombas.

Os símbolos evocam uma realidade, tornam o processo de comunicação muito palpável e dinâmico e provocam sensações de estupor na plateia. Os símbolos continuam falando polissemicamente por muitos dias e semanas depois do culto. Essa experiência foi vivenciada pelo pesquisador por meio das imagens “carimbadas na mente”, naquela noite, pela visão da cobra viva serpenteando nos braços do pastor Thiago enquanto ele falava. A experiência que marca é a de um processo de comunicação usado na *Church* pelo pastor Thiago Vinícius Cunha, que consegue construir uma ponte entre as imagens e os ensinamentos retirados do texto sagrado.

De tal forma se fixam essas imagens na mente das pessoas que, por meses seguidos, é possível se lembrar dos temas expostos em cada série adotada como assunto da igreja.

Os cultos e seus símbolos são ampliados com o uso constante da “ressureição” das imagens através do sistema midiático. Se os símbolos constituem o palco dos ritos (Greco, 2009, p. 3) é possível afirmar que a competência em manejar os símbolos é fulcral para essa nova igreja. E esse “manejo” persiste por mais tempo do que apenas as horas de celebração dos cultos. O Sistema Midiático possibilita tal coisa. As mensagens via *Smartphone* são reproduzidas sem pausa durante a semana que seguem os cultos. Não teremos religião desconectada, pelo menos aquela que atrai jovens, dos aparatos multimídia. A religião revive símbolos, e as novas Tecnologias de Informação e Comunicação os envolvem numa magia eletrônica.

CAPÍTULO III – CHURCH IN CONNECTION A CONVERGÊNCIA ENTRE A MÍDIA E A RELIGIÃO

O amplo uso das mídias eletrônicas feitas pela *Church in Connection* e o estímulo para o uso dessas mídias, tanto nas programações regulares da igreja quanto para o contato com os seus membros, tornam essa instituição uma referência de otimização comunicativa com os adeptos da religião. Conectada pelo Sistema Multimídia com a sua plêiade de fiéis, a *Church* potencializa a presença de suas mensagens no cotidiano das pessoas, ao mesmo tempo em que se conecta com a sociedade moderna e se funda no seu espaço e momento histórico. Marc Bloch (2001) salienta o seguinte:

[...] nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento. Isso é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos como das outras. O provérbio árabe disse antes de nós: “Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais.” Por não ter meditado essa sabedoria oriental, o estudo do passado às vezes caiu em descrédito (BLOCH, 2001, p. 60).

Os homens atuais se parecem com seus pais, mas tem uma semelhança maior ainda com a sua época. Bloch diz bem por que não se trata de anular o passado, mas de valorizá-lo na interação com o presente. Por isso, é preciso saber em que momento estamos no processo de evolução das técnicas em informação e comunicação para saber como se dá a comunicação e sustentação das estruturas sociais.

Esse capítulo parte da evolução histórica dos meios de comunicação como vetor fundamental das mudanças na sociedade. Por isso, escolhemos a teoria de Thompson (2014) sobre a centralidade da evolução dos meios de comunicação na estruturação e desenvolvimento da modernidade. É dentro do contexto presente que se buscam as perguntas e respostas para as indagações sobre as mútuas influências entre mídia e religião. Se o presente é o espaço do nosso trabalho, incluindo as diversas entrevistas com a liderança da igreja, os membros e frequentadores dela, o passado se agiganta em importância, pois nos ajuda a detectar diferenças e influências que até então não se percebiam.

O exemplo que mais se destacou nesse estudo foi o uso da estetização dos cultos como fator de atração, manutenção e mobilização dos fiéis em torno dos

objetivos propostos pela igreja. Se a estetização da religião é uma constante, por que não se faz religião apenas com teologia e doutrinas, mas com dramatização, teatralização, símbolos e ritos que tocam as emoções. A estetização da religião no sistema moderno multimídia cria um espaço mágico, encantador e de forte apelo emocional. Todos os sentidos são envolvidos numa teia social, imagética e digital que tornam o poder simbólico um poder essencial nas definições das relações humanas, na sua reprodução e na forma de organização das sociedades.

O uso que a *Church* faz do Sistema Multimídia, bem como a conexão estabelecida pelo seu público jovem, aponta também para um sistema de excelência em comunicação que torna imprescindível o aparato de *shows* que acompanham montagens cênicas em outras instituições (cinema, teatro, televisão). Há que se salientar, porém, que cada montagem dessa tem caráter provisório, passageiro, e acaba sendo substituído rapidamente por novas ambiências, no intuito de não enfadar os fiéis e mantê-los mobilizados diante das perspectivas das renovadas novidades e da caducidade das imagens que são apresentadas.

3.1. MÍDIA, DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E PODER DE TRANSFORMAÇÃO

Em toda sociedade, as pessoas se ocuparam em se fazer entender, em transmitir informações, em preservar experiências que vão adquirindo, em transmiti-las aos semelhantes e, assim, conservar os ganhos materiais e os conteúdos simbólicos sobre si mesmos e sobre o mundo. A comunicação ganha papel central no desenvolvimento humano, por meio de desenhos, de gestos e depois com o uso da linguagem. A comunicação foi sendo elaborada cada vez mais e de forma mais complexa.

Thompson (2014) *faz* um estudo profundo sobre as relações da mídia e da modernidade. Hoje percebemos com maior vigor a presença da mídia no processo e construção da sociedade moderna. Ainda, segundo o autor, antes do século XX estas relações não foram explicitadas pelas teorias sociais porque as mesmas teorias consideravam que “a chave da dinâmica cultural associada ao surgimento das sociedades modernas se assentava em outro lugar”, e conclui que este lugar era “sobretudo nos processos de racionalização e secularização” (THOMPSON, 2014, p.

26). A história pós século XX tem demonstrado o aumento das redes sociais eletrônicas e o crescimento do fluxo de informação e as influências destes fatores na construção social da realidade.

Ao longo da história, das mais antigas formas de comunicação até as mais recentes, a produção, o armazenamento e a circulação de informação e de conteúdo simbólico têm ocorrido sempre em intensidade crescente, bem como alcançado aspectos centrais da vida social. Thompson (2014) traça os contornos dessas mudanças enfatizando o caráter histórico, em que os meios de comunicação precisam ser considerados não apenas enquanto meios técnicos, mas como elementos importantes no processo de significação que o homem confere a si mesmo e ao mundo em seu derredor.

As transformações institucionais, que constituíram a sociedade moderna e que mais aparecem em citações históricas e sociológicas, são as mudanças econômicas do feudalismo europeu que possibilitaram o aparecimento gradual de um novo sistema, o capitalista de produção e de intercâmbio, e o processo de mudanças políticas em que numerosas unidades políticas da Europa medieval foram sendo reduzidas em número e reagrupadas num sistema entrelaçado de estados-nações. De acordo com Thompson (2014, p. 80), na Europa medieval, a fragmentação política era grande: em 1490, existiam aproximadamente 500 unidades políticas e, cinco séculos depois, foram reduzidas para cerca de 25 estados, cada um reclamando soberania sobre um território claramente delimitado e possuindo um sistema centralizado de administração e de tributação. Somando-se a isso, as guerras e a preparação delas foram cada vez maiores, assim como os estados-nações que exigiam o monopólio do uso legítimo da força dentro de um determinado território (THOMPSON, 2014, p. 75,76).

De acordo com o autor, faltou uma narrativa sobre outra transformação que colaborou para as mudanças da sociedade, que foi a transformação cultural. A essas mudanças históricas nas ideias e nas crenças, os historiadores franceses chamaram de “histoire des *mentalités*” (idem, p. 76). Existe muita dificuldade em localizar e demonstrar realmente como se dá esta transformação das mentalidades. A solução que Thompson aponta é mudar o foco:

Se não focalizarmos inicialmente os valores, atitudes e crenças, mas os meios de produção e circulação das formas simbólicas no mundo social, então veremos que, com o advento das sociedades modernas no último período da Idade média e início da era moderna, uma transformação cultural sistemática começou a ganhar um perfil mais preciso (THOMPSON, 2014, p. 77).

Este é o ponto importante a ser enfatizado no processo de mudança e que nos dará uma visão sobre a real participação da mídia no contexto de formação da sociedade. Podemos até usar este desenrolar histórico para demonstrar que o mesmo se repete num *continuum* de mudanças que ainda estamos a presenciar, e imagens que eram carregados de crenças sobre o mundo, o homem e o sobrenatural.

Thompson (2014) se concentra, a princípio, no aparecimento e desenvolvimento da imprensa. Desse ponto inicial (no século XV em diante), ele desenrola um fio histórico em que a estreita sociedade medieval, rural e agrícola, vai se transformando de uma base de subsistência com pouco excedente de produção para um sistema de comércio mais amplo e fora das redes já estabelecidas.

Este avanço nos conduz a um círculo de produtividade mais amplo, incluindo e fortalecendo algumas cidades, tendo como base a produção e intercâmbio de mercadorias, a acumulação de capital e seu reinvestimento na melhoria de produção e na reversão em mais mercadorias. Surge um círculo de produtividade e investimento com trabalhadores assalariados e produtos que eram lucrativos e geravam rendas aos capitalistas. Isto se acentuou com a Revolução Industrial do século XVIII, e primeira do século XIX. Foi nesse contexto econômico que começam a surgir os estados-nações como “um conjunto de instituições, cujas formas foram emergindo gradualmente num lento processo” (THOMPSON, 2014, p. 79) se estruturando em unidades políticas com meios para exercer o poder coercitivo, extrair os recursos de povos subjugados, reivindicar a soberania territorial e exercer governo e administração.

As instituições religiosas contribuíram neste processo de centralização política administrativa. Contudo, é preciso lembrar que no período medieval a Igreja Católica Romana centralizava todo o poder simbólico⁵⁸, monopolizando a produção e difusão

⁵⁸ Seguindo em linhas gerais a classificação de Michael Mann, e de outros teóricos, Thompson (2014) distingue quatro tipos de poder: *econômico*, *político*, *coercitivo* e *simbólico*. A cada uma destas “formas de poder” correspondem os “recursos” e as “Instituições Paradigmáticas” a que as formas de poder

de símbolos religiosos e inculcando-os nos indivíduos. Na fase subsequente, este poder se fragmentou com a Reforma Protestante do século XVI e passou a se dividir também com reis e príncipes que garantiram seu naco de poder dentro da estrutura nascente.

Dentro da nova estrutura de economia capitalista e de fragmentação do poder simbólico pelas seitas (como foram chamadas a princípio as instituições que surgiram com a Reforma), “que reivindicavam estilos de vida distintos e caminhos alternativos de acesso à verdade das Escrituras” (THOMPSON, 2014, p. 83), a Igreja Católica Romana teve seu monopólio de poder abalado. É neste contexto de quebra do monopólio do poder simbólico da Igreja de Roma que está em ascensão “o desenvolvimento das indústrias da mídia”, como importante fator na reorganização do exercício do poder simbólico. O autor ainda lembra que houve a partir do século XVI uma gradual expansão “de sistemas de conhecimento e de instrução essencialmente secularizados”. Começa o desenvolvimento das ciências como da astronomia, da botânica e da medicina, sem a tutela da Igreja.

Com o advento da indústria gráfica surgem novos centros de poder simbólico, que competem com a Igreja e com o Estado. Para Thompson (2014), fica claro que “as organizações tipográficas e editoras que emergiram nos primórdios da Europa moderna eram instituições culturais e econômicas” (THOMPSON, 2014, p. 88). Com a citação de amplo material histórico, ele relata a importância das empresas de mídia

especificamente se relacionam. O “poder econômico” é proveniente das atividades produtivas desempenhadas pelos homens, ou seja, da extração da matéria-prima até sua transformação em bens que possam ser consumidos. Os recursos que fazem parte dessa forma de poder são materiais e financeiros e mudaram ao longo do tempo; o “poder político” é fundamentalmente aquele que “deriva da atividade de coordenação dos indivíduos e da regulamentação dos padrões de sua interação” (THOMPSON, 2014, p. 40), a instituição que se presta à maior parte desta tarefa nós conhecemos como o estado; o “poder coercitivo” se constitui no uso ou na possibilidade do uso da força para subjugar oponentes; o “poder simbólico”, chamado também de “poder cultural” que se origina “na atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas”. É um poder que caracteriza a vida social juntamente com “a atividade de produção, de coordenação dos indivíduos e a atividade coercitiva” (THOMPSON, 2014, p. 42). Os recursos que compõem o “poder simbólico” são os meios de informação, comunicação, e as instituições paradigmáticas desse poder são muitas como, por exemplo: igrejas, escolas, universidades, indústrias da mídia e outras. Thompson usa o termo “poder simbólico” para se referir a esta capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (THOMPSON, 2014, p. 42).

e como elas alçaram uma escalada de poder econômico para, também, se tornarem centros de poder simbólico:

O surgimento da indústria editorial criou novos centros e novas redes de poder simbólico que se baseavam principalmente nos princípios da produção mercantil, e que eram por isso mesmo relativamente independentes do poder político e simbólico controlados pela Igreja e pelo estado. Tanto a Igreja quanto o estado procuravam usar esta indústria nascente para finalidades próprias, encomendando documentos oficiais, comunicações impressas e normas, como também trabalhos dos mais diversos tipos. Mas toda tentativa de controlar a produção impressa e os novos centros de poder simbólico foi sempre muito limitada de muitos modos (THOMPSON, 2014, p. 67).

A Igreja Católica, por exemplo, compilou um *Index librorum prohibitorum*, promulgado em 1559 e revisado depois, diversas vezes, estabelecendo uma censura severa, incluindo condenações à morte de escritores e editores por propalar material que não tinha a chancela da Igreja, material herético, maldito. Entretanto, tal vigilância era frágil dado o tamanho do território europeu e o enorme avanço e multiplicação das tipografias e das editoras. Crescem a publicação de matérias científicas, de escritos dos humanistas clássicos, de religiosos protestantes e de uma gama enorme de livros que apresentavam todos os tipos de orientações (tabelas padronizadas para calcular o custo de bens, para converter medidas, pesos sistemas monetários, para calcular a distância e o tempo de uma viagem, instruções para transporte de materiais, etc.) (THOMPSON, 2014, p. 90, 91).

A imprensa passou a publicar em língua vernacular, de forma que o latim vai perdendo força. Com a missa sendo rezada em latim, o clero se distancia dos leigos e a liturgia não fica acessível para o povo. Enquanto isso, o protestantismo usava a Bíblia em linguagem da região e estimulava sua leitura, o que criou uma ambiência favorável para o fortalecimento das identidades nacionais, além de tornar a mensagem Bíblica mais próxima do cotidiano das pessoas.

Com todas estas pontuações se percebe a importância da transformação cultural iniciada com as novas maneiras de produzir e circular formas simbólicas. A convergência entre capitalismo, imprensa e línguas vernáculas nos séculos XV e XVI foi apontada por Benedict Anderson (apud Thompson, 2014) como fator de criação de unidade nacional de países europeus, e podem ter apressado a “erosão da comunidade sagrada da cristandade e a emergência das ‘comunidades imaginadas’” (Thompson, 2014, p. 95). Conquanto esta tese seja anterior ao do autor citado e dê

margens para refutações e limitações, há que se considerar que o impacto deste meio de comunicação - a imprensa - e dos meios de comunicação de forma mais ampla precisa ser melhor analisado, pois ele altera as formas de ação e de interação.

Baseado na exposição de Thompson (2014), se percebe que a fragmentação do poder simbólico ocorreu por causa do desenvolvimento de novas tecnologias que se ampliavam, atingindo um maior número de pessoas e possibilitando o manuseio de técnicas e meios de informação e comunicação, que se achavam antes concentrados em poucas instituições. Novas formas de negociação de sentido surgiram com a força e alcance dos textos sagrados colocados à disposição dos fiéis e “tomados” do monopólio do clero Católico Romano.

Essas transformações se estenderam na história e abriram espaço, cada vez maior, para o surgimento de diversas instituições que passaram a exercer poder simbólico. Multiplicaram-se as instituições paradigmáticas do poder simbólico. O material simbólico produzido também se multiplicou.

Thompson está correto ao apontar o poder simbólico exercido pelas indústrias da mídia como digna de atenção. Atualmente, no exercício do poder simbólico feito na *Church in Connection* ocorre, concomitantemente, a reprodução performada dos textos religiosos, e a captura de outros símbolos gerados pelas indústrias midiáticas do cinema, da televisão e da Internet. Percebe-se uma dinâmica no uso de símbolos que se valem das novas formas de comunicação *high tech* na transmissão de crenças e valores que “suturam” o sujeito na estrutura social.

As observações participantes realizadas na *Church in Connection*, a partir de 2015 (Cf. Anexos 4 e 5), mostraram a força e o manuseio do poder simbólico. Destaque para a interação das mídias e de produções seculares (filmes de cinema, séries de televisão, vídeos na You tube, selfs no Instagram e no Facebook etc.) com conteúdos e atividades desenvolvidas pela igreja em caráter religioso. Mostraremos isso mais à frente.

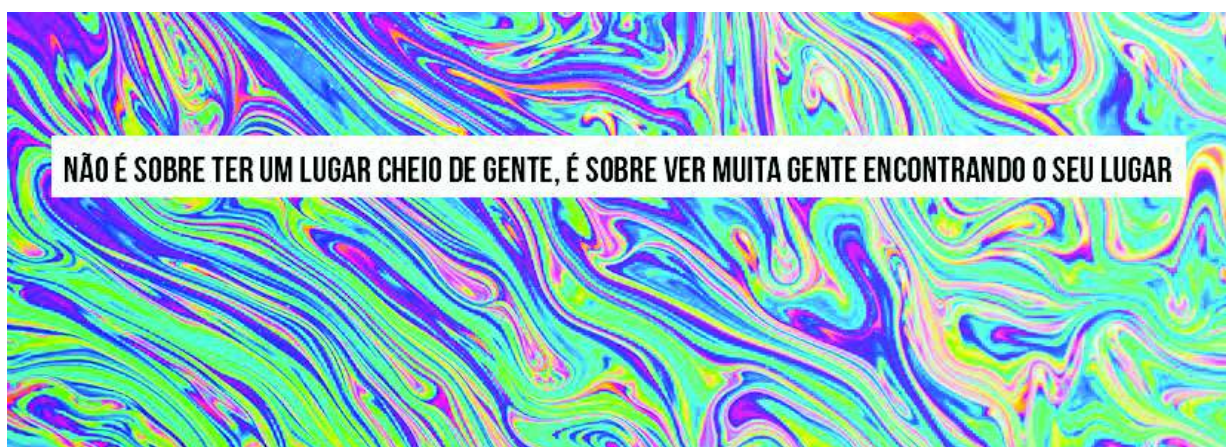
3.2. A MÍDIA AMPLIADA DA *CHURCH IN CONNECTION*

Vou chamar de mídia ampliada a capacidade que tem a igreja *Church* em produzir, reproduzir e fazer circular conteúdos variados. Entendendo a comunicação como um tipo distinto de atividade social, podemos apontar essa ampliação midiática como ampliação de poder. No sentido geral, o poder “é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências” (THOMPSON, 2014, p. 38).

A *Church* faz uso de um tipo de poder que lhe é muito específico e que está posto como base para a comunicação com os jovens frequentadores de seus cultos. Sem esses meios, sem esses instrumentos comunicativos não haveria *Church in Connection*. A *Church* se dá, em primeiro plano, num contexto midiático de imagens, sons, cores, falas, teatralizações e *performances* que envolvem um corpo de técnicos e de religiosos numa sinfonia que não acaba nunca, que está sempre recomeçando.

Dizendo de outra forma, o funcionamento da igreja é organizado como um seriado de televisão, ou uma série de cinema, que comunica sua mensagem e mobiliza seus espectadores.

Figura 22 – Propaganda da *Church* nas mídias eletrônicas já com o slogan que marca a organização da igreja depois da separação com a IPRB



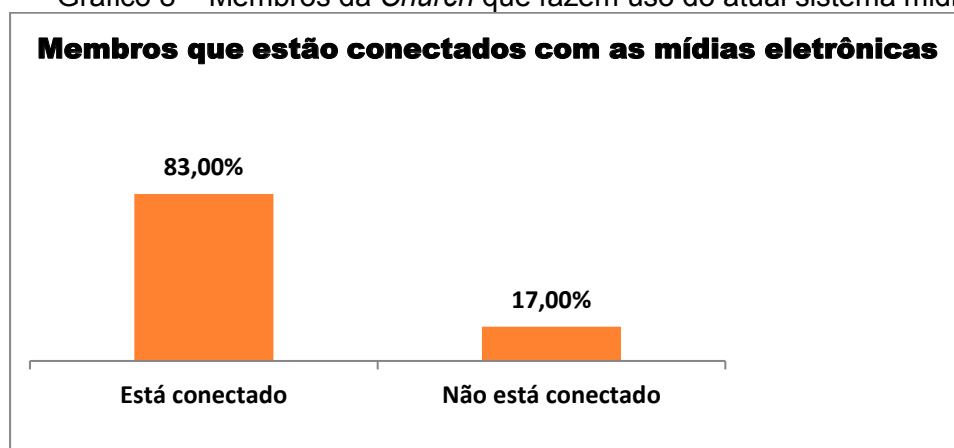
Fonte: Facebook⁵⁹

⁵⁹ Disponível em: <www.facebook.com/pg/churchinconnection/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 20 dez. 2016

Essa arte, que foi divulgada a partir de julho de 2016, assim que a igreja se tornou um ministério independente da IPRB, é significativamente colorida, sem forma (pode se formatar a qualquer momento e de várias maneiras) e traz uma mensagem escrita, que quando analisada no conjunto do funcionamento da igreja permite dupla abertura: a primeira é que a *Church* aceita as pessoas sem acepção de nenhuma delas, e a segunda é de que na *Church* as pessoas podem encontrar sua forma de ação, de atuação, de inserção no meio social. “Encontrar o seu lugar” é fazer com que as pessoas possam participar como protagonistas da história de construção de um “sentido de vida” (retomarei a essa questão mais à frente), junto a uma instituição que quer se diferenciar em tudo o que faz, buscando parceiros, “aliançados”, como diz o pastor Thiago, na tarefa terrena de “aproveitar todos os momentos e acontecimentos da vida para ser feliz” (cf. Anexo 4, T2).

Os recursos usados na comunicação - meios técnicos -, escritas, pinturas, filmagens, fotos e muitos outros se constituem nos meios de produzir e transmitir formas simbólicas. A *Church* ao lançar mão de meios múltiplos para transmissão de suas mensagens facilita a formação de sua marca e a difusão, talvez fusão, dessa com os símbolos já consagrados do mundo religioso cristão e até outros que são anteriores ao cristianismo, mas que por esse foi agregado (caso da água, do fogo e outros símbolos religiosos subsumidos no cristianismo, em geral, e pela *Church* em particular).

Por meio do App *Church*, *WhatsApp*, *You Tube* e do *Instagram* amplamente usados pelos fiéis da igreja, as informações são distribuídas cotidianamente pela liderança da igreja, mas há que se notar que os membros também participam da produção e reprodução de mensagens replicando opiniões e imagens nas suas próprias redes sociais. Todas as mensagens relativas às programações semanais são divulgadas, alguns aforismos bíblicos são propagados, imagens e testemunhos de conversões e de mensagens bíblicas são transmitidas. No gráfico abaixo, podemos notar a abrangência do uso das TICs feito pelos membros da *Church* pesquisados nos meses de novembro e dezembro de 2016.

Gráfico 8 – Membros da *Church* que fazem uso do atual sistema midiático

Fonte: Próprio autor

O gráfico acima reitera os altos índices de uso das tecnologias eletrônicas entre os jovens da igreja. Nesta pesquisa, foram observados o uso dos *smartphones* e telefonia móvel durante os cultos da *Church*. Há que se lembrar que essas mídias e o sistema midiático, como um todo, estão incorporados no sistema de produção. Dito de outra forma, o uso da Internet e dos aparelhos que possibilitam seu acesso são imprescindíveis no atual processo produtivo (CASTELLS, 2007).

Todas as mensagens transmitidas pela igreja têm *design* próprio, como pode ser visto abaixo, e buscam agregar os participantes. Thompson (2014) chama as formas simbólicas mercantilizadas de “bens simbólicos”. As formas simbólicas podem ser mercantilizadas em função do poder de reprodução das mídias. Quanto maior poder de reprodução maior a capacidade de explorar uma forma simbólica, de transformá-la em mercadoria para ser vendida e comprada no mercado.

A capacidade de reprodução do material midiático demonstra o poder da instituição em permanecer, ao longo do tempo, no cotidiano dos seus fiéis, e de aglutinar mais gente em torno da marca, do projeto e/ou da sua “missão”. Além das divulgações programáticas da igreja e dos temas a serem tratados em cada reunião, bem como do chamamento à participação dos ministérios estruturais da *Church*, as

diversas mídias em ação possibilitam interação entre os fiéis e entre esses e a direção da igreja. Tudo feito de forma alegre e criativa. Os posts⁶⁰

Figura 23 – Posts da igreja Church no WhatsApp, Facebook e outras mídias



Fonte: Facebook⁶¹

Thompson (2014) nos chama atenção ao enfatizar o poder dos meios técnicos em dissolver tempo e espaço, em dilatar estas categorias e incluir tempos diferentes em todo o globo terrestre, o que implica na possibilidade de alteração das “condições de espaço e de tempo sob as quais os indivíduos exercem o poder” (THOMPSON, 2014, p. 49). Uma outra observação consiste no fato de que a operação dos meios técnicos de informação e comunicação constituem em conhecimentos e habilidades

⁶⁰ De acordo com o dicionário Infopédia, “posts” são mensagens que se publicam numa página da WEB. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/posts>>.

⁶¹ Disponível em: <www.facebook.com/pg/churchinconnection/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 20 dez. 2016.

tanto para quem opera os meios quanto para quem os recebe. Thompson (2014) faz a seguinte assertiva:

Quando indivíduos codificam ou decodificam mensagens, eles empregam não somente as habilidades e competências requeridas pelo meio técnico, mas também várias formas de conhecimento e suposições de fundo que fazem parte dos recursos culturais que eles trazem para apoiar o processo de intercâmbio simbólico. Estes conhecimentos e pressuposições dão forma às mensagens, à maneira como eles as entendem, relacionam-se com elas e as integram em suas vidas. O processo de compreensão é sempre uma ação recíproca entre as mensagens codificadas e os intérpretes situados, e estes sempre trazem uma grande quantidade de recursos culturais de apoio a este processo (THOMPSON, 2014, p. 50).

É exatamente nessa “dobra” que a *Church* trabalha, nesse intercâmbio comunicativo e eletrônico das TICs, que envolve fiéis e instituição numa mediação que se amplia em todos os espaços e momentos vivenciados do grupo formativo da igreja. Nesse começo de século, os jovens estão mais próximos dessas tecnologias e são seus primeiros adeptos. A *Church* também estimula o uso dos aparelhos eletrônicos como *smartphones*, afinal, vivemos uma constante ampliação do sistema digital comum de transmissão, processamento e armazenamento de conteúdo.

O uso do *smartphone* permite o contato permanente, *on-line*, dos membros da igreja entre si e com a liderança. Além de conteúdos no *You Tube*, no *WhatsApp* e no *Facebook*, a *Church* mantém *on-line* o *Instagram* do pastor (prthiagoviniciuscunha), da pastora (kesiadayanec), da *churchinconnection*, da *churchkids*, do *jovenschurch* e da *churchneropolis*.

Podemos acrescentar que essa amplitude relacional da *Church* possibilita ampliação midiática permanente. É o que permite quebrar as categorias espaço/temporais de forma inusitada, quando comparado aos métodos e técnicas anteriores de transmissão de conteúdos por rádio, televisão ou no culto presencial. Em todo lugar se vive a “experiência” da *Church* enquanto “Marca”, e, depois, enquanto religião de matriz cristã. E mais, pode-se acessar os filmes e fotos a qualquer hora, basta estar “*linkado*” e fazer a “atualização” pelas redes sociais.

Segue abaixo as imagens, algumas são as primeiras fotos de filmes de curta duração, feitas geralmente dentro da igreja nos horários de culto ou nas programações da igreja e imediatamente postadas nas redes sociais:

Figura 24 – Posts da *Church in Connection* em 2016

Fonte: Instagram: churchinconnection, prthiagoviniuscunha ⁶²

O que eleva a importância da mídia é a capacidade cada vez maior de colocar as mensagens à disposição do maior número possível de receptores, em lugares os mais distintos e em momentos diferentes. Pode-se notar também que os fiéis aparecem na maior parte das imagens transmitidas, possibilitando um fortalecimento, via imagética, das relações que unem os membros da instituição. É o aumento vertiginoso de mensagens/imagens e de sua disponibilidade espaço-temporal. Como salienta Thompson (2014):

Já observamos que o uso dos meios técnicos de comunicação pode alterar as dimensões espaço-temporais da vida social. Capacitando os indivíduos a se comunicarem através de espaço e de tempo sempre mais dilatados, o uso dos meios técnico os torna capazes de transcender os limites característicos de uma interação face a face. Ao mesmo tempo, os leva a reordenar a questão de espaço e de tempo dentro da organização social, e a usar esta organização como meio para atingir seus objetivos (THOMPSON, 2014, p. 58).

⁶² Imagens retiradas do Instagram: churchinconnection, prthiagoviniuscunha. Acesso em: 23 dez. 2016.

As mensagens postadas pela *Church* no *Instagram* são “depósitos” facilmente acessados e compartilhados por aqueles que se identificam, aderem e entram no círculo de exposição de suas próprias imagens, inclusive, colocadas no aplicativo para serem apreciadas. Os *posts* obedecem às regras para as disposições de tais imagens que são compartilhadas por empresas, religiões, políticos, e todos que usam as TICs, com vista à busca de pessoas que possam aderir, ou comprar produtos, ideias, ocupações, sonhos etc. Trataremos desses padrões e regras quando abordarmos os tipos de conexão feitos na *Church*.

Como demonstrado anteriormente, a mídia ampliada é composta de diversos tipos ou modelos de comunicação. Contudo, são as imagens e a velocidade com que elas são substituídas o ponto forte da igreja. As mensagens religiosas se renovam a cada atualização feita no smartphone. A religião se atualiza com o entorno social e serve de referência para os fiéis navegantes dos seus circuitos eletrônicos.

3.3. A MÍDIA AMPLIADA AGREGANDO O GLOBAL E O LOCAL

As programações semanais da *Church* oferecem material para ser reproduzido e espalhado ao eletrônico “vento semeador” de novos fiéis e buscadores de novidades no campo religioso. A ampliação midiática é instrumento de agregação e de identificação, e não apenas de informação. Todos se reúnem em torno dos *inputs* eletrônicos dos novos aparelhos, sempre mais novos, que encantam e trazem renovado *frisson*.

As mensagens escritas também chegam sem cessar, mais de uma vez ao dia, trazendo aforismos como os que seguem abaixo e que foram coletados do *WhatsApp* da *Church* entre os meses de novembro e dezembro de 2016:

- Tudo posso naquele que me fortalece. (08/11/2016) Filipenses 4:13
- Oração com fé não significa que tudo o que pedimos acontecerá. Significa que confiamos que Deus nos escutará e ajudará da melhor forma. (24/11/2016). John Piper
- Se você permanecer em silêncio porque suas palavras podem ser interpretadas de forma errada, você nunca falará. (24/11/2016) John Piper
- Permita que a fé tenha espaço para crescer. (16/12/2016) Thomas Brooks

- Boa noite! Orgulhar-se no que os olhos veem não é fé, mas confiar no que a Palavra revela. (16/12/2016) Lutero

- A fé não é a crença de que Deus fará o que você quer. A fé é a crença de que Deus fará o que é certo. (20/12/2016) Max Lucado

Nos estudos de Bosi (2009), sobre cultura de massa e cultura popular, ela aponta na cultura de massa⁶³ uma formulação de “padrões-modelos” do espírito humano para ordenar sonhos e atitudes. Nesse caso, “a fórmula substitui a forma” (filmes de 15’ até 30’ de duração; happy end; cenas de alegria e amor; teor e ideologia subjacente à mensagem), então as histórias, fotos, filmes, ângulos, caminhos e etc. são montados sob a visão de uma “fórmula” midiática que homogeneiza sentimentos, visões e atitudes. Tudo precisa ser contado sob um “padrão”, com um tipo de linguagem que será facilmente decodificada. A fórmula aforística, como vista nas mensagens acima, é preciosa para uma sociedade do “tudo resumido” e substituível rapidamente.

O objetivo é a venda – sob suas diversas formas – e para isso as produções devem se compor “do maior número de “iscas” (sincretismo), mas com uma linguagem acessível ao maior número de consumidores (homogeneização)” (BOSI, 2009, p. 66). O “consumidor ideal” é capitaneado por idade, sexo, classe, cosmopolitismo etc.

As ideias da autora se orientam por questões teóricas maiores, como as ideias do “fetichismo da mercadoria”⁶⁴ de Marx, que ela inclusive cita. O uso e a ampliação

⁶³ Numa tentativa de resumo, assim se expressa Bosi (2009), em relação à indústria cultural: “[...] a indústria cultural, como toda indústria, é um sistema que não se articula *a partir do consumidor* (no caso, a partir das relações concretas entre os homens na sociedade), mas em função de um *público-massa*, abstrato, porque homogêneo, nivelado *a priori* pelas instituições que produzem e difundem as mensagens” (BOSI, 2009, p. 72). A realidade cultural pode se dar numa estruturação “de cima para baixo”, imposta dos “produtores para os consumidores” e também pode se estruturar a partir das relações internas da própria sociedade, dá-se o nome neste segundo caso de cultura popular, uma “cultura criada pelo povo, que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas sociais” (idem p.78). Bosi (2009) acrescenta que após a Revolução Industrial do século XVIII começam os debates sobre a “cultura de massa” e a “cultura de elite”, daí a lembrança do escritor Goethe que “profetizou”: “O teatro - diz o grande escritor - como o mundo, em geral, está praguejado de amorosas modas, e a moda consiste em adorar algo com grande abandono tão-somente para bani-lo depois para todo o sempre” (BOSI, 2009, p. 86). Começa então uma era “abertamente organizada por empresários da indústria do lazer; fortemente estruturada em função de um certo público-massa; e necessariamente distinta das experiências da “alta cultura”” (BOSI, 2009, p. 89-90).

⁶⁴ Para a autora, os meios de comunicação e sua evolução se dão num contexto de desenvolvimento do sistema social e econômico capitalista, com marcas mercantis, mentalidade atomizadora,

mediática na *Church in Connection* podem ser vistos sob esse prisma. O global (modelo copiado da igreja nos EUA *Church By the Glades*) se impõe e encontra abertura no meio dos jovens fiéis da *Church*. Contudo, podemos ampliar essa questão, afinal, a *Church in Connection* também contextualiza esse modelo e atende a outras demandas. Como citado anteriormente, existe uma demanda por parte dos fiéis que é a do acolhimento sem distinção dos jovens que chegam à igreja.

Como já observara Thompson (2014), existe uma outra vertente de análise que não a vertente do “imperialismo cultural”, ou da “formação de uma cultura consumista”. A vertente que se apresenta é a de um mundo global, muito mais complexo do que uma teoria que propõe a visão do domínio permanente de uma nação, ou de “uma dominação cultural transnacional e corporativa”. Há que se considerar as culturas locais, mesmo que em choque com valores trazidos de fora, com as novas mídias eletrônicas e aprender com a história, como diz Thompson (2014, p. 223): “[...] a recepção e a apropriação dos produtos da mídia são processos sociais complexos em que indivíduos – interagindo com outros e também com os personagens retratados nos programas – dão sentido às mensagens de uma forma ativa, as adotam com atitudes diversas e as usam diferentemente no curso de suas vidas.

É o caráter hermenêutico que se enfatiza aqui e que se faz presente na apropriação de leituras de livros, de programas de televisão e rádio, e outros. A tese de Thompson (2014), que é a alternativa para a “tese do imperialismo cultural”, se assenta na construção histórica dos caminhos que deram origem à globalização,

individualização, excessiva divisão social do trabalho, aburguesamento e burocratização. Para ela, os vários fatores que envolvem a comunicação (emissor, destinatário, mensagem, canal, código, contexto) trabalham interligados e formam um sistema - sistema da indústria cultural. Depois da colonização política e geográfica, a colonização "da alma humana" - dominando a inteligência, a vontade, o sentimento e a imaginação humana - é a cultura de massa (idem pp. 56-62). Bosi (2009) aponta para a validade da narrativa de Marx sobre o fetichismo da mercadoria e faz as seguintes citações: "Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas"; "aí os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos", isso é o fetichismo (idem p. 75). A indústria cultural tem como objetivo único a dependência e a servidão dos homens, como se a alienação fosse o fim da angústia (idem p.74).

dando “mais atenção às múltiplas e mutáveis maneiras em que o poder simbólico se sobrepôs ao poder econômico, político e coercitivo no processo de globalização”. Mensagens são apropriadas de formas diferentes e criam um “eixo de difusão globalizada”, fazendo da apropriação um processo “intrinsecamente contextual e hermenêutico” (THOMPSON, 2014, p. 225).

A apropriação dos materiais simbólicos se dá num processo em que os receptores se distanciam dos seus contextos de vida diária e “podem conceber, ainda que parcialmente, maneiras de viver e condições de vida totalmente diferentes da que eles experimentam dia a dia” (THOMPSON, 2014, p. 227).

A religião, praticada na *Church*, propõe vivências baseadas em teologia cristã que propugna, em tese, aspectos da vida que não se coadunam com uma “coisificação humana” ou com a pura e simples competição entre os homens. Existe, como visto nas mensagens reproduzidas anteriormente, um tanto considerável de material de autoajuda misturado a conteúdos teológicos e cristão de ajuda ao próximo e de formação de comunidade. O que ocorre é que o formato das mensagens está completamente em harmonia com: a atualidade social e econômica de rapidez, fluidez, mudanças e sucateamento constante de ambiências e discursos. Não existe debate teológico ou de posições teológicas a tomar longos períodos de debate ou ensino. O que impera é o fluir pelas canções, apresentações, imagens e animações. Não que isso não traga conteúdo teológico e religioso, mas o meio de comunicação é o elemento agregador, o amálgama da construção comunitária.

A ampliação midiática do conteúdo religioso da *Church* potencializa a capacidade de atingir e manter coesos os fiéis, ao mesmo tempo, atraindo novos fiéis para a rede religiosa - ampliada - composta pelo capital midiático dos membros da igreja que estão conectados com diversos setores da sociedade, em função do trabalho, dos estudos, dos laços familiares e etc. em que eles estão inseridos ou conectados. A cultura global e midiática se adequa às notícias e culturas locais.

Um exemplo disso ocorreu na divulgação do acidente com o time de futebol da chapecoense. Na manhã do dia 29 de novembro de 2016, o acidente com o avião que levava os atletas do time de futebol brasileiro da cidade de Chapecó, para a cidade de Medellín na Colômbia, caiu matando 71 pessoas. A igreja *Church In Connection*

postou nas redes uma mensagem de luto com o símbolo do time. Essa solidariedade, logo expressada por todos os meios de comunicação do mundo, fez parte das notícias, orações e atenções da igreja. O que está na mídia mundial, regional ou local e gera audiência, ou replicações pela rede social, será capturado pela *Church* num movimento contínuo, e servirá de material de manifestação da igreja.

Figura 25 – Posts da *Church in Connection* na manhã do acidente com o avião do time da chapecoense de futebol



Fonte: Instagram: churchinconnection, prthiagoviniciuscunha e kesidayanec⁶⁵

Ao atualizar o Instagram, na manhã do dia 29 de novembro de 2016, para colher dados para a pesquisa, me deparei com o post acima e fui alertado para o acidente e instado a participar de alguma forma numa “corrente de solidariedade” pelos sobreviventes e pelas famílias dos mortos. A mensagem acima, como muitas outras, é, no primeiro momento, autoexplicativa. O trabalho de arte nas propagandas obedece aos critérios de beleza e de comunicação.

Há que se valorizar, observando a mídia ampliada da *Church*, a forma atualizada, comunicativa e esteticamente organizada dos materiais produzidos. Não somente bonita, mas, também, despertando experiências de beleza, de “tirar o fôlego”, de entusiasmar, de animar – dar alma – às experiências religiosas. O estudo dos cultos de domingo à noite, principal atividade da igreja e seu “cartão de visita”, aponta para a importância da estetização da experiência religiosa com destaque ao mercado,

⁶⁵ Imagens retiradas do Instagram: churchinconnection, prthiagoviniciuscunha e kesidayanec. Acesso em: 23 dez. 2016.

enquanto espaço global de apresentações de produtos tanto materiais quanto simbólicos. Veremos um pouco disso a seguir.

3.4. A ESTETIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Ao particularizarmos as novidades trazidas pela igreja *Church in Connection*, registramos alguns estudos cujas abordagens tratam da estetização das mercadorias, dos produtos, dos serviços e das mais diversas dimensões da realidade social. Os autores franceses Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015) falam em *Estetização do mundo e sobre viver na era do capitalismo artista*. Moreira (2014) fala em *Estetização da experiência religiosa a começar pela estetização da vida cotidiana*.

Lipovetsky e Serroy (2015) traçam uma linha histórica da sociedade que se estruturou baseada na economia de mercado altamente racionalizada. Nessa linha, o capitalismo, como já havia salientado Weber (1989, p. 9, 10), se apresentou numa escala cada vez mais racionalizada, incluindo a forte racionalização das estruturas administrativas e do direito além do desenvolvimento das possibilidades técnicas. Embora o “impulso para o ganho” e a “ânsia do lucro” já estivessem presentes em formas de organização anteriores aos do capitalismo ocidental moderno, o ocidente veio a conhecer, na era moderna, um tipo completamente diverso e nunca antes encontrado de capitalismo: a organização capitalística racional assentada no trabalho livre (formalmente, pelo menos) (WEBER, 1989, p. 7).

O avanço da ciência e das técnicas de informação, comunicação e conhecimento, alavancaram o poder irradiador do sistema a um nível global. Se o mercado já existia enquanto lugar de trocas e de busca de lucratividade, antes do capitalismo surgir enquanto sistema, é nesse último que o grau de racionalização, burocratização e intelectualização na produção e busca por novos capitais é elevado ao cubo e a economia passa a ser definida como “economia de mercado”⁶⁶.

⁶⁶ Nos estudos de Lipovetsky (2015, p. 130-244) o capitalismo tem uma carreira histórica que começa de fato com o processo de industrialização, de produção em série e com uma economia moderna de consumo. Contudo, a economia de mercado como nós a percebemos hoje só foi possível quando o sistema passou a apresentar características tais como: autonomização da esfera econômica em relação às outras esferas da vida social; o comando da economia pelos “preços de mercado”, e

A expansão do mercado global, do processo de individualização e da força das novas tecnologias, inclusive inovando as técnicas produtivas, deram um caráter planetário ao capital em todas as suas formas. Para Lipovetsky e Serroy (2015), a fase atual do capitalismo pode ser chamada de *capitalismo artista*, porque além do avanço e da força do capital financeiro e material, que marcam a história do sistema social e econômica capitalista, o capital imaterial, que eles chamam de “capital inteligência”, “capital humano”, ou “capital simbólico”, também ganhou força e entrou na composição da economia atual.

O dinamismo da economia desmaterializada não repousa apenas na informação e no conhecimento, mas também na engenharia do estilo, dos sonhos, das narrativas, das experiências significantes, em outras palavras, nas dimensões imateriais do consumo. [...] Fundado numa economia assentada nas narrativas, imagens e emoções, o *capitalismo artista* se impõe como um dos componentes do novo “capitalismo imaterial” movimentado por “mercados individualizados de experiências, de preferências subjetivas, cada vez mais heterogêneas, cujas alavancas de criação de valor são o saber, a inovação, a imaginação (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 44).

Para esses autores, a fonte geradora da riqueza inclui “capacidades de inovação”, de “imaginação”, e uma lógica que integra estilo, sedução e emoção nos bens que possam ser destinadas ao consumo mercantil globalizado, na atualidade dominado por grandes marcas. É a estetização sistemática dos mercados de consumo, dos objetos a serem postos à venda e do próprio ambiente cotidiano; da “generalização da dimensão empresarial das indústrias culturais e criativas”, não existe nenhum ramo de atividade econômica e social que não necessite de alto grau de racionalização, intelectualização e burocratização; do aparecimento de uma “nova superfície econômica dos grupos empenhados nas produções dotadas de um componente estético”; e por fim, da interpenetração das esferas artísticas, econômicas e financeiras. É o capitalismo artista (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 46-48).

Na análise de Lipovetsky e Serroy (2015), é apontada uma mudança radical do capitalismo que era centrado na produção, do período fordiano (séc. XIX – início do

somente por eles; estruturação de para todos os elementos da indústria; desenvolvimento de uma demanda em massa, indiferenciada e anônima; preeminência do indivíduo sobre a comunidade. Nesse contexto, o “imperativo estético intervém como meio para dar toda a sua força à venda e aumentar o lucro dos industriais” (p. 133). Surgem palácios de consumo, os *shopping centers*, com atrações incomparáveis, estilos hiperbólicos, sofisticadas lojas de departamento, vitrines mágicas, cenários e *mise-en-scène* de grande espetáculo, uma nova era de moda aberta e plural.

XX), para um capitalismo de consumo de massa com uma oferta que no final do século XX, início do XXI, se deslocou para uma oferta estética que “incita os consumidores a comprar pelo prazer, a se divertir, a dar livre curso aos seus impulsos e aos seus desejos, a descobrir o prazer de mudar seu cenário de vida, a se libertar de seus complexos puritanos de sobriedade e de economia” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 48).

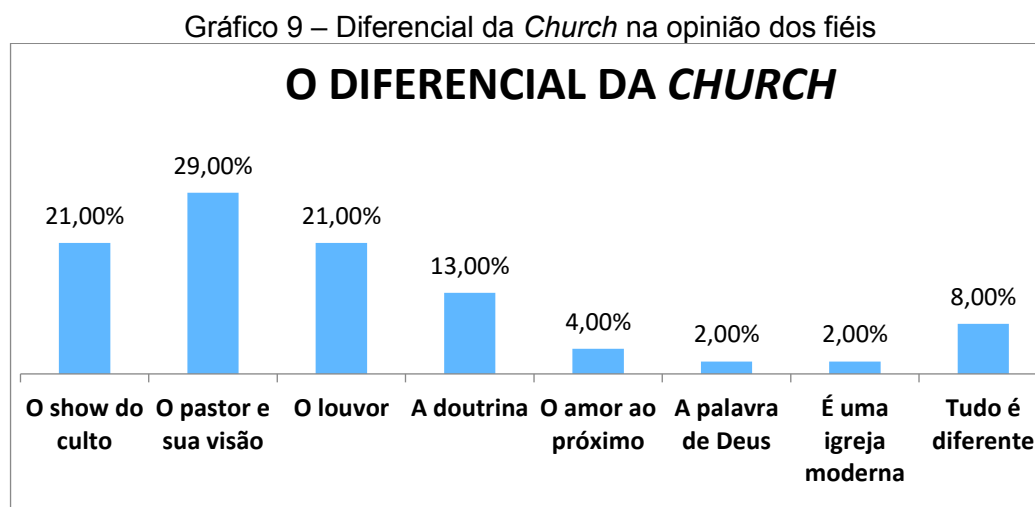
Para gerar esse consumidor em busca de prazer e de diversão, em busca de novidade e disposto a abandonar “complexos puritanos de sobriedade e economia”, o sistema capitalista precisou forjar uma “economia emocional de sedução”, uma massa de pessoas disposta a aproveitar ao máximo a vida “aqui e agora” (*hic et nunc*). Essa formatação econômica elaborada para uma massa de consumidores e baseada em apelos emocionais, estéticos e de neofilia (“a novidade é o princípio do gozo”) se expandiu para todas as esferas da vida, incluindo a religião.

Assim, na *Church in Connection* se destaca a capacidade que tem a liderança da igreja em inovar. Suas atividades são cambiáveis e primam pelo “surpreendente”. Embora organizada em um prédio alugado na Av. Brasil Sul, em Anápolis, a igreja prioriza seus gastos com instrumentos audiovisuais capazes de misturar imagens paradas, imagens em movimento, som aperfeiçoado e de alta qualidade com ambiente cênico descartável e pronto para se remodelar a cada nova programação.

Para a manutenção desse aparato de suporte nas programações que se apresentam como *show* nos domingos e para cada nova temática adotada pelo pastor Thiago, existe uma grande mobilização de capital e de pessoas – técnicos de som, músicos, cantores, bailarinas etc. A ambiência é toda especial. A tecnologia tornou-se, em tais condições, fundamental para o funcionamento dos cultos religiosos. Para aderir os “novos” montou-se uma “indústria estética”, produtora de prazeres sensoriais, organização, liturgia, linguagem imagética provocativa de gozo nos indivíduos (MOREIRA, 2014).

Cada pregação/apresentação é um *show* de criatividade, de técnica e de cores que entusiasma e quebra a rotina dos tradicionais cultos de pregação bíblica de outras igrejas do campo evangélico. Nas respostas colhidas para a pesquisa (cf.

Anexo 6, p. 1), constatou-se os seguintes dados que reforçam a análise de Lipovetsky e Serroy (2015):



Fonte: Próprio autor

Podendo se manifestar por aquilo que julga ser o mais importante para si mesmo, os fiéis escolheram elementos que no conjunto mais abrangente fazem parte da mesma coisa. O show do culto, o louvor, a igreja “moderna” e as “diferenças” apresentadas são partes que compõem a programação do domingo à noite. Performance dos cultos que somados chegam no total de 52% da preferência da igreja. Considerado o carisma do pastor Thiago Vinicius Cunha, já tratado no capítulo anterior, podemos acrescentar que a aprovação sobre o “pastor e sua visão”, expresso por 29% dos pesquisados, também compõe em muito o contexto global do *mise-en-scène* temático da *Church in Connection*.

Há que se observar nesse gráfico a pouca adesão às “doutrinas” e ao ensino da “palavra de Deus” (13% e 2%, respectivamente). Os fiéis parecem não estar ligados às questões teológicas ou doutrinárias. A liderança da igreja também não põe nesses itens, a princípio, todo o seu empenho. Conseqüentemente, o controle dos membros, que deveria ocorrer em função das doutrinas, deve acontecer em função de outras coisas, como por exemplo, na estetização dos bens simbólicos apresentados através da criatividade e dinamismo constantes.

Seguindo as descrições sobre um “capitalismo artista” se percebe a importância do *design*, do *packaging* (embalagem), do *merchandising* visual, da busca de ambiência e de originalidade, decoração e renovação rápida das formas e dos estilos.

Os fiéis da *Church* podem ser considerados esses “novos consumidores de novidades”, em relação aos programas da igreja *Church* e em detrimento dos programas oferecidos por outras igrejas. A religião entra num processo de simbiose criativa e excitante com os modelos atuais de experimentação da vida. A intensidade, a imaginação, a engenharia dos estilos.

Aparece na pesquisa a capacidade de imaginação e inovação do pastor Thiago Vinicius Cunha, e o quanto os membros se fiam na sua liderança e na sua *performance* para a experimentação de novidades. Nesse item, é importante salientar que o pastor nunca se apresenta apenas como um sacerdote religioso a repetir os ritos e reviver os mitos da religião, mas ele atua como ator, intérprete e protagonista da dramatização religiosa em foco. Nesse sentido, ele já pregou com roupas de policial militar, de médico-cirurgião, de super-herói, de apresentador de circo, de atleta olímpico etc. A forma artística do empreendimento religioso é importante.

O próprio Lipovetsky (2015) lembra em sua obra que o barroco foi uma forma artística encontrada pelo clero, que entre os séculos XVII e XVIII primou pelo espetáculo na atração dos fiéis.

As igrejas querendo seduzir e atrair os fiéis, oferecem, com a era barroca, um espetáculo teatral desmesurado com fachadas sobrecarregadas de esculturas, estruturas que desaparecem sob ornamentações, efeitos de ótica, jogos de sombra e de luz, baldaquinos, tabernáculos, púlpitos, ostensórios, cálices, cibórios decorados com abundância: toda uma arte exuberante se dissemina para criar um espetáculo grandioso, valorizar a beleza dos ambientes e o esplendor dos ornamentos (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 19).

A estetização dos templos católicos no barroco, o embelezamento do interior dos castelos e o arranjo dos parques num ambiente urbano são, nas palavras dos autores, a representação da arte, do belo e dos valores estéticos como uma lógica mais social do que econômica, que esteve restrita às “altas esferas da sociedade” e não era motivada por lógicas econômicas. A estetização na atualidade é outra, e como descrito anteriormente, obedece a uma lógica de consumo em massa, de hibridização das esferas produtivas, de uma “época plural em que tudo é possível, em que tudo pode coexistir, se superpor, se misturar como num grande bazar caleidoscópico” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 53).

Com a maioria dos fiéis (78%) advinda do meio evangélico (de missão e pentecostal), como apontado no gráfico de n. 6, os membros da *Church*, embora jovens na sua maioria esmagadora (70% estão entre 10 e 30 anos de idade), já trazem uma experiência religiosa cristã. A bagagem de conhecimento bíblico desses membros pode ter refletido na opinião de alguns deles sobre a importância da *doutrina* religiosa. Embora os índices sejam baixos. Poucos membros da *Church* saíram da igreja Católica (2%), e um número considerável (15%) não tinha uma experiência religiosa anteriormente, o que aponta para o trabalho de alcance desses jovens realizado pela evangelização da própria igreja. O trânsito de membros entre igrejas de orientação Evangélica e Pentecostal foi preponderante⁶⁷. Mais à frente, no trabalho, iremos analisar em separado essa questão.

A estetização do mundo implica na multiplicação dos locais da arte (museus, bienais, salões e feiras de arte internacional etc.), dos imperativos do estilo, da beleza, do espetáculo, numa explosão de produtos estéticos e animações, de evasões turísticas e experiências emocionais, de fruções, do “mundo como vasto teatro”, uso de “tecnologias com conteúdo sedutores e criativos (música, jogos, imagens, séries, filmes)”, “criação em grande escala de bens e serviços com fins comerciais, mas impregnados de um componente estético-emocional”, para o consumo e divertimento em massa (LIPOVETSKY, 2015).

Nessa perspectiva, afirmou o filósofo Danny-Robert Dufour (2009, 2014) que o mundo estruturado pela economia de mercado, o mundo do *Divino Mercado* e da *revolução cultural liberal*, avança encantando por sua narrativa espetacular que modifica crenças, instituições, arte e leis. Este mundo se forma num processo de hibridização onde tudo parece possível e dispõe outras instituições, de outros campos econômicos, a competir no campo das religiões (o que se harmoniza com as análises de estetização de mundo feitas por Lipovetsky e Serroy). Dufour (2014) fala de um

⁶⁷ Cf. Anexo 5, foram citadas as seguintes igrejas de onde migraram os membros da *Church*: **das igrejas pentecostais citadas**: Assembleia de Deus Ministério Anápolis; Assembleia de Deus Ministério Judá Assembleia de Deus Ministério Ágape; Assembleia de Deus Ministério Restauração; Luz para os Povos; Bethel Internacional; Sara Nossa Terra; Quadrangular; Igreja do Clamor; Vida Nova; Comunidade das Nações; Vida Abundante; Resgate; Esconderijo do Altíssimo. **Das igrejas de missão foram citadas**: Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Batista.

mundo que na atualidade amplia consideravelmente a capacidade de as pessoas buscarem a satisfação dos seus desejos, na “priorização – em todos os domínios – do egoísmo (o self love)”, calcados nos princípios do ultraliberalismo que propõe a defesa do interesse próprio como maneira de realizar o interesse coletivo (é a grande narrativa do liberalismo econômico do economista Adam Smith⁶⁸, que hoje é levado a cabo pelos ultraliberais).

Com base nesses estudos e nas observações realizadas, se percebe o reforço das manifestações individuais e escolhas individuais por prazer e satisfação, e a independência desses jovens que escolheram a *Church* como sua instituição religiosa. Como a *Church* se apresenta como um “ministério novo”, não vinculado a qualquer outra denominação, embora isso seja retórica, pois suas raízes estão na IPRB, seu poder de atração cresce.

Com o agigantamento da economia de mercado e sua estetização, as religiões e as igrejas também são afetadas porque as pessoas estão inseridas num meio social cujas narrativas de cunho liberal se estandartizam e regulam a vida de todos. A estetização se impõe por diversas vias, inclusive a das novas TICs, e atinge o *modus operandi* das instituições religiosas. A *Church* tem sabido usá-las como fator de atração, encantamento e manutenção de seus fiéis. Isso é mais do que um “embelezamento” das programações. Como quer Lipovetsky (2015), o embelezamento se aprofundou de tal forma que foi assumido pela “dinâmica do mercado”, que se assenta agora na “engenharia dos estilos, dos sonhos das narrativas”.

Com o processo de modernização e urbanização, o mercado tomou da religião a organização e a administração das festas e do tempo livre. Tornando-nos uma sociedade na qual o lazer e a busca das festas são atividades planejadas e administradas. O *marketing* se encarregou de estetizar continuamente a mercadoria, e mesmo venenos (como o cigarro) ou versões antigas dos objetos passam por operações periódicas de enobrecimento estético para atingir as cotas de venda. Já não se adquire uma

⁶⁸ O filósofo e economista francês Adam Smith (1723-1790) defendeu uma economia liberal marcada pelo *laissez-faire*, a direção dos mercados econômicos realizadas pelo livre comércio e pelos ajustes “naturais” feitos pelo providencialismo da “mão invisível” e pela crença de que a busca e defesa dos interesses pessoais é benéfica para todos, pois aumenta a riqueza geral. Dufour (2014) aponta essa grande narrativa liberal como a narrativa do divino mercado, uma narrativa “religiosa que não é o da transcendência, mas não deixa de ser mesmo assim um sistema religioso, novo, marcado pela imanência, onde o plano divino realiza-se sozinho” (2014, p. 19-20).

mercadoria por seu valor de uso ou utilidade concreta, mas pela aura metafísica que se construiu em torno dela (MOREIRA, 2014, p. 300).

Moreira vê a modernização como busca incessante do progresso material, de inovações, de ampliações técnicas e de eficiência. Esse processo também possibilitou que a esfera econômica invadisse outras esferas da vida das pessoas e da sociedade, colonizando as relações sociais e institucionais. Incluindo aqui a religião que, por exemplo, teve subsumido pela economia de mercado seu calendário religioso. Não se trata apenas da mercantilização da religião para o aferimento de lucros de algum grupo, mas da secularização das festas religiosas e sua desfiguração sagrada, uma vez que elas perderam seu caráter original e passaram a celebrar o consumo, a venda e a troca comercial envolvida em belas embalagens sedutoras.

Com o *marketing* e os novos estudos do comportamento humano, foram possíveis o avanço e a eficiência econômica, trazendo como essência a experiência estética. A “embalagem” dos produtos, bem como a forma de apresentá-los, passou para um grau de importância ainda não visto no mundo do consumo. Isso se deu em função de algumas características da atualidade: 1. O elevado grau de individualização da sociedade – “sociedade de indivíduos”, onde cada pessoa passou a administrar suas próprias vontades, sua própria vida, em detrimento das grandes instituições (família, igreja, estado) que anteriormente ditavam uma ordem, um padrão a ser seguido e que era coletivo; 2. O paradoxo de vivermos numa sociedade brasileira que é hegemonicamente urbana, de massas e com altos índices de desigualdades, mas que apresenta uma grande parcela de sua população envolvida na busca “planejada e administrada do lazer e da beleza”; 3. A possibilidade de, através de novos meios de informação e comunicação, bem como do aparato tecnológico moderno e digital, oportunizar uma captação imediata e fácil da experiência estética que pode ser absorvida pelas pessoas de forma indistinta e sem dificuldades; 4. A busca incessante por parte dos indivíduos “libertos” das tradicionais instituições produtoras de sentido, de fazer valer suas vontades, tornando-se “administradores de sua própria subjetividade”, construtores “do seu próprio mundo interior, seguindo a racionalidade estética da vivência prazerosa” (MOREIRA, 2014, p. 302-311).

A *Church* faz uso do aparato moderno do *marketing* e das tecnologias produtoras de ambiências cênicas que agradam, estimulam, excitam e

espetacularizam suas programações. Isso acontece no culto de domingo à noite, carro chefe das atividades da igreja e que deve ser analisado separadamente.

Contudo, faz-se necessário registrar que o item “estetização da experiência religiosa” não é só fruto da produção cinematográfica das atividades da igreja, mas, também, de como os membros da *Church* recebem, percebem, aceitam e veem o conjunto da igreja quando em funcionamento. Nos depoimentos para a pesquisa (cf. Anexo 6, Apêndice 3), já registrado nas suas “palavras-chave”, no capítulo anterior, foram recorrentes as seguintes declarações:

- Não é uma igreja cansativa (foge da rotina) e se preocupa com o ser humano (*sic*).
- É uma igreja diferente do contexto da cidade de Anápolis... Não tem visão antiquada e religiosa (*sic*).
- É uma igreja animada e acolhedora (*sic*).
- A *Church* é uma igreja informal, faz com que você se sinta em casa e é liderada por um pastor que se preocupa com os mínimos detalhes de qualidade (*sic*).
- É uma igreja inovadora voltada para o tratamento do caráter, buscando Deus de forma intensa (*sic*).
- A *Church* é uma igreja muito diferente, mas baseada da palavra de Deus, eu estranho um pouco ainda pois ela quebra todos os usos e costumes tradicionais (*sic*).
- É uma igreja animada e acolhedora, sem preconceitos (*sic*).
- É uma igreja que visa a união, acolhimento dos novos membros, é um lugar onde você encontra verdadeiramente e o Espírito Santo. Para mim é uma igreja totalmente diferente de qualquer outra, igreja em que me identifiquei em todos os aspectos (*sic*).
- Trata-se de uma igreja com uma visão muito diversificada (*sic*).
- É uma igreja sem uma denominação (*sic*).

Quando Moreira (2014) discorre sobre a estetização da experiência religiosa, ele não nega a importância da estetização, enquanto elemento próprio da religião, da experiência com o sagrado ou transcendente, o que inclui o conjunto de práticas religiosas como o ritual, as canções, a liturgia, a teatralização dos mitos fundantes, a pintura, a arquitetura, a arte sacra e a palavra poética etc. O que o autor alerta é para aspectos preocupantes da estetização realizada pelo sistema midiático atual. Ele chama de “estetização da religião por cima”, quando o uso da estetização se torna um imperativo, e colonizado pela instituição religiosa, passa a ser usada indiscriminadamente e em detrimento de elementos formadores de opinião, valores culturais e/ou morais.

Estetizar a experiência religiosa seria, então, fazer da experiência o “Deus” da religião, e não um caminho para o Deus. As declarações acima apontam um pouco

dessa “estetização por cima”, quando demonstram as “novidades” (animação, diversificação, diferença total, inovadora, preocupada com mínimos detalhes) como o diferencial da *Church*. Mas se percebe também uma demanda por renovação constante por parte dos jovens fiéis, uma demanda por “experiência singular”. Moreira (2014, p. 311-314) chama isso de “estetização por dentro da religião”, daí os jovens são os que mais exigem essa estetização por estarem encharcados da cultura global informacional e em rede.

É significativa a necessidade, apontada nos depoimentos, de estar em um ambiente que não segue uma rotina, que não cansa, que é inovadora, que é “diferente”, mas que é também acolhedora, não preconceituosa, que tem uma linguagem em que o jovem se identifica, aberta (sem denominação) e que é comunicativa.

A atividade religiosa já trata dos sonhos, dos símbolos que formam conceitos profundos e dispõem os homens a acreditar numa forma particular de realidade (GEERTZ, 1989, p. 67). Daí, vitaminados por uma instrumentalização midiática, os rituais religiosos da *Church* se tornam muito mais envolventes, como envolvente se tornou a cultura à disposição da coletividade que está sempre migrando para fazer as pessoas experimentarem satisfação, emoção e prazer extático. Mas que também busca transcendência, pois fala em “Deus como Pai”, “Palavra de Deus”, “Espírito Santo Consolador” etc. Nesse particular, podemos perceber que “Deus”, ou pelo menos a ideia Dele, bem como a do Espírito Santo e Jesus, se apresentam em forma de fruição, em forma de experimentação.

A estetização da religião, aqui observada, é gigante, mas não interrompeu o conteúdo teológico das mensagens da igreja. Não foi constatado que a teologia cristã tradicional (de cunho protestante) se curvou completamente às delícias dos novos hábitos de consumo. Embora não esteja em primeiro plano, o conteúdo teológico de afirmação de verdades e de uma verdade absoluta é admitido pelos fiéis. A época atual é de consumo de massa, mas nessa religião de juventude algo essencial ainda é reconhecido como “verdade”. A estetização da religião obedece a um padrão sócio-econômico-cultural, mas também atende a um novo padrão de relacionamento com o sobrenatural.

3.5. AS RELAÇÕES MUDIATIZADAS DOS FIÉIS EM CONEXÃO

“Onde estão os jovens”? Perguntou-me uma jovem cristã da igreja *Church*, para logo em seguida responder – “Estão no Instagram, no facebook ‘atualizando’ (isso significa estar *on-line* buscando as últimas postagens feitas, e, também, postando selfs, fotos etc.), exatamente onde está também a *Church*”. Dito de outro modo, a igreja está onde o jovem está: “atualizando”. É uma palavra do sistema multimídia que representa bem a atualidade. Essa ampliação midiática permanente está em pleno vigor na igreja e é fator de coesão do grupo.

“Atualizar” é uma atividade permanente, que envolve conferir as mensagens novas, imagens novas, postar outras imagens ou comentar as primeiras. Os fiéis da *Church* estão majoritariamente nas redes (83%). Essa maioria diz permanecer conectada às redes sociais da igreja.

Figura 26 – Imagem do culto de domingo 29/01/2017 enviada pelo WhatsApp e link da pregação

Pr. Thiago Cunha- Consertando as janelas
Ministração- Culto dia 29/01/2017; *Church In Connection*, Anápolis-GO.
www.youtube.com



☐☐[22:54, 30/1/2017] Thiago Pastor: ☐☐☐A paz filho Segue o link da ministração de domingo <https://m.youtube.com/watch?v=QBu24ftq7uU>

Fonte: WhatsApp churchinconnection⁶⁹

A imagem acima mostra como a igreja disponibiliza a pregação do domingo para ser assistida, se o membro quiser, ou não tiver ido à igreja. A mensagem foi recebida por todos juntamente com breves mensagens escritas que chegaram no *WhatsApp* e no App da *Church*. Durante a semana que precedeu essa pregação, diversas mensagens sobre o culto que ocorreria no domingo foram distribuídas pela rede social da igreja, incluindo *Instagram*, *WhatsApp*, *You Tube*, *Facebook*, App *churchinconnection*. Na imagem também vemos o pastor dirigindo o culto com calça

⁶⁹ Imagem disponível em: <<https://m.youtube.com/watch?v=QBu24ftq7uU>>. Acesso em: 1 fev.2017.

esportiva, camisa da grife da igreja (Cross) e tênis Nike vermelho. Ele também está usando uma peruca, porque ele tinha raspado a cabeça para fazer algumas pregações antes dessa.

Nesse dia 29 de janeiro de 2017, foi o lançamento da grife com alguns membros da igreja, incluindo a pastora e os seus filhos, usando camisas e camisetas da marca Cross. No fundo da igreja, no local de saída, foram expostas as roupas para que as pessoas pudessem adquirir. Isso, a nosso ver, alarga a possibilidade de solidificar a *Church* junto aos jovens e ampliar a divulgação da igreja e diversificação de suas propagandas. É um trabalho de midiatização abrangente.

O que se entende por midiatização no processo comunicativo religioso? Usando o trabalho de Hoover (2014), que analisa as mudanças advindas da revolução islâmica da década de 1980 e do movimento evangélico e pentecostal dos Estados Unidos, existe a “mídiação” que envolve “mídia impressa, ou histórica, sermões, arte, dança ou rituais”, que é a parte cerimonial e celebrativa das religiões, e a “midiatização” que é o que se faz de novidade com a religião através dos meios modernos de comunicação (HOOVER, 2014, p. 48). Vale salientar que nos Estados Unidos houve solo fértil para o uso destes novos meios de comunicação, e que este uso tem influenciado igrejas como a *Church in Connection*. A questão central é o tamanho do mercado religioso e de mídia, e o que é gerado quantitativamente e qualitativamente:

Esses produtos midiáticos, com suas respectivas linguagens, desaguam numa esfera midiática cada vez mais globalizada e, portanto, são vistos, ouvidos, consumidos e circulam pelo mundo todo. E embora eles certamente encontrem resistência (muitas vezes resistência significativa), constituem globalmente um modelo ou uma provocação aos contextos nacionais, regionais e etno-religiosos (HOOVER, 2014, p. 49).

A *Church in Connection* (C) se inspirou, mais uma vez, na igreja Norte-Americana *Church by the Glades* (CBG). Essa inspiração abrange o uso dos meios tecnológicos, o estilo musical, a estruturação interna do templo e a hipercriatividade dos cultos temáticos. A CBG é o modelo de onde se tira as aspirações para o estilo do culto. Até o apelo estampado no material de propaganda, que na CBG é “criamos ambientes para você e sua família”, se assemelha ao da *Church*, que é: “[...] sobre ver muita gente encontrando seu lugar”. A temática de “estar no lugar certo”, em “ser aceito”, juntamente com a sua família e com as suas particularidades, está presente

nas exposições via *Internet* nas duas igrejas. Somando-se a isso, percebemos o enquadramento das fotos, a beleza juvenil e os muitos sorrisos nos posts digitais.

Hoover (2014) destaca a aproximação e convergência entre mídia e religião. Segundo o autor, a religião presenciou, no século XX, a queda no poder de autoridades eclesiais e, de forma paralela, o aumento do poder dos indivíduos sob suas escolhas de fé. Esta nova abordagem da fé, às vezes chamada de “busca” ou “procura”, é altamente individualista e se organiza em torno da lógica do indivíduo, que elabora uma fé específica e especializada, talhada segundo suas próprias necessidades e gostos. Esta fé é fluida, sempre em busca de novas experiências, de novos recursos e símbolos, em que “os indivíduos sentem que precisam assumir a responsabilidade de serem artífices de sua própria interioridade ou identidade, e eles o fazem com um tipo de autonomia que suspeita das autoridades impostas ou recebidas” (HOOVER, 2014, p. 51).

É uma assertiva do autor em relação ao que a pesquisa tem observado. Os membros da igreja chegaram até a igreja impulsionados pelas suas vontades e buscas por “algo novo”, que fugisse do padrão adotado genericamente por outras igrejas do campo cristão. O que se faz de novo em comunicação (processo de midiatização) é um atrativo para novas adesões.

Em depoimento para a pesquisa (cf. Anexo 6), foi sintomática a resposta de um membro sobre a razão de frequentar a *Church*: ele disse que “era uma igreja sem denominação”. Baseado em outras respostas em que os pesquisados enfatizaram a “liberdade que a igreja concede”, a “aceitação de todos sem discriminação”, “a aceitação sem julgamento”, e outros motivos, se percebe um “afrouxamento” de regras e doutrinas, comuns em outras igrejas, que limitam em demasia a liberdade de escolha dos indivíduos e, ao mesmo tempo, uma rede de atenção e acolhimento que se destaca na recepção dos frequentadores da *Church*. A exposição de fotos dos membros no Facebook⁷⁰ demonstra em imagens de primeiro plano vários membros da igreja em horários de culto, em momentos de adoração, louvor, danças e representações teatrais. Essa exposição é o reconhecimento da aceitação e

⁷⁰Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/churchinconnection/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 1 fev.2017.

reconhecimento do valor de cada um dos membros. A possibilidade de replicação das imagens nas redes sociais potencializa a formação e identificação do fiel, bem como sua identidade religiosa. Somando-se a isso, o fiel está construindo sua imagem, ou pelo menos, divulgando uma imagem, que ele quer que se fixe na sociedade.

Figura 27 – Fotos de membros da *Church* em momentos de culto e apresentações na igreja durante os cultos em 2016/17



Fonte: Facebook⁷¹

O sistema midiático se torna ferramenta imprescindível de coesão do grupo e de fortalecimento da identidade. As imagens acima mostram os fiéis em momentos de louvor e adoração, que precedem a pregação, e pode-se ver jovens, na maioria, com bonés, gorros e até gravata, demonstrando a variedade de estilos e gostos pessoais no local de culto, que é local de acolhimento e de exercício da performance imagética religiosa. Como afirmou Hoover (2014, p. 52): “na mídia, a religião se torna cada vez mais uma prática estética”.

Hoover (2014) fala numa espécie de “religião de cafeteria” que é aquela onde o indivíduo confia, sobretudo, no seu “eu interior” (self) e não em autoridades eclesiais ou doutrinárias. “O mundo das religiões e suas diversas linguagens, símbolos e estruturas, torna-se como uma grande cafeteria. O ponto é que a lógica está centrada em torno do indivíduo e de sua apropriação (poderíamos mesmo dizer “consumo”) dessas realidades” (HOOVER, 2014, p. 51).

⁷¹Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/churchinconnection/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 1 fev.2017.

Essa análise de Hoover está certa no que tange ao número observado de pessoas que frequentam a *Church* sem serem membros oficiais da igreja (são elementos flutuantes). Os frequentadores “flutuantes” participam dos momentos ritualísticos, como da Santa Ceia e dos Dízimos, e não são cobrados ou “vigiados” quanto à filiação na instituição. Algo comum em outras denominações evangélicas.

As relações dos frequentadores da *Church* estão envolvidas por proximidade física e acolhimento para quem vai aos cultos. A conhecida recepção aos visitantes é feita pelos membros e liderança da igreja que “espalham”, com chamados para toda igreja, exortações da necessidade de falar com quem está no culto, com quem está próximo, na cadeira ao lado. As pessoas oram e falam palavras de conforto uns para os outros e, de acordo com o depoimento para a pesquisa (cf. Anexo 2, p.3-4), esse é um aspecto que foi bem entendido pelos fiéis.

- Lá [na *Church*] a gente tem uma coisa *chamada liberdade de expressão*, né!. Você conseguir explicar uma ideia, chegar na liderança, no pastor, você tem a possibilidade de crescimento bíblico, individual, eu pensei que eu ia somar lá mas eu não tinha nada pra somar ainda (*risos*), quase que eu não conhecia a palavra. Hoje eu leio, eu não tinha conhecimento nenhum eu fui trabalhado lá. Eles veem potencial em mim, lá tem isso, então eu creio que hoje eu tenho muito mais a passar por ter ido pra lá. *Lá por não ter essa pegada de doutrina de vestimenta, isso quebra um pouco a barreira*. É uma igreja que tem transformado cara. Internamente primeiro. Porque Jesus trabalhava dessa forma, a palavra trabalha externam... **[O forte na igreja] é a questão do convívio e da preocupação com a pessoa em si, isso chama a atenção na igreja**. Porque eles têm uma preocupação grande com você... Exemplo: hoje você entra e o pastor é um exemplo. **As pessoas estão vindo pra igreja não por Cristo em si, mas por uma mão amiga**. Isso tem acontecido muito, a gente tem que usar essa estratégia. Esse abraço, esse saber o nome. (*sic*)

O depoimento desse fiel é muito significativo porque reitera o fator “afirmação da individualidade” (quando ele fala na ausência da “pegada da doutrina e da vestimenta”), o que reforça a tese de que a escolha e permanência de uma igreja passa pelo crivo pessoal do indivíduo, dele se “sentir bem”, ou “ter liberdade de expressão”. O depoimento também enfatiza o que foi constatado nos questionários para a pesquisa (Cf. Anexo 6): o fator acolhimento, “mão amiga”, que é colocado como critério diferencial número 1 da *Church*. A igreja está atenta às necessidades emocionais e de relações dos jovens frequentadores. Na dinâmica dos cultos é

possível ver essa teia de fraternidade estendida pela igreja. Mais à frente, é preciso trabalhar quem é esse jovem que procura e frequenta as religiões na atualidade.

3.6. COMUNICAÇÃO E AÇÃO NOS CULTOS DE DOMINGO

Muito elaborado e com uma equipe de religiosos e técnicos que mesclam música, dança, teatro e pregação bíblica, tudo bem planejado e com duração de uma hora e meia, o show - que é o culto dominical - emociona, faz vibrar e mantém os jovens mobilizados. Como afirma Lipovetsky (2015, p. 50) “essa dinâmica não é totalmente nova, mas, sem paralelo no passado, adquiriu uma importância estratégica primordial na gestão das marcas e na competição econômica”.

O culto de domingo à noite (show e louvor) é apontado por 41% dos pesquisados como o fator de diferenciação positiva da *Church*. Somados com a aprovação da *performance* do pastor (29%) temos 70% dos pesquisados apontando o dinamismo dos cultos como fator decisivo na escolha da igreja. O que “prende” é aquilo que se ajusta à forma econômica e social da atualidade em que os produtos (materiais e simbólicos) carregam um trabalho estilístico, segundo Lipovetsky (2015) – afinal “não se vende apenas um produto, mas estilo, elegância, beleza, cool, emoções, imaginário, personalidade”. Isso reflete o tipo de sociedade em que estão inseridos os jovens.

Se os programas postos em ação na *Church* são de uma racionalidade que remonta ao mundo moderno e ocidental da produção em massa, da indústria, do econômico e da burocratização, não é menos verdade que a igreja se ajusta a uma lógica criativa, intuitiva e emocional. As esferas econômicas e estéticas se hibridizam.

A comunicação é uma forma de ação, sempre intencional, diretiva e busca finalidades, dito de outra forma, a comunicação é uma atividade “através da qual os indivíduos estabelecem e renovam as relações uns com os outros” (THOMPSON, 2014, p. 37). Thompson vai além, pois considera que a comunicação deve ser analisada por seu caráter socialmente contextualizado.

É exatamente esse o aspecto central de convergência entre a mídia e a religião na atualidade. Com a inserção das pessoas de forma global no sistema multimídia, as ações possíveis entre os povos e as instituições (de diversas dimensões) se tornaram

exponenciais. A *Church By the Glades* (CBG) serve até hoje de modelo para as atividades religiosas desenvolvidas no Brasil pela *Church in Connection* ©. As ações e *performances* adotadas pela igreja nos Estados Unidos são copiadas e contextualizadas em Anápolis. Os cultos temáticos, tanto na CBG quanto na *Church*, fizeram um tipo de simbiose com programações cinematográficas para atrair a atenção dos adeptos.

Figura 28 – Imagens de propaganda dos cultos temáticos



Fonte: Facebook⁷²

As pregações baseadas em temáticas específicas, como: “Homens de preto”, “Os super-heróis”, “Anatomia da graça” e outras, reiteram a eficácia comunicacional que envolve a comunicação religiosa e a apropriação daquilo que circula no universo da indústria cultural. Na foto acima, material de propaganda da *Church* para a série temática sobre “Homens de preto”, fazendo alusão ao filme *Hollywoodiano* com o mesmo nome, o pastor e três membros da igreja aparecem caracterizados, vestidos de preto e com óculos, como os personagens do filme. As chamadas para os temas do culto são sempre criativas, como criativas são as pregações e o ambiente cênico montado para o mesmo. Podemos conferir o pastor Thiago Vinícius Cunha em outro culto temático, “Guerra Espiritual”, no momento da pregação do culto à noite no segundo semestre de 2014, vestido de oficial da Aeronáutica postado no palco atrás de uma barricada de guerra e junto a um soldado encartonado. Ele ainda apareceria nessa série vestido de oficial do Exército e da Marinha.

⁷² Imagens disponíveis em:

<<https://www.facebook.com/churchinconnection/photos/a.517219468399441.1073741827.517206728400715/523024354485619/?type=3&theater>>; <<https://www.facebook.com/churchinconnection/?fref=ts>>. Acesso em: 1 fev.2017.

Se para Hoover (2014) as religiões na atualidade perderam o monopólio dos seus símbolos, pois diversos artistas fazem uso de símbolos religiosos milenares de acordo com a vontade própria ou da intuição criativa, a religião mostra que pode também fazer uso das criações artísticas das mais variadas fontes (televisão, cinema, teatro etc.), para pôr em ação seus conteúdos religiosos e teológicos.

É isso que acontece nos eventos cúlticos da *Church*. Aproveitando os temas da moda, colocados em ação por grandes indústrias culturais, a igreja monta um tema que seja possível comunicar suas ideias de forma atrativa e criativa, fazendo uso de performances ousadas e planejadas na atração das pessoas. Uma resposta àquilo que diz Hoover (2014) sobre o superdimensionamento dos canais midiáticos, e a perda de força da autoridade religiosa, antes quase hegemônica. As religiões para existir no aspecto de presença pública precisam estar na mídia, e nas mais diversas como: rádio, televisão, cinema e internet. A *Church* põe isso em prática tendo como exemplo a CBG.

As forças religiosas precisam conviver num espaço povoado de muitas expressões de fé, de uma diversidade que não existira antes (HOOVER, 2014, p. 53, 54). Daí a importância e parte do sucesso tão rápido em números da *Church in Connection*, que faz convergir criativamente o sistema multimídia com os rituais cúlticos. A globalização da economia também o é culturalmente e a mídia enquadra tudo que é produzido. As religiões, nesse contexto ampliado, passam a ter um status transnacional. Isso implica que mensagens locais podem passar para o nível internacional e desafiar outras instituições e autoridades religiosas.

O culto de domingo à noite tem importância fulcral, pois é o dia de maior frequência e dia de mostrar a criatividade encantando os fiéis com apresentações que agregam representação teatral, apresentação musical, palestra, dança etc.

O culto tem duração de duas horas, começando às 19h e terminando às 21h. Assim como na CBG, o palco em relevo toma toda a frente do templo e tem espaço, como numa sala de teatro, para conter os músicos com os seus instrumentos, os dançarinos e dançarinas, os artistas de encenações teatrais, quando são exibidas no contexto de reforço da pregação e o pastor que faz a meditação da Bíblia. Além dos recursos já citados (palco bem amplo e disposto em destaque, danças,

representações teatrais e musicais), o culto conta com diversos canhões de luzes coloridas, projeção de imagens em movimento e imagens paradas, uso generalizado de *smartphones* pelos fiéis.

De acordo com o pastor Thiago Vinícius Cunha (Cf. Anexo 1, p. 4), os cultos de domingo contam com até cinquenta ajudantes, entre músicos, técnicos de som e iluminação, bailarinos, recepcionistas e intercessores que nas laterais do templo fazem orações durante o louvor e a pregação.

Esse corpo religioso, somado ao corpo técnico, se “mistura” com os fiéis que participam da performance cültica de forma ativa. O coro das músicas é realizado pelos fiéis e, durante a pregação, um músico ao teclado acompanha o pastor na sua pregação e cria uma atmosfera agradável e emotiva, numa composição de trilha sonora à narrativa feita e à exegese bíblica. Essa última tem uma linguagem atualizada e conquanto use a linguagem da indústria cultural propagada pelo sistema multimídia mantém o uso da Bíblia no centro da integração do pastor com os seus fiéis.

A Bíblia-mobile é largamente utilizada. De acordo com a explicação do pastor Thiago, no culto do dia 26 de abril de 2015 (cf. Anexo 5, C5), o templo deveria permanecer no escuro durante a celebração para que os fiéis buscassem a leitura pelo aparelho eletrônico móvel. Segue abaixo uma das muitas vezes em que ele justificou o motivo da permanência das luzes apagadas durante o culto.

- vocês acordam 6:30 da manhã e a primeira coisa que fazem é consultar o celular para ver se chegou alguma mensagem... Por isso agora vocês devem também ver o que Deus quer falar com vocês e aproveitar para ler a Bíblia no celular. A igreja no escuro é para estimular cada vez mais o uso do celular na busca da Palavra de Deus" (*sic*).

Além do uso permanente do celular, o que aponta uma nova relação no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pelos fiéis dessa igreja no espaço cültico, três aparelhos de projeção foram comprados e instalados para cobrir toda a frente da igreja com imagens de filmes, fotos, textos bíblicos e letras dos cânticos. O púlpito foi retirado, desde 2014, quando comecei a frequentar a *Church*, aos domingos já não existia o púlpito como lugar de pregação, e o pastor passou a pregar num palco aberto e com o microcomputador ou Ipad na mão, ou amparado por algum outro tipo de suporte. As luzes da igreja foram apagadas, e com apenas

algumas luzes indiretas nas laterais do templo, os fiéis passaram a ser estimulados, como registrado anteriormente, a usarem o *smartphone* para seguir as pregações.

As inovações seguem as temáticas adotadas e o pastor compõe esse ambiente com uma presença integrada performaticamente, conduzindo os cultos, as preleções em especial, com muita animação e sempre acompanhado pelos músicos e pelos técnicos de iluminação que projetam luzes diferentes como numa apresentação de teatro, em que se referenciam a música, o ambiente e o discurso.

Figura 29 – foto do pastor Thiago Vinícius Cunha no culto de domingo à noite durante pregação de um dos temas de 2015 “O circo e a arte de ser feliz”



Fonte: Facebook⁷³

Outra novidade foi o uso intensivo do *WhatsApp* no grupo denominado "fale com o pastor". Algumas mensagens são projetadas no telão à frente da igreja e perguntas, dúvidas ou palavras de estímulo e de conteúdo de autoestima são passadas para toda a igreja. Essa prática foi usada durante o ano de 2015 e quase não foi mais usada a partir de 2016 em diante.

A sensação de participar do culto tematizado se assemelha a participar de um filme em produção, sem chances de mesmismos ou repetições, uma mistura de ação, drama e comédia. Apesar da manutenção dos especialistas da religião, (pastor e pastora, intercessores em oração, presbíteros e diáconos) existe um corpo informal

⁷³ Imagem retirada do endereço disponível em: <<https://www.facebook.com/churchinconnection/?fref=ts>>. Acesso em: 3 fev. 2017

composto pelos fiéis da igreja que participam de tudo que se produz no ambiente simbólico. Para isso, foi montado um plantel permanente e criativo com músicos em diversos instrumentos (violão, guitarra, bateria, contrabaixo, teclado, trompete, saxofone etc.), cantores e cantoras bem ensaiados, bailarinas durante os cânticos, técnicos de som e luz, recepcionistas e um relevo no palco para que a visibilidade seja otimizada. O tempo de duração dos cultos fica em torno de duas horas, sendo que a maior parte do tempo é preenchida por músicas de louvor e adoração a Deus. Durante os cultos, a recepção, o discurso ou pregação feita no palco e a performance musical se referenciam.

Figura 30 – Foto do pastor Thiago Vinícius Cunha no culto de domingo à noite durante pregação do tema “anatomia da graça” em 2016



Fonte: Facebook⁷⁴

Como demonstrado acima, o pastor Thiago Vinícius Cunha conduz a pregação da Bíblia numa ambiência que, no caso destacado, não é somente uma montagem de uma sala de cirurgia com um paciente deitado na cama, mas compõe um contexto mais amplo que é de uma série de televisão exibida originalmente nos Estados Unidos, sob o nome *Grey's Anatomy*, em canal fechado e que fez no ano de 2015 e 2016 muito sucesso com o público no Brasil.

O espaço físico adaptado, em nada lembrando um templo religioso católico ou protestante, não desfez o caráter, dado pelos líderes e fiéis, de “espaço sagrado”. O espaço é lúdico e cambiável, contudo, a ênfase dos fiéis e frequentadores é de que

⁷⁴ Imagem retirada do facebook, disponível em: <<https://www.facebook.com/churchinconnection/?fref=ts>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

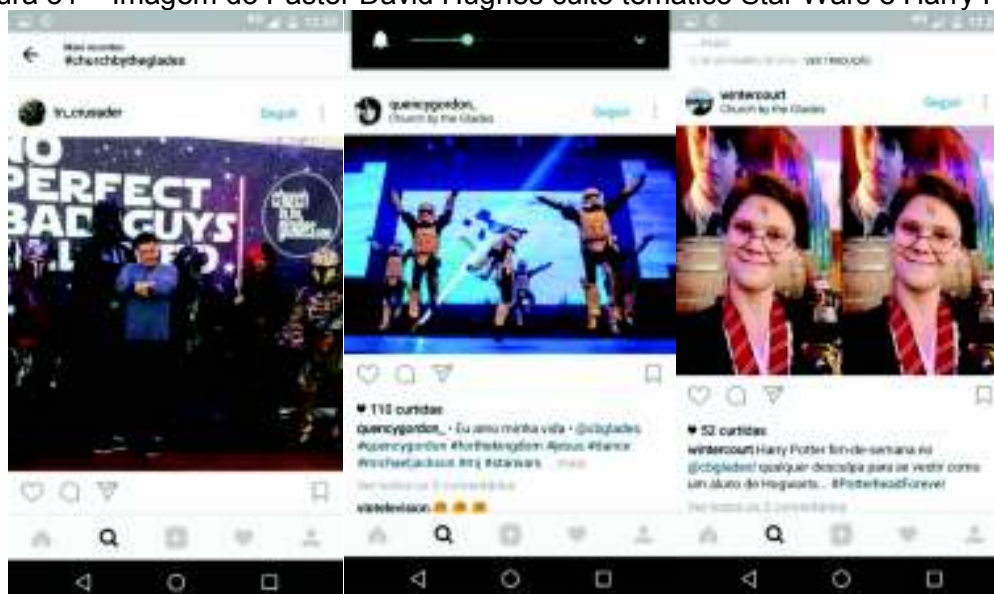
“Deus está presente”, de que aquele é “um lugar de bênçãos porque Deus está lá” (cf. Anexos 1 e 2).

Nos cultos de domingo se percebe, de forma mais clara do que em outras programações, a possibilidade de afirmação das individualidades dos fiéis como novidade trazida pelo sistema midiático de comunicação. É frequente a produção de *selfs* (autorretrato) dos fiéis durante o culto e o envio desses para outras pessoas.

Pelo menos numa ocasião foi registrado o pedido da pastora, no momento do louvor, para que os membros fizessem *selfs* e enviassem para os amigos que estavam ausentes, ou que não frequentavam a igreja, com o convite para que viessem, pois “eles estavam fazendo falta” (cf. Anexo 5, C2).

Cada culto de domingo está inserido em uma série temática que envolve toda uma linguagem cênica com danças, músicas, filmes, fotos, apresentações etc. O pastor quase sempre participa dessas cenas teatrais como ator, malabarista de circo, médico e outras identidades que a temática cültica escolhida exigir. Esse diferencial já era utilizado pela *Church By the Glades* nos Estados Unidos de forma bem planejada. Podemos constatar isso nas imagens abaixo.

Figura 31 – Imagem do Pastor David Hughes culto temático Star Wars e Harry Potter



Fonte: Instagram *Church By the Glades*⁷⁵

⁷⁵ Consulta feita em 2 fev. 2017.

Com base na cópia dessa dinâmica imagética, a *Church in Connection* ampliou sua atuação na cidade e lançou um desafio denominado “Rumo aos 1000”, uma referência a buscar 1000 membros para a igreja até o final de 2015. Esse feito foi conquistado, ainda que não em termos de fiéis filiados à *Church*, mas de frequentadores. De acordo com e-mail da igreja, endereçado para a pesquisa no primeiro semestre de 2016, a *Church* já tinha alcançado a marca de 463 membros e mais de 500, que não eram membros, mas frequentavam os cultos de domingo à noite (Cf. Anexo 7).

A *Church* busca essa qualidade técnica apresentada pela CBG e tenta “maravilhar” seus fiéis com os *cultos temáticos*⁷⁶. É uma organização que se realiza em torno do indivíduo (dentro de um contexto globalizado e em rede), dando a ele, como registrado (cf. Anexo 6), “mais liberdade” e com possibilidade de não ser alvo de “preconceito”. Os frequentadores da igreja exaltam a liberdade e acolhimento com que se movimentam na instituição. A definição da *Church*, oferecida pelos seus fiéis, se assemelha ao que os fiéis da *Church By the Glades* dizem daquela igreja. Nas coletas de material realizadas pela Internet, foi encontrado num site de indicações de programas comerciais e turísticos denominado Yelp⁷⁷, o seguinte comentário sobre a igreja *Church By the Glades*:

- Truly inspirational and God-centered Christian *church* lead by Pastor David Hughes who loves the Lord and teaches His Word with love, grace and on fire for Him. The services always start with wonderful uplifting contemporary music written and performed by their own group of amazing talented singers and musician supported by equally talented, technicians, visual artists and lighting and sound engineers who captivate and maintain parishioners attention and interests by thematic presentations, skits and really great music.

- Igreja Cristã verdadeiramente inspiradora e centrada em Deus, liderada pelo Pastor David Hughes, que ama o Senhor e ensina Sua Palavra com amor, graça e fogo para Ele. Os serviços sempre começam com música

⁷⁶ Os cultos temáticos nas igrejas parecem ser cópias das estratégias da indústria do entretenimento. Um exemplo foi como a Disney anunciou no dia 08 de fevereiro a inclusão da temática do filme *Star Wars* na sua programação dos parques nos E.U.A. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

⁷⁷ *Yelp* de acordo com a Wikipédia “é uma empresa multinacional baseada e com sede em São Francisco, Califórnia, que conta com seu site e aplicativos voltados à avaliação de estabelecimentos comerciais”. O *Yelp* também “treina pequenas empresas para saber como receber eventos, utilizar números on-line a favor delas e também a utilizar as avaliações dos usuários para gerar melhorias na empresa”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Yelp>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

contemporânea maravilhosa edificante escrita e executada por seu próprio grupo de talentosos cantores e músicos apoiados por igualmente talentosos, técnicos, artistas visuais e engenheiros de som e iluminação que cativam e mantêm a atenção e os interesses dos paroquianos por apresentações temáticas, sátiras e realmente great música. (YELP, on-line)⁷⁸

No comentário acima fica destacado o caráter criativo e técnico da *CBG* na elaboração e execução das suas programações. O fato de ser uma igreja que “*mantém a atenção e os interesses dos paroquianos*” está calcada nos “*serviços*” apresentados por um grupo de “*talentosos cantores apoiados por igualmente talentosos, técnicos, artistas visuais e engenheiros de som e iluminação*”. Parece que esse aparato técnico-mágico-cinematográfico tem um poder peculiar no contexto religioso aqui avaliado, pois o comentário desse internauta sobre a *Church By the Glades (GBG)* descreve uma igreja que “*cativa*”, que “*edifica*”, que tem “*música maravilhosa*”. Conquanto, no início do comentário seja dito que essa é uma “igreja cristã centrada em Deus” e bem liderada pelo Pastor David Hughes, o destaque é dado ao aparato de suporte da programação, do show. O “maravilhamento” parece estar no *mise-en-scène*.

As duas igrejas atingem a juventude naquilo que está mais forte no contexto comunicacional da atualidade, a apresentação de espetáculos que se renovam, da criatividade das produções dos cultos e na alegria afirmativa dos cultos com muita música gospel.

3.7. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA MIDIATIZAÇÃO DA MENSAGEM RELIGIOSA

É preciso considerar que essa foi uma abordagem sobre mídia, religião e formação de indivíduos, lembrando que o mundo atual opera sob a lógica do sistema midiático que não é apenas instrumento de propaganda. Está implícito no sistema a possibilidade de formação de uma marca e da produtividade em escala planetária. Pode-se salientar que atualmente a produção, montagem, circulação e venda de produtos materiais e simbólicos se realizam cada vez mais no suporte informacional

⁷⁸ Tradução feita pelo próprio site disponível em: <<https://www.yelp.com.br/biz/church-by-the-glades-coral-springs>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

e em rede dos conhecimentos (CASTELLS, 2007). Daí o sucesso em atingir, no Brasil, o nicho de mercado jovem com o mesmo aparato técnico-religioso utilizado nos E.U.A.

A montagem dos cultos temáticos das igrejas, com mudanças rápidas das temáticas, tanto na CBG quanto na CC, está assentada numa parafernália técnica e administrativa, que é possível apenas no universo racionalizado das sociedades atuais. A rapidez com que se estruturam os ambientes cênicos e se adaptam músicas, mensagens e performances dos corpos técnico e sacerdotal são marcantes. A exemplo dos já citados temas cúlticos: “Homens de preto”, “Anatomia da Graça”, “Star Wars”, “Super-Heróis”, e outros.

A maior parte dos temas escolhidos pelas igrejas obedece a uma sutura entre aquilo que os grandes meios midiáticos de comunicação e entretenimento estão mostrando – cinema e televisão – e o que pode ser do interesse das pessoas. Tudo obedece à organização de um culto/show que é extático e de natureza midiática emocional. O visual, os filmes, as músicas as manifestações extáticas são essenciais nessa tematização religiosa. Não que se reduza somente a isso, mas tais manifestações são as singularidades dessas instituições. Os esforços para atrair e manter as pessoas estão baseados em métodos que se adequam à realidade global planetária. As pessoas estão sendo educadas ou treinadas na medida em que são atraídas.

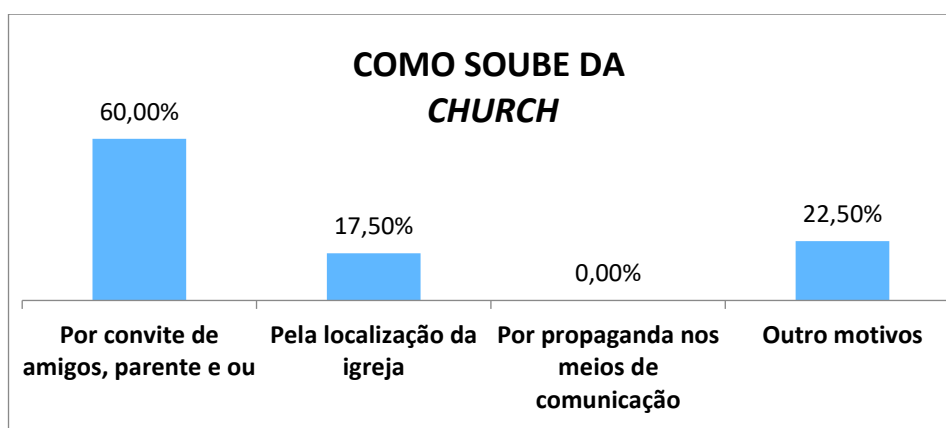
É interessante o anglicismo presente na igreja, a começar pelo nome *Church Connection*, se estendendo aos trabalhos com crianças - *Church Kids*, com uma grife de roupas vendidas na igreja - *Cross* (cruz) -, e ao trabalho missionário *Envoy* (enviado). Os nomes são adaptados para uma realidade social em que a língua inglesa domina. Isso ocorre por várias razões: os Estados Unidos são o país de origem da igreja que serviu e serve de modelo e de inspirações constantes para a igreja brasileira *Church in Connection*; a língua inglesa é a língua franca no mundo todo e figura na atual Reforma do Ensino Médio brasileiro (Medida Provisória 746/2016), como língua de ensino obrigatório a partir do sexto ano do ensino fundamental e durante todo o ensino médio; as marcas das empresas que dominam o mercado consumidor entre os jovens são de origem e nome inglesa, bem como as músicas e conjuntos Gospel que inspiram os jovens fiéis. Também nesse item, em particular, se percebe que a linguagem na internet também vem carregada de expressões em

inglês, bem como as diversas empresas do setor, *Microsoft*, *You Tube*, *Periscope*, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*. Aliás, esse último significa em inglês “pio de passarinho” para lembrar que suas mensagens são como “pios”, rápidas, curtas e diretas.

O uso do inglês tanto nas atividades da igreja quanto na sua estruturação interna se apresenta como uma novidade e aproxima os fiéis jovens do cotidiano informacional e de comunicação consagrados pelo grande sistema multimídia global (com *smartphone* na mão, calçando *Nike*, enviando *sms*, *Twitter*, assistindo à programação da *Church* pelo *Periscope* no *Iphone 7* ou *Tablet*, e participando dos grupos *Church Kids*, *Church* jovens, ou *Envoy*, e se reunindo na *Farm Church* para programações especiais).

Pode-se acrescentar que como o uso das novas tecnologias pelos membros da *Church* ultrapassa os 80% dos membros (Anexo 6), a relação de midiatização entre os membros é grande, e foi essa proximidade mais do que o puro marketing que trouxe os jovens até a igreja pela primeira vez. Os membros da *Church* ficaram sabendo da igreja preponderantemente por amigos e parentes (cf. Anexo 6):

Gráfico 10 – Como a igreja *Church* foi conhecida



Fonte: Próprio autor

O trabalho face a face, de buscar outros adeptos, parece ser o mais eficaz na captação de novos membros. Isso não anula a busca das pessoas por um lugar novo, por um lugar para se congregar. O convite mais íntimo e pessoal, vindo de um conhecido, reforça a intenção de busca por um espaço de acolhimento, de equilíbrio,

felicidade e comunhão. A pesquisa também constatou (cf. Anexo 2) que muitos jovens levavam os seus pais para conhecer a igreja. Isso sugere uma inversão da lógica de uma religião que primava em deixar para os filhos aquela fé praticada pelos pais.

Essa constatação aponta para a descrição que a autora Hervieu-Lèger (2005) faz da “linhagem crente”, só que de forma invertida. Ou seja, aquela forma de definir o religioso e a religião através de uma herança que segue por meio de um “fio condutor”, que pode ser resumida pela lógica da expressão: “como os nossos pais acreditavam, também nós acreditamos”, se inverte para dar lugar à força e autonomia dos indivíduos crentes. Aliás, a autora constata exatamente isso nos seus estudos sobre a religiosidade católica na França do final da década de 1990.

Constatamos pela pesquisa que existe uma “linhagem crente” que mantém viva, em algum sentido, as formas de crença do passado, mas relendo suas práticas, descolando suas formas dos modelos consagrados.

Existe uma dispersão individualista do crer, pela disjunção das crenças e das pertenças confessionais e pela diversificação das trajetórias percorridas por “crentes passeantes”. Esta pulverização das identidades religiosas individuais não implica o apagamento ou até mesmo o desaparecimento a prazo de todas as formas de vida religiosa comunitária. Bem pelo contrário, enquanto os aparelhos das grandes instituições religiosas parecem cada vez menos capazes de regular a vida dos fiéis que reivindicam a sua autonomia de sujeitos crentes, assiste-se a uma eflorescência de grupos, redes e comunidades no seio das quais os indivíduos trocam e validam mutuamente as suas experiências espirituais (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 32).

Essa constatação acima aponta para a força do indivíduo da sociedade atual e para a formação das comunidades de fé sob outros aspectos e mescladas a outras instituições culturais. Nesse caso, das escolhas livres dos indivíduos, nas dinâmicas midiáticas e numa conexão sem pausas das mensagens religiosas com outras mensagens que se espalham pelas esferas sociais. Uma simbiose já apontada por Moreira (2008) que ocorre com a midiatização do religioso: “hoje são principalmente o cinema, a tevê e a literatura as instâncias que se encarregaram da socialização religiosa; sempre dentro de seus cânones, sua linguagem estética e seus interesses. Religião e motivos religiosos se deslocam e se mesclam com espetáculo midiático, entretenimento, diversão, lazer” (MOREIRA, 2008, p. 73).

Por consequência, essa sintonia fina entre o religioso e outras instituições, principalmente as do universo de produção do capitalismo cultural de massa, nos

apresenta um cristianismo com traços do pentecostalismo, sem elementos da magia ou do espetacular, relacionado aos dons espirituais como no pentecostalismo das ondas (segundo as classificações de 1ª, 2ª e 3ª onda), porém, mais espetacular nas suas apresentações e mais dependente do fluxo de mudanças internas de apresentação, propaganda e marketing de produtos simbólicos. É um mergulho nas TICs e no universo multimídia como elemento imprescindível na animação interna das atividades.

CONCLUSÃO

Concluir é terminar um trabalho e, nesta tese, isso só pode ocorrer de forma parcial, ou ocorrer de tal forma que se permita a formulação de outras perguntas a serem levantadas, mantendo-se assim sempre em aberto os horizontes para novas pesquisas. A razão disso reside no fato de que a *Church* é uma instituição social em construção (sua fundação como ministério independente data de 2016), e com pouco tempo de estruturação. O modelo que ela adota também é novo e sua importação dos Estados Unidos deverá gerar adaptações e arranjos em terras brasileiras.

O que segue aqui é a amarração por dentro, ou seja, com base na ampla bibliografia usada e na pesquisa realizada, faremos o apontamento das conclusões, provisórias, do material colhido e analisado. Estará assim formatada questões levantadas ao longo das narrativas feitas nos três capítulos anteriores que nos permitirão relacionar a religião (*Church*), os jovens que nela se congregam e o Sistema Multimídia, que permite além do uso das diversas mídias eletrônicas a *performance* do corpo religioso e técnico da instituição.

Partindo do conteúdo religioso propriamente dito (e teológico), tendo como produto os bens de salvação (BOURDIEU, 1998), foi possível constatar que, desde os primeiros desdobramentos do presbiterianismo no Brasil, existiu uma mentalidade racional e uma decisão institucional para oferecer um produto diferenciado. O presbiterianismo sempre trabalhou um formato individualista, implícito na “ideia de salvação individual” e liberal, “livre leitura e interpretação da Bíblia” (MENDONÇA, 1984, p. 105). Contendo maioria jovem, oriunda de espaço religioso evangélico, (preponderantemente pentecostais), ou seja, pessoas já familiarizadas com a mensagem religiosa cristã evangélica, a *Church* renova sua mensagem por fora, ou seja, não propriamente atendo-se às questões de cunho intelectual e teológico, mas se entregando a toda novidade interacional que pode ser colocada a serviço de uma boa informação/comunicação entre os fiéis, e entre liderança e fiéis.

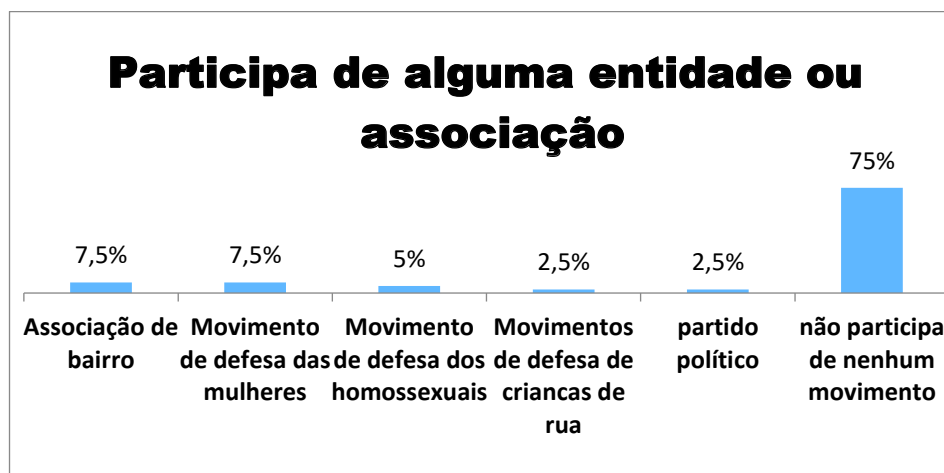
A questão é que se em épocas passadas a ética protestante – as práticas religiosas que interferem no comportamento social do indivíduo - era o elemento diferenciador dessa religião em relação a outras, na atualidade, a *Church in*

Connection oferece outros elementos de diferenciação. Os fiéis apontaram o espetáculo como demanda social, uma vez que 21% deles escolheu o “show que é o culto”, como diferencial da igreja, e os outros 21% escolheram o louvor como ponto mais importante das programações. Somado a isso, 29% dos fiéis jovens afirmaram que o pastor e sua forma de conduzir as programações são o diferencial da igreja e o elemento principal de escolha pela igreja. O espetáculo religioso produz coesão social.

Essa escolha nos remete à seguinte afirmação: vivemos numa sociedade que se adequa ao formato de sociedade do espetáculo, como descrita por Debord (2005). Em uma de suas teses ele afirma que:

A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade dessa perda: a abstração de todo trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo *modo de ser concreto* é justamente a abstração. No espetáculo, uma parte do mundo *se representa* diante do mundo e lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem comum dessa separação. O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas reúne *como separado* (DEBOUR, 2005, p. 23).

O espetáculo como “coisa em si”, ou como forma de reunir aquilo que o sistema de produção separou, se repete na instituição religiosa. O show produz a coesão dos membros entre si, mas não desses com outros membros da sociedade. O espetáculo promoveu a coesão de um grupo (juventude), mas não produziu nesse grupo uma visão ampla e de classe. Dito de outra forma, não gerou uma solidariedade do tipo engajada na transformação política e social da realidade. A categoria do espetáculo é diretamente proporcional à criação de um mundo em separado. É importante, nesse sentido, recuperar dados da pesquisa sobre participação dos fiéis em movimentos sociais.

Gráfico 11 - De qual instituição o membro da *Church* participa

Fonte: Próprio autor

O gráfico aponta o fraco engajamento dos fiéis em movimentos de caráter social. É o enfraquecimento dos laços sociais entre os indivíduos. Os interesses deles estão no campo pessoal e da satisfação dos desejos e de prazer. Uma religião mais da fruição do que do engajamento social e político.

Outra categoria fundamental na análise da religião é a da estetização. Moreira (2014) chamou a atenção para o problema advindo das práticas estetizadoras da religião, quando diz que elas podem “tornar o indivíduo um escravo das próprias fantasias estéticas e dos anseios por prazer” (MOREIRA, 2014, p. 315). Contudo, é possível afirmar que existe um potencial emancipatório, no discurso religioso estetizante. Nielsen (2000 *apud* MOREIRA, 2014, p. 314, 315) afirmou que “o discurso estético tem um potencial para promover a experiência humana de sensibilidade, diferenciação e sutileza, inclusão de grande alcance, muito mais do que o discurso puramente cognitivo ou moral poderia oferecer”. Mesmo que isso não seja a tônica da estetização ora observada na instituição religiosa.

A *Church In Connection* se insere no mundo da indústria cultural de massa produzida pelo sistema social e econômico capitalista. Essa indústria cultural já foi identificada no capitalismo norte-americano nos anos 1950. Adorno (2014) falou de uma indústria cultural que foi construída com base nas sociedades industriais e que tenta padronizar e dar uniformidade às consciências. Por consequência, “atrofiando a imaginação e a espontaneidade do consumidor cultural”. Para Adorno (2014), existe

uma indústria cultural que formata a sociedade. A técnica, manifestada nos meios midiáticos, nesse caso, é potente formatadora de consciência.

Subordinando do mesmo modo todos os ramos da produção espiritual com o único fito de ocupar – desde a saída da fábrica à noite até sua chegada, na manhã seguinte, diante do relógio de ponto – os sentidos dos homens com os sinetes dos processos de trabalho, que eles próprios devem alimentar durante o dia, a indústria cultural, sarcasticamente, realiza o conceito de cultura orgânica, que os filósofos da personalidade opunham à massificação (ADORNO, 2014, p. 22-23).

Para Adorno (2014), o mundo todo “é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural”. Extremamente racionalizado (ao estilo proposto por Weber, 2014), esse mundo “de fora”, como afirma Adorno, se impõe como um prolongamento do sistema midiático atual. No caso específico, ele analisou a produção cinematográfica. O que pode ser entendido de forma extensiva para outras mídias em ação. Aliás, ele acrescenta que: “nada deve permanecer como era, tudo deve continuamente fluir, estar em movimento. Pois só o triunfo universal do ritmo de produção e de reprodução mecânica garante que nada mude, que nada surja que não possa ser enquadrado (ADORNO, 2014, p. 27).

A escolha do que deve ser consumido culturalmente obedece a um catálogo feito pelos chefes das empresas culturais. Assim, Adorno ao falar da produção e reprodução de bens culturais e simbólicos esclarece que esses bens se materializam na vida das pessoas de forma global. A inflação das novidades é para ele uma constante realizada pelas indústrias capitalistas globais. Reside nisso, na velocidade das inovações e adaptações, o âmago do sistema que “não deve exigir esforço algum” por parte dos espectadores que não devem “trabalhar com a cabeça”; o “pretensão conteúdo [das mensagens e produtos] é só uma pálida fachada”, e o processo de trabalho “só se pode fugir adequando-se a ele mesmo no ócio” (ADORNO 2014, p. 30,31).

Contudo, faz-se necessário registrar que isso não é tudo. Os jovens fiéis estão em busca de experiências que não se limitam ao plano estético, e se mostram confiantes na possibilidade de ter encontrado na igreja uma agência reparadora da confiança perdida no contexto social instável, inseguro e complexo da atualidade globalizante e desesperançada de um Brasil politicamente em crise. Tal sentimento

foi manifestado na pesquisa (Cf. Anexo 6). Com 75% de jovens solteiros e com 87,5% deles entre 15 e 29 anos, eles se mostraram atraídos pelo lúdico espetáculo.

O carismático pastor, misto de sacerdote, profeta e virtuoso (WEBER, 2014), se apresenta como líder performático, tendo cativado 100% do grupo que o segue. Todos os pesquisados afirmaram que a atuação dele é “muito importante” para o funcionamento da igreja. Por ser ainda jovem, o pastor também experimenta os fluxos constantes que atingem a sociedade e a mantém em permanente movimento. Ele experimenta a dinâmica do líder religioso que, para se manter e fazer crescer a sua instituição, precisa trabalhar muito, se desdobrando em muitos papéis, funções e atividades – tendo que oferecer sentido à obsolescência. A religião que se mostra na *Church* é totalmente dependente da condução de um líder “multiuso”. Ele se identifica como sacerdote, profeta e carismático. Ele só conduz a igreja porque assume vários papéis e é convincente no desempenho de cada um deles sem deixar que apareça as contradições exercidas na liderança de quaisquer desses tipos ideais.

Se a igreja atrai pela espetacularização, estetização a performance do pastor, é porque atende a um perfil da própria sociedade. A sociedade do entretenimento que é uma sociedade infantilizada. Essa infantilização da sociedade, ao se reproduzir nos aparatos religiosos, pode retardar o processo de maturidade desses jovens. Contudo, o que se nota é que a igreja *Church* encontrou uma maneira de se apresentar como agregadora de identidades e propulsora da modernidade digital. Essa modernidade está a gosto e preferência da juventude, mas, ao mesmo tempo, oferece um assentamento das identidades em torno de princípios morais edificantes.

A diversão se alastrou planetariamente, fazendo conexões com as mais diversas indústrias e setores da vida humana. Nesse contexto, a *Church* se apresenta como uma instituição do mundo do entretenimento, e, *pari passu*, como instituição geradora de sentido, ainda que provisório. Equilíbrio frágil que se sustenta entre o espetáculo e o conteúdo religioso do monoteísmo judaico cristão. Tudo faz parte de tudo, num jogo constante, e quase sempre contraditório, de relações que visam produzir lazer, felicidade e espaço de ancoragem de identidades e de segurança. Tudo isso embalado por um ambiente em que a “lei suprema é que nunca se chegue ao que se deseja e que disso até se deve rir com satisfação” (ADORNO, 2014, p. 37).

A conexão realizada pela *Church* se aproxima e se apropria do processo comunicativo dos jovens e de seu padrão de vida. A linguagem que a igreja utiliza não é, como se percebe a priori, um escapismo. Antes, é a reprodução da pedagogia do mundo atual. As formas adotadas pela instituição, de se relacionar e criar teias de relações entre os fiéis, apontam para a redução da complexidade do mundo global. Essas formas combinam com espetáculo requerido pelos jovens. Contudo, o processo comunicativo da religião tem possibilitado, se não o empoderamento, pelo menos a formação de um grupo coeso, grande e crescente de jovens que demonstram estar mais seguros de si no mundo. Temos uma religião que abre espaços para o diálogo com o entorno infantilizado.

Quando o pastor Thiago Vinícius Cunha sentiu a necessidade de mostrar toda a missão da igreja de forma compacta e simples, ele montou um *post* que, inspirado na Apple, tornava possível em apenas uma olhada entender o que pretende a *Church* e sua organização. Linguagem imagética, sucinta, direta e bem ao gosto do público jovem. Sem teologia rebuscada, organogramas complexos ou normas extensas, o intento foi construído com a figura abaixo, postada nas redes sociais e estampada nas dependências da igreja.

Figura 32 - Missão da igreja de forma compacta e simples



Fonte: Facebook

No símbolo/missão da *Church* estão a cruz e o coração, tão preciosos aos olhos dos cristãos brasileiros. Esses elementos também aparecem como símbolos de muitas igrejas de diferentes vertentes cristãs. Se no símbolo da igreja © não se percebe nada que nos remeta à religião cristã, na missão da igreja os símbolos não deixam dúvidas. Os fiéis entendem a simbologia: a maioria deles (80%) é oriunda de

outras igrejas cristãs, e facilmente se identificam com a missão e a pertença referidas no *post*, afinal, aí estão o coração e a cruz que marcam muitas denominações cristãs.

A adaptação do *modus operandi* da *Church By the Glades* mostrou a eficácia e globalização da cultura atual. Nesse sentido, adaptar é aprender e incorporar uma gramática simbólica do outro. A *Church* soube fazer isso com sucesso e, ao mesmo tempo, fez com que os seus fiéis se tornassem sujeitos de toda a operação realizada pela instituição. Isso ficou claro nas programações cúltricas dos diversos dias da semana e até da marca *Cross* de roupas e acessórios que a igreja criou. A efervescência do louvor *gospel*, a acolhida jovem na entrada do templo e os contatos múltiplos com quem frequenta apenas um culto na igreja reforçam a teia de fraternidade que envolve a comunidade e o amor próprio dos membros, que se sentem, a partir daí, ancorados naquele mundo.

A experiência e a observação nos mostraram que não faltam atrações no mundo destes jovens que fazem parte da *Church*. A cidade de Anápolis oferece jogos de futebol profissional, boate, bares, shows musicais, teatro, cinemas, clubes e acesso a Tecnologias de Informação e Comunicação. Contudo, esses jovens escolheram a *Church* e seu espetáculo como prioridade para a vida deles. Por um lado, se percebe um mergulho pleno, até as últimas consequências, numa experiência de fluidez. A religião se inclui nessa experiência de liquidez e aponta para o fato de que nem mesmo a religião, que até algum tempo era refratária à flutuação e fortemente ancorada na tradição, conseguiu fazer oposição à vida líquida. Por outro lado, quando os jovens fiéis escolhem a igreja, e permanecem nela, eles dão mostras do encontro com um tipo de solidez ou de uma plataforma mista de prazer e segurança, de fruição e ancoragem que o mundo líquido, ao estilo e arquitetura apontados por Bauman (1999, 2001), não consegue satisfazer.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes: 2007.
- ASSMAN, Hugo. **As falácias religiosas do mercado**. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.
- BASTA, Darci *et al.* **Fundamentos de marketing**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- _____. **A sociedade individualizada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERGER, Peter L.; HUNTINGTON, Samuel P. (Orgs). **Muitas globalizações**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BERGER, Peter; Luckmann Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BERGER, Peter L.; ZIJDERVELD, Anton C. **Em favor da dúvida**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- _____. **Rumor de anjos: a sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2008. (Coord.: José Bortolini; Vittorio Saraceno; Arno Brustolin).
- BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes; KOINONIA, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Org.) Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CAZENEUVE, Jean. **Sociologia do rito**. Porto: RÉ.S. Editora, s/d.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia sociedade e cultura. vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2007

_____. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. vol. 2. São Paulo: Paz e Terra: 2008.

_____. **Fim de milênio**. A era da informação: economia sociedade e cultura. vol. 3. São Paulo: Paz e terra, 2007.

_____. **A galáxia da internet**. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CIPRIANI, Roberto. **Manual de sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

COMTE, Auguste. **Comte, os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **A história cultural, entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CRAWFORD, Robert. **O que é religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONFISSÃO DE WESTMINSTER. Disponível em:
<<http://www.mackenzie.br/7021.98.html>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto; 1997.

DOUGLAS; J. D. (Org.). **Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1979.

DURKHEIM, E. O problema religioso e a dualidade da natureza humana. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: **Iser**, n.2, nov. 1977.

_____. **As formas elementares da vida religiosa** - O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

DUFOUR, Danny-Robert. Capitalismo, religião e espetáculo. In: MOREIRA, Alberto da S.; LEMOS, Carolina T. e QUADROS, Eduardo G. (Orgs.) **Religião entre a intimidade e o espetáculo**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2014.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FERREIRA, Advanir Alves (Org.). **Normas da IPRB** - Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. Arapongas, PR: Aleluia, 2013.

FERREIRA JR., Sebastião Alves (Org.). **Igreja**. Arapongas, PR: Aleluia, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. LTC Editora: 1998.

GINI, Sérgio. Conflitos no campo protestante: o movimento carismático e o surgimento da igreja presbiteriana renovada (1965-1975). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 8, Set. 2010 - ISSN 1983-2850

GONZALEZ, Justo L.. **A era dos dogmas e das dúvidas**. São Paulo: Vida Nova, 1984, pp.173-186.

GRECO, Carlo. **A experiência religiosa**. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Lisboa, Portugal; Gradiva, 2005.

HINKELAMMERT, Franz. **Mercado versus direitos humanos**. São Paulo: Paulus, 2004.

HOUTART, François. **Sociologia da religião**. São Paulo: Ática, 1994.

HOOVER, Stewart M.. A mídia em suas linguagens religiosas. In: MOREIRA, Alberto da S.;

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.

LEWIS, Paul N.. **Renovação na Igreja Brasileira**. Americana, SP: Impacto publicação, 2013.

LEMOS, Carolina Teles. **Weber**. Goiânia: Descubra, 2007.

_____. **A racionalidade moderna no pensamento de Max Weber**. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

LEMOS, Carolina T.; QUADROS, Eduardo G. (Orgs.) **Religião entre a intimidade e o espetáculo**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2014.

LÉVY, Pierre. **A conexão interplanetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: ed. 34, 2001.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo: ed. 34, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo, viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **A felicidade paradoxal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KOTLER, Philip; HAYES, Thomas; BLOOM, Paul N.. **Marketing de serviços profissionais**. Barueri, SP: Manole, 2002.

LOWI, Michael. **A guerra dos deuses**. Religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes-Clacso, 2000.

MARTINS, José. **A natureza emocional da marca**. São Paulo: Negócio editora, 1999.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. São Paulo: **Revista de Estudos da Religião/ rever**, 2008, pp. 68-95.

_____. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. Porto Alegre: **Debates do NER: Ano 14, nº 24, JUL./DEZ. 2013**, p.119-137.

_____. **Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MAURÍCIO JUNIOR, Cleonardo. **Revisando o conceito de carisma: líderes pentecostais, entre o virtuosismo e o capital religioso, da dominação à performance**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <
http://www.ufrgs.br/revistatodavia/Resumo%20Art%203_2ed.html>. Acesso em: 2 jan. 2017.

MARIANO, Ricardo; MOREIRA, Alberto da Silva. Expansão, diversificação e transformação do pentecostalismo brasileiro. In: MOREIRA, Alberto da Silva; TROMBETTA, Pino de Lucà (Orgs). **Pentecostalismo globalizado**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, pp. 47-69.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; CAMPOS, Leonildo Silveira (Orgs.). **Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

MOREIRA, Alberto da Silva. **A religião sob o domínio da estética**. Belo Horizonte, vol. 13, n. 37, p. 379-405, Jan./Mar. 2015.

_____. Cultura midiática e educação infantil. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro de 2003.

_____. A estetização da Experiências religiosa. MOREIRA, In: MOREIRA, Alberto da S.; LEMOS, Carolina T.; QUADROS, Eduardo G. (Orgs.) **Religião entre a intimidade e o espetáculo**. Goiânia: Ed. da PUC, Goiás, 2014.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A: 2006.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PACKER J. J. **Teologia Concisa**. Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1998.

PACE, Enzo. Pentecostalismo na Itália. In: MOREIRA, Alberto da Silva; TROMBETTA, Pino de Lucà (Orgs). **Pentecostalismo globalizado**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, pp. 217-232.

PASSOS, Paulo Rogério Rodrigues. **Igreja Neopentecostal Fonte da Vida: a restauração da individualidade como estratégia de empoderamento e conversão da classe média brasileira**. 2012. 335f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. **A Vivência Religiosa como Objeto da História das Religiões: uma leitura de Michel de Certeau**. Impulso, Piracicaba, 15 (37): 101-109, 2004.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 2003.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira**. São Paulo: Casa editora presbiteriana, 1981.

RESTON, James Jr.. **Os cães de Deus, Colombo, a inquisição e a derrota dos Mouros**. Lisboa: Bertrand Editora, 2008.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu, a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIEPIERSKI, Paulo D.. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (org.). **O estudo das religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003. pp. 71 - 88.

SOUZA, Silas Luiz de. **Protestantismo e ditadura, os presbiterianos e o governo militar no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Fonte editorial, 2014.

STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Trazendo a teoria de volta**. Disponível em >. Acesso em: 19 abr. 2016.

STARK, Rodney; BAINBRIGDE, William Sims. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2006.

SAHIUM, Rosana Guimarães Lôbo. **Agências socializados e formação juvenil: as representações de jovens de escolas públicas de Anápolis**. Dissertação Mestrado Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Projeto Minter PUC Goiás / UniEvangélica, 2010, p. 45.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILAS, Guerreiro (org.). **O estudo das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião**. Enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **As religiões no Brasil**. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião, enfoques teóricos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2004.

TOURRAINE, Alain. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

THOMPSON, John B.. **A mídia e a modernidade**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WALLERSTEIN, Immanuel. A cultura como campo de trabalho ideológico do sistema mundial moderno. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). **Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1999.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 2014, V. 1.

_____. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Ícone, 2010.

_____. **Conceitos básicos da sociologia**. São Paulo: Centauro, 2010.

_____. **Ensaio de sociologia**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Livraria e Editora Pioneira, 1992.

ANEXOS

ANEXO 1

A1. ENTREVISTA COM O PASTOR THIAGO VINÍCIUS DA CUNHA (91592497) - ANÁPOLIS, 10/11/2014 – ESCRITÓRIO DA IGREJA CHURCH IN CONNECTION 14:00 HORAS

O pastor Thiago Vinícius Cunha é natural de Ourinhos - SP, mas morou em São Paulo, capital, onde se tornou cristão. Nascido em 22 de Junho de 1982, a conversão do pastor Thiago se deu através da igreja pentecostal “Época da Graça” em São Paulo, onde morava com sua mãe. A sua conversão se deu quando ele tinha 18 anos e, no seu relato, ele já conhecia o evangelho pois tinha frequentado a Igreja Quadrangular em Ourinhos, quando morou com sua avó materna até os 16 anos de idade. Seus pais eram separados, sua mãe comerciária e seu pai carpinteiro. Morou com sua mãe e padrasto em São Paulo, estudando em colégios públicos e se interessando pelos estudos apenas após a conversão, quando passou a participar de evangelizações nas ruas de São Paulo com membros da Igreja “Época da Graça”. Depois da conversão esteve no Ministério Pentecostal denominado “Torre Forte”, em São Paulo, e se dirigiu para Brasília com o objetivo de se preparar para Missões Evangélicas. Em Brasília conheceu Késia Dayane, filha do pastor da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB) Valdemiro Reis e de Gelma de Cássia, que estudava na agência de Missões AMIDE. Um ano após se conhecerem se casaram e se mudaram para Anápolis, ele com o intuito de cursar o Seminário da Igreja Presbiteriana Renovada Brasil Central, e ela para estudar Letras na UniEvangélica e também estudar no mesmo Seminário.

Na cidade de São Paulo passou a frequentar a igreja “Torre Forte”, No seu relato declarou que essa igreja estava direcionada ao público jovem, com muitas programações e eventos de evangelização realizados pelos jovens da igreja. Ele relatou que a liderança dessa denominação pentecostal também era jovem e existia o uso dos chamados dons espirituais, como falar em línguas estranhas (glossolalia) e profetizações.

O pastor iniciou seu trabalho em Dezembro de 2009, era uma congregação da 3ª Igreja com apenas três pessoas no rol de membros. "Nenhum administrador quer administrar uma empresa de "fundo de quintal" o que eu queria, e, quero é administrar

uma "multinacional". Para fazer uma criança comer não tem que ter comida colorida, então eu quis trabalhar o visual da igreja".

"No começo, quando vim trabalhar na igreja, eu procurei uma escola aqui perto, uma escola estadual de ensino médio que funciona perto da igreja, para trabalhar como voluntário e assim me aproximar dos jovens e levar a mensagem da igreja".

Numa viagem aos EUA, Miami em 2010, numa conversa com um amigo que o recebeu, conheceu a "*Church by the Glades*" e pintou a igreja fazendo grafites e com cores fortes.

- *Church in connection*", que trabalhava os cultos de forma performática, movimentada, com muitas luzes e aparelhos eletrônicos. Inspiração na dinâmica da Internet. Daí em diante ele foi inovando, adotou o sub título na igreja de *Church in connection*, mantêm um canal aberto no WhatsApp "fale com o pastor" que ele responde imediatamente às perguntas que lhe são dirigidas e às vezes exibe-as na *Church* no domingo para ilustrar algo ou estimular as pessoas a entrarem para conversar; Durante o ano de 2014 pregou por temáticas: caminho da águas, super-heróis, guerras, etc. Fazia uma ambientação específica para cada tema em todo o espaço da igreja e pregava vestido a caráter...

Não faz cerimônias para receber novos membros, os departamentos internos da igreja são chamados de "redes", de homens, mulheres, kis etc.

A igreja oferece durante a semana aulas de jiu jitsu, um tatame é montado na igreja e quem quiser participar paga um preço simbólico para o professor que é da igreja.

Na 2ª feira tem academia Kids, que é um culto especial só para crianças.

Nos domingos tem peça teatral antes da pregação da palavra e tudo ocorre de forma dinâmica com o apagar das luzes e o pastor iniciando sua prédica. Sempre novando e fazendo o que não é habitual em outras igrejas, ele nos disse que "se existe um hábito estabelecido como o pregador no domingo se apresentar sempre vestido de paletó e gravata", ele vai "de camiseta, calça colorida e tênis".

Toda 3ª feira tem culto de "libertação", esse culto é dirigido por sua sogra que é pastora (na sua afirmação) e eles aceitam e praticam todos os dons do Espírito, mas o pastor se diz calvinista. Ele é formado pelo Seminário da Igreja Presbiteriana de Anápolis. Nas 4ªs tem universidade da família. "É preciso sempre ter algo novo". "Nossa teologia é a do compromisso". Ele não se intitula pentecostal, e diz que a

Church não se identifica com ‘isso’, mas, crê no uso dos dons espirituais para os dias de hoje, e mantém uma liturgia com forte ênfase no louvor e adoração.

Aos sábados as reuniões de jovens começam as 22:00 horas para concorrer com as festas que começam nesse horário, e, para acolher jovens de outras igrejas cujas reuniões se findam antes da 22:00 horas. A ideia é “criar uma alternativa aos jovens evangélicos da cidade de Anápolis que buscam festas e bares a partir desse horário, 22:00h, que é o horário que os jovens estão saindo de casa hoje”. Sempre fazem debates, seminários e outras atividades convidando pessoas da comunidade para participar. Mantêm página no *Facebook*.

**A2. ENTREVISTA COM O PASTOR THIAGO VINÍCIUS DA CUNHA
ANÁPOLIS, 13/06/2016 - ESCRITÓRIO DA IGREJA CHURCH IN CONNECTION –
16:00 HORAS**

Formado pelo Seminário Presbiteriano Renovado do Brasil Central (seminário da denominação aberto em 1996 em Anápolis - GO) o pastor Thiago Vinícius Cunha é paulista, tem 34 anos, é casado e pai de três filhos. Terminou a graduação em teologia em 2010 e no mesmo ano assumiu os trabalhos numa Congregação da 3ª Igreja Presbiteriana Renovada no Setor Sul de Anápolis. Adotou para a igreja o nome fantasia de *Church in Connection* depois de tomar conhecimento de uma igreja em Miami que adotava padrões e usos de muita tecnologia e meios múltiplos de comunicação nos seus cultos (teatro, filmes, imagens paradas, ambientação teatral cênica, mídia eletrônica, dança, telões etc.)

Em 2016 se desliga da Igreja Presbiteriana Renovada e adota apenas o nome de: *Igreja Church in Connection*. Passa a ser uma instituição independente e começa a elaborar o regimento interno e o corpo doutrinário da nova instituição, que já conta em julho de 2016 com aproximadamente 1000 membros, sendo arrolados no rol o número de 463 “aliançados”, e, quase 500 membros que frequentam sem vínculos oficiais. Este fato merecerá mais tarde nossa avaliação porque temos, em números, uma “outra” igreja só que não oficializada, de indivíduos que “circulam”, mas, com regularidade, os trabalhos da *Church*.

O pastor Thiago se denomina como um pastor reformado (segue em linhas gerais os ideais da Reforma Protestante do século XVI), não se considerando Pentecostal, apesar de crer no uso dos dons espirituais para os dias de hoje e manter uma liturgia com ênfase no louvor e adoração

Nessa conversa o pastor Thiago afirmou que conquanto creia no uso de e validade dos Dons de línguas e de profecias, prefere não exercitá-los durante as reuniões de culto na igreja. Acredita que isso “pode marcar negativamente a igreja, em função do uso indiscriminado de línguas e profecias em igrejas pentecostais e neopentecostais”. Se manifestou contrário à Teologia da Prosperidade amplamente usada em igrejas neopentecostais.

O pastor Thiago acha difícil definir a igreja Church in Connection mas, afirma que o forte da instituição reside em dois pontos: 1. A “Acessibilidade”, que ele definiu como o uso amplo de linguagens compreensíveis para os jovens de hoje. Ele acredita que no culto é importante o uso de todas as técnicas de comunicação disponíveis para transmitir o Evangelho de Jesus Cristo (músicas, danças, imagens paradas, imagens em movimento, luzes, teatro etc.). Ele conta com aproximadamente 50 pessoas em atividades constantes nos cultos, “mais 50 de líderes que apoiam no andamento dos trabalhos” como ele afirma; em 2. Na pregação da Palavra, no estilo Reformado, no estilo da teologia Protestante, explicando os textos bíblicos e direcionando-os para a “transformação de vidas”, de “santificação dos fiéis”. Ele também enfatizou a importância em “fortalecer o casamento”, e, os casais da igreja “para se harmonizarem e crescerem na fé”. A sua mulher trabalha com ele e no futuro ele disse irá ordená-la pastora.

A3. ENTREVISTA COM O PASTOR THIAGO VINÍCIUS DA CUNHA - ANÁPOLIS, 23/09/2016.

Nós saímos recentemente da IPR e nos faltava uma identidade estabelecida, exata. Se você perguntasse cada um vai ter um entendimento, a *Church* é uma igreja dinâmica, tem pastor jovem, diferente, tem transformação, é uma igreja de linguagem comunicável com todos os níveis, diante desse situação de saída da IPR nós conseguimos nos assentar e conversar. Somos uma igreja simples, o cara que chega aqui, mais simples de nível acadêmico ele consegue compreender. A nível de propósito não conseguíamos passar o que era a igreja. Eu conheci um livro bom, “*A igreja simples*”, pesquisa com mais de 400 igrejas nos Estados Unidos e o autor estudou porque igrejas crescem e outras não, por que igrejas estão evoluindo e outros diminuindo.

A conclusão que eu percebi na leitura do livro é que igrejas mais simples crescem, quanto mais simples mais crescimento. Ele faz um comparativo com a empresa Apple. “Por que a Apple é uma mega empresa? você compra um celular da Apple tem um botão só que dá um universo de possibilidades, o aparelho se resume a um botão só. Você compra um computador de mesa e descobre três coisas: um monitor que já é tudo, um mouse, e um teclado. Quando a igreja consegue ter isso, uma coisa simples você consegue desenvolver a igreja numa perspectiva diferente, e o livro nos dá isso, fazer o que é simples mais simples ainda”.

Nós queremos formular agora o que todos possam falar: o que é a Church, o que pensamos com Church. Nós definimos em três palavras: 1. Amar a Deus. Somos uma igreja que ama a Deus. Como entendemos isso: você ama a Deus quando está num culto coletivo, porque ali você fala com Deus, canta a Ele e ouve a palavra Dele, a Bíblia. 2. Amar o próximo. Você só ama o próximo quando está junto dele em uma reunião pequena. Daí o pequeno grupo durante a semana, e o discipulado. O *Church* grupo direcionado para a família e o individualizado. 3. Servir no mundo. Pegar o que você recebeu, amor a Deus, amor ao próximo, e, servir no mundo isso, através de seus dons, de suas habilidades. Servir sempre, um amigo, um vizinho, aqui na porta da igreja, hoje tá resumido.

A Church para mim era um resumo do culto de domingo. Entretanto chegamos à conclusão que ela não é apenas o culto de domingo, o culto faz parte da *Church*, mas ela é muito mais além... não é uma igreja que tem apenas culto dinâmico, com

linguagem dinâmica, com pastor dinâmico e linguagem dinâmica com coisas que nenhuma igreja faz. Na verdade isso está relacionada a aprender a amar a Deus. Vai além até, estamos num processo de formulação. Esse livro trata sobre isso, esse processo de “descomplicação”. O cara entra aqui e vê e fala “uai, descobri que vocês ensinam a amar a Deus, o próximo e servir no mundo...” “ É uma coisa assim, é como tirar um media de uma caixa o CPU que é o monitor, o teclado e o mouse.

A gente tá no processo de reformulação para que todo mundo fale uma linguagem só. Jesus ensinou isso, que todos falem uma linguagem só. Interessante que o livro traz isso: na época de Jesus os judeus organizaram 613 mandamentos, ligados com todas as letras dos dez mandamentos e organizaram um sistema de leis. Tudo organizado em o que fazer e o que não fazer. O que fazer calculado com as partes do corpo, duzentas e poucas coisas. O restante o que você não poderia fazer eram 365 mandamentos, baseados nos dias do ano. Após essa divisão os discípulos perguntam a Jesus sobre o que fazer e Ele resume em dois: ame a Deus e ao próximo servindo todo mundo.

Essa coisa é simples para Jesus, a gente lê o que ele fazia só que a igreja e o problema das igrejas hoje... passam por um ciclo adolescência, maturidade e morte. Quando a igreja envelhece se torna mais complicada, mais burocrática ainda. A ideia é fazer com que essa instituição não viva esse ciclo ou que se renove novamente. Essa é a ideia da simplicidade, do livro que eu li, que não me lembro o nome do autor.

MINISTRAÇÃO

A ideia de ministração, de ministrar, vem da minha representação de Deus diante do povo, e a gente trabalha como se fosse algo que veio e você deve transmitir. O ministro é o embaixador, ele ministra o que não é dele, é de Deus.

Eu acredito que minha figura do ministrar não muda, o povo é que recebe algo proveniente de Deus, eu sou um canal de Deus. Está ligada (a ministração) à prática do que já aconteceu, mostrando o que Deus tem para o povo de orientação, de Dt. 29. Deus coloca o caminho da bênção e da maldição, você é que tem que escolher.

Ministrar manifestação de cura é diferente e aí envolve o que eu faço. Você aprende no seminário que a pregação, o sermão, é um desenvolvimento, introdução, texto tema divisões e conclusão. É uma crescente, você começa de um jeito e termina

de outro. O clímax de todo sermão e ministração é o momento final, a parte da ministração, o momento que a pessoa consegue colocar em prática aquilo que já foi ministrado e ela rege, se coloca em pé vem até a frente da igreja. Eu desafio o povo para abrir o coração.

Na verdade a minha igreja já existia, era presbiteriana Renovada e funcionava na Av. Brasil Sul em Anápolis. Eu fui à Miami e meu amigo aqui de Anápolis, o Genesis, que morava lá, falou da *Church By the Glades* (CBG) uma igreja na Flórida. Isso foi em 2014 e o Genesis me falou como funcionava essa igreja, baseada em temáticas e muita criatividade. Daí surgiu a ideia de montar a *Church in Connection*.

TEOLOGIA

Eu sou pastor calvinista, as pessoas foram predestinadas para o céu ou para o inferno. O caminho que as pessoas seguem na terra dependem delas, já a salvação não. Essa última é predestinação. Não sou Pentecostal, acho o termo inadequado

O livre arbítrio serve para escolhas que as pessoas fazem. A salvação não. O que é salvo sempre persevera, é atraído mesmo quando distancia de Deus. O resultado final eu sei, sou salvo, vou lá, mas, preciso desenvolver a salvação. A soberania de Deus é total, como nos casos do profeta Jeremias e de Jonas. A nossa teologia e doutrina está baseada na Bíblia. Rompemos com usos e costumes. Eu tive recentemente alguns problemas. Fiz quatro tatuagens e tive um choque forte. A igreja é muita dinâmica mas a figura do pastor é muito 'intocável', daí as pessoas não aceitam algumas coisas. Na série de Olimpíadas eu tive mais problemas porque a figura do pastor não pode fazer teatro. Eu não posso entrar, interagir, como eu fiz, carregando a tocha, participativa de bermudas, isso parece inadmissível para os fiéis. O pastor pode trair a mulher, mas não pode usar bermuda... O sacro não permite o artístico, migrar o artístico, a performance artística para dentro do contexto espiritual, do sagrado, parece que quebra alguma coisa. Eu preciso ter um outro pastor para fazer essa parte. Tenho alguns jovens que vieram do meio Pentecostal e são mais resistentes. Muitas pessoas criticaram.

Mediante a crítica a gente observa pois o culto não é para mim, e para eles, os fiéis, isso é importante. Anápolis é uma cidade de interior e mesmo procurando algo novo eles ainda tem dificuldade com algo que eles formularam como inegociável...

bermuda é demais, eles não aceitam. Parece que a espiritualidade é sensível nesse momento. O cara que é pastor em Anápolis pode ser pastor no Paquistão junto com os islâmicos.

Em relação à organização da igreja estamos numa fase de planejamento. Talvez eu acabe com o cargo de presbíteros. Mas, hoje os presbíteros ainda tem um papel na igreja, por exemplo, quem estabelece meu salário não sou eu e sim os Presbíteros. Os líderes estão acima dos Presbíteros pois eu consulto eles para desenvolver os trabalhos na igreja. Muitas decisões exigem resposta rápida. Inclusive agora para ser membro da *Church*, para se aliançar tem que fazer um curso comigo de três meses.

A4. ENTREVISTA COM O PASTOR THIAGO VINÍCIUS DA CUNHA - ANÁPOLIS, 07/03/2017 - Encontro na Church Kids – 15:00 HORAS

Pergunta: O que a igreja já realizou em suas dependências? Quais os projetos em andamento?

Fizemos aula de jiu jitsu durante um ano. Hoje temos aulas de balé, recreação com os membros e jogos de futebol toda semana e uma vez por ano um jogo de futebol na madrugada com jantar. Agora estamos com um projeto de um *personal trainer* para trabalhar dentro da igreja com exercícios de solo, com exercícios práticos.

Montamos um seminário com a IPRB dentro da *Church* com uma turma de aproximadamente 40 estudantes. O seminário envia os professores e dão aulas nas dependências da igreja. Eu sedo as salas e faço uma parceria com eles. Eu poderia contratar os professores e fazer isso mas preferi fazer isso com o seminário da IPRB, minha mulher está fazendo nesse seminário o mestrado em Teologia.

Estamos pagando uma chácara que compramos a Church Kids, por 500 mil em parcelas, estamos pagando. Hoje estamos com um grupo de uma organização chamada FIVE que está lá trabalhando e evangelizando na cidade.

A grife *Cross* começou de forma não planejada. Precisávamos comprar roupas para os diáconos, um uniforme e fomos procurar uma pessoa para fazer e daí surgiu a ideia de fazermos roupas do estilo que eu uso, diferente, colorida e nesse sentido tomamos o rumo de fabricar para vender na igreja e fora dela.

Nós mesmos é que criamos os modelos e terceirizamos a fabricação e pegamos para vender. Hoje temos dois jovens que estão trabalhando lá, um deles o Thiago já foi modelo e daí eles escolhem as roupas e me mostram. Às vezes tomo as decisões sobre as roupas sozinho. Roupas de mulher, homens e crianças e estamos consignando as roupas para pequenas lojas, pequenos pontos. Cada ponto ganha sobre a venda. Queremos inicialmente a fixação da marca.

A gente ia por *Church*, mas, pensamos que pessoas de outras igrejas poderiam não querer usar uma camisa ou camiseta com a marca de uma igreja. Daí escolhemos a marca *Cross* e deixamos o C da *Church* com a marca *Cross*. Este projeto dá muito trabalho.

Hoje estamos reformando essa casa aqui que chamamos “ramo novo” onde funciona a CK para receber membros que chegam na igreja e os a direcionamos para esse lugar para serem discipulados.

Hoje tenho membros e não tenho membros. Tenho muita gente que só frequenta. Tenho um público que não é estável.

Nesse ano (2017) quero ir aos EUA visitar a igreja que serve de modelo para a Church, que é a CBG. Eu já quis antes mais não tive oportunidade.

ANEXO 2

M1 Transcrição de pesquisa

Anápolis, 20/10/2015

Membro da Igreja Church – Yuri, 26 anos – ajudante do louvor na Igreja.

Relato de conversão:

Na verdade, eu venho de uma família católica onde alguns eu acredito que são praticantes, outros não. Também do lado do meu pai e minha mãe, minha opinião que não são praticantes, mas vão aqui outras vezes ali na igreja. Mas na minha infância eu era obrigado a ir pra igreja, eu não gostava de forma alguma principalmente porque a gente não via neles um espelho como se fosse da igreja. O tempo foi passando e quando eu fiz uns 16 anos eu por opção própria, acreditava eu, entrei pra uma vida um pouco libertina... né... droga, mulher, mulherada, uma vida bem solta mesmo, né, pra não dizer contraditória ao que meus pais acredito que queriam. Mas na verdade até hoje não sabem a fundo o que eu fazia, né. Essa questão de espiritualidade, Deus mesmo, eu era um cara que não acreditava 100%, mas podemos dizer que existia um fundo no meu coração alguma coisa que dizia que talvez não estaria certo, de tudo o que eu fazia. Talvez lá no fundo, que não me impedia de fazer, usar uma droga, ter relações fora de casamento ou com qualquer mulher, isso não me impediria ainda de praticar. Mas acredito que isso era uma pequena insistência, talvez, uma vontade suprema de (?) onde acredito que não é da vontade Dele que sejamos dessa forma. Mas as minhas experiências com Deus não foi, uma experiência foi fora da igreja e outra dentro da igreja. Não querendo estar dentro (*risos*). Uma foi, tava na faculdade, época que eu mais...Fazia na área gestão. Fazia recursos humanos, é uma bolsa que eu tinha ganho. E um dia uma moça me convidou pra ir no aniversário dela e tal, e eu falei não, não, eu vou. Só pra apaziguar mesmo. Aí certo dia era 1h30 da manhã, eu saí do bar lá da faculdade tomei todas e lembrei do aniversário dela. E eu com muita fome, não tinha nada pra comer lá em casa, vou na festa dessa menina, eu era aproveitador. Aí eu fui na casa da menina, era 1h30 da manhã e tinha muita gente lá ainda. Na hora que eu entrei eu senti um ambiente diferente, não era o tipo de ambiente que eu costumava ir, era ambiente familiar, primeira coisa que eu procurei foi a cerveja, não tinha álcool lá dentro. Aí comecei a desconfiar. Essa casa aqui deve ser de gente de igreja. Aí sentei, comecei a comer ali com o pessoal, e tava no fundo do lugar tava tocando uma música, não sei se era rádio, e eu percebi que eram músicas cristãs. Tocava, tocava músicas eram bonitas mas não me chamavam tanta atenção mas eu entendia que eram cristãs. Eu sempre gostei de música. Não tava acostumado a ouvir esse tipo de musica, né. E quando passou uma das músicas eu ouvi uma música diferente, uma melodia que me chamou muito atenção, e a melodia ela começou a mexer comigo e eu não entendi o porquê. E começou a, eu não consigo te explicar o sentimento que tinha dentro do meu coração, não sei explicar. Não consigo...uma coisa muito forte. E eu perguntei, mas ninguém conseguiu falar que música que era, uma banda americana eu acho, ninguém conseguiu explicar. Aí eu

só lembrava da melodia porque eu não sei inglês (*cantando*). Eu saí daquele lugar com essa melodia na minha cabeça e ela tá entranhada no meu coração até hoje. E eu não consigo explicar por que. Só sei que depois de quase sete anos eu ouvi a música na rádio. Na hora que eu ouvi eu falei nossa, aquela música. Eu reconheci na hora, eu fui ver, banda Hillsong. É uma banda mundialmente conhecida e na hora que eu ouvi a música “All I need is you”, aí na hora fui na internet, procurei, eu até fui procurar, o que queria dizer a música. E na hora que eu procurei, a música falava “preciso só de ti, Deus”. E quando eu ouvi essa versão, ela inverte só no refrão (*cantando*). Aí eu comecei a ficar inquieto naquele dia e depois de oito anos o que significava aquilo, embora eu não entendesse a letra, o que me comunicava com Deus embora eu não esteja perto dele.

Aquela música produziu algo em você de imediato?

Não, arrependimento, nada disso. Não me impediu de continuar, eu não fui pra igreja nenhuma. Mas foi uma coisa que me incomodou demais, eu poderia tá no mundo, na vida bandida, mas eu podia te falar com a certeza que eu tenho hoje que eu sei que era Deus movendo tudo e todos numa forma que ele pode fazer, ele usou a música que é uma coisa eu sempre gostei, pra falar comigo.

E como é que foi a experiência sua?

Depois foi numa igreja que só fui visitar por uma estratégia envolvendo a música de novo. Fonte da vida. O pastor tava fazendo um projeto evangelístico nos colégios e eles começaram a tocar no intervalo e me chamou atenção, e depois eles fizeram um apelo ‘a gente vai ensinar instrumento e tal, quem quiser vai na igreja, tal dia, tal hora’. Eu falei, cara, eles dão pro gasto. Eu só ouvia rock pauleira, eu gostava de música, aí fui lá. Fui uns cinco sábados seguidos mas eu não ficava, porque tinha um culto depois da aula, era uma estratégia pra se entrosar na igreja, ensinar a palavra e eu não queria. Acabava a aula eu ia embora, não ficava. Aí até que eles me pressionaram ‘fica cara, você nunca fica’. Me botaram na parede e eu acabei ficando, e eu não lembro da palavra, da música, só lembro do povo chorando, caindo no chão, se arrependendo, mas naquele momento pra mim aquilo lá não era uma evidência de Deus, porque eu tava naquele momento murmurando internamente.

O que foi importante pra você?

O que aconteceu naquele momento foi o seguinte, eu estava murmurando no meu coração. Pensava ‘não acredito nisso não’, ainda tava com o coração muito duro. Não acreditava que era uma evidência de Deus ainda, eu rindo por dentro. Mas eu acredito que naquele momento Deus sabia o que ele tava fazendo. Sabe, as coisas de Deus são de repente. E eu comecei a chorar, não sei de onde veio isso. No momento que eu tava murmurando e rindo achando que eu tava certo, na minha certeza eu comecei a me quebrantar e chorar, eu acho que eu chorei muito mais do que o povo que tava lá, comecei a sentir uma coisa tão, sabe, uma força, um tremor dentro de mim que foi tão forte. Depois daquilo eu fui embora, vergonha, chorando muito, chorar pra que?

Eu não era um cara de chorar. Cara, isso foi uma experiência grande demais. Depois de novo, eu entendi, eu acredito que Deus fez foi na sua infinita majestade, acho que ele nos ama tanto que as vezes ele tem que mostrar a evidência mesmo. Ele mostrou pra mim o que eu tava sentindo, e as vezes até mais, ele colocou no meu coração o amor dele, hoje eu posso falar isso.

A partir dali foi diferente?

Depois dali eu só fui pra igreja quando (?) com 20 anos, quando eu conheci minha esposa. Ela era mais ou menos de igreja e eu amava ela muito, era apaixonado, e eu tive que escolher. Já tive duas experiências antes mas não fui por causa delas, sinceramente, não foi mesmo. Eu fui por causa de uma pessoa, eu tive que escolher entre a vida libertina e ficar com ela e viver uma vida, um namoro com uma pessoa só, dentro de uma igreja. E eu escolhi. Foi difícil porque eu tava numa vida louca. E depois eu fui me aperfeiçoando.

Qual igreja?

Só o Senhor é Deus, fiquei três anos e meio. Aprendi algumas coisas, mas não saí de lá porque o pastor saiu, saí de lá porque tinha uma visão maior pra mim e pra minha família e eu conheci a *Church* e o pastor Tiago quando eu saí de lá e eu já conhecia o trabalho deles, mas não pela mídia. Mas sabia onde era, depois quando ele foi pra Brasil eu vi e pensei, aquela igreja que era pequena já foi pra Brasil? Lugar mediano. Falei, nossa, esse pastor tem uma visão legal. Aí eu falei, cara eu tenho que conhecer esse cara. Aí eu fui na igreja a primeira vez e não o conheci, fui lá e tal, a igreja tinha a estrutura que tem hoje, aí conheci por acaso, quando eu fui levar meu filho pra fazer o teste do pezinho na Apae, e ele tava lá mas eu não conheci ele de fisionomia. Aí ele começou a falar no telefone e tal, aí pela forma dele falar eu falei 'ele é o pastor daquela igreja'. Tenho quase certeza, aí cheguei perto dele e falei: você é o pastor Thiago? Não te conheço, mas você é? Aí ele: 'é, sou'. Aí eu, nossa que coisa engraçada. Aí conversamos tal e tal e ele falou vai lá visitar a gente. Aí comecei a ir e não parei mais.

Sua esposa foi junto?

Minha esposa não queria, ela tava um pouco acostumada com doutrina mais fechada, pra ela foi um pouco mais fechada. Mas o pastor e a pastora com a sabedoria grande que eles têm conseguiram conquistar ela. Hoje é diferente.

Quanto tempo você tá lá?

Três anos e meio.

O que você gosta lá?

Lá a gente tem uma coisa chamada liberdade de expressão, né. Você conseguir explicar uma ideia, chegar na liderança, no pastor, você tem a possibilidade de

crescimento bíblico, individual, eu pensei que eu ia somar lá mas eu não tinha nada pra somar ainda (*risos*), quase que eu não conhecia a palavra. Hoje eu leio, eu não tinha conhecimento nenhum eu fui trabalhado lá. Eles veem potencial em mim, lá tem isso, então eu creio que hoje eu tenho muito mais a passar por ter ido pra lá. Lá por não ter essa pegada de doutrina de vestimenta, isso quebra um pouco a barreira. É uma igreja que tem transformado cara. Internamente primeiro. Porque Jesus trabalhava dessa forma, a palavra trabalha externamente.

Tem mais alguma coisa no trabalho da igreja que é forte pra você?

Uma questão do convívio e da preocupação com a pessoa em si, isso chama a atenção na igreja. Porque eles tem uma preocupação grande com você.

Essa preocupação se manifesta como?

Igual eu te falei, exemplo, hoje você entra e o pastor é um exemplo. As pessoas estão vindo pra igreja não por cristo em si, mas por uma mão amiga. Isso tem acontecido muito, a gente tem que usar essa estratégia. Esse abraço, esse saber o nome.

Eles fazem isso com você?

Bastante (*risos*). Agora que eu tive a honra de liderar pessoas...

Você trabalha na igreja?

Me deram uma liderança na questão da música. Na quarta-feira. Eu tive a honra de ter essa responsabilidade. Eles te questionam, te observam pra aperfeiçoar e igreja em si. Porque a igreja precisa passar por uma renovação todo tempo.

Por que você acha que as pessoas vão pra lá? Movidas por outra coisa? O que é preponderante?

Olha, vou colocar um exemplo da pessoa que ela chega e vê uma igreja que tem estrutura diferente, você já quebra, você já é impactada. O cara chega já vê a estrutura toda no meio da igreja. Ele chega ele tem o louvor que não tá baseado na igreja dele. Já pensa 'pô, isso aqui é diferente', aí ele tem uma palavra totalmente diferente do pastor dele. Mas não de ataque, mas de confronto pessoal, depois ele vê o pastor dando o número dele pra todo mundo pra igreja, o cara fica impactado. Depois vê o pastor cumprimentando todo mundo na saída da igreja. Inconscientemente tem uma diferença, eu acredito que esse é um trabalho que não pode se perder. Nas minhas orações é que essa essência, que vem do pastor Thiago, não se perca. Porque vem dele. Se acabar vai ser um avivamento temporário igual muitas igrejas sofreram. Muitas igrejas deram uma caída, mas lá um fervor muito grande. Se continuar a gente vai longe.

M2 Transcrição de pesquisa**Anápolis, 26/10/2015****Membro da Igreja Church in Connection - Jéssica, 24 anos**

Relato de conversão:

Desde criança eu já nasci no lar evangélico, mas quando a gente crescendo é que a gente vai escolhendo mesmo. Eu nunca deixei de ir na igreja.

Qual?

Cristã Evangélica. Eu ia com os meus avós pra escola dominical, foi lá que fez a minha base. Quando fui aprendendo história da bíblia, Jonas, Noé. Depois eu cresci e fui morar com meu pai e ele frequentava a Assembléia. Aí eu fui pra Assembléia do pastor Clarimundo. Mas eu não me encaixava lá, não sei, não me encaixava. Ai eu tinha uns 13 anos, adolescência, aí depois eu comecei a namorar e fui pra igreja do meu namorado.

Evangélica também?

É. Todas evangélicas.

Qual era a igreja do seu namorado?

Betesda. Aí eu decidi ser, porque depois que você vai crescendo você começa a ter curiosidade, não que era a certa, mas que era a que adequava mais ao meu jeito de viver mesmo e à bíblia.

Alguma experiência que te marcou pra você escolher essa religião?

Mais a Bíblia mesmo. A verdade tá na Bíblia. E a religião que pra mim mais combina com o que tá na Bíblia é a religião evangélica. Eu acho que as outras sempre fogem um pouco. Aí na Betesda eu achei lá muito parecido com um culto social. Hoje em dia os evangélicos são muito tachados de religião da moda, é o que o povo fala. Modinha. Muita gente fala que virou moda ser evangélico, na mídia eles falam. Aí eu fiquei lá durante cinco anos porque ele era de lá. Não pela minha vontade. Eu ia pra lá e só ouvia a palavra. As pessoas lá se importavam muito com roupa e tudo mais. Aí eu me casei e era a hora de mim e do meu marido formar uma nova família e uma nova denominação mas sempre seguindo a evangélica. Nunca sairia dessa linha. Aí primeiro dia que eu fui nessa igreja, a gente tava passando e tinha muito carro, ai meu marido falou 'vamos entrar nessa igreja porque eu nunca quis procurar a igreja'. Aí a gente entrou, na hora que a gente entrou foi o que marcou porque a gente foi muito bem recebido. Foi o motivo da gente ter ficado lá, resumindo. Porque são vários jovens na porta e já abordaram a gente, perguntaram o nosso nome, falaram palavras pra gente de sentir confortável, ai a gente entrou, a gente gostou da luz apaga, a gente teve uma liberdade maior de cantar, aí a gente não saiu da outra igreja.

Tem quanto tempo?

Esse primeiro contato foi em abril de 2014.

Foi nesse dia que vocês passaram lá?

Foi. O que chamou atenção foi a abordagem. Aí assim na hora eu olhei pro Isaque e falei 'uai, como assim?' a gente não tava acostumado com isso de jeito nenhum. Aí no outro domingo a gente não conseguiu parar de ir. A gente não deu conta de não ir.

Vocês voltaram uma segunda vez, e o que foi importante?

A postura do pastor, ele saía correndo e ia pra porta cumprimentar um por um. Ai me apresentaram pra ele e logo nas primeiras semanas eu recebi mensagem dele, perguntando o por quê de eu não ter ido. E eu achei estranho porque eu tinha acabado de sair de uma igreja, quase dois meses que eu não ia e ninguém nem me ligou. E meu marido ia lá desde pequeno. Ai eu acabei de entrar em uma e o pastor me mandou uma msg. Foi importante. Eu já tava firmada e um dia a gente foi num acampamento e a palavra foi muito forte, que você não vai pra igreja pra adorar a Deus. Ai você fica meio 'uai como assim?'. O lema lá da igreja, o pastor fala, que é investir em pessoas. Porque deus tá em qualquer lugar. A igreja, na minha opinião, é pra você ter comunhão, é você que precisa. Isso é a diferença da católica pra evangélica. Católica é ritualista. Já nessa igreja eu aprendi que a gente é que deve se santificar.

A luz apaga, o que mais você colocaria como importante? Como elemento que te atrai na igreja.

O apoio um ao outro. E a ideia de ele (pastor) estar sempre ensinando as outras pessoas a serem igual ele. Não é como nas outras igrejas.

O pastor quer que as pessoas sejam iguais a ele. Como é isso?

O pastor é nosso líder espiritual. Ele tem que ter esse perfil de cristo. Ser imitador de cristo. Ele fala muito isso. A humanidade dele, a facilidade que ele tem de falar que ele comete erros. Ele investe muito nas pessoas, tem discipulado tem um monte de coisa. Não são só os domingos. Tem discipulado, eles pegam uma turma e pegam livro, ele e a mulher que é muito ativa, demais. Aí estuda, faz desafio. Eles sempre bolam desafios. Amanhã tem luau de casais. Agora tem pequenos grupos. Mas não é célula. Um pastor cuida, ele disse, de cem pessoas, mas ele não consegue cuidar então ele tem que criar pequenos grupos para as pessoas. Ele pensa muito na frente. Ele falou sobre as tentações, e disse que pra ele a maior é a vaidade. Ele gosta de se vestir bem, bem jovem, e ele admitiu a vaidade. Tem que ser sabedoria pra entender. Ele é muito criativo, ele disse que sempre vai atrás do mentor dele no seminário e o cara vai e fala 'é deus não é você'. Mas eu achei muito legal ele admitir porque um pastor admitir isso...eu achei muito massa ele admitir que é vaidoso. Me fez ficar mais ainda, ver que ele erra. A mulher dele também, ela é pastora, ela fala 'nossa tem dia

que eu acordo com vontade de matar'. Lá aceita muito católico também. Meu cunhado foi aceito, o pastor andou com ele até ele virar evangélico. Ele pega e anda, anda, até a pessoa se converter.

O que você acha de interessante no culto?

As técnicas que ele usa de memorização. Tem gente que critica, mas a gente é humano, técnica de memorização é usar, por exemplo, a cobra e a pomba. É gravar, você grava. Porque no culto tradicional ninguém lembra o que ouviu no culto passado. Eu lembro de coisa de abril do ano passado. Pela técnica. Achei interessantíssimo. Nossa muito massa. Uma vez ele usou barco de papel gigante, chamou gente no meio da igreja, ele é muito criativo.

Eles investem muito em crianças. É uma igreja de criança, faz um culto como se fosse normal, tem o louvor, tem a oferta, nossa é muito, igual a pastora falou, quer coisa melhor do que você já começar desde criança? Ele investe muito em criança. Eles criam a gente pra ser alguma coisa.

Eu acredito que se não fosse o pastor, a gente teria separado. Ele falou pro Isaque quando ele chamou pra conversar, foi rápido, ele pegou o Isaque e o que eu pude saber era que ele não queria saber se ia ou não divorciar. É que é assim, casou, Deus abençoa. Agora aguenta. Divórcio não. Ele disse que não ia nem tocar na palavra divórcio. E o que o pastor disse fez meu casamento melhorar ainda mais depois da conversa. Ele foi fundamental. Se eu tivesse sozinha ou na outra igreja, eu tinha separado. O apoio foi fundamental. Lá tem muita atividade de casais. Às vezes fazem as mesmas coisas, mas tem muitas práticas. Dinâmicas. Eles fazem muito isso. Todo mundo quer ficar perto do pastor e da pastora, aí eles combinam quando saem do culto no domingo, eles chamam pra comer, umas 20 pessoas. E ele fala que se alguém quiser encontrar com ele, é só marcar com a secretaria que ele vai. A gente vai comer pizza, fica aquela mesona. É muito legal.

M3 Transcrição de pesquisa
Anápolis, 26/10/2015
Membro da Igreja Church, Hanna, 47 anos

Relate pra mim sua experiência religiosa, como foi? Quais igrejas você frequentou e porque está na *Church*?

Minha conversão foi em agosto de 2000. Eu tava levando uma vida muito errada e de tanto as pessoas falarem pra mim 'olha, você precisa consertar' de fato eu vivia mergulhado no álcool. Dependente do álcool. Então um dia eu resolvi parar de beber e depois disso que eu fui entrar na igreja. Então foi só depois de deixar o álcool. Agosto de 2000 até maio de 2001 eu estive na Igreja Batista Central. Aí eu fui pra igreja Internacional da Renovação e fiquei até março de 2014, quase 13 anos lá. Agora em outubro do ano passado, estou na *Church*, já tem um ano.

O que mais te chamou atenção na *Church*?

Eu caí lá de paraquedas. Eu tava procurando uma igreja pra congregar porque minhas filhas tavam muitas desatentas. Uma tem 26 e a outra 24. E a gente via que elas tavam muito distantes, iam pro culto e era a mesma coisa de estar em casa vendo filme. Então a gente resolveu, eu e minha esposa, procurar alguns lugares. Visitamos varias igrejas. E um dia elas falaram que queriam ir nessa tal de *Church*, mas que tinham medo da gente não aprovar porque era uma igreja meio diferente, e a gente foi e gostamos muito. O que mais me fascina lá é que o pastor Thiago prega muito bem. É uma coisa que eu gosto de ouvir ele pregar. Mas o que acontece lá de luz apagada e o estilo de louvor pra mim não influencia.

Suas filhas gostam?

Elas gostaram e por gostarem a gente acabou ficando. Acabou envolvendo dentro da igreja.

Qual o tipo de, você percebe alguma novidade em relação a outras igrejas? Existe um diferencial?

Eu vejo assim essa questão do culto temático, não tem uma rotina, cada dia é uma coisa diferente que tem lá. Isso ai tem ajudado bastante. Por ter esse culto temático ela possui um diferencial. O pastor Thiago sempre explica essa questão da luz apagada, o foco no pregador, o único ponto de luz que tem é nele, então ajuda e evita as pessoas de ficarem brincando ali no celular. Eu achei interessante isso. De fato, às vezes tô na intercessão à tarde e acabo percebendo que as pessoas não estão tão desatentas. Existem aqueles que vão pra igreja e é a mesma coisa de não ir.

Você percebeu um crescimento da igreja nesses últimos meses? Você acha que isso foi devido a que?

A notícia que espalhou. Ela se tornou uma igreja conhecida, famosa de nome, e muita gente quer experimentar. 90% das pessoas que vão lá, saíram de alguma igreja pra ir pra lá. Decepcionados com alguma coisa, visitou, achou diferença e ficou.

Essa diferença primordial está onde?

No acolhimento, a recepção pra nós foi fundamental. Desde o primeiro dia que nós pisamos naquela igreja, o que marcou a nossa vida foi ali. O pastor já queria uma conversa. A receptividade dos diáconos, do pessoal de apoio, isso é um diferencial. Principalmente pros jovens. O culto deles lá é uma loucura, é uma coisa diferente, 10h da noite começar um culto!! Hora dos jovens tarem indo pra balada. Uma coisa diferente, isso atrai as pessoas. No meu modo de ver, eu acho que o que mais impressiona é essa alegria dos pastores em querer conhecer você, independente de qualquer coisa. A pessoa fala 'a primeira vez que eu pisei aqui o pastor veio querer saber meu nome, telefone'.

Além do culto temático, dessa proximidade do pastor com os membros, o que mais tem peso nesse crescimento?

Por ele ser muito inovador, ele não quer ficar na mesmice, ele não busca um ritual, uma liturgia. Todo culto é diferente, muitas vezes nós fomos surpreendidos, você espera que vai começar o culto e não é o culto, passa pra oferta. Às vezes a ceia é antes ou depois. Ele dá liberdade. Isso me atraiu. Pra mim é um fator.

M4 Transcrição de pesquisa
Anápolis, 26/10/2015
Membro da Igreja Church, Paulo, 22 anos.

Como foi sua experiência com a religião, com o cristianismo?

Eu cresci berço num meio católico, minha mãe era freira. Antes eu ia pra igreja meio forçado, na casa da minha avó nunca a gente chegou num consenso. 2011 eu acabei o ensino medico ai no final de ano foi meio vazio, triste, aí eu e meu primo fomos pra esquina de casa. Ai la na frente tem uma igreja. Aí ele 'poxa nós podia ir lá' mas ele já era evangélico, eu não era. Eu não tinha visão de como era igreja. Ai num domingo a gente foi, foi o primeiro domingo de janeiro de 2009, antes eu não tinha noção do que era.

Sua experiência foi nesse dia? Como foi?

Fui pegado pelo louvor (sic), não lembro ao certo, não foi o pastor que pregou. Era o presbítero. A partir de lá me senti diferente, lá o povo leia a bíblia, achei legal cantar e pular acho isso contagioso. Ai quando acabou o pessoal vinha.

Qual igreja era?

Presbiteriana. Do lado de cá da Brasil. Mas foi isso, aquela coisa de amigos que eu não tive antes. Na igreja me tratou como diferente.

Sobre a *Church*:

A partir do primeiro culto eu procurei mais 'nossa quero vir no domingo que vem', foi indo, foi indo. Aí logo depois eu conheci o pastor quando ele voltou de férias, aí veio aquela coisa, aquele amor meio diferente de cuidado que eu não tinha do meu pai e minha mãe. Começou a ficar tudo diferente. Aí antes lá na base eu fui pra quarentena e lá eu lia a bíblia todo dia um pouco. E um pouco que eu aprendi na igreja eu converti um menino lá dentro do quartel, na quarentena. Eu fiz ele acreditar em jesus, trouxe ele pra igreja, conheceu o pastor e a pastora. Não sei como tá a vida dele hoje, mas tenho pra mim que consegui transformar uma vida através de uma coisa pequena. Através da escola dominical, através daquelas pessoas, como e que fala, tipo escola que tem, seminário. Thiago (?) foi um cara que eu aprendi muito e através dele eu levei conhecimento pra esse cara. O contato foi diferente, a partir disso eu fui pegando mais amor, aprendi o que é certo o que é errado. O que eu aprendo do pastor, com a palavra, penso 'quero ser igual a esse cara', os jovens são exemplos. Lá eu tenho uma família que eu não tive.

O que te chama atenção no culto?

O culto é diferente. O que me chama atenção é o louvor.

Em outras igrejas você não via isso?

Eu nunca procurei outra igreja porque eu me senti tão bem na minha igreja, tão bem. A igreja não é o pastor, é a gente, a gente que faz a igreja. Hoje eu me sinto muito bem lá. Nenhuma me fez sentir tão bem igual a *Church*.

Toda segunda tem um grupo que eu tô sempre. Lá você pode ser você mesmo. Não precisa ter vergonha de nada. Tem o futebol, tem evangelismo.

Evangelismo a gente faz um bate bola no sábado, aí a gente vai lá num bairro pobre, dá a palavra, dá o alimento, pra transformar as pessoas. O evangelismo que a gente faz é importante. A pastora é muito de missões. Eu gosto de diaconato. Eu faço tudo pra Deus. Às vezes você nem escuta a palavra, mas volta pra casa transformado, melhor.

Tem gente que fica triste quando não é escalado no culto domingo 'poxa eu queria tá lá!'. Mas tem que dar oportunidade pro outro né? Mas é diferente, o diaconato pra mim é diferente, você trabalha pra Deus, pro pastor, pro pessoal que tá na igreja. Isso me dá alegria. Que massa. Às vezes chego cansado, mas fico animado porque vou arrumar a igreja, você nem vê a hora passar. Queria que as pessoas sentissem a mesma coisa que eu sinto. A igreja cresceu. Em 2011 o pastor teve uma visão de crescer e mudar o Brasil, tinha gente que não concordava, mas o pastor insistiu.

M5 Transcrição de pesquisa
Anápolis, 04/11/2015
Membro da Igreja Church, Ester, 21 anos

P: Como é que você veio para a igreja? O que te chamou a atenção nesta igreja? Me fale de sua experiência.

E1: Eu era da Batista Central. Eu Conheci a *Church* através da C., uma advogada que trabalha aqui na igreja. Ela faz parte do departamento de ação social. Ela trabalha numa clínica de recuperação onde meu irmão se internou. Através dela a gente conheceu a igreja, aí eu vim, gostei, e fiquei três anos. Três anos e quatro meses.

P: Qual a diferença da igreja que você estava antes pra essa? O que mais te chamou a atenção? O que te fez mover?

E1: Eu tava na Batista e vim pra cá porque tinha mudado pro centro e não tinha ninguém pra me levar e minha casa é pertinho, aí minha família veio toda pra cá. Meu irmão que ainda na época tava na clínica congrega aqui, se casou aqui.

P: Onde foi sua conversão?

E1: Eu me converti na cidade onde eu nasci, Barro Alto de Goiás. Eu sempre fui batista e agora sou presbiteriana.

P: A batista é pentecostal também?

E1: A batista central de Anápolis não é pentecostal não.

P: É uma igreja tradicional?

E1: É, do pastor Jesus. Aqui em Anápolis acho que é a maior igreja missionária que tem.

P: Na sua experiência de igreja o que te faz gostar daqui?

E1: Da *Church*? Acho que é a visão da igreja, nosso pastor é bem criativo, né. O culto é, por exemplo, uma forma, a gente trabalha com culto temático e é uma forma de atrair mais pessoas. O culto de jovens, por exemplo, nosso culto começa as dez horas da noite, vinte e duas horas, e foi uma forma a gente fez uma reunião e todo mundo consentiu que seria bom fazer esse horário porque a galera que saia das outras igrejas vinha pra nossa e a gente fez uma experiência muito massa uma vez de uns amigos que entraram lá na igreja e aí cumprimentaram: 'ah é a primeira vez que vcs tão vindo' aí eles falaram 'pra ser sincero a gente tava indo pra uma festa e ai a gente passou aqui na porta e viu a igreja aberta e a gente nunca tinha visto uma igreja aberta às dez da noite aí a gente entrou pra ver o culto e ficou'. E não foram pra festa. (*risos*)

P: Você achou isso uma coisa bacana?

E1: Eu achei muito massa porque assim de certa forma atrai porque o nosso culto termina meia noite, quase uma hora da manhã então uma galera sai das outras igrejas direto pro culto de jovens. Tem gente da assembleia, shalom, várias outras e vem pra nossa.

P: É animado? Dá muita gente?

E1: É bem animado. Dá muita gente.

P: Mais que no domingo?

E1: Não, que no domingo não. A única vez que eu vi dar mais do que no domingo foi a vez do Johnatas, um comediante que veio. Ele veio e aí veio mais do que no domingo. Não tinha mais lugar pra ninguém sentar, tinha gente sentada no altar.

P: Nesses anos que você tá na igreja, o que foi importante? Um dia, um momento, algo que foi significativo pra você e que você guarda.

E1: Pra mim? O forte do ministério da *Church* é transformação e quando eu entrei na igreja eu estava noiva, terminei o noivado e comecei a passar por um processo de libertação porque tive problema com rejeição e como eu tinha muito ódio do meu pai eu não tinha Deus como pai. Então eu comecei um processo de libertação fui acompanhada pela pastora X. e o que me marcou na *Church* foi isso, o forte que é transformação. E nós temos pastores que investem na gente. O que me marcou até hoje foi isso. Eu entrei por causa do meu irmão mas eu permaneci não por causa dos meus pastores mas pelo amor que eu tenho a Deus hoje. E a igreja, os nossos pastores em si eles têm Deus tão forte na vida deles que eu costumo dizer que chegar perto da pastora é sentir vontade de chorar porque eles são extremamente usados por Deus. Eles são pessoas que investem em pessoas também. Eles investem em ministério. Eu sou a prova viva disso, eles têm investido no meu. Mas o que me fez ficar na *Church* foi isso, o que marcou minha vida na *Church* foi isso. Foi o processo de transformação que eu passei, o processo de libertação.

P: Isso foi o mais forte?

E1: Pra mim, foi. Porque pelo o que passei, pelo o que eu era. E foi o que mudou a minha vida. Foi o que o pastor mostrou.

P: O que você lembra da sua vida de evangélica, desde sua conversão, alguma coisa nessa intensidade?

De quando eu me converti? Lembro. Eu lembro de quando eu me converti, eu tenho seis anos de batizada e sete de conversão. Mas que eu fiquei firme firme na presença de Deus vai fazer só dois anos. Porque eu me converti por converter porque eu não tinha nada pra fazer da vida.

P: Foi por alguma experiência?

Não. Pelo o que eu passei, eu me converti por converter porque eu tava na igreja mas não me importava com nada. O que me marcou na *Church* foi porque aqui, não pela igreja, mas foi aqui que eu tive um contato verdadeiro com Deus.

P: Esse encontro com Deus, você pode relatar? Foi um dia específico, acontece muitas vezes, é um estado emocional?

Pra mim, o meu encontro com Deus foi o seguinte, eu tive muitos problemas com rejeição como já eu falei. Então pra mim a minha imagem de Deus era o meu pai que Deus era ruim comigo, que ele um carrasco, que era ruim. Pra mim a imagem que eu tinha de Deus era um senhor ruim, enjoado, ruim. Que só fazia coisa ruim e não tava nem aí com nada. Essa era a imagem que eu tinha. Aí eu comecei a ser acompanhada pela pastora e quando foi um dia eu tava com a minha pastora e ela disse minha filha você precisa orar, você precisa conhecer Deus, você precisa ter um encontro com Ele. E eu não sabia mesmo porque eu não me importava em falar com Ele, pra mim não fazia diferença. E aí quando foi um dia eu tava lendo um livro e fui orar e tive uma experiência com Deus. Fora da igreja. Tava na minha casa, no meu quarto, abri a bíblia e li João “Deus amou o mundo de tal forma...”. Orei e falei gente Deus amou o mundo. Aí foi quando comecei a ser ministrada em relação com amor de Deus. E como eu tinha problema com rejeição eu tinha complexo de inferioridade me achava feia. E aí foi quando Deus começou a ministrar dizendo minha filha eu não te vejo assim eu sei qual pensamento você tem a seu respeito mas eu prefiro que você saiba o que eu penso.

P: Você sentiu isso?

E1: Senti.

P: No seu quarto?

E1: No meu quarto. E eu comecei a chorar e aí eu fui orar e Deus foi ministrando no meu coração e me senti como se eu tivesse sendo abraçada aí eu não conseguia parar de chorar e meu pensamento foi o seguinte, gente eu sou amada, sou cuidada e foi quando eu comecei a ter meu encontro com Deus. Aí um dia eu cheguei e falei pastora aconteceu tal coisa e tô sentindo diferente, não tô me vendo mais estranha do jeito que eu era porque me via muito esquisita. Aí eu falei pastora não tô me vendo assim mais, tô diferente. Aí ela disse Deus tá ministrando no meu coração. Aí um dia Deus falou ao meu coração que ele entendia que eu era tão complexada por causa da rejeição mas que ele ainda (...) que meu pai carnal havia feito tudo aquilo comigo ele tinha cuidado de mim e o amor era incondicional e eu entendi que ele não era o meu pai terreno e comecei a ver de outra forma, é pai que cuida, exorta quando precisa e que Ele fala na bíblia adverte aos filhos que o amem. Comecei a entender tudo o que tinha acontecido na minha vida e comecei a ver Deus como meu pai celestial, e não como pai carnal que ia me fazer mal.

P: Você diria que essa experiência foi um divisor de águas? Foi em casa, né? Uma experiência singular?

E1: Foi em casa, eu tava fazendo um estudo e foi.

P: A sua conversão lá atrás era, na verdade, foi conversão agora?

E1: Foi

P: Você tinha conhecimento de igreja e tal?

E1: Aham. Mas eu ia por ir. Não tinha nada pra fazer da vida

P: Hoje você tem prazer de vir à igreja?

E1: Tenho, gente, eu amo

P: O que mais você gosta? O que vem na sua mente?

E1: Adoração. O louvor. Eu louvo no meu quarto, ajoelho, levanto a mão. Eu amo a palavra gosto muito de bíblia, mas a coisa minha com Ele é a adoração que eu canto. Gosto muito de cantar pra ele, tô aprendendo a tocar violão pra ficar mais massa. No louvor eu não tô nem aí, eu grito, eu rio, eu choro, eu pulo, eu faço o que for preciso porque Ele é digno de ser adorado que fomos feitos pra isso. A bíblia diz que todo ser que respira louva ao senhor então eu canto pra Ele, entendi que até uma flor por mais bela que ela seja, aquela beleza é pra louvar a Deus. A natureza é linda, imagina como que não é o criador. Aquele que criou deve ser maravilhoso com certeza.

P: Sua experiência é muito interessante. Não é movida pela instituição?

E1: Não, é minha com Ele.

P: Então quando você pensa em vir pra *Church* você pensa no louvor, na vontade de louvar?

E1: Eu amo a *Church* em tudo. A igreja é excelente, mas a especialidade minha é louvor, eu gosto de cantar, de adorar de exaltar.

P: Quando você pensa em felicidade, sem qualquer influência, o que é felicidade pra você?

E1: De verdade? Assim minha felicidade eu tenho

(*interrupção*)

E1: Felicidade, felicidade. Assim, eu já tenho porque eu sirvo a Ele. Mas coisa minha de felicidade minha eu tenho um amor muito grande pelo povo do oriente médio. Por muçulmanos eu tenho uma paixão muito grande. A felicidade, eu vou dizer um sonho que eu oro pra que aconteça que eu tenho um país específico pra interceder que é a Índia mas eu queria, ia ficar muito feliz se eu visse todos os muçulmanos convertidos.

Eu oro por isso. E eu digo que cada muçulmano que se converte eu tenho um dedo porque eu oro por isso. Mas felicidade felicidade seria isso. Eu queria ver muçulmano convertido.

P: E coisas da terra, sem espiritualizar. O que você gosta?

Que eu gosto? Gente, eu gosto de ouvir reggae. Andar de skate. Felicidade coisa terrena eu gosto de ouvir reggae, gosto de natureza, sou bem *roots*. Não consigo falar sem falar de Deus, natureza é a coisa mais linda que tem, fui pra um retiro e procurei uma cachoeira e pensei como é lindo como Deus é maravilhoso.

P: Quando você pensa em igreja em termos gerais, o que vem na sua mente? Tem alguma imagem?

Não. De templo não. Mas de pessoas. Igreja não é estrutura física. Eu sou templo do espírito santo, logo, eu sou a igreja. Jesus quando chegou e o templo foi destruído ele disse, olha, no terceiro dia vai ser reconstruído mas eu não habito mais aí, vou habitar em você. Então entendo que eu sou igreja. Não é um endereço. Eu que santifico o lugar. A igreja não tem ideia de igreja lugar físico. Eu sou a igreja.

ANEXO 3

**H1 Anápolis, 19/09/2016 ENTREVISTA - Histórico IPR Anápolis.
Pastor Noildo Modesto Carneiro (aposentado como pastor pela IPRB)
Nascimento: 07/04/1936**

Começou a frequentar “um trabalho evangélico pentecostalizado na Av. das Nações, próximo à Feira Agropecuária”. O local era alugado e os membros desse trabalho “buscavam o batismo com o Espírito Santo, falar em línguas e outras manifestações dos Dons do espírito”.

“Muita gente foi mudada, alcoolistas pararam de beber e começaram a trabalhar e frequentar as reuniões”.

“Naquela época as doutrinas eram pregadas e cumpridas como por exemplo as mulheres usando roupas decentes, saias, cabelos cumpridos e outras coisas. As pregações da Bíblia eram importantes e a ênfase era de que Jesus ‘cura, salva e batiza’. Tinham também muitas expulsões de demônios. Muitas pessoas pediam orações e eram atendidas. Muitos foram curados, até de câncer uma mulher foi curada, e, eu presenciei isso.

“Veio de Brasília, algum tempo depois, o pastor Marcos Antonio Pereira e eu penso que ele foi o primeiro pastor da IPR em Anápolis.

Hoje frequento a Igreja Assembleia de Deus.

H2 Anápolis, 19/09/2016 ENTREVISTA - Histórico IPR Anápolis.
Nora Sillas Wind. Professora aposentada e fundadora da IPR de Anápolis
Data de Nascimento: 08/06/1930
End. Rua Firmo de Velasco, 960

Eu e minha mãe (Tomásia de Oliveira Brasil) éramos membros da Igreja Metodista à rua Firmo de Velasco. Minha mãe era professora da escola dominical. Quando ocorreu o avivamento minha mãe foi batizada com o Espírito Santo e passou a falar em línguas estranhas. O pastor da Igreja Metodista à época não aceitou e tirou a função de professora da minha mãe. Depois eu também aderi ao movimento e tive que sair da igreja.

Fomos congregar junto a pessoas avivadas que se reuniam na rua Benjamin Constant, num galpão que meu tio Professor Pedro Brasil, deu para que ocorressem as reuniões. Isso foi durante o ano de 1972. Mais tarde meu tio Pedro Brasil doou o galpão e o terreno para a Igreja, quando essa se organizou. Muitas pessoas estiveram por lá. Gente que saiu de outras igrejas como o pastor Rivadávio e sua esposa Maria Eleonor, que ainda estão na IPRB e que vieram da Igreja Cristã Evangélica.

Naquela época era corrente o uso dos Dons Espirituais, falar em línguas, expulsar demônios, ter revelações e visões. Também os usos e costumes eram exigidos, embora o central fosse a pregação da “Palavra”. As mulheres não podiam ser pastoras mas, podiam atuar como professoras da escola dominical.

H3 Anápolis, 23/09/2016 ENTREVISTA - Histórico IPR Anápolis.

Pastor Jeovani da Cunha – Pastor da 4ª IPR de Anápolis
Nascimento: 29/12/1944

O relato do pastor começa com o dia da sua conversão: “sai de casa para ir ao cinema Santa Maria e, antes de entrar no cinema, um amigo me convidou para irmos na Avenida Goiás, numa casa onde se reuniam jovens da Igreja Quadrangular, era uma segunda-feira. Ouvi a leitura da Bíblia e muita gente orando e falando em outras línguas. Me lembro que Deus falou comigo através de uma pessoa e disse: “Você procura paz e não tem paz, se você vier a mim Eu irei até você e farei uma tenda na sua casa”, comecei a chorar muito. Confessei meus pecados e disse para Deus em oração que se ele me ajudasse a não fazer as coisas que eu gostava de fazer, fumar, beber e sair com garotas, eu me entregaria a Ele e o serviria até o fim da minha vida. Sai de lá aquela noite e joguei a carteira de cigarros na lata de lixo.

No outro dia eu voltei e na quarta voltei novamente e durante as orações eu falei em línguas.

Comecei a frequentar a Igreja do Bom Pastor, na periferia da cidade de Anápolis. Era uma Igreja Presbiteriana que reunia pessoas que eram avivadas e tinham ido parar lá por orientação do Pastor da Igreja Presbiteriana Central de Anápolis, Aristeu de Oliveira Pires. Esse pastor era aberto ao movimento e enviava os avivados para lá para que eles não tivessem problemas com a instituição Presbiteriana que era conservadora.

“No final fiquei mesmo na Igreja Cristã Evangélica. Os estudos bíblicos que lá se realizavam me atraíam muito, eu aprendia a Bíblia” mas eu “frequentava igrejas avivadas concomitantemente”.

Me lembro que em uma dessas reuniões que eu frequentava durante a semana, fui parar no trabalho realizado pelo pastor que trabalhava em Asas de Socorro, uma missão americana, seu nome era Paulo Luz. Nesse dia vi a manifestação de Deus com muito poder. Todas as pessoas que estavam lá foram batizadas com o Espírito santo.

Em 1974, dia 31 de março, eu e muitos outros irmãos, saímos da igreja Cristã Evangélica e passamos a nos reunir nas casas dos irmãos. Na Avenida Pedro Ludovico frequentávamos um trabalho avivado com o nome, se me lembro bem, de Calvário. Alguns irmãos que estavam comigo fundaram um trabalho denominado “Tabernáculo de oração”. Outra parte dos irmãos fundou a Igreja Cristã Evangélica Avivada (ICEA).

Com o pastor José Berto passei a frequentar a igreja Presbiteriana Renovada, funcionava num galpão na rua Benjamim Constant. O galpão era do Professor Pedro Brasil.

Nós orávamos muito, pregávamos muito na praça Bom Jesus e na zona de prostituição da cidade. Um dia entramos numa casa dessa e pregamos para todas as prostitutas e elas com o passar do tempo mudaram de vida e muitas se casaram. Foi um milagre.

Eu sai da ICEA e fui para a Igreja Presbiteriana Renovada, onde estou como pastor até hoje, na 4ª igreja.

Deus continua me mostrando as coisas do mesmo jeito até hoje. Um dia minha mulher adoeceu e eu fui para a igreja e fiz jejum por muitos dias. Deus me mostrou que teria lutas. Minha mulher teve um problema no seio e se submeteu a duas cirurgias que não funcionaram e iria para uma terceira cirurgia.

Antes do dia da cirurgia Deus me mostrou uma irmã em oração, a qual eu devia procurar. Eu conhecia essa irmã que morava no bairro Jaiara. Eu fui lá e ela me levou para a igreja onde era faxineira. Na porta, quando estávamos chegando eu vi um irmão parado, em pé, em frente à igreja. Eu disse “Paz de Senhor” e ele me respondeu, e, disse que Deus o enviara em jejum até ali para orar por alguém, por isso ele esperava. Eu disse para ele que a espera terminara pois eu era a pessoa que precisava da oração. Mostrei a ele minha mulher, mas não falei nada do problema dela. O irmão orou e disse ver mãos brancas estendidas sobre o seio de minha mulher. A cura foi imediata, o seio da minha mulher parou de doer, a cirurgia foi suspensa e o médico me falou que nada mais havia de doença. Foi um milagre.

Nos dias de hoje não vejo o fervor de antes. Deus é o mesmo mas ninguém quer orar. Dar tempo para Deus.... O homem afastou-se de Deus. Antigamente nós íamos em acampamentos e passávamos o tempo orando e jejuando, mas, hoje, se não tiver jogos, brincadeiras e outros atrativos os jovens não vão.

**H4 Anápolis, 02/10/2016 ENTREVISTA - Histórico IPR Anápolis.
Ex-presidente do presbitério de Anápolis da IPRB - Antônio Lopes de Souza Filho**

Nos relatou uma questão relacionada ao Pastor Thiago Vinícius Cunha com as seguintes palavras: “A decisão do pastor Thiago Vinicius Cunha em abrir uma Congregação da sua igreja em Goiânia no ano de 2015, sem consultar o presbitério, era contrário à instituição e causou mal-estar”.

“Em reunião com a sua Igreja o pastor Thiago relatou que a IPRB estava com uma visão muito limitada e que a separação da denominação era necessária, foi isso que soubemos”.

“Sem querer criar confusão nós (IPRB – Brasil Central) fizemos uma assembleia e deixamos que a igreja do pastor Thiago saísse da IPRB e ficasse com o patrimônio que eles tinham, que não era muita coisa. O lugar do templo mesmo era alugado. O Estatuto da IPRB determina que todo o patrimônio fique com a denominação, mas, nós resolvemos não criar problemas”.

ANEXO 4

T1 Ministração do Pr. Thiago Vinícius Cunha - Church in Connection 29/03/2015

Olhe pra sua direita, pra sua esquerda. Fala assim que bom que você veio, que bom que você está aqui. Fala: “Deus tem uma palavra pro seu coração hoje”, “Amém”? Em nome de Jesus. Queria que você abrisse a sua bíblia ou quisesse acompanhar na projeção ou abrir seu *smartphone*, seu *tablet*, em Atos capítulo 13, Atos dos Apóstolos capítulo 13, versículo 36. Atos dos Apóstolos capítulo 13, versículo 36. Atos dos Apóstolos capítulo 13, versículo 36. O texto diz assim: “tendo pois Davi servido ao propósito de Deus em sua geração, adormeceu e foi sepultado com os seus antepassados”. Vou repetir. Tendo, pois Davi servido ao propósito de Deus em sua geração, adormeceu, foi sepultado com os seus antepassados. Amém?

Amados esse texto de atos dos apóstolos é um texto que fala acerca de um homem que é uma figura emblemática do antigo testamento. Que foi o único homem que foi considerado um homem segundo o coração de Deus, Davi. E nesse texto a palavra é que Davi, ele cumpriu o propósito de Deus na sua vida e após ter cumprido o propósito de Deus na sua vida ele faleceu, ele foi sepultado, mas é interessante observar que Davi na sua geração foi um dos poucos homens que conseguiu atingir o propósito de Deus. Foi um dos poucos homens que conseguiu atingir o propósito que Deus tinha estabelecido para com a sua vida e o autor achou tão importante isso que o autor menciona dizendo que Davi foi esse homem que conseguiu atingir esse feito maravilhoso que foi atingir o propósito de Deus. E a pergunta que me levou a reflexão durante alguns meses e algumas semanas, alguns domingos, é ‘quais são esses propósitos de Deus?’ Afinal quais são os propósitos que Deus tem para a sua vida e para a minha vida. O que Deus sonha com você e o que Deus sonha comigo? E será que nós estamos cumprindo da mesma forma como Davi cumpriu e será que nós estamos marcando a nossa geração? Olhe para a pessoa do seu lado e fala assim você é chamado pra marcar a sua geração. E aí você pergunta pra ele, mas como vamos marcar a nossa geração? Como que eu vou marcar a nossa geração? Através do cumprir o proposito de deus. E hoje eu quero fazer uma recapitulação de tudo aquilo que nos falamos na nossa ultima ministração dessa serie, quais são os propósitos de deus para com as nossas vidas. Para que venhamos refletir e pensar será que durante todos esses domingos que nos ouvimos será que nos colocamos em pratica aquilo que deus tem ministrado em nossos corações? Quando eu olho a figura de Davi eu vejo que Davi foi um homem que conseguiu cumprir o proposito de deus na sua vida porque Davi foi um dos poucos homens que foi um adorador ao senhor e eu vejo que o primeiro proposito de deus, recapitulando a primeira pregação que eu fiz há muitas semanas atrás é a adoração. Você foi criado para adorar a deus. Olhe pra essa pessoa que esta do seu lado e fala assim você foi criado para adorar a deus.

Pastor Thiago, mas o que é adoração? Durante todas as nossas vidas ou durante o nosso caminhar, durante o nosso cristianismo dentro de uma igreja somos ensinados

que adoração é este louvor mais calmo é este louvor que repete algumas palavras, que você levanta suas mãos, que você sente algo diferente e se você acompanhar a vida de Davi você nunca vai observar ele fazendo coisa similar a essa porque adoração não é levantar as mãos, adoração não é repetir uma canção, adoração não é sentir algo diferente, nada disso. Adoração é muito mais. Adoração segundo os padrões de Deus e segundo o propósito de Deus na sua e na minha vida é fazer com que Deus venha ser o centro de tudo e todas as coisas da nossa história. Não tem como você ser um adorador não tem como eu ser um adorador se Deus não for o centro da nossa vida. Não tem como você ser um adorador de excelência e eu ser um adorador de excelência se Deus não for o centro da nossa história. E sabe porque eu acho fantástico a vida de Davi? É que a vida de Davi era uma vida de adoração porque Deus era o centro de tudo e de todas as coisas. Muitos de nós colocamos a nossa carreira, nossa família, o esporte, um passatempo, o dinheiro, a diversão, a amizade, tantas coisas como centro da nossa vida e muitos de nós estamos passando, estamos vivendo, estamos distantes do propósito de Deus porque não entendemos nada acerca da adoração. No salmo 34 verso 10 o texto diz assim, 'os leões podem passar necessidade e fome, mas os que buscam o senhor, os que adoram o senhor de nada tem falta'. A visão do salmista Davi era que se ele fosse um adorador, que se Deus fosse o centro da sua vida, ele não precisaria de nada porque todas as coisas seriam supridas em Deus. Meu irmão, no nome de Jesus você precisa entender isso. Deus trouxe você aqui nessa igreja hoje e todos os outros domingos pra você compreender essa verdade. Deus quer ser o centro da sua vida porque ele quer tornar você um adorador, ele quer fazer de você um adorador por isso ele está te chamando. Deixa eu ser o centro da sua vida, deixa todos os caminhos, todas rotas "converger" para a minha presença porque isso é ser um adorador. Adoração é quando a centralidade da vida é Deus. E a vida de Davi é essa vida que Deus era o centro por isso Deus vai dizer que Davi cumpriu o propósito. Cumprir o propósito nessa terra é: Deus precisa ser o centro. Olha pra essa pessoa que tá do seu lado e fala assim 'Deus precisa ser o centro da sua vida.

O segundo propósito que eu vejo na vida de Davi, que eu vejo Deus querendo realizar na sua vida e na minha vida é fazer com que eu e você venhamos imitar Cristo Jesus. Quando eu observo a vida de Davi, eu observo um homem que tinha uma preocupação de ser igual a Deus. Henrique (?) tem uma frase que me chama muita atenção que é a seguinte: Deus não está preocupado com aquilo que você faz. Vou repetir: Deus não está preocupado com aquilo que você faz, mas Deus está preocupado com aquilo que você é. Porque quando você é um imitador de Cristo Jesus tudo aquilo que você faz será semelhante a Cristo Jesus, mas quando você não é um imitador de Jesus tudo aquilo que você faz não imita. A sua forma de ser, a sua forma agir, a sua forma pensar. Por isso que o segundo propósito de Deus na sua vida e na minha vida é nos tornar semelhantes a Cristo Jesus e fazer com que você tenha um desejo em ser semelhante a Jesus. No Salmo 51, verso 10 é o salmo que Davi está em processo de restauração após ter cometido um adultério, após ter cometido um homicídio, ele declara as seguintes palavras: cria em mim um coração puro, óh

Deus, e renova dentro de mim um espírito estável. Sabe o que é que é ser semelhante a Jesus? Não é ser uma pessoa que nunca erra, que nunca falha, que tem uma veste de santidade que reflete a glória de Deus em todos os momentos, não. Ser semelhante a Cristo Jesus é ter um coração disposto a recomeçar todos os dias e se tornar uma pessoa melhor. Porque caráter você não desenvolve de um dia pra noite, você não desenvolve após uma ministração como essa. Caráter leva-se uma vida inteira para que você adquira de acordo com Cristo Jesus. E nós precisamos compreender isso e por mais que venha ser uma vida ser semelhante a Jesus eu não posso desistir e desanimar porque esse é o propósito de Deus, é tornar você um pequeno Cristo aqui nessa terra.

Sabe qual é o propósito de Deus? É que um dia alguém olhe bem pra você e diga assim: eu vejo Jesus em você. O segundo propósito de Deus é que alguém olhe bem fixo nos seus olhos, talvez o seu chefe, sua mãe, um amigo, talvez alguém no trânsito e diga assim: eu estou vendo Jesus em você. Porque esse é o propósito de Deus, Deus criou você pra você ser igual a Jesus. Como Deus me criou para que eu venha a ser igual a Jesus. Também há este homem que tem o desejo de ser igual a Deus, que não concorda com os seus erros e tenta ter um coração segundo o coração do Senhor, e é isso que precisa existir na igreja de Cristo. Um coração disposto a ser igual ao de Jesus. Eu preciso acordar todos os dias e colocar como alvo da minha vida, com objetivo de minha vida, como propósito da minha vida, eu preciso ser como Jesus hoje. Eu preciso olhar pra minha esposa e declarar eu preciso ser como Jesus é, pra minha esposa. Eu preciso olhar para os meus filhos e declarar eu preciso ser como Jesus é, com os meus filhos. Eu preciso ser como Jesus porque este é o propósito de Deus. Olhe para o seu irmão e fala assim você é chamado para ser igual a Jesus.

O terceiro propósito que eu vejo na vida de Davi e que eu vejo que é o propósito de Deus para a sua vida e para minha vida se chama relacionamento, repita comigo: relacionamento. Amados, nós amamos nos relacionar, eu amo relacionamento, amo. Ontem era quase que horas, Thiago? Duas da manhã. Nós fomos num casamento, os convidados foram embora, os padrinhos foram embora, o noivo e a noiva foram embora, os organizadores da festa foram embora, e nós estávamos lá nos relacionando. Estávamos lá tirando foto, eu acho que eu tirei umas 150 *selfie* ontem. Chegou uma hora que já não tinha mais criatividade pra tirar foto, a gente começou a tirar foto retrô, tirar foto de cabeça pra baixo porque o nosso desejo, o nosso interesse é permanecer juntos. Sexta feira passada nós tivemos uma reunião de homens, somente homens, olha, se ao seu lado tiver homem você fala se você não foi, você perdeu, fala pra ele. Irmãos, eu saí uma da manhã, ainda tinha homem lá ainda. Agora dia 18, 19, 20 e 21 vai ter um pescando com Cristo, só homem, sua esposa vai dispensar você pra você ir pescar. Relacionamento, o propósito de Deus é relacionamento, você precisa se relacionar e é isso que nós pregamos aqui nessa igreja. Não somos perfeitos, eu não sou perfeito. Mas eu desejo me relacionar com você. Eu sou de uma igreja muito grande São Paulo, e assim quando me converti eu

precisava ser discipulado, ensinado, precisava de um pastor, e eu passei nessa igreja durante três anos e meio e a distancia mais próxima que eu cheguei do meu pastor foi daqui naquela porta. Durante três anos e meio meu pastor nunca pegou na minha mão porque ele entrava com seguranças e saia com seguranças. E sabe o que que eu quis? Quando eu me tornei pastor, ser completamente diferente. Quando eu olhava praquele homem eu tinha uma admiração muito grande e fala assim eu quero ser igual a este homem porque ele era inacessível ele tinha aquela transparência muito bonita de santidade e quando você não tem acesso a uma pessoa realmente você cria uma figura de pessoa perfeita. Quando eu assumi o pastoreio eu pensei seria muito melhor pra mim criar essa figura emblemática, intocável, porque as pessoas me admirariam, as pessoas desejariam estar próximas de mim mas eu disse não é isso que eu quero pra minha vida, não é isso que eu quero pra *Church*. Eu quero uma igreja de relacionamento que as pessoas joguem bola com o pastor, que as pessoas caminhem com o pastor, que as pessoas sentem no chão com o pastor, que as pessoas comem pizza com o pastor, que as pessoas vivam com o pastor porque a ovelha precisa de pastor. Nós precisamos disso, de relacionamento. E você também precisa disso. Eu não quero ver você somente domingo, eu não quero te encontrar somente 19 horas, uma vez por semana é muito pouco, meu irmão. Eu quero que você compartilhe da sua vida comigo e eu compartilhe da minha vida com você, pra que você me conheça não simplesmente como homem de Deus que tem muitas áreas da vida que já venceu mas que você me conheça como muitas áreas que estão sendo vencidas. Este é o propósito de Deus, relacionamento. Olhe pra essa pessoa que está do seu lado e fala assim eu preciso me relacionar mais. Eu preciso participar de mais atividades da *Church*, o culto de domingo tá pouco demais. Amados, Davi é esse homem do povo, que dança na presença de Deus, que se relaciona mesmo sendo o rei de Israel, e é este homem que nós precisamos ser, que se relaciona.

Em quarto lugar, o quarto propósito de Deus na sua vida e na minha vida, é serviço. Repita pra essa pessoa que está do seu lado, serviço. Nós somos chamados para servir. E eu quero que você entenda que você tem algum dom, você tem algum talento que Deus pode utilizar para a glória e honra do nome Dele. Davi é um homem que cumpre o seu papel porque é um homem que serve e no salmo 116 verso 16 ele diz assim: Senhor, eu sou o teu servo, estou aqui para fazer o que é necessário ser feito. Na terça feira eu fui numa igreja chamada Church (?) que é uma igreja que mudou a história da *Church*, que nos deu uma visão de culto temático, que nos deu uma visão de fazer essa estrutura diferente. E eu estive lá na terça feira junto com a pastora, com o Samuel, com o Pedro Lucas. Era terça feira por volta de duas horas da tarde, a igreja estava fechada, e tinha exatamente dentro da igreja quase 60 pessoas trabalhando. Um estava decorando, outro estava arrumando a iluminação, um estava mexendo no computador, outro estava cuidando de adolescente, outro tava cuidando de criança, e eu falei assim, meu Deus, agora é duas horas da tarde, 60 pessoas trabalhando aqui, eu fiquei feliz. Falei, nossa, a igreja tem 60 funcionários. Ela disse não, pastor, existem 60 voluntários, fora os que não estão ativos hoje. E aquilo alegrou o meu coração e eu falei Senhor eu tenho com objetivo de fazer isso na *Church*

também. Porque tem tantas pessoas com habilidade, tem tantas pessoas que estão aqui que tem talento, que pode servir a Deus, entretanto deixaram o serviço de lado. Meu irmão, Deus não te chamou pra você ser mais um no meio da multidão, Deus te chamou pra você servi-lo. E serviço, entenda isso, não é pregação, pelo amor de Deus. Isso aqui é muito pequeno comparado a estrutura de um todo. Serviço, diaconato, crianças, adolescentes, jovens. Pastor, eu sei fazer tricô e queria ensinar as mulheres a fazer tricô, qual é o projeto que Deus colocou no seu coração. Qual é a habilidade que Deus te deu? Às vezes é a habilidade de andar de bicicleta, me convida que eu vou andar com você. Eu me lembro de um irmão, logo no início da igreja ele falou assim, pastor, eu tenho habilidade de jogar xadrez. Vamos fazer um trabalho de evangelismo, 6h30 da manhã na igreja de jogar xadrez? Pastor, não é fácil, irmãos. Falei vamo irmão. Eu e ele, 6h30 da manhã, abri a porta da igreja, colocávamos uma mesa e jogava xadrez. Ninguém converteu. Não aprendi a jogar xadrez. Mas sabe que que eu vi naquele jovem? Vontade de servir. Vontade de fazer alguma coisa.

Eu estava lendo um artigo de uma igreja batista de um jovem que estava numa reunião e teve uma ideia, por que que nós não nos reunimos e pedimos pros membros uma caixa de sapato e pedimos pra que cada membro venha encher de doces, de brinquedos, e nós venhamos distribuir? São pequenas coisas, são pequenas ideias, amados. Aquele que é chamado pra servir precisa entender isso. Davi é um homem do serviço. Você também precisa ser. Olhe pra essa pessoa que tá do seu lado e segura bem firme na mão dele ou dela e fala assim Deus te deu alguma habilidade e você precisa usá-la para a glória de Deus. Por que que o propósito se chama anunciar o evangelho? Anunciar Cristo Jesus. Você vai observar na vida de Davi que Davi tinha um propósito, tinha um princípio de anunciar as grandezas de Deus. Amados, Deus nos chamou para anunciar o evangelho, esse é o propósito da sua vida, esse é o propósito da minha. E eu queria que você guardasse essa palavra que eu vou falar no seu coração: as pessoas do seu trabalho, as pessoas do seu convívio, as pessoas da sua família, a responsabilidade do anúncio não é minha porque eu não estou no contexto com essas pessoas, eu não estou inserido na vida dessas pessoas, a responsabilidade é sua. Aquilo que é bom pra você, você precisa anunciar, Jesus Cristo é bom pra você? Diga amém. Você precisa anunciá-lo, você precisa proclamá-lo e não importa a simplicidade que você anuncie, a palavra de Deus ela nunca volta vazia. Eu creio que a igreja do Senhor é semelhante àquele que distribui sementes, que cada palavra que a gente distribui, ela volta. Porque eu acredito no poder que existe em nossas palavras. No dia 06 de janeiro no ano de 1850, estava tendo um culto em uma igreja e bem naquele dia houve uma forte tempestade que impossibilitou o pastor de ministrar a palavra de Deus. E bem nesse exato dia foi um jovem de 16 anos, incrédulo, ateu, naquela igreja com poucas pessoas, e naquele dia o sapateiro da cidade estava na igreja e como ele não poderia deixar de passar a oportunidade de ministrar a palavra de Deus, ele leu Isaías 45:22 praquelas pessoas que estavam sentadas, 'olhai para mim e serei salvos, vós todos os da terra porque eu sou teu Deus e não há outro'. Após ele ler o texto, durante 15 minutos a única palavra que ele dizia

e que ele conseguia falar era olhai para mim e serei salvo, olhai para mim e serei salvos, olhai para mim e serei salvos, e durante 15 minutos a palavra se repetiu, olhai para mim e serei salvos, e ele foi em direção àquele jovem e disse: jovem olhai para Cristo Jesus e serei salvo, novamente ele direciona o seu olhar para aquele jovem e diz jovem olhai para Cristo Jesus e será salvo, e aquele jovem de 16 anos, daquele dia em diante ele foi salvo por Cristo Jesus e o nome desse jovem é Charles (?), o príncipe dos pregadores, o homem que abalou a Inglaterra inteira na sua época, e tudo começou com olhai para Cristo Jesus e será salvo. Eu quero declarar isso na sua vida no nome de Jesus. As suas palavras alcançaram homens e mulheres como esse foram alcançado ao longo da história em nome de Jesus. Você será o instrumento para alcançar pessoas nessa cidade, pessoas que abalarão essa estrutura, pessoas que estarão a proclamar a palavra de Deus em nome de Jesus. Aleluia! Ôh! Uh!

Você não sabe o poder que você tem nas suas palavras. Se você soubesse você estaria a todo momento 'Cristo Jesus te ama, Cristo Jesus tem um propósito na sua vida, tem um projeto na sua vida' essas palavras podem curar pessoas. Quero terminar essa série dizendo que você foi criado, você foi criada para cumprir esse propósito. Adoração, imitação a Jesus, comunhão, serviço e anúncio. Quando você tiver aquela pergunta filosófica 'o porquê eu existo', a resposta é essa, é eu existo para adorar a Deus. Eu existo para imitar a Jesus, eu existo para me relacionar com pessoas, eu existo para servir a Deus e eu existo para proclamar o evangelho. Você existe por isso e eu quero que todos saibam aqui, que nenhum de vocês são acidente, que nenhum de vocês é fruto do acaso, todos vocês foram escolhidos no ventre da mãe. O propósito maior do seu nascimento não foi do seu pai, não foi da sua mãe, mas foi de Deus. E como Jeremias mesmo disse que antes de você ter sido gerado no ventre da sua mãe Deus já tinha escolhido você, separado você. E sabe por que Deus te separou e guardou você? Porque ele vai fazer com que você venha marcar essa geração, marcar essa cidade, nosso estado, nosso país, em nome de Jesus. Feche seus olhos. Eu quero cumprir esses cinco propósitos na minha vida, deixar Deus ser o centro, ser igual a Jesus, comunhão, serviço e proclamar o evangelho. Se você quer cumprir esses cinco propósitos na sua vida eu convido você a ficar em pé, em nome de Jesus. Aleluia. Queria que você colocasse a mão no seu coração, eu queria que você ao colocar a mão no seu coração, abrisse bem a palma da sua mão e que a cada dedo da sua palma representa um desses propósitos que você foi chamado pra cumprir. Você foi chamado pra ser um adorador, você foi chamado para ser igual a Jesus, igualzinho. Você foi chamado pra se relacionar, você foi chamado pra servir e não adianta você tentar fugir disso, esse é o propósito de Deus. Você foi chamado para proclamar o evangelho. Senhor aqui está essa igreja, aqui está a minha vida, durante todos esses domingos que se passaram o senhor ministrou tanto sobre o propósito da nossa existência. Muitos de nós, antes de entender isso, achávamos que éramos fruto do acaso, fruto de uma aventura, ou fruto até mesmo do amor de um homem e de uma mulher mas acima de tudo isso nós somos frutos do seu plano, do seu sonho. E como o senhor fez um dia na vida de Davi, comece a fazer nas nossas e que um dia venhamos olhar para trás e ver que fomos sepultamos com a nossa

parentela mas que cumprimos, antes de mais nada, o propósito do Senhor em nossas vidas. Abençoe essa igreja, senhor, e nos faça ser essa igreja desse propósito de te adorar, de imitar o senhor, nos faça ser essa igreja que serve, que se relaciona em comunhão, que anuncia o seu evangelho, nos faça essa igreja. Amém, Jesus.

T2 Ministração do Pr. Thiago Vinícius Cunha - Church in Connection 19/04/2015 A arte de ser Feliz.

Graça e paz em nome de Jesus, amém! Amados!

Gloria a Deus.

Amados, estamos hoje iniciando a nova série da nossa igreja, “a arte de ser feliz”. Eu queria que você tivesse o coração aberto, para que não escandalizar-se, pois o nosso objetivo é fazer tudo para a glória e honra do nome de nosso senhor. Amém? Amém!

Fale para essa pessoa que está do seu lado: “a alegria do senhor é a nossa força! Amém? Amém!” Graças a Deus.

Amados, essa serie tem por objetivo tratar um assunto muito legal, que é felicidade, olhe para essa pessoa que está do seu lado e pergunte: “você deseja ser feliz? Por que eu desejo ser feliz!” Amém? Amém!

Se existe algo que existe tanto no meu coração, quanto no seu coração é o desejo da felicidade. Só que há uma semana atrás, quando decidimos iniciarmos essa nova série, eu pensei que a primeira palavra que eu poderia ministrar seria relacionada a felicidade. Eu achei que, durante a semana eu estaria fazendo um estudo muito simples, porém, afinal todo mundo sabe o que significa felicidade. Porém para minha surpresa, eu me deparei com um assunto tão extenso. Em muitos momentos tão complexo. Eu nunca tinha parado para refletir o que é verdadeiramente a felicidade. Quais são alguns princípios de felicidades? Por que desejamos ser felizes e buscamos a felicidade, mas muitas vezes não paramos para refletir: o que é a felicidade? De que forma eu e você podemos ser felizes?

E nessa reflexão eu me deparei com muitas coisas, que falaram muito forte ao meu coração, e que ministraram em minha vida, por isso, estou aqui para ministrar algo que Deus ao longo desse semana falou ao meu coração.

Estudando acerca da felicidade amados, eu me deparei com um conceito que felicidade é o estado de quem é feliz. Uma sensação de contentamento, que pode ocorrer por diversos motivos. A felicidade é um momento durável de satisfação onde um indivíduo se sente plenamente feliz e realizado, em resumo, o conceito de felicidade seria isso.

Mas, meditando na Palavra de Deus, eu vi que, a felicidade você vai desenvolver na sua vida, e aprender na sua vida muito mais além do que apreender em conceitos, mas é você refletindo sobre ela. E eu refletindo, sobre essa palavra eu chequei, a primeira conclusão desse sermão dessa noite, que para você venha compreender o que a felicidade, para que eu venha a compreender o que é a felicidade. Nós precisamos saber o que é infelicidade. Não tem como você e não tem como eu, saber o que é a felicidade, se nós nunca passamos, se nós nunca enfrentamos, a infelicidade. E o salmista, verso 30, versículo 11, ele diz: “mudaste o meu pranto em

dança, a minha veste de lamento em veste de alegria”. O que esse homem está dizendo para nós? Que ele sabia o que era a felicidade hoje na sua vida, por que em algum momento da sua vida também, ela passou por uma situação de infelicidade, e ele só conseguiu compreender o que verdadeiramente é ter a sensação de ser feliz, e quando por algum motivo, momento, circunstância você venha a sentir o que é ser infeliz. E sabe como a felicidade é desenvolvida na sua vida e na minha vida, quando nós passamos por situações de infelicidade. E não sei se alguém já disse isso para você. Mas eu venho aqui, para que você reflita sobre isso, que a felicidade e a infelicidade, elas andam juntas, por que você só sabe quando uma é quando você passa pela outra, e vice e versa. E muitas vezes, você está aqui, e não sabe o porquê da sua vida em determinado momento, você passou ou tem passado, por situações infelizes, e muitas vezes você entende ou as pessoas dizem para você, que isso é um castigo de Deus, que isso é uma ausência de Deus, mas eu quero que você entenda que isso é a vida. E ser feliz nessa vida significa que antes você foi infeliz. E a felicidade é semelhante a esse momento que nós tivemos aqui nesta cama elástica, que você em determinados momentos você visualiza o ponto da subida, mas imediatamente o você visualiza o ponto da aterrissagem da queda, pois é assim que acontece também em nossas vidas, para que você atinja o ponto ápice da alegria do prazer do bem estar, em algum momento da sua história da sua vida, você passou pela infelicidade, pela tristeza, pela dor, pelo sofrimento.

E assim, nós vamos descobrindo o que é a felicidade, quando nos deparamos e nos enfrentamos com a infelicidade, talvez hoje você entrou aqui infeliz, talvez você hoje entrou aqui com alguma área da sua vida que você gostaria de sentir muito prazer e alegria com ela.

E sabe qual a resposta de Deus para o seu coração essa noite. Que você veio para o lugar certo. Por que, Deus está ensinando você nessa situação ruim, por que aquela que ele vai te colocar será muito melhor. Você terá o prazer de dizer eu sou feliz, por que o senhor está mudando a minha tristeza em alegria.

Amados, felicidade é você descobrir também, que ela não é o estado permanente na sua vida, que ela não é um estado permanente na minha vida. Nós assistimos a acrobacia do Adson, ele não ficou só em cima, ele desceu e vice-e-versa. E a cama elástica têm o meio de subir a pessoa e descer a pessoa automaticamente, sabe o que precisamos entender acerca da felicidade amados. É que não existe, nunca existiu e não existira a vida de ninguém que é feliz todos os dias, isso é uma irrealidade tanto para você quando para mim. Buscar algo que Deus nunca prometeu, todos os dias felizes. É tão verdade isso, Eclesiastes, capítulo três e versos um diz assim: “tudo tem o seu tempo determinado”. E no verso quatro o texto também declara: “tempo de chorar, tempo de rir, tempo de plantar, tempo de colher e tempo de dançar”.

Saber por que amados, a felicidade não é algo contínuo em nossa vida, pelo contrário, a felicidade é um estado passageiro. É tão passageiro, que Tom Jobim escreveu uma música sobre a felicidade e ele declarou o seguinte: “tristeza não tem fim, felicidade

sim. A felicidade é como uma pluma que o vento vai levando pelo ar, voa tão leve mas tem a vida breve, que precisa que aja vento sem parar”.

Verdadeiramente a vida associada a felicidade é semelhante a uma pluma, que na mesma medida em que você a contempla ela passa, que não é um estado que você vai alcançar em sua vida e vai permanecer dias, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo, e na outra semana da mesma forma, não é assim que funciona. Por que a felicidade não é isso, esperar isso ou buscar isso é uma irrealidade. Pois é algo que Deus nunca prometeu, pois o próprio Cristo Jesus não teve uma vida assim, quando um amigo morre ele chora.

Por que a vida relacionada a felicidade amados, e você compreender que a felicidade não é permanente. E muitas vezes nos abraçamos a fé em Cristo Jesus, nos tornamos um cristão, e pensamos que deste dia em diante nunca mais serei infeliz, só alegria, só prazer, só bem estar, só sucesso.

Acaba que com o passar dos anos, com o passar dos meses, com o passar da semana, vamos nos tornando pessoas frustradas até mesmo com Deus. Por que estamos esperando algo dele que ele nunca nós prometeu.

A vida meus amados, não é um estado permanente de alegria, a própria palavra diz que o choro pode durar uma noite, isso significa que essa noite chegara para você cedo ou tarde. E se a palavra de Deus tivesse como objetivo de te dizer, que na vida só existem momentos felizes, ela diria: a alegria virar todos os dias. E não é essa afirmação que palavra de Deus nos diz.

Refletindo acerca da felicidade. Nós precisamos entender que felicidade também não é aquilo que as pessoas dizem pra você, mas aquilo que você consegue descobrir dentro do seu próprio coração. Muitos de nós pensamos que seremos felizes quando trocarmos de carro, quando compra uma casa, muitos de nós temos a sensação de que seremos felizes quando a minha empresa estiver decolando, quando eu estiver em uma promoção, quando eu estiver de encarregado na minha empresa. E vamos tendo esse sonho, eu vou ser feliz dessa forma, pois a nossa sociedade nos ensina que a felicidade é isso. Que a felicidade não é, pois o dia que comprei a minha casa eu fiquei muito feliz pela minha conquista, mas afinal foi uma vida inteira para conquista-la, mas passaram-se os anos, passaram-se as semanas, passaram-se os dias e a felicidade que eu tinha em meu coração por ter comprado a casa passou. O dia que eu conseguir compra o meu carro e fiquei muito feliz, mas a felicidade do meu carro também passou.

E sabe amados, a nossa mente o nosso coração está sendo condicionado a buscar uma felicidade relacionada principalmente ao consumo. Você passa diante de uma loja e olha aquela vitrine que diz: se você compra isso você vai ser feliz. E ai, quando você compra, você se depara, que você não foi feliz como esperava. E acaba que a sua vida e minha vida, acaba direcionada por aquilo que as pessoas dizem, se você tiver, se você fizer você vai ser feliz. Fizem uma pesquisa, e eu quero fazer essa

mesma pesquisa com vocês. Eu quero colocar duas situações e eu queria que você respondesse essas duas situações levando o dedo se é a opção uma ou se é a opção dois. Tá certo?

Quero fazer essa pergunta: o que deixaria você mais feliz ganhando 3 milhões de reais na Mega-Sena ou saindo daqui, sofrendo uma acidente e ficando paraplégico? Quem acha que é a opção um levanta a mão. Quem acha que é a opção dois levanta a mão. Quem não acha nada, não entendeu o que eu disse levanta a mão. Amados, surpreendentemente, fizeram uma pesquisa em Harvard com pessoas que sofreram acidentes, e do dia para a noite se tornaram paraplégicos e com pessoas que do dia para a noite se tornaram milionários. E eles descobriram, que após algumas semanas e alguns meses, tanto as pessoas que se tornaram milionárias, tanto as pessoas que se tornaram paraplégicas, tinham o mesmo nível de felicidade, não existia diferença de uma para a outra. Só que na nossa mente, ninguém vai acordar e dizer logo cedo: “puxa que vontade de ser paraplégico”, “ah que vontade de bater o carro e fraturar a medula”. Ninguém vai fazer isso. Mas a nossa cabeça, nós somos ensinados que ser feliz e não ter uma doença, que ser feliz é ter a vida imune a qualquer problema, somos ensinados que ficar doente é uma infelicidade, que passar pela dor de uma perda é infelicidade. Que felicidade na maioria das vezes e ter dinheiro, isso não é verdade. E sabe qual o problema de você não descobrir que a felicidade está dentro do seu coração é que você vive uma vida infeliz, por que você está vivendo uma vida em busca de uma felicidade que outras pessoas condicionaram para você. Se você é feliz como vendedor, seja um vendedor, isso não é problema algum, por que felicidade não tem dinheiro e não tem salário que pague. Se você é feliz com o que você faz, faça o que você faz, seja feliz, por que a felicidade não é aquilo que as pessoas dizem, felicidade não é você ser um alto executivo, felicidade é você ter prazer, e ter essa descoberta interna.

Eu me lembro, que quando criança eu fui educado em Ourinhos interior de São Paulo, e lá era o seguinte na escola em que eu estudava, do primeiro ao quarto ano as crianças durante o ano letivo inteiro você ficava com uma professora só, ali eu me lembro que nós estudávamos a tarde, a gente se sentava em fila e passava a galera da quinta série, a galera da quinta série não ficava em fila, a galera da quinta série não usava mochila, não usava lancheira, não falava recreio, a galera da quinta série falava intervalo, a galera da quinta série usava caderno e aquelas bolsinhas, a galera da quinta série não tinha uma professora só, tinha uma monte de professoras e comprava caderno de dez matérias, a galera da quinta série era fantástica, e quando eu ficava ali na fila eu falava assim: “puxa, que vontade de ir para quinta série, por que quando eu for pra quinta série eu vou ser feliz, não aguento mais esses meninos aqui, não aguento mais sente em fila, não aguento mais jura bandeira, por que quando eu for pra quinta série eu vou ser feliz”. Fui pra quinta série, quando eu cheguei na quinta série eu pesei: “meu Deus do céu, isso aqui não é felicidade, ai eu comecei a ver a galera do primeiro colegial, do segundo colegial e do terceiro colegial, que eram da minha época e olhava para aquele pessoal assim e falava: olha quando eu for para o

primeiro colegial eu vou ser feliz, por que primeiro colegial é diferente, a pegada é diferente, a linguagem é diferente, o estivo é diferente, eu vou estudar a noite vai ser fantástico. Quando eu fui estudar a noite no primeiro colegial eu disse: “meu Deus, quando eu for para faculdade eu vou ser feliz”. Eu tenho que ficar três anos, eu tenho que ficar, primeiro colegial, segundo colegial e terceira colegial, meu Deus! Ai eu vim para o seminário, quando eu entrei no seminário eu disse: agora quando eu forma eu vou ser feliz, por que o coisa chata e estudar.

Ai eu estava refletindo, e eu acho que todo mundo, talvez sua grande maioria passou por essa situação de que aquilo que espera você, que está diante de você, vai ser o causador da sua felicidade, ai você fica nessa, puxa eu vou ser feliz o ano que vem, ou quando eu consegui, quando eu ter, quando eu terminar minha casa ai eu vou ser feliz e o meu casamento vai ser bom mesmo, quando eu terminar meu lar, quando eu fazer o banheiro da minha casa ai a gente vai ser feliz, ai a gente fica nessa, e acaba que a gente nunca é feliz, por que, eu descobrir algo que, acho que você sabe e não se atenta a isso, que felicidade não é o que você poderia ter, mas que felicidade é o que você está tendo hoje, e que felicidade é aproveitar o momento de sua vida, existe um homem que é fantástico e que eu sou fá dele, o apóstolo Paulo, segunda Timóteo capítulo quatro, verso seis e verso nove ao dezessete. Ele declara o seguinte olha: eu estou sendo sacrificado daqui um tempo, morto em outras palavras, e segundo a tradição da Igreja, o apóstolo Paulo foi decapitado, ele diz o seguinte olha: todo mundo me abandonou, as igreja que eu plantei, na Ásia maior, na Ásia Menor, toda aquela multidão de pessoas, ninguém veio aqui pra dizer, Paulo eu estou com você, você nos ajudou, você nos mostrou quem é Jesus, a gente está aqui torcendo por você sair. Ele diz que ninguém foi ajuda-lo, ele diz que está sem a sua capa, que provavelmente ele está passando frio, ele está sem o seus pergaminhos, sem a oportunidade de estudar, ele está dentro de uma cela, solitária, em Roma. Mas aquele homem tem uma visão da vida, quando ele diz, no versículo sete do capítulo quatro, fiz o melhor que pude na corrida, cheguei até o fim, conservei a minha fé, em outras palavras sabe o que esse homem está dizendo pra mim, eu aproveitei a minha vida e fiz em cada momento de minha vida uma momento de felicidade, mesmo que esse momento fosse um momento de infelicidade. No ano de mil novecentos e sessenta e quatro, ou melhor no ano de mil seiscentos e quarenta e dois Thomas Brow disse a seguinte frase: “eu sou o homem vivo mais feliz do mundo, por que eu tenho algo em mim que pode converter pobreza em riqueza, adversidade em prosperidade, tristeza em alegria, infelicidade em felicidade”. Eu pensando na frase desse homem, eu me deparando com a palavra do apóstolo Paulo, eu vejo que a verdadeira felicidade meu irmão e você gozar dos momentos que a vida proporciona para você e você conseguir olhar com outros olhos e você fazer daquele momento um momento sobrenatural. Ontem talvez, se eu não tivesse entendido que era a felicidade seria, talvez o dia mais difícil da minha vida com que já passei com meus filho, com meu filho ou com meus filhos, ao longo do seu nascimento até ontem, pastora veio ministrar cheguei na minha casa era unas seis e meia, lá nos estamos com momento de que ela vem para Igreja eu fico com os meninos, eu venho para Igreja ela fica com os meninos, e ontem ela ia

ministra no culto de mulheres, ela ia ministra para os jovens e eu cheguei na minha casa as seis e meias e disse: amor poder ir meditar na palavra, eu estou aqui e vou ficar com os meninos, ela chegou por volta de meia noite em casa, quando foi por volta de meia noite o Samuel começou a ter uma crise de bronquite, a crise do Samuel começou por volta de meia noite e foi termina por volta de sete horas da manhã, as vezes que o Samuel vomitou nos perdemos a conta, todos os remédios possível e impossível nós demos, pastor é pastor irmãos isso é fantástico, Samuel passando mal e aquele dilema as sete horas da manhã, pastora sem dormir eu sem dormir, hoje é chá de panela da Daniela eu preciso ir amor, ai eu disse: amor como é que você vai, você nem dormiu, mas ela disse: eu preciso ir, senão ela vai ficar chateada, vai ficar pensando que eu não quis ir, eu vou, não estou nem ai, nós vamos.

Mas foi muito interessante amados, que ontem também, mesmo sendo um dia ruim, foi talvez o dia de maior felicidade que eu já tive com meus filho, ou com meu filho em todos os dias que eu já estive ao lado dele. Porquê no momento em que a crise atingiu o seu momento muito difícil, que ele começou a tossir sem para, a tossir sem para, a minha esposa falou assim: amor, faz o seguinte, pega o Samuel no colo e fica com ele em pé, deixa ele ficar no seu braço durante um período, para que o catarro não venha ficar tampando, e sei lá o que ela falou, mas fica com ele em pé. Falei: beleza amor, e ali eu fiquei durante alguns minutos com ele, se passaram horas, e ele não melhorava, até que eu falei assim: amor vamos dar um banho nele. Então vai lá e dar um banho nele. Ai eu fique aproximadamente uma hora com ele debaixo do chuveiro, e ali eu pude abraçar o meu filho, comecei a cantar aquele música eu creio que tu és a cura, orei por ele, profetizei, Senhor, o senhor poderia curar o meu filho só pra ele dormir, o Senhor não precisa curar ele totalmente, só deixa ele dormir Senhor. E foi engraçado, quando eu sair dali meu filho não foi curado, e meu filho começou a tossir da mesma forma, mas aquilo não abalou meu coração, por que na verdade naquele momento Deus estava proporcionando um momento na minha vida para eu exercer a paternidade. E meu filho estava tendo um momento de sentir também o que é paternidade, pois estava recebendo do próprio pai o cuidado o carinho. E amados, eu quero glorificar a Deus diante de vocês, por que, aquela bronquite fez com que eu tivesse um sensação impar relacionada ao meu filho, Deus me deu a oportunidade de cuidar daquilo que ele me deu como filho e herança dele. E sabe o que aquilo me fez refletir? Que a verdadeira felicidade, não são os momentos que tudo vai bem, que tudo está contente, ou que tudo está dando certo, ou que você conseguiu adquirir aquilo que você tanto sonhava. Não! Felicidade não é isso, felicidade é aproveitar os momentos da vida, e aproveitar quem sabe o momento de perda, e fazer quem saber desse momento de perda um momento de reconciliação da família, um momento de reflexão sobre o seu papel como pai e mãe; é você aproveitar o momento de enfermidade e aproveitar daquele momento e fazer um momento feliz mesmo aparentemente não sendo. A verdadeira felicidade é aproveitar os momentos da vida.

E sabe o que está acontecendo com a nossa geração amados, quantos momentos estão passando diante dos nossos olhos, momentos que nós poderíamos ter essa

sensação que momento feliz e esse que estou tendo? Mas eu deixo tudo passar diante de mim, por que eu acho que momento feliz e aquilo que as pessoas estão me ensinando e não aquilo que eu descobrir, e não aquilo que eu estou aproveitando na minha vida. Quando Deus diz pra você, que ele deseja fazer de você uma pessoa feliz, sabe o que Deus está dizendo pra você, ele deseja criar no seu coração, uma coração que saiba aproveitar a cada momento da sua vida, por que todos os momentos que você passa e eu passo, existe um propósito de Deus. Que nada na vida de um cristão, nada acontece por acaso, mas tudo acontece para que a glória dele seja revelada.

Meus amados, somos chamados para sermos felizes, somos chamados para gozarmos da felicidade, e felicidade não é simplesmente a gente alcançar um milagre, felicidade não é simplesmente a gente alcançar uma dádiva, mas felicidade é você alcançar a cada momento que está diante de você, e você aproveitar quando você está na cama elástica da vida, fazendo do momento que você “sobe” o momento mais feliz, mas fazendo do momento que você “desce” também um momento feliz, pois afinal você conseguiu “descer”, no nome de Jesus amados. Para que você entenda o que é a felicidade, você precisa passar pela infelicidade, não tem como, para que você compreenda o que é a felicidade, você precisa compreender que a felicidade ela vem e vai, ela não permanece, todos os dias, para que você compreenda o que é a felicidade, você precisa compreender seu próprio coração, e descobrir o que faz você feliz. Para que você compreenda a felicidade, você precisa aproveitar todos os momentos da sua vida, seja eles bons ou ruins, sejam eles de alegria e tristeza, por que, se você fizer isso, você está descobrindo a arte de ser feliz na sua vida.

Feche seus olhos, eu quero orar, por você: Felicidade, é uma arte, e ela começa com a triste descoberta, que eu vou encontrá-la quando eu estou ao meio de um momento de infelicidade, e talvez você entrou aqui nessa noite assim, mas hoje é dia de você encontrar a felicidade na sua vida, hoje é o dia de você entender que a felicidade ela vem e vai, e que a tristeza também e da mesma forma, ela vai e vem. E existe uma palavra para seu coração hoje minha irmã, existe uma palavra para o seu coração meu irmão, que na mesma velocidade que essa tristeza e essa angústia apareceu dentro do seu ser, dentro da sua alma, ela também sairá, mas você precisa apreender a descobrir, que talvez a felicidade, não é algo que você precise alcançar, pois você já alcançou, o Senhor é sua família, é a única coisa que você precisa apreender, e aproveitar a cada momento que está diante de você.

Queria que você ficasse em pé, onde você está, colocasse a mão no seu coração.

T3 Ministração do Pr. Thiago Vinícius Cunha - Church in Connection 02/11/2016, escola Bíblica Dominical

Café da manhã comunitário às 9:30 até 10:00hs

10:00 louvor e adoração –

10:27 palavra para o pastor começar a aula sobre “O apocalipse”.

Introdução:

Antes de ler o texto o pastor fala sobre a importância de anotar os pontos relevantes a serem explanados do livro de Apocalipse e manda os diáconos entregarem papel e caneta para todos os presentes. Ele fala que será necessário em todos os domingos de aula os fiéis fazerem anotações e tirarem suas dúvidas.

Leitura Bíblica, oração e explanação do texto:

O pastor lê o texto bíblico pelo notebook e depois pede a Deus em oração que o ilumine na exposição.

Ele lê o livro de Apocalipse 1: 1-8.

Começa com a seguinte afirmação: “Tudo nesse e no outro mundo está sob o domínio de Deus, é a sua soberania. Até o diabo e o anticristo são marionetes nas mãos de Deus, fazem o que ele quer, o que ele permite”. Ele explica o que é a soberania de Deus, seu poder e diz para que os fiéis não tenham medo de ler o livro. “O livro é cheio de mensagens que dizem respeito a textos que precisam ser conhecidos de antemão, e, estão no Velho Testamento”.

O pastor fala que Deus escolheu a cada um daqueles que são de Jesus e explica que isso é resultado da predestinação. Em seguida esclarece que: Nós, os escolhidos precisamos perseverar na fé em Cristo, mas, já estamos salvos, aliás, nós fomos salvos por Cristo quando morreu por nós, estamos sendo salvos ao perseverarmos e seremos salvos no final quando Cristo voltar para nos buscar’, logo em seguida ele arremata, “Perseverança não se contradiz com ‘eleição’ e predestinação. Deus nos escolheu mas qualquer um que venha a Church e que acha que a salvação é questão de escolha, pode continuar pensando que é a gente que escolhe seguir a Deus, não tem problema nenhum”.

Ele explica a partir dos versículos 1 e 2 que quem revelou a mensagem do livro de Apocalipse foi Jesus. Obedecendo uma hierarquia, Deus revelou a Jesus que revelou aos anjos que revelaram a João (que não se sabe quem é na verdade, pode até ser o evangelista) que revelou às igrejas.

“O termo ‘bem-aventurados’ que está na frase “Bem-aventurados os que leem e ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas...” (vs. 3) vem do grego *makários* e significa ‘felizes’. Quando ao final desse versículo que diz que o “tempo está próximo”, alguém pode argumentar que isso foi escrito no I século e o mundo não acabou até hoje. Será que a profecia não se cumpriu? Na verdade, a profecia sempre se cumpre porque o tempo está realmente próximo para cada um de nós, porque estamos morrendo, está próximo para quem morre”.

Depois de relacionar uma série de versículos do velho Testamento, nos livros de Daniel e Zacarias, com o que está dito em Apocalipse o pastor encerra falando de Deus como Senhor, Alfa e Ômega, o Todo-Poderoso”.

Às 11:47 ele termina a aula orando e retirando a oferta. Uma oração especial é feita em prol da vida financeira dos presentes.

ANEXO 5

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO/OBSERVAÇÃO EM ATIVIDADES DA CHURCH IN CONNECTION - C1

Culto de domingo 19:00 dia 01 de março de 2015.

- Culto com a participação de aproximadamente 500 pessoas.
- Na frente da Igreja, sem púlpito, numa mesinha comum o notebook aberto com a "maçã" da Apple, o pastor com uma calça vermelha, estilo despojado, moletom, fala desembaraçadamente.
- Imagens do Cristo de Zaragoza de Elías Garcia Martínez na Espanha, são projetadas em todo o fundo da igreja na sua forma original, e, na "restauração" feita por uma senhora em 2012 que estragou e deformou por completo o rosto de Cristo. Esta imagem distorcida é comparada como que o pecado fez em nós, e, o Cristo no original é o que Deus quer fazer em nós, um apelo estético fantástico e facilmente apreendido. Textos que falam do "velho homem" e do "novo homem". Foi exposta a questão da "depravação total do homem" [teologia calvinista] e necessidade de Cristo entrar na sua vida. "Ele fez tudo, mas, é preciso deixar o Espírito agir". Exortação: "Temos que ler a palavra, é para ler a Palavra, ela nos orienta e por ela Deus fala, ela é a "chave". Exemplo de um homem, membro da igreja que enfrentando perseguições no local de trabalho, através da busca de Deus foi liberto da perseguição e conquistou uma vaga melhor na indústria que trabalhava no DAIA>

Durante a pregação exemplos de perseverança como de permanecer com o personal trainer da igreja numa corrida que no começo era de 1 km. e agora é de 5 km. "se você quer ficar magrinho e em forma igual ao seu pastor também faço o mesmo, procure o personal, mas, também seja perseverante na busca de Deus". Agora "a igreja tem também uma nutricionista para te atender, procure-a se você quer ficar em forma". A "Church" (assim ele se refere à igreja) tem fichas lá no fundo para quem quiser se "aliançar conosco" porque "irmãos, a church não tem membros, mas aliançados". Para se aliançar é só preencher a ficha. "Deus te trouxe aqui hoje meu irmão!" (repetir uns para os outros)

- Música de fundo, teclado, suave e durante toda a pregação.
- A igreja fica no escuro, acompanhamento nos textos projetados na "super-tela" - todo o fundo da igreja com três projetores. Gente acompanha o culto e se comunica por celular.

- Pedidos constantes para afirmar para o "irmão ao lado" coisas como: "Deus vai te transformar em um novo homem", "é só você vir a Ele". "Deus não quer uma imagem feia de você", e, outras, são feitas cinco vezes durante a pregação.

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO/OBSERVAÇÃO EM ATIVIDADES DA CHURCH IN CONNECTION – C2

Culto de domingo 19:00 dia 08 de março de 2015.

Louvor com músicas ritmadas e altas, animação, jogo de luzes coloridas com cinco canhões de luzes; dançarinas fazendo a coreografia das músicas (8 dançarinas todas jovens). Igreja no escuro. Interrupção para tirar fotos da Igreja, projeções em toda a parede central, e mandar para um amigo dizendo estar na "Church" orando por ele. É o momento "orando por um amigo". Tirada a foto é preciso enviá-la ao amigo por WhatsApp - a ministrante ora para o "amigo" que está recebendo a foto da "Church". Na super tela aparece uma projeção dos missionários, casal de jovens da igreja, que está indo para a Bolívia: "Olá Church estou feliz..." É repetida no final a frase "conectando a Church ao mundo", "conectado com Jesus".

No momento de louvor e intercessão a pastora pediu para orar pelas mulheres. Ela disse: "Mulheres sábias edificam seus lares", e repete algumas vezes essa frase e pede as solteiras para ficarem de pé: "Vamos orar porque elas serão mulheres casadas, vamos profetizar na vida delas, ministrar uma transformação nestas mulheres que não serão objeto sexual mas, mulheres bem sucedidas e que agradarão a Deus, edificarão seus lares", ainda diz, "repitam comigo mulheres eu vou esperar 'meu sacerdote', 'vou abençoá-lo'. Depois se levantam as mulheres casadas e novas bênçãos são profetizadas sempre na tônica patriarcal do homem como "cabeça da mulher", responsável pela "direção do lar" e também responsável pela "construção do lar abençoado".

A Igreja continua no escuro, uma luz é projetada no canto frontal da igreja onde está uma cruz tosca de madeira de construção encostada na parede. O pastor já está posicionado na frente da igreja e pergunta o que é que aquela cruz lembra...

Ele começa a pregação dizendo que a cruz lembra o sofrimento de Cristo; se Deus nos chamou para sermos semelhantes a Cristo temos que ter uma visão diferente do sofrimento. Sofrimento não é maldição de Deus nem abandono, mas, uma forma de (1) nos aproximar de Deus, e, nos ensinar sobre o reino, especialmente sobre a oração.

A nossa visão está errada sobre o sofrimento. Deus quer que sofram...

Frases de C.S.Lewis "o sofrimento é o megafone de Deus para falar com as pessoas surdas desta vida".; de Rick Warren e de Tozer são repetidas para a igreja. Todas simples mas, com aplicação ao tema.

São lidos (projetados na supertela), textos de II Cor. 4: 10-11; Hb. 10 35-39; I Ts. 5:18; Tg: 1: 2-3. Todos são interpretados dentro do tema maior do sofrimento, da esperança que deve ser mantida e do trabalho de Deus em toda e qualquer circunstância.

"O importante pra Deus não é o que acontece à nossa volta, mas dentro de nós, se estamos ficando mais parecidos com Jesus" - diz o pastor.

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO/OBSERVAÇÃO EM ATIVIDADES DA CHURCH IN CONNECTION – C3

Culto de domingo 19:00 dia 12 de abril de 2015.

"Tema circo"

Fui recepcionado na porta por dois membros da igreja, um homem e uma mulher, vestidos de personagens de circo - ela trapezista e ele palhaço, com a cara pintada -, que me cumprimentaram e entregaram um convite para o trabalho com crianças que seria da segunda-feira às 19:30 - Academia Kids.

O tema que começava naquele domingo era "o circo", a arte de ser feliz.

Todos os membros do louvor, músicos e vocalistas de chapéu ou com a cara pintada obedecendo a temática global. Toda a frente da igreja decorada com animais feitos de isopor e grandes (zebra, focas com uma bola colorida no nariz, leões, hipopótamos), mais uma jaula com leões dentro, que substituíria o púlpito, bem no centro da parte da frente da Igreja e uma cama elástica entre a parte de cima da igreja e os membros que se assentavam nas primeiras cadeiras. Dançarinas durante todo o louvor acompanhavam a temática com vestidos à caráter.

No final do louvor, sem nenhum aviso que esta parte estaria terminando, entra um apresentador de circo com uma cartola e gravata gritando: "respeitável público... Bem vindos ao maior espetáculo da terra!!!" e passou a apresentar um "grande artista que se apresentaria na cama elástica fazendo grandes e maravilhosas acrobacias..."

Depois de apresentar o artista que veio vestido de palhaço, ele o animou a pular desgovernadamente subindo e descendo de forma a arrancar risos de todos os presentes.

Acabada esta apresentação o pastor entra, a igreja está no escuro, e permanecerá assim durante todo o tempo, e explica que estaria começando naquele domingo a temática do circo - a palavra "CIRCUS" ficou projetada em toda a parede/tela da frente da igreja. Colocando seu notebook sobre a jaula, que está no lugar do púlpito, bem iluminado, o pastor de gravata borboleta inicia sua ministração dizendo: "Tudo que vai ocorrer aqui é para a glória de Deus", e, faz a seguinte pergunta; O que é a felicidade? como ser feliz?

Imediatamente cita o Sl. 30:11(Tornaste o meu pranto em folgado; tiraste o meu cilício e me cingiste de alegria), dizendo que o salmista se tornou feliz porque sabia o que era a infelicidade. Usando a encenação do trapezista que se apresentara momentos antes o pastor disse que era impossível ficar sempre no alto quando se

pulava na cama elástica, pois, sempre haveria a descida. Assim também é a vida, mesmo a vida de quem conhece a Deus, que se converteu a Jesus. Não é possível ficar sempre alegre. A alegria passa, e ela só é bem conhecida quando se conhece, como o salmista, as tristezas da vida. a vida tem pontos altos e baixos. Tudo é passageiro, a felicidade que se pode alcançar na compra de uma casa ou de um carro passa. A felicidade não é permanente.

Neste momento o pastor aproveita para citar o poeta que disse:

Tristeza não tem fim
 Felicidade sim
 A felicidade é como a pluma
 Que o vento vai levando pelo ar
 Voa tão leve
 Mas tem a vida breve
 Precisa que haja vento sem parar

"Bem estar, sucesso, alegria... Deus não prometeu isso. A felicidade nossa não pode ser condicionada pelo consumo ou pelo o que as pessoas dizem de nós". Segundo o pastor uma pesquisa realizada em Harvard, com pessoas que ficaram milionárias repentinamente e pessoas que sofreram um acidente e ficaram lesionadas na coluna, depois de algum tempo, mostravam o mesmo "nível de felicidade". Daí arrematou que a felicidade não pode ser julgada externamente, ela é algo interno. Nasce dentro do homem.

A felicidade está no presente, ensina o apóstolo Paulo (ele lê e comenta o texto de II. Tm. 4:6, 7). Segundo o exemplo de Paulo precisamos ser alegres independentes da situação. "É preciso gozar o momento, fazer de algo ruim, algo bom. Até nas nossas perdas é possível ser feliz". "Como na cama elástica vemos a ilustração da nossa vida, um sobe e desce, momentos de alegria e de tristeza, de subida e descida..."[o pastor fala que está com vontade de pular do "púlpito" na cama elástica que está logo abaixo. A assembléia o aplaude, mas, ele diz que não fazer isso e todos lamentam a uma só voz...]

Todos são conclamados a aproveitarem a vida em Deus.

Final com um Rock pesado e bem prá cima, com todos alegres a pular e com um surpreendente pulo, o pastor se lançando do púlpito até a cama elástica [aplausos e gritos de alegria], e depois correndo para a porta para cumprimentar os membros da igreja.

Uma sala VIP foi disponibilizada para os visitantes que recebiam brindes da igreja e uma calorosa saudação.

Muitas pessoas vieram me abraçar calorosamente, inclusive o pastor.

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO/OBSERVAÇÃO EM ATIVIDADES DA CHURCH IN CONNECTION – C4

Culto de domingo 19:00 dia 19 de abril de 2015 (19:00)

"Tema circo", a arte de ser feliz.

LOUVOR: todos os membros do louvor (nove ao todo) vestidos a caráter, como artistas de circo conduzem o louvor com muita música, geralmente alta e com ritmo alegre.

Teatro: entram dois palhaços ("seriema" e "mutamba"), fazendo palhaçadas e brincando com a igreja fazendo uma boa interação com o público. Quatro pessoas são escolhidas do público para ajudar um palhaço a andar em "pernas de pau". Depois de muitas tentativas, quedas e escorregões ele consegue ficar de pé sem cair e animado anda na frente da igreja até sair.

Pregação: Imediatamente à saída do palhaço de perna de pau o pastor entra do fundo da igreja, também em pernas de pau, e vai até o púlpito que é uma jaula de leão muita bem colorida e iluminada na parte central da frente da igreja. Ele tira as "pernas de pau" e começa a falar. A igreja permanece como sempre no escuro e os textos que serão lidos pelo pastor serão projetados na parede da igreja e acompanhados na Bíblia por celular.

Sua fala inicial é a de que para ser feliz é preciso ter equilíbrio - fazendo uma ligação lógica com o que acabara de ser encenado. Ele divide esta necessidade de ter equilíbrio em três níveis: 1. Equilíbrio na família; 2. Equilíbrio nas finanças e 3. equilíbrio espiritual. Usando trechos bíblicos que exaltam a família, o controle sobre as finanças e a busca de Deus na "Palavra", a Bíblia, ele argumenta que "Muita gente na tentativa de se equilibrar já caiu, mas, Deus põe de pé estas pessoas e pode te por de pé também, é só buscá-lo". "Pede em seguida para os fiéis repetirem uns aos outros: Deus quer te pôr de pé hoje". Projeta o texto de Lc. 11:10 (Porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate abrir-se-lhe-á). Faz-se nesse momento uma "oração intercessória" para quem precisa de equilíbrio em uma das três áreas da vida.

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO/OBSERVAÇÃO EM ATIVIDADES DA CHURCH IN CONNECTION – C5

Culto de domingo 19:00 dia 26 de abril de 2015 (19:00)

"Tema circo"

Louvor: músicas animadas com muitos instrumentos e vozes (9 ao todo: 5 instrumentistas e 4 vocais), moças e rapazes fazendo a coreografia de cada música além de projeções em movimento na parede da igreja. Muita repetição das músicas, refrões repetitivos e palmas constantes (vejo uma mulher com Bíblia, os outros com celulares). Igreja com mais ou menos 300 participantes no início, com pessoas chegando ao longo do louvor.

Teatro: entram dois palhaços (Mutamba e Seriema), um deles repete sua entrada três vezes para receber muitos aplausos e muitas risadas. Este palhaço se diz o maior e o melhor do mundo... mas fala que "incrível na vida é só Jesus" - a igreja "explode" em aplausos. Os dois fazem uma apresentação: um com malabarismos e outro, a mulher, tocando violão e animando o primeiro a jogar com cuidado e atenção para não deixar cair as peças.

Pregação: saem os palhaços, aplaudidos e entra o pastor vestido de mágico, com uma cartola imensa na cabeça. Abre o notebook encima da jaula de leões, a igreja permanece no escuro enquanto ele lê o texto em que "Jesus manda os discípulos serem prudentes como as serpentes e simples como as pombas" (Mt. 10:16). O teclado começa a tocar suavemente e irá assim até o final da pregação.

Logo em seguida ele pergunta quem já viu uma serpente, uma cobra... Alguns, poucos levantam a mão, então, ele se abaixa atrás do "púlpito" e levanta uma jibóia, viva, se contorcendo toda e a igreja solta uma longa exclamação...!!!

Ele coloca a serpente sobre o "púlpito" e pergunta por que Jesus nos mandou ser prudentes como as serpentes. Qual a importância ou as características de uma serpente. Ele explica que as serpentes tem uma série de diferenças dos outros animais como não terem ouvidos, serem de sangue frio e etc. e explica as características fisiológicas da serpente ressaltando que estes animais se destacam por serem prudentes.. Elas, nas limitações que têm não se deixam levar por qualquer caminho, elas examinam usando o aparato corporal que tem para se protegerem e viverem. Levam uma "vida sólida", "não acreditam em qualquer coisa". Para o pastor,

solidez é conhecer a Deus, não se deixar levar por qualquer caminho e para isso é preciso ler a Bíblia. O pastor explica que como estamos usando o celular cada vez mais, ele usou a técnica de deixar a igreja no escuro para as pessoas terem a Bíblia no celular: "vocês acordam 6:30 da manhã e a primeira coisa que fazem é consultar o celular para ver se chegou alguma mensagem... Por isso agora vocês devem também ver o que Deus quer falar com vocês e aproveitar para ler a Bíblia no celular. A igreja no escuro é para estimular cada vez mais o uso do celular na busca da Palavra de Deus". Enfatiza a prudência lendo e projetando Pv. 15:15. Prudência também é enfrentar só aquilo que pode suportar. A cobra não entra numa briga com animais mais fortes e que podem derrotá-la. A arte de ser feliz é não pecar. "É preciso fugir do pecado", esta frase é repetida para que as pessoas possam gravar. "Não devemos estar por exemplo nos shows da pecuária nesta noite porque não é o lugar em que nós vamos glorificar a Deus, é não ser prudentes". Outro versículo é lido, Pv. 14:8.

Faz uma exortação às irmãs para não usarem roupas que marcam o corpo com o fim de provocar ou se insinuar aos homens (no culto passado, ele lembra, exortou os homens a serem fiéis às suas esposas e não se prostituírem e nem navegar em sites pornográficos - coisa que ele sabia estar acontecendo devido aos testemunhos de irmãos que o procurava e que ele estava ajudando).

Depois disso ele põe uma gaiola com um pombo branco encima do "púlpito" e diz que Jesus também nos mandou ser mansos, simples como a pomba. A interpretação é de isso significa ser submisso a Deus, a renunciar coisas e vontades pessoais em favor da vontade de Deus. Não discutir com Deus, com aquilo que está na Palavra de Deus. A frase marcante nesta parte, e que foi repetida varias vezes, foi de que "não existe vida no evangelho sem renúncia". Afinal, "nossa casa é nos céus com Jesus e não na terra", "Deus te trouxe aqui hoje meu irmão!" (repetir uns para os outros pede o pastor)

A arte de ser feliz é saber que a nossa morada é no céu e não na terra.

O Pastor ora pela igreja e a música é retomada de forma acelerada, estilo rock, com alegria da igreja para o encerramento do culto.

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO/OBSERVAÇÃO EM ATIVIDADES DA CHURCH IN CONNECTION – C6

Culto de domingo 19:00 dia 05 de maio de 2016 (19:00)

"Tema circo"

- 1) Na entrada da igreja cinco jovens, homens e mulheres, recepcionam a todos entregando dois corações em cartolinas recortadas em cores diferentes (estamos na véspera do dia dos namorados e esses corações serão usados como símbolo de união das famílias)
- 2) A igreja está no escuro e o louvor já está acontecendo em ritmo de rock, com grande participação de todos. Canhões de luzes coloridas cortam o ambiente iluminando partes do ambiente e animando a plateia. A banda está composta de 11 componentes e com três dançarinas. A coreografia estimula a todos levantarem as mãos para os céus, pularem nos seus lugares e se alegrarem com a música que embala os fieis com muitas palmas. Em toda a parede do fundo da igreja, que funciona como uma grande tela, rolam cenas de montanhas, de rios vistos de cima e de nuvens em movimento criando um ambiente que convida a adoração de Deus na natureza criada. O dirigente do louvor se direciona pelo cel. para conduzir o louvor e falar ao público palavras de incentivo e de adoração ao Deus criador. A sequência das músicas não sofre nenhuma interrupção, as mesmas são tocadas em *pot-pourri* (é um modo de executar várias músicas em uma única faixa, tocadas uma após a outra, às vezes sobrepostas).
- 3) No final do louvor, no trânsito para a pregação, sem parar a música, um refrão da última música é cantada diversas vezes (a música repete: Seu nome é Jesus, Eu não estou só, Eu não estou só, Ele está comigo na Church).
- 4) Enquanto isso entram dois atores, um representando Jesus com túnica e a coroa de espinhos, e uma mulher chorando muito, como quem sofre muito, mas, amparada por Jesus. Por final Jesus a carrega no colo e se direciona para o meio do palco da igreja, onde está um grande sofá, e lá coloca a mulher cuidadosamente e tira a coroa de espinhos e coloca uma coroa de Rei. O Pastor Thiago entra em seguida com calça azul camisa colorida e gravata já com o microfone nas mãos e cantando o refrão.
- 5) O pastor assenta-se numa poltrona que está ao lado do sofá onde vai permanecer até o final os atores que representam Jesus e a mulher. O pastor faz uma breve

oração, carregada de emoção, pega o *ipad* e depois inicia dizendo que Deus falou ao “seu coração” durante toda a semana sobre o amor.

Ele discorre sobre João que se considerava discípulo amado de Jesus. João, segundo o pastor não teve destaque na vida religiosa dos judeus, embora fosse judeu, mas, Jesus não olha para o nível espiritual das pessoas quando as chama. João foi chamado, Cristo apenas disse: segue-me. Foi esse chamado que convenceu João de que ele era amado. Depois de discorrer sobre o status de cada pessoa em sociedade e dizer que Jesus não olha para a situação social de ninguém, o pastor diz que Todos que estavam ali, estavam porque foram chamados e são amados de Deus. (Mc. 9:40 é lido para mostrar que ninguém pode ser repreendido por estar com Cristo) Jesus também corrige a quem ama. “Se Jesus te corrige é porque te ama, é porque você é filho de Deus” (...) “O chamado de Jesus tem cruz. Sua vida terá problemas, mas, Deus te ama” (enquanto o pastor fala, algumas cenas do filme “A paixão de Cristo” são projetadas na grande tela que ocupa toda a frente do palco. “O próprio Jesus sofreu” O pastor começa a cantar o refrão da música inicial, o conjunto de louvor aumenta o som e as dançarinas entram e repete-se um momento de louvor que prepara os membros para o sacramento da “ceia do Senhor”.

- 6) Sem interrupção total da música o pastor lê o texto Bíblico sobre a ceia de Jesus com os discípulos e manda os diáconos e diaconisas servirem o pão e o vinho...
- 7) A Church in Connection dedica parte de um culto para a "Santa Ceia", realizada uma vez por mês aos domingos à noite. O pastor Thiago revive as últimas horas de vida de Cristo na terra, e, a sua última ceia com os discípulos. O pastor relata que o pão da ceia lembra a carne de Cristo, o seu corpo, e, o vinho seu sangue, que seria derramado em favor dos discípulos e de todos àqueles que viessem a crer. Jesus como o Cristo (aqui um ente humano, mas, também sobrenatural) estabelece um mito a ser narrado aos discípulos que viessem. Essa história sagrada é vivida pelos membros da Igreja como uma "verdade absoluta" através da leitura do Evangelho de Marcos 14: 22-26. O pastor Thiago serve o pão e depois, ao servir um cálice de suco de uva representando o vinho, enfatiza as palavras de Jesus Cristo: "Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que por muitos é derramado" (Mc. 14:24), *para remissão dos pecados*.

- 8) Todos foram convidados a se servirem e o pastor mandou que os que receberam a ceia dessem ao final o copinho do vinho para quem não se serviu e lhe desse um abraço dizendo “Deus te ama meu irmão ou irmã”.
- 9) Por último foi retirada uma oferta sob forte e melódica música e com oração pelos fiéis, e, benção do pastor para os dizimistas e ofertantes.

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO/OBSERVAÇÃO EM ATIVIDADES DA CHURCH IN CONNECTION – C7

Culto de domingo 19:00 dia 07 de agosto de 2016 (19:00)

Recepção: um casal vestido de quimono inscrito Church in Connection faz a recepção na porta cumprimentando os que chegam. Atrás deles o símbolo olímpico na parede. Música melódica e louvores da comunidade com os cânticos sendo repetidos diversas vezes e com muita animação. Num telão que cobre toda a frente da igreja.



Fonte: foto retirada por celular na entrada da igreja em 07/08/2016

O ambiente Toda a igreja está decorado com o símbolo das olimpíadas e em todo o palco central estão espalhados: bolas de diversos esportes, uma trave de salto para cavalos, raquetes de tênis e de outros instrumentos esportivos. Também os músicos estão vestidos como atletas e as dançarinas que ajudam na encenação musical.

Entrada do pastor Do fundo da Igreja com o louvor ainda em andamento, mas, começando a tocar a música-tema do filme “carruagens de fogo” (título no Brasil do filme que em 1981 mostrou a preparação da equipe olímpica de [atletismo](#) da [Grã-Bretanha](#) para os [Jogos Olímpicos de 1924](#), em [Paris](#). É a música do grego Vangelis e se tornou um ‘hino oficial” das maratonas e dos aos maratonistas de todo o mundo), entra o pastor de forma despercebida, a princípio, com a réplica da tocha olímpica acesa, vestindo short, camiseta e de tênis, ele percorre o centro e uma lateral da igreja carregando a tocha com a música sempre mais forte e depois acende uma pequena pira diante do palco, onde ele saúda a igreja e começa a pregação. Uma música mais suave e só ao teclado começa a tocar, substituindo a música anterior e a plateia vai se fixando no pastor.



Fonte: <https://www.facebook.com/> Consultado em 08/08/2016

A pregação O pastor Thiago pega o microfone e começa a falar sobre como surgiram os jogos olímpicos. Ele fala do simbolismo da chama olímpica que veio da Grécia para percorrer o Brasil e se manter acesa durante os jogos na pira olímpica. Em seguida ele lê apenas um versículo, Lc 3:16, e fala do batismo que Jesus faria, de acordo com João Batista, com o Espírito santo e com Fogo. No telão uma lâmina de fogo é projetada na igreja quase toda no escuro, dando uma sensação de presença do fogo do ambiente.

Por alguns minutos o pastor Thiago se detém a enumerar e narrar uma série de hierofanias onde Deus, do Velho Testamento bíblico, se manifesta como “fogo num arbusto”, como “fogo que vem do céu”, ou, como “coluna de fogo” a guiar seu povo Israel pelo deserto. “Deus é aquele que dá direção, por meio do Fogo, ao seu povo”. Repita para aquele que está do seu lado: “Deus quer te dar orientação”

O pastor também relaciona o fogo com Jesus, dizendo que “o batismo com o Espírito Santo e com fogo que Jesus faz não é falar em línguas estranhas, ou, qualquer outra manifestação dos dons espirituais como entendido pelo grupo de religiosos que se dizem pentecostais, mas, é a iluminação das nossas vidas, do nosso coração e de mudança nas nossas atitudes”. “Jesus é a Luz nas trevas do seu coração, Ele te ilumina e dá sentido à sua vida; não no aspecto Pentecostal (falar em línguas e profetizar), mas no seu ser interior. Jesus te faz andar na Luz, sem medo da

morte, do inferno, ou dos seus pecados; você não precisa ter medo de esconder nada, nem sua vida social e virtual”.

Nesse momento em diante o pastor começa a ditar, para toda a plateia, as senhas do seu facebook, do seu e-mail e outras senhas, e diz que ele faz tal coisa porque Jesus iluminou a sua vida e ele não tem do que se esconder.

Ele retoma o discurso da claridade e da purificação do Fogo do batismo realizado por Jesus e diz que isso é que é ser batizado com o Espírito Santo: “andar sem medo, no claro, estar limpo e perdoado, ser transparente”.

Então passa um bom tempo desafiando a plateia a se aquecer no batismo do fogo de Jesus, ele diz que “Jesus está aqui e quer te iluminar, **te dar um propósito** que é o de levá-lo aos perdidos... têm que ir lá fora e pregar para a família, no trabalho, na rua”.

Uma série de frases diretas, mas, simples são ditas em tom de profecia para a plateia que é chamada a repetir umas para os outros “O Diabo quer apagar a chama que Deus põe no seu coração, mas, Deus vai incendiar sua vida...”, “Você é a tocha de fogo que guia sua casa sua família e seus companheiros de trabalho”, “Deus vai acender o fogo no seu coração”.

Imediatamente o pastor diz que está recebendo uma revelação de Deus e que Deus está dizendo a todos que: “Ele vai iluminar sua casa e fazer da sua casa uma casa de paz” (isso é repetido quase uma dezena de vezes e um cântico começa a tocar e levar a plateia a cantar uma música cuja letra, tem um refrão que será repetido à exaustão e diz: “Acende o fogo em meu coração, Eu quero mais de Ti Deus”. O pastor pede que a plateia declare a Deus essa vontade de “ter mais de Ti”.

Santa ceia O pastor faz uma oração e pede para que todos mantenham a mão no coração e concordem com a oração que ele fará, e que trata sobre pedir o perdão de Deus e ser iluminado para andar de acordo com a vontade Dele”. Em seguida o pastor Thiago diz que “o maior patrimônio de uma igreja não é as paredes, os móveis e o templo, mas, as pessoas” (a igreja explode num êxtase de alegria e de glórias a Deus e a Jesus). Os diáconos e diaconisas vestindo roupas esportivas, de short e camiseta, e de quimono se dirigem até a frente da igreja com o pão e o vinho para servir ao povo.

O final O pastor Thiago depois e conduzir a distribuição da ceia faz uma oração e volta com força a música da petição a Deus para acender a vida e etc.

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO/OBSERVAÇÃO EM ATIVIDADES DA CHURCH IN CONNECTION – C8

Culto Submerso - dia 05 de outubro de 2016 (19:00)

Começo:

Música alta com sete músicos e três dirigentes que se revezam na direção dos louvores e cânticos. Telão com inúmeras imagens de ondas, rios, águas em abundância. Dançarinas compõem o momento do louvor.

O princípio desse momento é de músicas ininterruptas e de um forte clima emocional. Repetição do refrão de uma das músicas “eu navegarei no oceano do Espírito”. Os membros de olhos fechados e mãos levantadas e balançando os braços parecem mergulhados em si mesmos num envolvimento melódico que fala de Deus, do Espírito, que habita em nós...

Entrada do pastor:

Sem ser percebido ele lê o Sl. 121 e passa a agradecer pela chuva que caia lá fora, e a possibilidade de estar na presença de Deus naquela noite.

Pregação: Explica a simbologia dos montes, “lugar na antiguidade que se cria ser morada dos deuses e, que, o salmista diz olhar para ver se de lá virá o socorro pra ele”. O pastor explica que o salmista viu que o socorro vinha de Deus, o seu Senhor. Deus único e soberano, capaz de livrá-los, por pura graça, das dificuldades e obstáculos da vida. Ele diz que “Deus fez os céus e a terra e cuida de nós e da nossa família e que é preciso busca-lo para descobrir, ou, redescobrir que o nosso socorro vem dele, do Senhor. Diz o pastor que “nessa quarta todos são convidados a olhar para os montes e saber que não é deles que vem o nosso socorro (os montes podem ser: o dinheiro, os médicos, a casa ou outras coisas e pessoas em quem os fiéis podem estar esperando). Os cânticos reiniciam suavemente e o pastor tira uma oferta e ora pelos ofertantes. Com música se encerra a reunião que contou com aproximadamente 100 pessoas.

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO/OBSERVAÇÃO EM ATIVIDADES DA CHURCH IN CONNECTION – C9

C9 Escola dominical - dia 20 de novembro de 2016

Café da manhã

(Número de fiéis - 50 aproximadamente)

Texto do livro de Apocalipse 1.

Formato da escola bíblica dominical: café das 9:30 às 10:00 / Louvor com equipe formada por técnicos de música, dança, imagem e som (10 pessoas).

10:27 a palavra é entregue ao pastor que manda distribuir lápis e papel para todos fazerem anotações do estudo.

Ele inicia explicando que o autor do, livro é Deus que revelou para Jesus, que revelou para os anjos, que revelaram para João (não se sabe se é o apóstolo) e que revelou para a igreja.

Em seguida fala da felicidade – vs. 3 Makários em grego - que deve ser produto de se estudar o livro de Apocalipse, bem como de guardar e obedecer os ensinamentos.

O pastor faz uma longa exposição sobre a perseverança dos santos (fiéis que seguem a Jesus) e diz que o teólogo Calvino deixa claro que os santos foram salvos, continuam sendo salvos e serão salvos. A seguir acrescenta; “perseverança não se contradiz com a eleição e a predestinação, pois é Deus quem nos escolhe para a salvação, mas, você pode ser da Church crendo que você é que escolheu a Deus, sem problemas (*sic*)”.

- Na pregação do Apocalipse o Pastor Thiago diz que para aqueles que já morreram, Jesus já voltou e eles já estão diante Dele.

O pastor explica textos de Daniel 7:19 e de Zacarias 12:10 e os relaciona com Apocalipse 1.

Os 7 espíritos descritos são, segundo ele, características de Jesus

Às 11:47 ele encerra com uma oração final e recolhe a oferta ornado para os ofertantes terem uma vida financeira abençoada por Deus.

C10 Entrevista com o Pastor e Reitor do Seminário Presbiteriano Renovado Brasil Central, Ivailton Soares - Anápolis 10 de julho de 2016

Na entrevista ele nos afirmou que o “Pastor Thiago Vinícius da Cunha era muito criativo e cheio de novas ideias. Ambicioso num sentido benéfico, de querer crescer, de ser grande. Que a saída do Pastor da Igreja foi de comum acordo e que os limites impostos pela denominação não facilitavam a atuação do referido pastor que queria crescer e dinamizar o seu ministério. Diz que não houve nenhum tipo de retaliação e que eles da IPRB resolveram deixar com o Pastor Thiago os bens que pertenciam à IPRB. Ressaltou que o Pastor tinha nesses anos feito muitos gastos para manter a dinâmica dos cultos noturnas de domingo e por isso não tinha muitos bens. A própria Igreja estava funcionando num local alugado.

A ATITUDE DO PASTOR Thiago em abrir uma igreja em Goiânia estava, de acordo com o pastor Ivailton, fora das Normas da Instituição pois ele [pastor Thiago] não consultou o presbitério de Goiânia para tal empreendimento.

C11 - Palavra da pastora Késia em culto do dia 18/09/2016

Ser Cheia do Espírito Santo é ser uma mulher Submissa Efésios 5:22-24.

Submissão:

SUB - quer dizer "debaixo - de".

MISSÃO - "profissão ou vocação."

Em resumo: SUBMISSÃO é EXERCER MISSÃO DE APOIO, missão de base, de auxílio. Alguém disse: "Por detrás de um grande homem, sempre existe uma grande mulher"

Mulheres estejam debaixo da sua vocação.

Quando a mulher não cumpre sua vocação ela tenta roubar um lugar que não pertence a ela.

ANEXO 6

Questionário aplicado - 52 pessoas, 10% do total de frequentadores da Igreja Church in Connection em outubro de 2016.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa realizada para a elaboração da tese que tem como título “**Church in connection: igreja, show midiático e juventude**”, como pesquisador responsável Dr. Alberto da Silva Moreira e como doutorando Pedro Fernando Sahium do curso de doutorado em Ciências da Religião, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC de Goiás. Após receber os esclarecimentos e as informações, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Pedro Fernando Sahium, pelo telefone 62 3324 44 54, ou e-mail psahium@hotmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás.

Essa pesquisa está baseada nas Ciências da Religião, e procura investigar as relações entre a economia religiosa, a cultura midiática e a grande adesão de jovens na igreja denominada Church in Connection. Responderão por meio de diálogo aberto e a observação participante, 20 homens e 20 mulheres escolhidos aleatoriamente no rol de membros e de participantes da igreja. Todos os dados que você fornecer serão tratados para os fins da pesquisa, e a divulgação da mesma, de todas as formas possíveis. O seu nome será divulgado como parte integrante e colaboradora voluntária. Saiba que a sua participação nessa pesquisa é totalmente voluntária, não havendo nenhuma remuneração por ela ou finalidades autorais ao participante ou colaborador atualmente ou posteriormente. Você é totalmente livre para abandonar a pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo. Além disso, você poderá solicitar que se retire dela qualquer contribuição que você já tenha prestado, até a data de finalização, com uma solicitação diretamente ao pesquisador.

Os riscos dessa pesquisa são de ordem emocional ou empírica, e, se ocorrer alguma recordação não agradável, e por isso você se sentir com qualquer mal-estar emocional, físico e/ou mental, ou algum desconforto, todo apoio será garantido sem algum ônus para você e será prestada a assistência gratuita pelo pesquisador e caso ocorra algum dano você será indenizado (a).

Concordando em participar, você deverá assinar e datar este termo de livre consentimento para a participação, do qual uma cópia será fornecida a você. De minha

parte, declaro para os devidos fins que cumprirei com legitimidade todos os itens da Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12 em que esta pesquisa tenha relação.

Eu, _____, RG _____

_____, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, declaro que ficaram claros para mim, quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados. Entendo que não há, na pesquisa, intenção de desconforto, risco ou qualquer retribuição financeira atual ou posterior pela participação. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso a tratamento de ordem emocional, física e/ou mental, quando necessário, não constatado como mal preexistente. E não terei ônus nenhum para a participação na pesquisa. Concordo voluntariamente e sem fins financeiros autorais ao participar desse estudo, e poderei retirar o meu livre consentimento até a finalização da atividade da tese, sem penalidades ou prejuízo.

Anápolis, ____ de outubro de 2016.

___/___/___

Assinatura do participante

Data

___/___/___

Assinatura do responsável pelo estudo

Data

Questionário Social, Étnico-Cultural

Informações sobre o pesquisador e-mail: psahium@hotmail.com ou pos.efph@pucgoias.edu.br

1. Sexo:

- () Masculino 45%
- () Feminino 55%

2. Idade:

- entre 15 – 20 = 17,5%
- 20 - 25 = 52,5%
- 26 – 30 = 17,5%
- Acima de 30 = 12,5%

3. Você participa de alguma entidade ou associação?

- () Associação de bairro ou de moradores 7,5%
- () Associação ou movimento ligado à luta de minorias (assinalar):
- () Negros
- () Mulheres 37,5%
- () Homossexuais 5,%
- () Meninos de rua 2,5%
- () Partido político 2,5%
- Não 75%

4. O que a Church tem que outras igrejas não têm?

- () O show que é o culto e as programações na Church 21%
- () O pastor ungido e com visão 29%
- () O louvor 21%
- () A doutrina 13%
- Igreja Moderna 2%
- Amor ao próximo 4%
- Levam a sério a palavra de Deus 2%
- Tudo na igreja é diferente 8%

5. Em relação à religião, você diria que sua família ou a maior parte dos seus familiares é:

- () Ateísta
- () Acredita em Deus mas não segue nenhuma religião 8 20%
- () Católica 6 15%
- () Católica não praticante 3 7,5%
- () Protestante (evangélica, batista, presbiteriana, calvinista, luterana, ou outro) 23 57,5%

6. Você recebeu algum tipo de educação/formação religiosa na infância?

() Sim. Qual? Católico 20% / Nenhuma 22,5% / Evangélico 32,5% / Sim, mas não falaram a origem 20% / Espírita 2,5% / Não responderam 2,5%

7. Quanto a atuação do pastor da Church, você considera:

- (100%) muito importante
- () importante
- () Pouco importante
- () Irrelevante

8. Com que frequência você participa das atividades da Church?

- 60% Em todas as programações oferecidas pela Church
- 17,5% Cerca de uma vez por semana
- 5% Cerca de uma vez ao mês
- 17,5% Somente no culto do domingo

9. O que trouxe você até a Church?

- (60 %) Convite de outras pessoas, amigos, vizinhos, parentes etc.
- (-) Propaganda vista nos meios de comunicação como internet, facebook etc.
- (-) Convite do pastor
- (17,5%) Eu estava procurando uma igreja e passei na porta da Church e fiquei
- (22,5%) Outros

10. Do que você mais gosta na Church?

- (21,5%) Do louvor
- (26,5%) Do estilo das pregações
- (20,2%) Das novidades trazidas no culto
- (27,8%) Do ensino Bíblico
- (4%) Outras

11. Você costuma ler a Bíblia regularmente?

- (72,5%) Sim
- (22,5%) Não
- (5%) Não responderam

12. Onde você lê a Bíblia?

- () No livro 71,4% ou 54% SÓ NO LIVRO

- () Pela internet 5,7%
- () Pelo Smartphone 41% 11% Só NO SMARTPHONE
- () Em outras. Quais?

13. Você está conectado com o WhatsApp ou ao App da Church? Se está com que frequência você confere as mensagens?

- () Sim 83%
- () Não 17%
- () Todos os dias e muitas vezes 25%
- () Todos os dias e uma única vez 11,5%

14. Você participa de algum ministério da Church?

- (35%) Sim
- (60%) Não
- (5%) Não responderam

15. Você veio de outra igreja? Qual?

(80%) Sim. Qual? Assembléia 15% / Bettel 7,5 / Luz 5 % / Batista 5 % / Quadrangular 5% / Altíssimo 2,5% / Vida Nova 2,5% / Nações 2,5% / Betesda 2,5% / Sara nossa terra 2,5% / Católica 2,5% / Resgate 2,5% / Presbiteriana 2,5%...

(20%) Não

16. O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

- () Ficar em casa 59,5%
- () ler (livros, revistas, etc.) 31%
- () Praticar esportes 4,5%
- () Navegar pela Internet 12
- () Brincar de jogos eletrônicos 3
- () Participar de atividades da Church (reuniões de casais, reuniões de orações, etc.) 10
- () Outras. FILMES E DOCUMENTARIOS 1
- PALESTRAS NA INTERNET 1
- ESTUDAR 2
- SAIR I

17. Estado Civil:

- (75%)** Solteiro(a)
- (15%)** Casado(a)
- (2,5%)** Separado(a) / Divorciado(a)
- (-) Viúvo(a)

(2,5%) Vivo com companheira

(-) Vivo com companheiro

(5%) Não respondeu

18. Quanto tempo você faz parte da Church?

(-) A 4 anos

(5%) A 3 anos

(10%) A 2 anos

(15%) A 1 ano

(62,5%) menos de um ano

(2,5%) Não respondeu

19. Onde você mora?

(30%) Bairro na periferia da cidade

(52,5%) Bairro na região central da cidade

(2,5%) Condomínio residencial fechado

(5%) Conjunto habitacional

() Região rural (chácara, sítio, fazenda, aldeia, etc.)

(7,5%) Outro

(2,5%) Não responderam

20. Com quem você mora?

(55%) Com os Pais

(17,5%) Com o Cônjuge

(2,5%) Com Companheiro (a)

(15%) Sozinho

(7,5%) Outros

(2,5%) Não respondeu

21. Atualmente você:

(22,5%) Apenas estuda

(27,5%) Trabalha e estuda

(37,5%) Apenas trabalha

(7,5%) Está desempregado (a)

(2,5%) Não trabalha nem estuda

(2,5) Não respondeu

22. No seu trabalho principal, você é:

(42,5%) Empregado assalariado (exceto empregado doméstico)

(0) Empregado doméstico mensalista ou diarista

(2,5%) Empregado que ganha por produção (comissão)

(10%) Trabalha por conta própria, é autônomo

(7,5%) É dono de negócio, empregador

(2,5%) Trabalha em negócio familiar sem remuneração

(10%) Outros

(25%) Não respondeu

23. Qual o seu grau máximo de escolaridade?

(5%) Ensino fundamental incompleto
 (5%) Ensino fundamental completo
 (7,5%) Ensino médio incompleto
 (27,5%) Ensino médio completo
 (15%) Ensino superior incompleto
 (25%) Ensino superior completo
 (10%) Outros / 5% Não respondeu

APÊNDICE 3

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM QUESTÕES ABERTAS E SEMIESTRUTURADAS

1. Em sua opinião a *Church* é uma igreja diferente? Como você a definiria?
2. Na sua opinião qual é o maior benefício para quem frequenta a *Church*?
3. O que não te agradou nas igrejas que você frequentou antes da *Church*?

Notas sobre o Apêndice 3 – **padrão de respostas:**

Palavras chave nas repostas das questões abertas e semiestruturadas

Questão 1) Em sua opinião, a Church é uma igreja diferente? Como você a definiria?

“Acolhimento” citada 6x

“Alegre/Animada” citada 3x

“Libertadora” citada 2x

Inovadora / Não cansativa / Sem denominação / Informal / Eclética / Estranha / Alienada

Questão 2) Na sua opinião, qual é o maior benefício para quem frequenta a Church?

“Acolhimento” citada 2x

“Aceitação” citada 2x

“Transformação citada 2x

Fim da solidão / Comunhão / Amizade / Cuidado / Acompanhamento dos pastores

Questão 3) O que não te agradou nas igrejas que você frequentou antes de Church?

“Visão” citada 5x

“Doutrina” citada 3x

“Frieza” citada 3x

“Obrigação do dízimo” citada 2x

“Rotina” citada 2x

ANEXO 7

Dados pelo E'mail da secretária da Igreja Church in Connection

Comungantes

463 aliançados

86% Superior Completo

9% Superior Incompleto

3% Médio Completo

2% Médio Incompleto

Idade

10 a 20 anos 20%

20 a 30 anos 60%

30 a 40 anos 5%

40 a 60 anos 5%

Acima de 60 anos 10%

Não-comungantes em torno de 500

10 a 50 anos 95%

Acima de 50 anos 5%

Church In Connection
Jayana Marielle - Secretária
Fone: (062) 3706-7771
Cel: (062) 9214-0226

23 de junho de 2016
E'mail

Doc. I

Aru

2.º RPD Reg. 992 Livro RJ 13

Termo de Abertura

Este livro contém cinquenta folhas tipograficamente reunidas e com a rubrica do meu nome Aru, que sendo usadas para o registro de atas da Assembleia da II Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis. Anápolis, 07 de agosto de 1971. Marcos Antonio Pereira

Ata de fundação da 2ª Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis. Aos sete dias do mês de agosto de hum mil novecentos e setenta e sete, às 14:00 horas, no templo provisório da congregação da primeira Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis, situada à rua 14 de julho, esquina com a avenida Goiás, nº 1100, sob a presidência do Pastor Paulo de Oliveira Brasil, e do restante da comissão nomeada pelo Presbitério: Pastor Drummond de Oliveira Coixeta, Pastor José Berto de Araújo Neto e Pastor Marcos Antonio Pereira, reuniu-se a Assembleia Geral da Fundação da Segunda Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis, com os seguintes membros: Raimundo Emanuel Teixeira, brasileiro, casado, metrista; Otiracem Neri dos Santos, brasileiro, solteiro, estudante; Maria Celeste de Sousa, brasileira, solteira, estudante; Domingos Celso D. Teixeira, brasileiro, solteiro, estudante; João Augusto de Oliveira Passos, brasileiro, solteiro, telegrafista; Victor Hugo Marques de Azevedo, brasileiro, solteiro, estudante; Evalton José Soares, brasileiro, solteiro, laboratorista; Augusto José da Silva, brasileiro, solteiro, tipógrafo; Marcos Antonio Alves Gontijo, brasileiro, solteiro, balconista; Janilda Américo da Silva, brasileira, casada, doméstica; Frederico Dutra

2.º Registro de Títulos e Documentos

e Reg. Civil das Pessoas Jurídicas

Anápolis

C. P. 691

Anápolis-00

Medeiros, brasileiro, solteiro, estudante; Rosângela de Oliveira Feloso, brasileira, solteira, universitária; Eny Freida Silveira, brasileira, solteira, estudante; Silveira José da Silveira, brasileira, solteira, telefonista; Carlos José Soares brasileiro, solteiro, estudante; Marcelo Sobrosa de Sousa, brasileiro, solteiro, militar; Luiz Carlos Mundim, brasileiro, solteiro, tratante; Saulo de Tarso Dias, brasileiro, casado, deenhisto arquiteto; Lenir Costa Dias, brasileira, casada, doméstica; Diniz Tavares da Silva, brasileiro, casado, açougueiro; Lourença Vieira da Silva, brasileira, casada, doméstica; João Batista Teixeira, brasileiro, solteiro, estudante; Nárcia Maria de Moraes, brasileira, solteira, estudante; Geraldo Daniel Teixeira, brasileiro, solteiro, estudante; Elizabeth Celestino Carneiro, brasileira, solteira, estudante; José Gomes da Silva, brasileiro, casado, evangelista; Alina Azevedo Ladeira, brasileira, casada, comerciante; Adriane Santos Cordeiro, brasileira, solteira, estudante; Jacyr Emmanuel Bastos, brasileiro, solteiro, professor; Edilva Neri dos Santos, brasileira, solteira, professora; Jesulinda Neri dos Santos, brasileira, casada, doméstica; Raquel Moreira da Silveira, brasileira, solteira, balconista; Nilda Aparecida da Silva, brasileira, casada, doméstica; Nazare deão da Silva, brasileira, solteira, doméstica; Ilda Pereira Soares, brasileira, casada, doméstica; Selma Ferreira Pereira, brasileira, casada, professora; Edinalva Neri dos Santos, brasileira, solteira, estudante; Valcira S. de Araújo, brasileira, casada, doméstica; Celeste Pereira da Silva, brasileira, solteira, doméstica; Ondálio Maria Mendonça, brasileira, solteira, balconista; Daisy Oliveira Caieta, brasileira, casada, doméstica; Joaquim Francisco da Silva, brasileiro, casado, baracheiro; Zilda Pereira Daniel, brasileira, casada, doméstica; Ripes

1919

Carneiro da Costa, brasileira, casada, doméstica; Be-
 lena Neri dos Santos, brasileira, solteira, bancária;
 Maria de Fátima Silva, brasileira, casada, domés-
 tica; Marcos Antonio Pereira, brasileiro, casado, Pastor.
 A reunião teve início com uma parte devocional
 dirigida pelo evangelista José Gomes da Silva.
 O Sr. Pastor José Berto de Araújo Neto, foi convida-
 do para secretariar a reunião. Depois deu uma
 palavra de esclarecimento das determinações
 do Presbitério para com a congregação e apre-
 sentação da comissão organizadora, foi lido
 e explicado o Estatuto da 2ª Igreja Presbiteriana
 Renovada de Anápolis, o qual foi aprovado
 por unanimidade. Em seguida foi dada uma pa-
 lavra de explicação pelo secretário, quantos as que-
 lidades necessárias para se fazer parte do oficial-
 ato da Igreja. Procedeu-se a eleição de presbíteros e
 diaconos; sendo eleitos para presbíteros: Raimundo
 Daniel Teixeira com 40 votos; Saulo de Tarso Fias
 com 38 votos; Piniz Tavares da Silva com 37 vo-
 tos; Jayr Emmanuel Bastos com 37 votos; e para
 diaconos: Carlos José Soares com 38 votos; Augusto
 José da Silva com 35 votos; Márcio Sobreira de sou-
 za com 30 votos; Joaquim Francisco da Silva
 com 27 votos. Fica pois constituída a diretoria
 da "2ª" Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis,
 com mandato até 07-08-19. Assim: Presidente
 Marcos Antonio Pereira, brasileiro, casado, Pastor Evan-
 gélico, C.I. 243.554 S.S.P.D.F.; Vice-Presidente Saulo de
 Tarso Fias, brasileiro, casado, desenhista archi-
 tetónico, C.I. n.º 155.609 S.I.C.G.O., Secretário Jayr
 Emmanuel Bastos, brasileiro, solteiro, professor,
 C.I. n.º 62.461 S.S.P.G.O. Conforme o artigo 69
 da Constituição. A irmã Dayse de Oliveira Bai

esta faz a proposta de que a assembleia dele-
gue poder ao conselho para nomear o tesoureiro
da Igreja; o que foi aprovado e apoiado
por unanimidade. Nada mais havendo de tra-
tar foi proposto e aprovado o encerramento da
reunião, que se deu com uma palavra de
oração. Eu, secretário lavei a seguinte ata que
assinou com o presidente e todos presentes. Pro-
polis, 07 de agosto de 1978.

João de Oliveira Brasil

Marcos Antonio Pereira

Secretaria

Alma J. Brasil

Roguel Moura da Siqueira

Adriana Maria dos Santos

Alma J. Brasil

Orlando Mendonça

Hilda Pereira Daniel

Maria Celeste de Souza

João de Souza Dias

Augusto José da Silva

Domina de Oliveira Silva

João Francisco da Silva

Nora Silas Wind

Margarite Leão da Silva

Hilda Pereira Soares

Luiz Antonio da Silva

Edisto Pereira da Silva

Marcos Antonio de Souza

Luiz Tavares da Silva

Francisco Luiz da Silva

Gertrudes Maria dos Santos

Maria Siedade Gomes

Marcos Antonio Alves Gomes

São Augusto de Oliveira Ramos
 Alvaro Alves Gomes
 Frederico Nogueira Medeiros
 (Membro do Conselho de Administração)
 João José Soares
 São Augusto de Oliveira Ramos
 Alvaro Alves Gomes
 Frederico Nogueira Medeiros
 Alvaro Alves Gomes
 Rua Augusta de Oliveira Ramos.

21-12-77 Ata da Assembleia Ordinária da II Igreja Presbiteriana
 Renovada de Anápolis, situada à Av. Goiás nº 1.100, equi-
 na com a rua 14 de julho. Iniciou-se às 21:00 horas,
 com a presença de 57 membros, presidida pelo Pas-
 tor da Igreja, Marcos Antônio Pereira, com uma par-
 te devocional. Foi lida a Ata da Fundação da Igre-
 ja e apoiada sua leitura. Em seguida, foram
 apresentados os relatórios: Trabalho Feminino - relató-
 rio financeiro. Receita R\$ 10.746,70, Despesas R\$ 10.279,00.
 O Presidente deu uma palavra sobre os trabalhos

900-II



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

1927

ESTADO DE GOIÁS
COMARCA DE ANÁPOLIS

2º TABELIONATO DE PROTESTOS E REGISTRO
DE PESSOAS JURÍDICAS, TÍTULOS E DOCUMENTOS

RUA ENGENHEIRO PORTELA, 222 - 5º ANDAR - TELEFONE: *324-1463 - ANÁPOLIS - GOIÁS

Eurípedes B. Junqueira

OFICIAL

Denys Junqueira

SUBSTITUTO

Frederico Junqueira

SUBSTITUTO

Geny Dias Junqueira

SUB. OFICIAL

Wolney Alves Cunha

SUB. OFICIAL

Linha de separação

II TABELIONATO PROTESTOARIAS RENOVADA DE ANÁPOLIS

Protocolo - Livro "A" Nº 05 Nº 36722 Livro 50 - 23

Registro Nº 100

AUTUAÇÃO

Aos 12 dias do mês de Maio

de 1927, nesta cidade de Anápolis, Estado de Goiás em cartório autuo
os documentos que adiante se veem, do que pára constar, lavrei este
termo. Eu _____, o escrevi e assino

Eurípedes B. Junqueira

Wolney Alves Cunha

Wolney Alves Cunha - Sub Oficial

**ESTATUTO DA II IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA
DE ANÁPOLIS**



CAPÍTULO I - DA IGREJA

ARTIGO 1º - A II IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE ANÁPOLIS, é uma instituição civil e religiosa, evangélica, pentecostal sem fins lucrativos, com sustento, propagação e governos próprios, sede e ~~foro~~ à Rua Benjamim Constant, 1.216 Centro nesta Cidade de Anápolis, Estado de Goiás, composta de número ilimitado de membros, sem distinção de nacionalidade, cor, sexo ou condição social, crentes em Nosso Senhor Jesus Cristo, que aceitam com ~~única~~ regra de fé as Santas Escrituras, compreendendo o Antigo e o Novo Testamento, e funcionará pôr tempo indeterminado.

ARTIGO 2º - A II IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE ANÁPOLIS, doravante denominada Igreja, é filiada ao Presbitério Brasil Central, e através deste, à Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, com sede e foro na cidade de Arapongas, PR, citada nestes Estatuto pela sua sigla IPRB, entidades às quais está subordinada, doutrinária e eclesiasticamente.

ARTIGO 3º - A Igreja adota a forma de governo presbiteriano estabelecido estes Estatutos.

ARTIGO 4º - A Igreja tem pôr fim:

- I - adorar a Deus em espírito e em verdade;
- II - Propagar o Evangelho do Senhor Jesus Cristo e ganhar vidas para o Reino de Deus;
- III - Doutrinar seus membros a buscarem o batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais e a santificação de suas vidas;
- IV - Batizar os neoconvertos;
- V - Promover os princípios da fraternidade cristã;
- VI - Administrar seu patrimônio e rendimentos;
- VII - Fundar, administrar e custear estabelecimentos para obras de ação social ou educacional;
- VII - Superintender através de seus órgãos competentes, as obras desenvolvidas pelos departamento internos, Junta Diaconal e congregações;

PARÁGRAFO ÚNICO : É princípio da Igreja não fazer parte, por si e por seus membros, de sociedade secreta, de organizações heréticas ou de movimentos organizados que fujam aos ensinamentos bíblicos.

ARTIGO 5º - A representação da Igreja no Presbitério e na Assembléia Geral da IPRB é feita através de 1 (um) presbitério nomeado pelo Contelho.

PARÁGRAFO ÚNICO : A Igreja sujeitar-se-á às decisões tomadas pelo **PRESBITÉRIO E DIRETORIAS DA IPRB**

Wildo Antonio

[Signature]

ARTIGO 6º - São bens da Igreja os imóveis, móveis, semoventes e outros que possuía ou venha a possuir.

ARTIGO 7º - A aquisição onerosa, alienação ou a agregação de ônus de imóveis dependerão da decisão da maioria dos membros civilmente capazes presentes na assembleia.

PARÁGRAFO ÚNICO: Os membros da Igreja não respondem solidária ou subsidiariamente pelas obrigações por ela contraídas.

ARTIGO 8º - Constituem rendimentos da Igreja os dízimos, as ofertas, doações, e legados e quaisquer outras rendas permitidas por lei.

ARTIGO 9º - Os bens e rendimentos serão aplicados na manutenção do serviço e causas gerais da Igreja, conforme art. 4º (quarto) deste Estatutos.

PARÁGRAFO ÚNICO: As contribuições e os bens de qualquer natureza, doados à Igreja por seus membros ou terceiros, não serão devolvidos ou restituídos em hipótese alguma.

ARTIGO 10º - São responsabilidades financeiras da Igreja local:

I- O pagamento dos honorários de seu obreiro ou pastor, bem como das despesas inerentes ao cargo;

II- O pagamento das despesas de mudança quando do recebimento de seu obreiro ou pastor;

III- O pagamento da contribuição mensal de 13% (treze por cento) de sua arrecadação, sendo 5% (cinco por cento) para a IPRB; 5% (cinco por cento) para o presbitério a que está filiada e 3% (três por cento) para a Missão Priscila e Áquila;

IV- O pagamento das despesas de envio de seus obreiros, pastores e representantes às reuniões dos concílios superiores

CAPÍTULO III- DA ADMINISTRAÇÃO DO CONSELHO E REPRESENTAÇÃO

ARTIGO 11º - A Igreja é administrada pelo seu Conselho e sua Assembleia, nas funções que lhe são atribuídas nestes Estatutos.

SECÇÃO I - DO CONSELHO

ARTIGO 12º - O Conselho é o Órgão administrativo e representativo da Igreja e se compõe de pastor ou pastores, dos presbíteros e, se houver, dos obreiros.

PARÁGRAFO ÚNICO: O conselho poderá consultar os diáconos sobre questões administrativas ou inclui-los, pelo tempo que julgar necessário, na administração civil, da Igreja

ARTIGO 13º- A diretoria do conselho tem mandato bienal e compõe-se de presidente, vice-presidente e secretário.

Par. 1º- A presidência do conselho cabe ao pastor titular;

Par.2º- Os membros da Diretoria do Conselho não serão remunerados pelo exercício de seus cargos;

Par. 3º- Por não integrar a diretoria, o tesoureiro da Igreja só participa das reuniões do Conselho a convite, sem direito de votar e de ser votado, exceto se for presbítero, em atividade



ARTIGO 14º- Ao presidente compete:

- I- Representar a Igreja em juízo e fora dele;
- II- Convocar, pessoal ou publicamente, os seus membros e presidir as reuniões do Conselho e da Assembléia.
- III- Votar em caso de empate;
- IV- Assinar cheques da conta bancária da Igreja em conjunto com o tesoureiro;
- V- Tomar ou determinar quaisquer outras providências inerentes ao seu cargo

ARTIGO 15º- Ao vice-presidente compete:

- I- Substituir o presidente em suas ausências ou impedimentos, exceto para os efeitos dos incisos I, II, III, e IV do artigo 4 deste Estatuto;
- II- Assistir o presidente, sempre que for solicitado por este.

ARTIGO 16º- Ao secretário compete:

- I- Lavrar e registrar em livro próprio as atas do Conselho e da Assembléia;
- II- Fazer a correspondência do Conselho e da Igreja;
- III- Manter atualizados os fichários, livros, rol de membros e arquivos da Igreja Local e seu patrimônio.

ARTIGO 17º- Ao tesoureiro compete:

- I- Registrar todo o movimento financeiro em livro próprio;
- II- Abrir conta bancária em nome da Igreja, ficando com poderes para movimentar conta-corrente nos bancos, assinando cheques em conjunto com o pastor presidente;
- III- Registrar talões de cheques, abrir, liquidar e encerrar contas, reconhecer saldos;
- IV- Efetuar, em dia, os pagamentos relativos aos compromissos da Igreja previstos no artigo 10º deste Estatuto, independente da autorização do Conselho.
- V- Fazer balancetes mensais, apresentando relatório financeiro, anualmente, ou sempre que solicitado pelo Conselho;
- VI- Facilitar o trabalho da Comissão de exames de Contas, prestando todas as informações necessárias ao seu trabalho;

PARÁGRAFO ÚNICO - O tesoureiro responde com os seus bens ou haveres pelos valores sob sua guarda.

ARTIGO 18º- O quorum do Conselho é formado por metade mais um dos seus membros.

ARTIGO 19º- Toda reunião deve ser convocada pessoal ou publicamente pelo seu Presidente ou seu substituto legal.

ARTIGO 20º- Havendo entre os membros do Conselho problemas que impeçam a atuação do presidente e do vice-presidente, este órgão pedirá, através de um de seus membros, que a Diretoria presbiterial designe dos componentes desta ou um Pastor ou Presbítero de sua confiança, para convocar e presidir a(s) reunião(ões).

Wildo Antonio

Antonio

PARÁGRAFO ÚNICO : Na ausência de pedido formal de qualquer membro do Conselho, a Diretoria presbiterial, tendo ciência de litígios que impossibilitam a Igreja local de se harmonizar, poderá tomar as providências acima.

ARTIGO 21º - São atribuições do conselho :

I- Receber o pastor designado pelo presbitério, empossando-o no respectivo cargo em reunião reservada e, a seguir, publicamente, perante a Igreja;

II- Eleger, bianualmente, sua Diretoria;

III- Representar a Igreja perante o poder civil, através de seu presidente ou de seu substituto legal;

IV- Nomear o representante da Igreja às reuniões do Presbitério e Assembléias Gerais;

V- Encaminhar à Assembléia nomes de membros com mais de 3 (três) anos de filiação para que um deles seja escolhido como tesoureiro;

VI- Superintender todo movimento financeiro da Igreja;

VII- Receber doações;

VIII- Adquirir bens de qualquer natureza, desde que seu valor não comprometa o orçamento da Igreja;

IX- Contratar e demitir funcionários da Igreja, observando a legislação pertinente;

X- Exercer o governo espiritual e administrativo da Igreja, velando atentamente pela fé e comportamento dos membros, de modo que não negligenciem privilégios e deveres;

XI- Admitir, demitir e disciplinar membros da Igreja;

XII- Disciplinar ou demitir presbíteros ou diáconos, quando incorrerem em pecado;

XIII- Receber e processar representações contra presbíteros e diáconos, encaminhando o processo à Assembléia para julgamento, apenas quando se tratar de faltas pelo seu exercício de suas funções;

XIV- Encaminhar ao presbitério requerimento de organização de congregação em Igreja local, instituindo-o com documentação necessária;

XV- Dar os passos para a sucessão pastoral;

XVI- Autorizar, sempre que necessário, um ou mais presbíteros para, num período máximo de 1(um) ano, ministrar aos membros das congregações a Ceia do Senhor e batizar, sob a supervisão do pastor;

XVII- Nomear as diretorias para a escola Bíblica Dominical, Departamento de Assistência Social, Departamentos Internos, Congregações, Agente de Jornal Aleluia, Agente de missões, ou autorizar eleições;

XVIII - Examinar as atas e relatórios dos Departamentos internos da Igreja;

XIX- Aprovar os Estatutos do Departamento de Assistência Social.

SECÇÃO II- DA ASSEMBLÉIA

ARTIGO 22º- A Assembléia é o órgão deliberativo da Igreja que se compõe de todos os membros arrolados, sendo sua diretoria a mesma do Conselho.

ARTIGO 23º- As reuniões da Assembléia serão sempre convocadas pelo conselho, através do seu presidente, publicamente, ou por seu substituto legal e pelo menos com 7 (sete) dias de antecedência para as ordinárias e de 14 (quatorze) dias para as reuniões extraordinárias.

PARÁGRAFO ÚNICO : Nas reuniões extraordinárias só podem ser tratados os assuntos indicados na convocação.

ARTIGO 24º- A Assembléia reúne-se, ordinariamente, uma vez por ano, para:

I - Aprovar contas e relatórios financeiros, depois de examinados pela Comissão de Exame de Contas;

II- Eleger ou delegar poderes ao Conselho para nomear, para o exercício seguinte, a Comissão de Exame de Contas, constituída de 3 três de seus membros com os respectivos suplentes, para exame trimestral de livros e movimentos contábeis da tesouraria e apresentar, no final do exercício, ou antes, se julgar necessário, o seu relatório e parecer;

III- Eleger, com mandato anual, o tesoureiro da Igreja entre os candidatos apresentados pelo Conselho ou delegar poderes ao Conselho para nomeá-lo;

IV- Tomar conhecimento de relatório eclesiástico.

ARTIGO 25º- A Assembléia reúne-se extraordinariamente sempre que o Conselho a convocar, de sua livre iniciativa, ou quando lhe for apresentado requerimento por membros em números que constituem o quorum para tratar dos seguintes assuntos:

I- Decidir sobre a sucessão pastoral, no caso de não ter havido consenso entre o Conselho e o obreiro ou pastor;

II- Aprovar, reformar, ou emendar os Estatutos da Igreja;

III- Eleger presbíteros e diáconos;

IV- Julgar as acusações contra presbíteros e diáconos, após processo regular, na forma do artigo 21 (vinte e um) inciso XIII;

V- Decidir sobre aquisição, alienação, oneração de imóveis da Igreja, salvo o disposto no artigo 21 (vinte e um), inciso VII;

VI- Todos os demais assuntos constantes na sua convocação.

ARTIGO 26º- A Assembléia poderá reunir-se, extraordinariamente, em Congregação de sua jurisdição, com finalidade exclusiva de eleger presbíteros e diáconos, quando convocada pelo Conselho, através de seu presidente ou representante legal.

ARTIGO 27º- O Quorum da Assembléia é formado por metade mais 1 (um) dos membros da Igreja, residentes na sede, em plena comunhão e 2/3 (dois terços) dos membros do conselho.

Par. 1º- No caso de não haver quorum, a Assembléia funcionará meia hora após a primeira chamada, com 1/3 (um terço) dos membros em plena comunhão, e 1/3 (um terço) dos membros do Conselho.

Par. 2º- No caso dos incisos II, IV e V do artigo 25 (vinte cinco) deste Estatuto, e dos artigos 35 a 37 (trinta e cinco a trinta e sete) dos Estatutos da IPRB, o quorum será de metade mais 1 (um) dos membros maiores de 16 (dezesesseis) anos.

Par 3º- No caso do artigo 26 (vinte seis), o quorum será formado por membros da Igreja residentes na congregação e pelo Conselho.

ARTIGO 28º- As decisões da Assembléia são tomadas por maioria de votos dos presentes, em sufrágio secreto, não sendo admitidas procurações.

CAPÍTULO IV- DA DESIGNAÇÃO E SUCESSÃO PASTORAL

ARTIGO 29º- O pastor designado pelo presbitério assume a Igreja para pastoreá-la pelo período inicial de dois anos.

Par 1º- após esse período, se necessário, far-se-á de dois em dois anos após consulta à Assembléia, em reunião extraordinária, sobre a permanência do pastor, sendo a decisão tomada pelo voto de metade mais um dos membros presentes.

Par 2º- Se o pastor desejar deixar o campo, ou se o Conselho e / ou Assembléia desejar dispensá-lo, deverá haver comunicação com antecedência mínima de 90 (noventa) dias.

ARTIGO 30º- No caso de vacância do cargo de pastor, o Conselho é o órgão que providenciará convite a outro obreiro, submetendo o nome à homologação do presbitério.

PARÁGRAFO ÚNICO : A palavra final sobre a permanência do pastor ou sobre sua remoção será sempre do presbitério.

ARTIGO 31º- O pastor ou obreiro, assim que empossado pelo Conselho, passa a ser membro da Igreja, sendo desligado, automaticamente, quando transferido ou disciplinado pelo presbitério.

CAPÍTULO V- DOS PRESBITEROS E DIÁCONOS

ARTIGO 32º- Presbiteros e diáconos são oficiais, membros da Igreja, do sexo masculino, maiores de 21 (vinte e um) anos, civilmente capazes, em gozo de seus direitos civis, eleitos pela Assembléia para comporem o presbiterato e diaconato, consagrados em cerimônia presidida pelo pastor.

ARTIGO 33º- São requisitos espirituais exigidos do presbiteros e diáconos especialmente os seguintes :

I- Serem cheios do Espírito Santo;

II- Terem as características espirituais descritas em I Timóteo 3:2-13;

III- Aceitarem e cumprirem plenamente a doutrina da IPRB;

IV- Serem dizimistas;

V- Serem alunos assíduos à Escola Bíblica Dominical;

VI- Não exercer, habitualmente, atividades seculares aos domingos.

ARTIGO 34º- Para ser eleito, o diácono, deve ter sido membro da Igreja há pelo menos 2 (dois) anos e, o presbitero há pelo menos 4 (quatro) anos, ambos ininterruptamente.

ARTIGO 35º- São atribuições do presbitero :

I- Auxiliar o pastor no ensino, no governo, na visitação e na pregação;

II- Participar da consagração de oficiais e ordenação de pastores;

III- Representar a Igreja no Presbitério e na Assembléia geral da IPRB, quando nomeado pelo Conselho;

IV- Comunicar ao Conselho as faltas dos membros que não puder corrigir por meio de admoestação particular;

V- Celebrar casamento mediante expressa autorização pastoral.

ARTIGO 36º- O ofício de presbiteros é permanente; a função é temporária.

Melo Antonio

F. F. F.

Par. 1º- O mandato do presbítero limita-se ao período de 2(dois) anos, a partir da eleição, podendo ser renovado.

Par. 2º- Em caso de transferência para outra Igreja, cessa o mandato.

Par. 3º- Em caso de renúncia, fica o presbítero impedido de concorrer às eleições do mandato seguinte.

Par. 4º- Findo o mandato e não sendo reeleito, fica o presbítero em disponibilidade ativa, mesmo que transferido para outra Igreja local, devendo exercer as atividades que lhe forem designadas pelo Conselho, não podendo pertencer ao mesmo, nem representar a Igreja nos Presbitérios ou Assembléias da IPRB.

ARTIGO 37º- É dever do presbítero justificar, validamente, a critério do Conselho, sua ausência às reuniões deste.

PAR 1º- No caso de não comparecimento a 3(três) reuniões consecutivas, sem justificativa válida, ficará suspenso de suas funções por 6(seis) meses.

PAR.2º- O presbítero tem direito de licenciar-se, devidamente justificado, por um período não superior à metade de seu mandato.

ARTIGO 38º- São atribuições do diácono:

- I- Cuidar da beneficência;
- II- Zelar pela ordem durante o culto e atos religiosos no templo e fora dele;
- III- Levantar as ofertas e encaminhá-las à tesouraria da Igreja;
- IV- Desempenhar as funções administrativas para as quais o conselho designar.

ARTIGO 39º- Os diáconos constituem, para o exercício de seu mandato, a Junta Diaconal, que terá a sua Diretoria composta de presidente, secretário e tesoureiro, eleita anualmente.

ARTIGO 40º- O mandato do diácono limita-se ao período de 2(dois) anos, a partir da eleição, podendo ser renovado.

Par 1º- Findo o mandato, não sendo reeleito, fica o diácono em disponibilidade ativa, mesmo que se transfira para outra Igreja local, devendo exercer as atividades que lhe forem designadas pela Junta Diaconal;

Par 2º- Em caso de renúncia, fica o diácono impedido de concorrer às eleições no mandato seguinte;

ARTIGO 41º- As funções administrativas dos presbíteros e dos diáconos cessarão por :

- I- Exclusão
- II- Renúncia;
- III- Término do mandato;
- IV- Abandono;
- V- Incapacidade permanente;
- VI- Mudança;
- VII- Falecimento.

CAPÍTULO VI - DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

ARTIGO 42º- A beneficência será exercida pela Igreja através do Departamento de Assistência Social, composta pela Junta Diaconal e pelo Departamento Feminino, Departamento Masculino.

ARTIGO 43º- A Diretoria do Departamento de Assistência Social será nomeada pelo Conselho da Igreja, anualmente.

ARTIGO 44º- O Departamento tem por fim prestar assistência às viúvas, aos menores, aos órfãos, aos carentes, podendo, para isso, prover os meios necessários de arrecadação de fundos, adquirir bens, construir e administrar asilos, orfanatos, creches, firmar convênios com entidades governamentais, prestando contas a quem de direito e ao Conselho da Igreja local.

ARTIGO 45º- O Departamento de Assistência Social terá seus Estatutos aprovados pelo Conselho da Igreja Local.

CAPÍTULO VI- DOS MEMBROS

ARTIGO 46º- É considerado membro da Igreja Local o admitido por ocasião da organização da Igreja ou o convertido, recebido por :

I- Declaração de Fé e Batismo

II- Transferencia

III- Jurisdição

IV- Reconciliação

ARTIGO 47º- Declaração de Fé é a afirmação de que :

I- Crê em Deus Pai, o Criador, Deus Filho, o redentor, e no Deus Espírito Santo, o regenerador, o santificador das vidas e repartidor de dons;

II- Crê na Bíblia como sua única regra de fé e prática;

III- Crê que a Igreja é o corpo de Cristo;

IV- Crê no exercício dos dons espirituais.

ARTIGO 48º- O batismo é o ato da iniciação na Igreja visível, instituído por Jesus Cristo :

I- O batismo é feito por imersão, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, preferencialmente em águas correntes naturais;

II- O batismo é feito mediante as condições de crer do candidato, após examinado pelo conselho da Igreja.

ARTIGO 49º- Transferência é o ato de admissão de membros vindos de outras Igrejas Presbiterianas Renovadas, mediante carta expedida pelo Conselho da Igreja de Origem, atestando a condição de regularidade.

PARÁGRAFO ÚNICO - A carta de transferência tem validade de 6 (seis) meses.

ARTIGO 50º- Jurisdição é o ato de admissão de membros de outras denominações evangélicas, a pedido do candidato, com ou sem carta de transferência.

PARÁGRAFO ÚNICO - Para ser admitido, deve enquadrar-se nas normas deste Estatutos.

ARTIGO 51º- Reconciliação é o ato público de readmissão de membros que, havendo sido anteriormente excluídos da Igreja, sentem suas faltas e, arrependidos, voltam, demonstrando desejo de continuarem servindo a Deus, após um período de provas, a critério do Conselho.

dará ciência à Igreja.

ARTIGO 53º- Quanto à situação conjugal, não serão admitidos;

I- Os amasiados;

II- Os divorciados que tenham contraído novas núpcias.



CAPÍTULO VIII - DOS DEPARTAMENTOS INTERNOS E CONGREGAÇÕES

ARTIGO 54º- São departamentos internos da Igreja

I- Depto. de Missões;

II- Junta Diaconal;

III- Escola Bíblica Dominical;

IV- Depto. de Varões;

V- Depto. de Senhoras;

VI - Depto. de Jovens;

VII- Depto. Musical;

VIII- Depto. Assistência Social;

IX- Outros que venham a ser criados.

ARTIGO 55º- A Igreja terá Congregação e Ponto de Pregação, tantos quanto puder criar, devendo mantê-los sempre nos moldes deste Estatutos.

Par. 1º Entende-se por Congregação o trabalho regular que mantenha cultos e Escola Bíblica Dominical organizada, permanecendo sob a jurisdição da Igreja.

Par. 2º Entende-se por Ponto de Pregação o trabalho que a Igreja faz regularmente, em lugar fixo, independente de organização.

Par. 3º As Congregações e Pontos de Pregação são subordinados ao conselho da Igreja.

Par. 4º Não poderão ser criados Pontos de Pregação ou Congregação na circunscrição de outra Igreja filiada à IPRB, salvo com autorização antecipada e expressa desta

CAPÍTULO IX - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

ARTIGO 56º- Em caso de cisão da Igreja, seus bens ficarão pertencendo à parte que permanecer filiada a IPRB.

ARTIGO 57º- Em caso de dissolução, após liquidado o passivo, os bens incorporar-se-ão Presbitérios que estiver filiada.

ARTIGO 58º - Os casos omissos neste estatutos serão resolvidos segundo as Sagradas Escrituras, os estatutos e regimentos internos da IPRB e as leis do País.

ARTIGO 59º- Este estatutos, com a presente redação, entra em vigor a partir da data de sua aprovação. **Aprovado pela Assembléia extraordinária da II Igreja Presbiteriana Renovada de Anápolis.**

Wilso
 Ant. 40

Anápolis, 06 de Abril de 1.997



Jorge Luiz de Oliveira
Jorge Luiz de Oliveira
Presidente do Conselho

Wilco Antonio

Wilco Antonio

WILCO ANTONIO
Advogado
OAB 2040 CPF #6422211-8

**2.º Registro de Títulos e Documentos
e Reg. Civil das Pessoas Jurídicas**
Jurídica - Janguara
Civil
Rua Eng. Ferreira, 222 - 3.ª and. - Ca. P. 601
Fone 326-146 - Anápolis-GO

2.º Registro Civil das Pessoas Jurídicas

Apresentado hoje para registro e protocolado
sob nº 36713 Livro nº 06 de Protocolo
REGISTRADO nº 992 de Livro 0 de 185
e fls. 149, hoje,
Anápolis 10 de Março de 1997
O Oficial: Wolney Alves Curcio
Wolney Alves Curcio - 510 Oficial



2º TABELIONATO DE PROTESTOS E REGISTRO DE PESSOAS JURÍDICAS, TÍTULOS E DOCUMENTOS DE ANÁPOLIS - GO

EURÍPEDES B. JUNQUEIRA - TABELIÃO OFICIAL - DENYS JUNQUEIRA E FREDERICO JUNQUEIRA - SUBSTITUTOS
GENY DIAS JUNQUEIRA E WOLNEY ALVES CUNHA - SUBOFICIAIS

Rua Engenheiro Portela nº 222 - 5º andar - Cx. Postal 691 - Anápolis/Goiás - CEP - 75001-970 - Tel. - (062) 324-1463

C E R T I D ã O



CERTIFICO para fins de direito que: [REFORMA DOS ESTATUTOS] de: “[**II IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE ANÁPOLIS**]”, foi apresentado nesta data ao Protocolo Livro A nº [06] sob o nº [36.713] de ordem e Registrado e Arquivado sob o nº [992] [NOVECENTOS E NOVENTA E DOIS] de ordem do Livro de Registro de Pessoas Jurídicas, Livro A nº [13], às folhas nº [144] registro esse feito nos termos dos Artigos 120 e 121 da Lei nº 6.015 de 31/12/1973, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216 de 30/06/1975 e Lei nº 9.042 de 09/05/1995. Era somente o que havia para certificar do que dou fé. Eu Wolney Alves Cunha Oficial Substituto, que a fiz, subscrevi e assino.

O referido é verdade e dou fé.

Anápolis, 12 de MAIO de 1997.

Wolney Alves Cunha
Wolney Alves Cunha, Sub Oficial

Buscas, Registro, Certidão e Tx Judiciária conforme Guia nº.....[0249340 3]
Emolumentos pagos no total de [RS 95,04]

EX. SR TABELIÃO
CARTÓRIO DE DISTRIBUIÇÃO
COMARCA DE ANÁPOLIS



II IGREJA PRESBITERIANA
RENOVADA DE ANÁPOLIS Entidade Civil, de caráter religioso e
filantrópico via de seu representante Legal Pr Jorge Luiz de
Oliveira, vem à sua digna presença com respeito e acatamento
devidos requerer o registro da REFORMA DE SEUS ESTATUTOS
nesse cartório, juntando para tanto documentos exigidos por Lei.

2.º Registro de Títulos e Documentos
e Reg. Civil das Pessoas Jurídicas
Jurídica " Igreja Presb. Nestes termos,
Oficial
Rua Esp. Paraíba, 222 - 3.º and. - Cx P. 691
Fone 329-146 - Anápolis-GO

2.º Registro Civil das Pessoas Jurídicas
Apresentado hoje para registro o protocolo
nº 36713 do livro 1, fol. 06 do Protocolo
REGISTRADO sob nº 992 do livro P.T. 13
e fl. 144, hoje,
Anápolis, 07 de Maio de 1997.
O OFICIAL: Wolney Alves Cardoso
Wolney Alves Cardoso - Sub Oficial

P. E. Deferimento

Anápolis, 07 de Maio de 1997



Jorge Luiz de Oliveira Silva
Jorge Luiz de Oliveira Silva
Pr Presidente

Wilco Antonio Advogado
WILCO ANTONIO
Advogado
OAB 2046 CPF 4692171-8

TO TABELIÃO DE NOTAS DE ANÁPOLIS
Rua 15 de Dezembro, 158, salas 17/20
Est. de Goiás - Tel. (62) 324-0285
Recebeu, por assinatura, (s) assi-
naturais) para assinar(s) des.....
1004465 - JORGE LUIZ SILVA DE OLIVEIRA.....
sem apólice(s) assi) assinar(s)
constante(s) de nossos arquivos. Dou fé.
Em testemunho da verdade.
Anápolis, 07 de Maio de 1997
Walter Joao de Carvalho
WALTER JOAO DE CARVALHO
Tabelião